

Carlos Bernardo González Pecotche
RAUMSOL

COLETÂNEA DA
REVISTA
Logosofia



Tombo 3

Editora
logosófica

“NAS ENTRANHAS DA AMÉRICA
GESTA-SE O FUTURO DA HUMANIDADE.”

RAUMSOL

ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES DO AUTOR

Intermedio Logosófico, 216 págs., 1950. ^{(1) (2)}

Introducción al Conocimiento Logosófico, 494 págs., 1951. ^{(1) (2) (4) (6)}

Diálogos, 212 págs., 1952. ^{(1) (4)}

Exégesis Logosófica, 110 págs., 1956. ^{(1) (2) (4) (6) (8)}

El Mecanismo de la Vida Consciente, 125 págs., 1956. ^{(1) (2) (4) (6)}

La Herencia de Sí Mismo, 32 págs., 1957. ^{(1) (2) (4)}

Logosofía. Ciencia y Método, 150 págs., 1957. ^{(1) (2) (4) (6) (8)}

El Señor de Sándara, 509 págs., 1959. ^{(1) (2)}

Deficiencias y Propensiones del Ser Humano, 213 págs., 1962. ^{(1) (2) (4) (6)}

Curso de Iniciación Logosófica, 102 págs., 1963. ^{(1) (2) (4) (6) (7) (8)}

Bases para Tu Conducta, 55 págs., 1965. ^{(1) (2) (3) (4) (5) (6)}

El Espíritu, 196 págs., 1968. ^{(1) (2) (4) (7)}

Colección de la Revista Logosofía (tomos I ^{(1) (4)}, II ^{(1) (4)}, III ⁽¹⁾),
715 págs., 1980.

Colección de la Revista Logosofía (tomos IV ⁽¹⁾, V ⁽¹⁾), 649 págs., 1982.

(1) Em português

(2) Em inglês

(3) Em esperanto

(4) Em francês

(5) Em catalão

(6) Em italiano

(7) Em hebraico

(8) Em alemão

Carlos Bernardo González Pecotche

RAUMSOL

COLETÂNEA DA
REVISTA
Logosofia



Tombo 3

3ª EDIÇÃO
SÃO PAULO – 2024

Editora
logosófica

Título do original

Colección de la Revista Logosofía
Carlos Bernardo González Pecotche RAUMSOL

Tradução

Colaboradores voluntários da Fundação Logosófica em Prol da Superação Humana

Capa e projeto gráfico

Carin Ades

Produção gráfica

Adesign

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pecotche, Carlos Bernardo González, 1901-1963

Coletânea da Revista Logosofia : tomo 3 / Carlos Bernardo González Pecotche (Raumsol) ; tradução : colaboradores voluntários da Fundação Logosófica – 3. ed. – Belo Horizonte, MG : Editora Logosófica, 2024.

Título original: Colección de la Revista Logosofia.
ISBN 978-65-994710-3-2

1. Filosofia 2. Logosofia - Estudo e ensino
I. Fundação Logosófica. II. Título.

24-194917

CDD-149.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Logosofia : Doutrinas filosóficas 149.9

Tábata Alves da Silva – Bibliotecária - CRB-8/9253

Copyright da Editora Logosófica

www.editoralogosofica.com.br
www.logosofia.org.br

Sede central da Fundação Logosófica
em Prol da Superação Humana:
Rua Piauí, 762 – Bairro Santa Efigênia
CEP 30150-322 – Belo Horizonte – MG – Brasil

Vide representantes regionais na última página.



EDITORA AFILIADA

Nota da Editora

Esta é a tradução do terceiro de um conjunto de cinco tomos da “Colección de La Revista Logosofía” e sua publicação faz parte das atividades comemorativas dos 80 anos da Logosofia no mundo.

O autor, Carlos Bernardo González Pecotche (Raumsol), nascido em Buenos Aires, Argentina, em 11 de agosto de 1901 e ali falecido em 4 de abril de 1963, editou oitenta e quatro exemplares da revista mensal intitulada “Logosofia”, de janeiro de 1941 a dezembro de 1947.

Em suas páginas, deixou estampado um valioso conjunto de artigos, que foram selecionados e organizados pela Editora Logosófica, órgão da Fundação Logosófica – Em Prol da Superação Humana, para compor os referidos cinco tomos.

O lema que figurou na capa da maioria dos exemplares da revista dizia: “Nas entranhas da América gesta-se o futuro da humanidade.”

Sobre esse lema, assim se expressou o autor:

“Consagrada inteiramente à missão que se impôs de difundir a nova concepção do pensamento humano ante os problemas do mundo, tal como seu lema proclama, abriu suas páginas a todas as inquietudes do espírito.”

“Os temas que trata contêm profundas reflexões e revelam, ao mesmo tempo, seu caráter exclusivo e original. Seus estudos, críticas e comentários são de um valor extraordinário.”

Para concluir, vale transcrever o que o próprio autor proferiu em 1947, numa conferência depois publicada em sua obra “Introdução ao Conhecimento Logosófico” (pág. 241):

“Dizia a uns amigos, há pouco, que eu costumava semear nas páginas da revista “Logosofia”, em diferentes áreas e à semelhança de como se semeia um extenso campo, ideias de diversas espécies, para poder fazer um dia, quando quisesse recolher o produto de toda essa semeadura, de cada espécie um grande silo, ou seja, um grande livro.”

Coletânea da Revista Logosofia

TOMO 3

Sumário

1. Sugestões sobre a preparação mental e espiritual da mulher (Março 1941 – página 15)	1
2. É necessário conduzir os homens pelo caminho do pensamento ativo (As energias vitais do ser humano dependem de sua organização mental) (Abril 1941 – página 3)	5
3. A Logosofia prepara a mente e a adapta para campos mais intensivos de atividade (Maio 1941 – página 3)	15
4. O valor da instrução logosófica (Comprovações da eficácia do método) (Junho 1941 – página 3)	19
5. A arte de criar a si mesmo (I) (Junho 1941 – página 7)	23
6. O segredo da função criadora do espírito (Julho 1941 – página 3)	27
7. Noções elementares sobre a mente (Julho 1941 – página 21)	31
8. Para uma maior capacitação mental (Eficácia da técnica logosófica) (Agosto 1941 – página 3)	33
9. Diversos pontos de enfoque do labor logosófico (Setembro 1941 – página 3)	41
10. A Lei das Mudanças (Outubro 1941 – página 3)	51
11. O campo mental deve ser cultivado	
(Como obter uma produção de incalculável valor) (Dezembro 1941 – página 3)	57
12. A necessidade de saber avaliar a si mesmo (Janeiro 1942 – página 3)	63
13. As riquezas do conhecimento (Sua importância na vida do ser humano) (Março 1942 – página 3)	67
14. O ser humano vive amargurado (Causas de sua tristeza) (Março 1942 – página 17)	71
15. Vitalidade psicológico-mental (Abril 1942 – página 9)	75

16. Dinâmica mental (Maio 1942 – página 11).....	81
17. A herança do pensamento (Maio 1942 – página 13).....	83
18. A Lei do Movimento (Junho 1942 – página 3).....	87
19. A arte de criar a si mesmo (II) (Julho 1942 – página 3).....	91
20. Os problemas da consciência e a evolução consciente (Agosto 1942 – página 3).....	97
21. Conferência pronunciada por Raumsol no 12º aniversário da Escola Raumsófica de Logosofia, em sua sede da Capital Federal (Agosto 1942 – página 11).....	103
22. Sobre o conteúdo logosófico (Novembro 1942 – página 15).....	109
23. Aprofundando aspectos da evolução (Dezembro 1942 – página 3).....	113
24. Enfoques de ordem caracterológica (Dezembro 1942 – página 31).....	117
25. Breves palavras pronunciadas por Raumsol na Escola de Logosofia em Buenos Aires, no dia 26 de dezembro de 1942 (Janeiro 1943 – página 13).....	121
26. As capacidades da inteligência (A importância de seu cultivo) (Junho 1943 – página 7).....	125
27. Pedagogia logosófica (Alguns elementos de utilidade prática) (Junho 1943 – página 11).....	129
28. A razão do índio (Agosto 1943 – página 7).....	133
29. Os segredos do espírito (Outubro 1943 – página 3).....	137
30. Técnica e aplicação dos conhecimentos logosóficos (Janeiro 1944 – página 3).....	139
31. Edificar sobre o eterno (Fevereiro 1944 – página 3).....	151
32. A ignorância cria problemas que o saber resolve (A força mental como expressão de substância viva) (Abril 1944 – página 3).....	155
33. A inquietude que há séculos atormenta a alma humana (Julho 1944 – página 3).....	159
34. Normas e princípios éticos do saber logosófico (Setembro 1944 – página 3).....	163
35. Os conhecimentos e seus graus de hierarquia (Outubro 1944 – página 3).....	171

36. Ampliação da vida pelo conhecimento (Outubro 1944 – página 13)	175
37. Alcances do conhecimento transcendente aplicado à vida (Dezembro 1944 – página 3)	177
38. Preparação do juízo e reflexões básicas (Janeiro 1945 – página 3)	181
39. Aspectos relacionados com a superação do indivíduo (Necessidade de ajustar a vida à atividade superior) (Janeiro 1945 – página 11)	185
40. A vida de projeção e as defesas humanas (Fevereiro 1945 – página 3).....	189
41. Por uma humanidade mais consciente (Março 1945 – página 31)	197
42. Para ser alguém (Abril 1945 – página 11)	201
43. A Lei do Tempo (Novembro 1945 – página 5)	209
44. Concepção da vida (Aspectos que dela surgem) (Dezembro 1945 – página 5)	213
45. O mal que aflige a humanidade é a quebra da boa-fé (Janeiro 1946 – página 3).....	217
46. Ética na linguagem (Fevereiro 1946 – página 21).....	221
47. O conteúdo espiritual da existência (Março 1946 – página 5).....	225
48. Síntese de um estudo sobre os arcanos do conhecimento (Julho 1946 – página 6)	233
49. O conhecimento logosófico, elemento de aperfeiçoamento das condições humanas (Agosto 1946 – página 13)	237
50. Influência do pensamento na vida do ser humano (Janeiro 1947 – página 3).....	241
51. Algo sobre as leis que regem os processos da Criação (Fevereiro 1947 – página 3).....	245
52. Sobre o sistema mental e seu funcionamento (Março 1947 – página 3).....	249
53. A busca eterna (Abril 1947 – página 3)	255
54. Bases para o entendimento humano (Variações do conhecimento) (Agosto 1947 – página 11).....	259
55. O que a humanidade necessita (Compreensão e colaboração) (Dezembro 1947 – página 3)	263

SUGESTÕES SOBRE A PREPARAÇÃO MENTAL E ESPIRITUAL DA MULHER



Um dos problemas que às vezes costuma se agravar na alma da mulher é o que diz respeito ao seu complexo humano, por ser aquele que ela se sente mais incapaz de resolver com felicidade.

Sua figura é, para a maioria, uma obsessão permanente. Luta para se mostrar bonita, atraente, com porte elegante e gestos cultos ou, melhor dizendo, graciosos. E não há dúvida de que muitas o conseguem, e com facilidade. O conjunto de sua pessoa se mostra, assim, atraente, vistoso, e seguramente exerce uma influência considerável logo ao primeiro golpe de vista do sexo oposto, pois é inegável que é a ele que o feitiço vai dirigido.

Entretanto, em seu afã de embelezar-se fisicamente, a mulher tem-se descuidado num grau extremo da beleza de sua fisionomia moral e psicológica. Muitas, sem perceber a grande importância de que se revestem as características superiores – certamente tão sublimes que imprimem no rosto o inconfundível traço da cultura em sua mais fina manifestação –, afligem-se com seus fracassos e não conseguem compreender a que obedece sua infelicidade.

Uma flor pode ser muito vistosa e até admirada num ramalhete de flores, mas, se não tem perfume, ao contemplá-la sozinha veremos que a ilusão de sua beleza se esfumará tão logo se manifeste como algo sem alma, como uma coisa inerte, incapaz de nos comunicar as delícias de sua intimidade, a fragrância de seu espírito, que tão grato se revela à alma que o aspira.

Um pássaro de lindo colorido, que não cante, poderá provocar também admiração, mas isso será enquanto o tivermos diante dos olhos, cessando quando for embora. Como extasia mais ao espírito

o pássaro que deixa escutar seus maravilhosos trinados! Mesmo que não o vejamos, mesmo que o colorido de sua plumagem seja o menos vistoso, ele nos atrairá, e seu canto nos deleitará a ponto de anelarmos tê-lo sempre conosco.

A mulher cujo espírito carece de cultivo, de ilustração, pode se tornar tão sem graça quanto a flor meramente vistosa. Se, porém, ela se esmera em polir seus modos mais do que suas unhas, se percebe que a bondade e a alegria devem ser parte inerente de sua natureza feminina, aplicando-se à tarefa de fazer desaparecer os defeitos de seu caráter ao mesmo tempo que faz desaparecer as impurezas de seu rosto, verá que sua vida florescerá cheia de esperanças e se converterá, por seus encantos, na flor predileta do espírito.

A Logosofia encara o problema da mulher em sua essência, começando por interessar vivamente seu pensamento e fazendo com que a natureza feminina experimente os benefícios de um encanto superior, qual seja o da graça do espírito pelo cultivo das faculdades mentais. Isso não requer grandes esforços, nem estudos agitados ou pesados.

Não bastam somente os cuidados externos para realçar a figura humana acima da vulgaridade, pois no trato com os demais aparecem, com frequência, as deficiências próprias de semelhante estado. E quanto se anela, nesses momentos, possuir aquilo que, aos gritos, o pudor interno reclama! Uma mulher discreta, gentil e culta é sempre agradável, esteja onde estiver. Os atrativos da alma costumam ser muito mais poderosos do que os do físico.

A mulher deve ser fina em seus modos e em sua linguagem. Todo gesto, expressão ou atitude que atente contra sua feminilidade a enfeia, chegando mesmo a convertê-la numa pessoa que inspira repulsa.

Para adquirir as belas qualidades que tanto adornam seu caráter, é necessário que a mulher se disponha a isso com especial dedicação. Aprendendo a conhecer de que modo os pensamentos atuam e influenciam a vida, buscará a companhia daqueles que elevem seu espírito e contribuam, por um lado, para dar brilho a sua figura de mulher superior no meio ambiente em que atue e, por outro, para fazer com que sua alma desfrute as inumeráveis prerrogativas que o

conhecimento abre às possibilidades de viver uma vida mais ampla. É uma vida mais cheia de atrações do que a vulgar, por conter ela uma tão grande variedade de motivos que não só despertam o ser interno num novo mundo, mas também o extasiam ante a grandeza dessa parte da Criação que permanece ignorada para os que não sabem que existe nem se dispõem a obter os meios para conhecê-la.

Portanto, o cultivo mental deve constituir para a mulher uma necessidade tão intensa quanto a que sente de embelezar sua pessoa.

Mas isto não é tudo. Pode-se muito bem presumir que os benefícios que uma preparação desta espécie lhe oferece sejam incalculáveis. A posição espiritual da mulher que é sabedora de que conta com aptidões para enfrentar a vida é muito diferente da posição daquela que não as possui. E quem, senão os próprios filhos, haverá de recordar com gratidão essa graça quase sublime que uma mãe inteligente e culta derrama sobre suas almas? Que prêmio maior pode haver para seus sacrifícios que o de ver seu nome, símbolo de exemplo, ser bendito e venerado por todos? Mulheres assim são as que forjam o ideal das gerações.

É NECESSÁRIO CONDUZIR OS HOMENS PELO CAMINHO DO PENSAMENTO ATIVO

*As energias vitais do ser humano
dependem de sua organização mental*

De uma conferência proferida por Raumsol
na Escola de Logosofia de Córdoba,
em maio de 1940.



Depois de uma prolongada ausência, volto a esta província de Córdoba, que certa vez chamei de “a terra do porvir”, e nada me pode ser mais grato do que dirigir-lhes a palavra e abordar o tema de nossas preocupações.

É certo que chego num daqueles instantes supremos vividos pela humanidade. Ninguém está alheio aos acontecimentos atuais; entretanto, façamos abstração, por uns momentos, de tudo que está promovendo tantas agitações no mundo, e pensemos que ainda estamos vivendo num mundo de realidade, e não de ficção. Desta maneira, vocês poderão compreender com maior facilidade o que vou dizer.

Quando comecei a dar os ensinamentos logosóficos, por certo havia previsto o que ia acontecer na mente dos homens; por isso, esforcei-me com singular tenacidade para que fossem muitos os que pudessem estar em condições de resistir aos embates das correntes mentais e de construir, individualmente, uma fortaleza invencível contra os pensamentos estranhos à natureza de cada um, pensamentos completamente contrários à paz, à felicidade e à realidade.

E foi assim que dei a conhecer as primeiras noções sobre a vida dos pensamentos, instruindo depois sobre a maneira de conhecê-los, identificá-los e classificá-los, a fim de que fosse possível escolher os

melhores, atuar com eles e repelir os piores, ou os que fossem perniciosos para a própria evolução, tal como deve fazer todo aquele que queira ser sensato consigo mesmo e depois com os demais. Preparei as mentes dos discípulos, capacitando-os para construir suas defesas mentais, inundando-os de serenidade, fazendo da reflexão uma verdadeira iluminação mental, a fim de que nada nem ninguém pudesse perturbar a ordem interna que o homem deve estabelecer para manter o próprio equilíbrio e atuar com consciência.

Só é possível fortificar a mente quando a ela são fornecidos os elementos necessários. Se, porém, a despovoamos daqueles pensamentos que devem ser os agentes naturais de fiscalização interna e externa, pensamentos dos quais cada um possa se valer para seu juízo pessoal, a mente fica debilitada. Dizendo melhor, a mente fica convertida num pequeno forte que não pode resistir, mesmo que queira, à invasão de pensamentos estranhos, provenientes de outras mentes. Daí que vejamos e observemos a cada instante como os homens são levados inconscientemente de um lado para outro, sem que sua vontade consiga se impor à imperiosa exigência dos pensamentos que, começando por seduzi-los, chegam mais tarde a manejá-los a seu capricho.

Um dos princípios que estabeleci, quando dei os primeiros ensinamentos, foi aquele que manifestava a necessidade de que o homem evoluísse conscientemente; e ao dizer isto, englobava toda a atividade que ele é capaz de desenvolver durante sua existência, atividade que só pode ser desenvolvida quando a mente está em condições de tomar, em primeiro lugar, as diretrizes de um pensamento central que dirija a todos os demais pensamentos que penetram na mente e aconselhe, antes de atuar, o que mais convém à felicidade ou ao melhoramento da pessoa.

Isto que está acontecendo no mundo se deve ao fato de os homens terem parado de pensar.⁽¹⁾ Só assim se pode conceber que imensas massas humanas tenham chegado a se converter em rebanhos inconscientes, para ser em seguida lançadas a uma matança inconcebível.

⁽¹⁾ "Parar de pensar" significa, para o logósofo, uma espécie de inibição mental, inércia, falta de vontade, impotência, na qual o homem se submerge quando não é capaz de expor seu pensamento e lutar contra os perigos que passam ameaçar sua existência e a de seu povo.

Não existiram, não é possível que tenham existido até o momento, homens verdadeiramente donos de seus pensamentos, que soubessem o valor destes, que os conhecessem como expressão viva das forças humanas. Se tivessem existido, não teria ocorrido o que estamos presenciando, e que foi precedido pelo desencadeamento de uma guerra mental em que os pensamentos do mal invadiram todas as mentes sem defesa e, ao inibi-las, as incapacitaram para atuar e para defender-se.

Até o momento presente, não houve naquele continente homens que, em verdade, pudessem dirigir as mentes de seus súditos, homens capazes de guiá-los para o bem e com a força necessária e suficiente para contrapor-se ao mal. Do contrário, as forças do bem se dissolvem, por não haver nelas a energia indispensável para se imporem aos pensamentos do mal.

E assim se foram unindo uns após outros os grandes erros, porque para resolver grandes problemas se requerem grandes mentes, e as mentes deveriam ter se esforçado para aumentar sua capacidade de discernimento à medida que aumentava o volume dos problemas. Eis que, porém, cegados pelo impulso de rancores enraizados há séculos, foram se afastando cada dia mais dos verdadeiros princípios em virtude dos quais – e somente deles – a humanidade pode existir: os princípios que repousam na palavra Justiça. As consequências do desconhecimento deste princípio fundamental são as injustiças e, depois, a imensa dor que leva o homem a sentir, no mais profundo de seu ser, a gravitação de todos os fatos ocorridos até o momento presente, como causas únicas e diretas da responsabilidade que cabia aos que deveriam manter o princípio da Justiça acima de todas as coisas.

Volto a afirmar que isto nada mais é do que o resultado do absoluto desconhecimento do que deve significar para o homem a vida dos pensamentos, pois são eles os que sempre atuam nos diversos pontos do planeta e, muitas vezes, talvez na maioria dos casos, com total prescindência do controle das mentes, o que é a mesma coisa que uma força infernal que andasse solta pelo mundo.

Repito, mais uma vez, que os acontecimentos atuais, e ainda os que virão, foram produzidos porque a humanidade deixou de pensar. Não culpemos a ninguém: são muitos os culpados, e nada se ganha

apontando um ou outro. Deve-se procurar, mais que tudo, reparar no possível esse erro da humanidade.

Ao percorrer diferentes lugares, vejo muitos homens quase que chegando ao delírio. Sentem verdadeiro terror de pensar, ou, melhor dizendo, ao experimentarem a necessidade de pensar. E aterroriza-os ter de pensar no que deveriam ter pensado antes, ou seja, nas consequências que teria para o mundo esta crise, que é mental e, portanto, social e humana.

Quando o homem para de pensar, começam a se corromper as engrenagens do sistema social humano, a se alterar a ordem de todas as coisas; em poucas palavras, começa a anarquia mental, primeiramente, como é lógico, naquilo que diz respeito a cada um. Quem não pensa, quem não tem controle sobre os próprios pensamentos, leva dentro de si uma anarquia individual, já que está à mercê dos pensamentos que entram em sua mente e saem dela; não há governo no recinto mental. E, assim, o mesmo que acontece em cada mente, individualmente, acontece depois, em conjunto, no seio dos povos.

É muito provável que a dor que nestes momentos trata de sacudir a letargia mental em que submergiram os povos da Europa consiga, despertando-os, fazê-los retornar à razão e levá-los de novo ao equilíbrio que já não existe neles, ou seja, levá-los outra vez a pensar.

Proclamo, como uma verdade que um dia poderá ser experimentada pelo mundo inteiro, que, quando os homens, todos eles, forem capazes de controlar a si mesmos e pensar, pensar para bem próprio e dos demais, não poderão mais existir esses rancores milenares entre os povos, porque, concordarão comigo, é mais fácil se entenderem os homens de pensamento que aqueles que carecem de toda luz mental. E, também, que é mais fácil que os traços da generosidade e da nobreza se manifestem naqueles que, pensando, chegaram a saber o que isto significa, do que naqueles que jamais pensaram nisso.

Esta tragédia que estamos presenciando nos mostra, também, o que podem fazer as legiões de maus pensamentos, quando estão unidos, se as forças do bem, mesmo sendo mil vezes superiores, estiverem desunidas. E eis, então, como se cimentou na mente dos homens um falso conceito:

o de que basta ser simples e bom no significado comum da palavra, e que esse pensamento de bondade seja pacífico e suave em todos os aspectos que ela apresenta.

Se os homens são conscientes de que possuem, por exemplo, valores mentais como os que acabo de citar, eles precisam saber que, para conservá-los diante do mal, devem ao mesmo tempo contar com pensamentos enérgicos, dotados da energia necessária para que possam constituir uma completa defesa para si mesmos e um auxílio para as mentes de seus semelhantes.

Este falso conceito, mantido por milhares de almas no Velho Continente, já contribuiu em muito para que se contemplasse de forma passiva, indiferente e, pode-se dizer, até depreciativa o avanço dos pensamentos que erguem a bandeira da destruição. Não obstante isso, a culpa é também dos que permitiram que esses pensamentos se estendessem e tomassem forma, invadindo depois suas próprias fronteiras, tal como ocorre, num âmbito menor, em cada mente humana que não tenha constituído bem suas defesas. Daí que vejamos muitos cometer ações completamente alheias ou estranhas à sua própria natureza, a seu sentir íntimo, ações que jamais cometeriam se não intervissem pensamentos estranhos que, invadindo suas mentes, os impulsionaram para o delito ou para a ação maligna.

Como estas coisas ainda não foram tratadas pelos criminalistas de nossa época, elas aparecem quase sempre como tendência inata das pessoas para tais ações, quando na verdade não é assim, já que isso acontece justamente por efeito de sua incapacidade de escapar da influência dos pensamentos nocivos. Se os povos fossem instruídos da forma como hoje lhes estou dizendo, penso que muitas faltas poderiam ser evitadas, muitos delitos deixariam de ser cometidos, pois em cada uma das pessoas existiriam os elementos indispensáveis para que organizassem suas defesas e se tornassem conscientes de suas palavras, de seus pensamentos e de seus atos.

Recordo aqui que, faz alguns dias, um discípulo me transmitiu a pergunta que lhe havia formulado um aspirante aos conhecimentos da Logosofia. Era a seguinte: “O que se quis significar, nas páginas das Sagradas Escrituras, ao se dizer: ‘Não sereis julgados por vossas palavras, por vossos pensamentos, mas sim por vossos atos?’” Como o discípulo não soubesse responder,

expliquei-lhe que essas palavras significavam que a pessoa seria julgada pelo ato de pensar, que é o que promove a palavra e a ação.

Se não se manifesta ou não se realiza, nem por isso teria deixado de manifestar-se como princípio: nesse caso, a pena seria menor, mas isso não quer dizer que o homem não seja julgado pelo ato de pensar, porque é a origem de tudo o que ele possa fazer.

Poderão me dizer, então, que não serão julgados os que não pensam, ou os que cometem delitos por não haver pensado. A nenhum de vocês terá ocorrido uma reflexão semelhante; não obstante, manifesto para que observem que o que expressei pode parecer, à primeira vista, uma contradição e, talvez, possa dar lugar a que alguém suponha estar livre de todo castigo, simplesmente por não pensar.

Entretanto, isso não acontece, como veremos, tão logo meditemos sensatamente. Aquele que não pensa é castigado, em consequência disso mesmo, como se tivesse pensado, e na medida de sua intenção, porque para isso Deus o dotou de razão e de mente, a fim de que levasse a efeito o ato de pensar. De modo que não há possíveis justificativas nem num caso nem no outro, assim como ocorre com as leis do país onde se vive, as quais cada homem deve conhecer. O desconhecimento delas nada pode justificar, já que são dadas como sabidas. E eis, então, conciliadas as duas imagens. Castiga-se numa delas a negligência, o esquecimento e tudo o que possa derivar destas duas condições negativas da mente humana; na outra, a má intenção, o pensamento que deu origem a esse ato em que teve de intervir o mecanismo mental. Ao castigar o pensamento, castiga-se a mente e, como é de supor, esta transmite o castigo a todo o território humano.

Estou lhes expressando palavras da Logosofia, ao mesmo tempo que apresento imagens (casos ou exemplos) de estrita atualidade. Estou dando-lhes uma verdadeira aula mental, para que, se já começaram a pensar, o façam melhor, com plenitude de consciência, com mais luz em suas mentes nos momentos em que concentrem todas as suas energias, a fim de fortalecê-las nesses instantes.

Nos diferentes ensinamentos que tenho dado e publicado, é muito o que falo justamente sobre a atividade dos pensamentos e da mente, mas é tão imenso o conhecimento que se refere ao conjunto de elementos

pertencentes à mente e aos pensamentos, que, em realidade, ninguém poderia dizer que já não necessita de mais luz para poder governar a si mesmo e levar esses agentes auxiliares à mente dos demais.

Tudo o que se refere ao sistema mental é um mundo de maravilhas, e quanto mais o homem se interne nesse conhecimento, mais experimentará a sensação de que existe, pois muitos chegam à velhice e pouco é o que sabem de sua existência. Possivelmente, em minutos muito contados se detiveram a pensar que existiam, que sua vida devia ter algum papel nesta existência. Se mais detidamente se tivessem posto a examinar todos os momentos de sua vida, poderiam, então, ter chegado à conclusão de que, com mais conhecimento, melhor aproveitamento teriam feito dela, chegando até a duplicá-la, a triplicá-la e, pode-se dizer, a centuplicá-la, porque aquele que pensa vive intensamente a vida. Ao contrário, quem não pensa deixa correr os dias e os anos, que vão sendo absorvidos pelo tempo. Ninguém se recorda deles, nem sequer o vizinho. Mas quem pensa, quem faz com que seus pensamentos sejam conhecidos, quem se movimenta, quem transmite uma vitalidade superior à dos demais, esse não só vive com intensidade a vida, mas também amplia o tempo, faz num dia o que outros não fazem em anos.

Todos os dias ou minutos em que não se pensa é tempo perdido, vida morta. E todo tempo que se aproveita pensando é tempo de vida, vida que se renova, na qual não apenas os momentos presentes e futuros são vividos com intensidade; os do passado também se revivem, e ficamos em contato permanente com todas as imagens que nos devem ser familiares, porque todas elas devem constituir uma espécie de conselheiro para as futuras atuações. Destas imagens, muitas foram colhidas da experiência, outras do estudo e outras da meditação.

O Criador estendeu a vida dos homens além da que vivem outras espécies; é possível que a tenha estendido para que eles não pensem em nada?

Desse modo, observem o valor que tem para a vida o fato de pensar sempre, sem nunca chegar ao cansaço. Não se devem cometer excessos e, para evitá-los, é preciso recorrer ao controle individual, à razão, que advertirá a pessoa sobre o menor sinal de cansaço, a fim de que faça um repouso, uma pequena dieta mental, e continue em seguida suas profundas meditações, sensatas, cheias de vida, de lógica, de verdade. Não pensar

em coisas triviais, em coisas que possam afligir o ânimo; não levar os pensamentos que se tenham na própria mente a se juntarem com outros próprios do viver mal. Refiro-me àqueles que conduzem a pensar mal e que, mais tarde, vocês levam inconscientemente até sua mente, porque a companhia deles lhes agradou ou porque vocês talvez os tenham achado alegres. Eis como se produzem os contágios mentais, juntando-se primeiro os pensamentos e, depois, os homens, e eis como nos vemos sempre diante da repetição dos fatos: o que a princípio ocorre no ambiente mental passa, em seguida, às manifestações físicas.

Com o que lhes estou dizendo nesta noite, penso que vocês terão elementos suficientes para discernir se o ensinamento logosófico é igual ao que vulgarmente se chama de filosofia ou se, nestas palavras, existe manifestamente a vida vibrando em cada uma de suas sílabas, porque falo coisas que são reais, que estão ao alcance da constatação de todos e que contêm uma verdade que, cedo ou tarde, o mundo inteiro terá de apalpar – os homens individualmente, e o mundo em sua totalidade. Queira Deus que este momento chegue o mais cedo possível, para que, se não todos, pelo menos uma grande parte possa salvar-se dos horrores do ambiente mental, aqueles que invadem as mentes, produzindo o pânico e inibindo-as de atuar com serenidade, lucidez e sensatez.

Sinto uma gratíssima impressão ao observar em todos vocês uma atenção firme, que não diminuiu em nenhum momento, coisa que geralmente não ocorre nas conferências, nas quais os assistentes, em sua maioria, têm de ser acordados. Isto a palavra logosófica tem: é inimiga do sono quando está falando. Mantém o controle do ambiente mental e, por isso, se uma mente procura fechar as persianas, as janelas, para tirar uma soneca, lá vai a palavra, direta como um raio de luz pela manhã, e faz com que abra novamente as persianas, os olhos; sente a brisa fresca e outra vez se dispõe a escutar.

A atenção que hoje vocês prestaram é a que deve permanecer em todos os momentos em que a mente atua, porque muitas vezes um ligeiro torpor pode ser um descuido, e este pode trazer também suas conseqüências.

Há um estímulo que todos precisarão levar em conta, se quiserem me escutar mais frequentemente: tratar de convidar muitos outros para participar desta alegria espiritual. Além do mais, assim se terá neutralizado um pouco qualquer pensamento de egoísmo que pudesse existir.

Vocês me dirão que são numerosos os indiferentes, os que não sentem atração, neste ou noutros momentos, pela palavra logosófica; mas isso ocorre justamente porque não a conhecem, porque não a sentiram, não a experimentaram; e não devemos esquecer que a tendência humana é continuar utilizando sempre as mesmas coisas utilizadas há muito tempo. Vemos isso, por exemplo, até nas pessoas que lavam: usam sempre o mesmo sabão, e como custa fazê-los mudar de marca! Vemos, também, em quem fuma, em quem toma café, etc. Geralmente, tomam carinho pelo velho, em vez de tomá-lo pelo novo; e quantos, não fosse o temor ao ridículo, vestiriam ainda as calças curtas e as saias de antigamente, talvez guardadas ainda.

Custa muito na vida desprender-se dos velhos hábitos. Há uma idade em que a saia, a gravata, os trajes, são uma preocupação; não se gostaria de trocá-los por nada, mesmo que fosse melhor, e, quando é preciso usar um novo, os bolsos parecem estar ao contrário e nele se vê toda uma série de defeitos.

Vocês acabaram de ver como o costume, a tendência já arraigada no espírito humano, é o que tem de ser renovado, o que tem de ser desarraigado, porque do contrário as pessoas estarão sempre ligadas a um preconceito e não avançarão, temendo afastar-se daquilo que lhes é querido, que acariciaram durante tanto tempo e que, se não está a seu lado, parece que a própria vida lhes falta. E se para as mercadorias há vendedores que conseguem mudar o pensamento das donas de casa, impondo uma nova marca, penso que o discípulo, que não oferece mercadorias, que oferece algo pelo qual não se exige pagamento, terá mais possibilidade de impor a Logosofia, mais ainda porque oferece a quem escuta a oportunidade de provar o que oferece, de experimentá-lo e, se não gostar, de devolvê-lo.

Pois bem, ofereçamos nosso sabão mental; um sabão que lava as mentes, que as purifica, que as higieniza, cuja aquisição não custa absolutamente nada a ninguém. Some-se a isso o fato de que vai durar por toda a vida, porque não se gasta, podendo ser utilizado não só para lavar a própria mente, mas também para que outros possam desfrutá-lo.

Uma das coisas mais convenientes para o conhecimento do discípulo é analisar os problemas mentais, os próprios e os alheios, aqueles que são diariamente observados. Deve estudá-los e tratar de resolvê-los como

se fossem os problemas que são passados nas escolas. O discípulo pode muito bem recolhê-los do ambiente e, quando não puderem ser logo resolvidos, deverá anotá-los até conseguir mais conhecimentos, pensar neles de tempos em tempos, até alcançar a alegria de se sentir capaz de resolvê-los, sempre com o auxílio dos conhecimentos que a Logosofia constantemente lhe oferece.

A LOGOSOFIA PREPARA A MENTE E A ADAPTA PARA CAMPOS MAIS INTENSIVOS DE ATIVIDADE



Sendo a mente o principal dispositivo da psicologia humana, devido à importância fundamental de seu sistema, só nela é possível firmar a única esperança lógica, para poder experimentar uma mudança favorável e positiva na condução da vida para um futuro melhor, já que isso implicaria tomar contato com o conhecimento que encerra essa arte suprema que dá ao homem o domínio dos elementos ou das forças que operam no cenário da existência humana. Esse domínio, logicamente, deve ser alcançado mediante contínuos e árduos esforços para não frustrar as ânsias do espírito, que, infatigável, busca o caminho de sua liberação pelo conhecimento; liberação de todas aquelas limitações que oprimem o homem e o inabilitam para possibilidades maiores no transcurso de sua caminhada pela senda da evolução consciente; liberação da ignorância que adormece sua inteligência e das sombras que obscurecem sua razão, impedindo que o entendimento possa desfrutar a sublime felicidade que implica a posse de tão precioso poder, qual seja o da penetração mental pela compreensão plena, que se verifica na consciência mercê do rigoroso controle do discernimento.

Preparar a mente deve ser o alvo, o objetivo básico, e para isso terão de tender todos os empenhos da criatura humana, qualquer que seja a sua idade, se quiser transformar sua vida vulgar, limitada e exposta às contingências de uma luta extenuante e estéril, e predispor seu espírito a uma nova forma de vida que substitua seu destino incerto por um futuro pleno de ventura. Mas isto não se consegue pelo simples fato de ler um livro, ou dois, ou muitos, nem se aprofundando em teorias, ou seguindo como autômatos métodos

que não passam de belas palavras. É que isso, apesar de nos mais avançados poder ensejar que alguma preparação fosse adquirida, na maioria só contribuiria para aprofundar ainda mais o abismo do erro e para que a confusão se fizesse ainda maior.

A Logosofia mostra que, para evitar desvios e perda de tempo que depois serão lamentados, é preciso partir de um princípio inquestionável. Este princípio, que tem de ser sem dúvida alguma o que encaminhe os primeiros passos, está determinado pela lei que rege todos os processos. Isso quer dizer que, se buscamos uma solução X, não devemos obter por resultado uma solução Y; e, se preparamos os elementos para construir um edifício, temos que idealizar primeiro, ao conceber suas linhas arquitetônicas, sua estrutura e, depois, realizar os planos para dar início imediato à obra, cuidando sempre para que no final ela não resulte num barco, ou numa ponte, ou num monumento, o que estaria muito longe de ser o pensamento original. Quantos existem que, projetando realizar uma obra qualquer, depois se veem diante de um espantalho! É a incapacidade, pela ausência de conhecimento, que faz os homens se perderem indiscutivelmente no labirinto de seus próprios pensamentos e ideias.

Caso se queira edificar com elementos de incalculável utilidade uma existência fértil em produções de elevado benefício, e que todas as ações estruturam um destino melhor e coloquem o homem num lugar privilegiado no conceito do mundo, deve-se começar, como indica a Logosofia, por efetuar um reconhecimento no mundo interno da pessoa, a fim de estabelecer quais são os valores permanentes, bem como em que medida e com que capacidade de conhecimento se pode fazer uso deles. E se este exame mostra inabilitação para conduzir-se por própria iniciativa, partindo desse ponto se chegará muito prontamente ao convencimento de que é necessário recorrer a outros conhecimentos que façam possível e facilitem a tarefa que cada um se proponha a cumprir, ao decidir-se ou optar por encaminhar-se para a conquista daquilo a que aspira.

Repetimos: se alguém pretende alcançar com êxito os fins do ideal concebido, será necessário munir-se daqueles elementos que

propiciem o processo de aquisição de novos valores e permitam dirigir a evolução para um campo de maiores possibilidades. Tais elementos viriam a ser a escolha do ambiente, dos semelhantes e de todas aquelas coisas que representem, para o cumprimento dos objetivos e aspirações, os verdadeiros meios de expressão com os quais se deve conviver e, até, identificar a própria vida.

É necessário ampliar as perspectivas oferecidas pelos limitados ambientes em que geralmente se atua. Dilatando-se, assim, o campo das atividades mentais, é lógico que a vida adquira um volume inesperado quanto à sua potencialidade dinâmica e às prerrogativas que, dia após dia, se irão abrindo na visão panorâmica que os próprios avanços apresentem.

Um contínuo adestramento no manejo dos novos conhecimentos que a Logosofia põe ao alcance do homem é indispensável e imprescindível para adaptar seu temperamento às exigências de uma atividade mais intensa, e para que o cansaço não se deixe jamais entrever por entre os meandros do organismo. Desta maneira, ele estará constantemente sendo dotado de energias e da força vital necessária para não fraquejar nos momentos culminantes, nos quais a resistência do sistema mental reclama e deve obter o melhor das reservas internas, a fim de assegurar o próprio triunfo.

A Logosofia, ao oferecer os elementos básicos para a realização feliz de cada processo individual, permite que todos não apenas encontrem os meios adequados de que necessitem, mas também – e isto é igualmente muito importante – obtenham o estímulo necessário para tornar mais grata a tarefa que a pessoa haja imposto a si mesma. Esses elementos são: o ambiente da escola logosófica, o discipulado em geral, os livros e demais publicações postos ao alcance dos diversos graus de compreensão e, acima de tudo isso, o próprio autor da Logosofia.

O VALOR DA INSTRUÇÃO LOGOSÓFICA

Comprovações da eficácia do método



Em diversas ocasiões foi apresentada à ciência logosófica a seguinte indagação: Como o estudante ou investigador logosófico percebe seus próprios avanços e mudanças de posição na ordem hierárquica das manifestações compreensivas de sua inteligência? Como, ou com que meios, comprova sua efetiva evolução?

A Logosofia, ao responder, prefere reportar-se à experiência, mas certamente será muito oportuno formular algumas reflexões a respeito.

A criança é sempre a última a perceber seu crescimento, mas isso não impede que os demais o percebam. Ainda que não seja este o caso de quem recebe os benefícios do conhecimento logosófico, convém tê-lo presente.

No campo experimental desta ciência penetram seres de todas as idades e do mais variado perfil psicológico. Vejamos o caso daqueles que, admitidos em qualquer um dos ramos da ciência oficial, percorreram um considerável trecho do trajeto de suas vidas; noutras palavras, chegaram a entrincheirar-se em suas posições, adotadas em função das diversas fases a eles apresentadas pelo quadro moral, social, econômico, etc., do ambiente mundano (melhor se entenderá assim do que se disséssemos “do mundo”).

Essas mesmas pessoas, depois de experimentar a influência benéfica e construtiva do método em questão, nas múltiplas oportunidades que a experiência diária oferece, em pouco tempo comprovam que aquilo que não puderam obter dos estudos universitários, nem da leitura de textos, nem da influência familiar ou dos círculos de seu relacionamento, foi conseguido graças ao auxílio constante do conhecimento já mencionado.

É com a aplicação e o uso continuado desse conhecimento que se obtém a verdadeira técnica logosófica. Ela faculta ao investigador sincero penetrar sem maiores dificuldades em todos os ambientes ou campos mentais e cumprir um valioso trabalho de observação, sem ser agredido ou influenciado pelos pensamentos dominantes, acostumados a se impor a todos os que com eles tomam contato.

O bom observador deve passar por todos os ambientes sem contaminar seu espírito. Em toda circunstância em que lhe caiba atuar, deverá converter-se no elemento neutralizador dos conflitos e conciliador das desinteligências; seu lema tem de ser: atuar, atuar sempre, à semelhança da energia que opera na natureza, em perene atividade.

As obras não são realizadas durante o descanso e, menos ainda, na inércia. É preciso ser sempre diligente e favorável a qualquer emenda que contribua para uma maior perfeição; deve-se estar sempre disposto a reconhecer, com natural espontaneidade, quais foram os fatores que intervieram nos êxitos, tendo ao mesmo tempo presentes os elementos logosóficos que foram utilizados, a fim de não descuidar a sua aplicação em casos futuros.

O complexo da psicologia humana é tão vasto, que qualquer pessoa pode estar plenamente segura de que a cada cinco minutos acontece um fato que a afeta diretamente.

O valor da instrução logosófica se deve, pois, ao fato de oferecer ao entendimento humano um inesgotável campo de experiências, as quais, sem diferir grandemente das comuns, têm por outro lado a virtude de não passar despercebidas e ser uma fonte de recursos e elementos de inestimável valor para a análise. É o ouro que se extrai, depois de peneirado o pó inútil que pretende ocultá-lo.

A eficácia do método reside na comprovação que cada um efetue em si mesmo, ao constatar os inesperados progressos de seu entendimento. Duas posições o confirmam: antes, noventa ou, por que não dizer, às vezes cem por cento das coisas lhe eram incompreensíveis, ou eram apreciadas erroneamente. Após a aplicação do método logosófico, consegue compreender essas mesmas coisas, e muitas delas lhe parecem dignas de preocupações infantis. A visão mental se desenvolve e aprecia com vigoroso discernimento cada coisa em sua justa medida.

Mas onde se verifica com maior eloquência a bondade inquestionável do método é na observação que o logósofo mais experiente, com notável frequência, faz – ao lado da que efetua sobre si mesmo – sobre aqueles cuja prática é ainda incipiente.

Será necessário explicar, aqui, como são realizadas essas observações e que mérito têm elas na avaliação dos próprios progressos.

É prática corrente, no ambiente dos estudos logosóficos, que, além da instrução dada diretamente ao disciplinado, cada um se adestre na utilização dos ensinamentos. O adestramento constante no emprego destes conhecimentos favorece, em grau máximo, a flexibilidade mental, e a inteligência desenvolve seu volume até onde lhe permitam as possibilidades individuais. Neste ponto, deve-se ressaltar que, numa infinidade de casos, aquele que segue um processo logosófico de superação é corrigido de mil maneiras, sem que em muitíssimas delas chegue a percebê-lo, tal a sutileza do método e o gênero de discrição que se observa. Só é preciso, em algumas circunstâncias, permitir que a pessoa veja isso claramente, no caso de ela desconhecer a evidência do benefício que obtém mediante o método e quando, equivocadamente, considera o avanço alcançado como obra exclusiva do progresso pessoal, desconsiderando o trabalho realizado pelo ensinamento.

Uma pessoa, por exemplo, que aos 35, 40 ou 50 anos não teve durante muitos desses anos a menor variação em sua vida no que se relaciona às suas atividades mentais e que, depois de realizar um processo logosófico feliz, se capacita e evolui de modo notável para um estado eminentemente superior ao que tinha antes, não pode negar que deve tal conquista, mesmo que nisso tenha posto toda sua dedicação, à instrução logosófica recebida nesse espaço de tempo. Muito diferente é o caso do jovem que toma contato com esta ciência experimental e que evolui com a idade, sem poder estabelecer um paralelo entre o que pôde conseguir sem ela e o que dela obtém enquanto nele se operam as transformações lógicas da juventude para a maturidade.

A eficácia do método é inegável. Só que, para conseguir os melhores resultados, será necessário que a pessoa, para seu exclusivo bem, se disponha em princípio a encarar a tarefa a empreender com decidida

boa vontade, com toda a energia e sinceridade que o caso requer, e, uma vez que tenha entrado de cheio no campo da sabedoria logosófica, continuar sem desânimo até obter os maiores benefícios, capacitando-se assim para cumprir altas funções de bem onde quer que encontre ambiente propício para oferecer serviços em favor da humanidade.

A ARTE DE CRIAR A SI MESMO (I)



Até parece que nada pode mudar o rumo dos acontecimentos, e que a fatalidade persegue o homem como uma sombra sinistra, implacável e tenaz, ora fazendo-o desfrutar os prazeres efêmeros de um éden proibido, ora arrastando-o pelas vias tortuosas do infortúnio. Já se disse que o homem é um joguete do destino. Quem tenta escapar dele corre o perigo de ser despedaçado pelo choque das duas forças em luta: a que obedece ao império do acaso e a que a ela se opõe, com apoio na vontade pessoal.

A primeira é a força natural que a todos assiste e alenta para suportar a vida, mas uma força limitada ao cumprimento desse destino comum dos homens que vivem uma existência corriqueira, sem outros objetivos que os que possam ser oferecidos pelos rumos desse acaso, chamado algumas vezes de fortuna ou felicidade e, em outras, de miséria ou desgraça. A segunda é a que o homem mesmo cria para combater a adversidade, vencê-la e dominar esse acaso, forjando com fecundo empenho o seu novo destino.

Entretanto, com base em que conhecimentos pode o homem criar uma força que seja tão suficiente a ponto de neutralizar a influência da outra, e até dar fim a essa influência, enquanto que, com o apoio de sua vontade, lhe pode ser permitido fazer aparecer no cenário de sua existência os mais variados e valiosos recursos, que o ajudem a encarar a vida com o acerto e a firmeza de que os demais carecem? Respondemos: com base nos conhecimentos que configuram a arte mais requintada e difícil que existe – a de criar a si mesmo.

Arte suprema e excelsa, ela cativou o pensamento de muitas gerações, sem que – salvo raras exceções – se conseguisse realizá-la em sua perfeição. Sonho de tantos homens que escalaram elevados cumes, sem alcançar aquele que se confunde com o céu e se identifica

com a própria essência da Criação. Arte cobiçada por todos os néscios e ambiciosos que tiveram e continuam tendo a pretensão de conhecê-la – a insensatez faz prodígios na mente dos ilusos –, e se elevam com arrogância ante a realidade que os condena. Os gênios, que o foram por virtude dessa arte, jamais se negaram a ensiná-la a quantos pediram o auxílio de sua sabedoria. Mas não é só o ensino e o aprendizado teórico o que dá ao homem a faculdade de alcançar tão elevada finalidade. É o trabalho assíduo, a observação aguçada e constante, a aplicação prática do conhecimento, o que permite o exercício consciente do sistema mental, favorecendo e agilizando os movimentos internos de acordo com as necessidades lógicas provocadas pelas exigências da evolução, já dirigida por quem tenha se iniciado nas excelências dessa arte.

Quais são os conhecimentos que configuram tal arte? E o que se deve entender por “criar a si mesmo”?

Na bibliografia logosófica existe uma vasta informação a respeito, pois não é pergunta que possa ser respondida com poucas palavras; porém, como é necessário ilustrar de algum modo o leitor, diremos que, para empreender uma tarefa de tanta transcendência, é forçoso que o homem não ignore nada do que concerne à sua constituição psicológico-mental e, além disso, é forçoso que conheça a fundo o mistério dos pensamentos; mistério que deixará de sê-lo tão logo a inteligência atue sobre os pensamentos, os domine e os faça servir aos propósitos que animem seu espírito; noutras palavras, tão logo se tenha capacitado para proceder a um reajuste consciente e efetivo de sua vida.

Não será possível ao homem, por maior que seja seu empenho e boa vontade, mudar as perspectivas de sua vida e criar, dentro de si mesmo, uma nova individualidade com características diferentes das que configuram sua natureza pessoal, se não adquirir e utilizar os conhecimentos que constituem toda uma especialidade, ignorada até o presente momento, que a Logosofia, como fonte de Sabedoria de inegável originalidade, oferece generosamente à razão humana. Dissemos que tais conhecimentos constituem toda uma especialidade por ser todos eles de índole ou natureza diferente, se comparados aos conhecimentos

comuns. E apresentam uma diferença essencial, porque compreendem um sistema que ainda é desconhecido para o mundo da ciência, fato este que confirma sua originalidade. Se estivesse no acervo comum, já teria sido empregado.

Ocorre que, especializando-se nesses conhecimentos, os maiores êxitos são obtidos na criação de uma nova individualidade, tal como dissemos, e também são criadas novas possibilidades, novas satisfações, novas alegrias e novos e positivos valores no próprio indivíduo.

A Logosofia não ensina ao médico os conhecimentos da medicina, que ele já sabe, não ensina ao advogado os que dizem respeito ao direito, nem ao engenheiro os da engenharia, etc. Seria um erro considerar assim a função primordialíssima da Logosofia, que, como muitos já comprovaram e testemunharam, constitui um auxiliar de projeções inesperadas, não só para os graduados em qualquer um dos ramos da ciência oficial, mas também para todo homem, profissional, político, comerciante, industrial, ou que desempenhe não importa qual outra atividade em que a mente seja, tal como pensamos que deva ser, o grande fator que determina os êxitos ou os fracassos da pessoa a quem ela pertença.

Esta ciência, portanto, abre ao gênero humano um novo e dilatado campo de experimentação, que habilita o homem para atuar com uma eficácia admirável em todos os aspectos, dispondo de um conjunto de elementos de incalculável valor. É que o método logosófico, aplicado com a devida inteligência e sensatez, produz os mais apreciáveis resultados, e o acúmulo de riquezas na ordem mental aumenta em relação direta com a progressiva capacitação dos que o utilizam em benefício de seu aperfeiçoamento, bem como em benefício e para o melhoramento dos que tomam contato com o saber e a experiência daqueles que cultivam a arte da superação integral.

O SEGREDO DA FUNÇÃO CRIADORA DO ESPÍRITO



Muito já se falou do espírito numa consideração empírica ou do ponto de vista metafísico, que o concebe como algo imaterial e invisível.

Vamos nos afastar discretamente de todos os critérios conhecidos, para determinar a nosso modo o que a Logosofia estabelece sobre o espírito como expressão substancial.

O homem, em si, não seria mais do que uma forma humana semelhante a tantas outras, se não houvesse um espírito que o animasse. Ao dizer forma, referimo-nos ao envoltório humano com todos os seus acessórios internos. O que faz o corpo experimentar a vida é o ar, com sua dose de oxigênio – certamente não determinada nem fixada pelo homem⁽¹⁾ –, e, em segundo lugar, o alimento que o conserva e fortalece.

Porém, se o espírito não atuasse no homem, refundindo-se na própria vida para erguê-lo, fazê-lo caminhar e torná-lo consciente de sua existência, ele não seria mais do que um pequeno corpo inerte, completamente inútil para desenvolver-se num mundo onde impera o pensamento e onde a inteligência é o fator que define a natureza e propriedade do mundo que ele habita.

Convenhamos, pois, que é o espírito quem põe em funcionamento o organismo e o faz servir aos fins mais úteis da vida. O aparelho mental, esse extraordinário sistema que o homem possui, é o conduto pelo qual o espírito se manifesta e assume expressões de admirável realidade experimental.

⁽¹⁾ Este fato demonstra a existência de alguém superior ao homem, alguém que vela por sua vida.

Não obstante, o fato de promover no ânimo da pessoa as mais sugestivas reações, tendentes a preocupar a razão no sentido de oferecer um amplo campo de possibilidades a suas funções criadoras, não quer dizer que seja comum à espécie humana – isto é, ao homem – possuir o segredo dessa função ou ser árbitro incontestável do saber, o que só pode ser concedido pelo poder do conhecimento, geralmente reservado às almas que se sobrepõem à limitação humana comum e cumprem, com o maior zelo, os elevados preceitos da Lei de Evolução. É necessário que o espírito, alma de todo movimento, não se recolha e desapareça do cenário de nosso teatro interno, para que não aconteça conosco o que acontece com muitos que, quando têm que reforçar alguma afirmação que escapa ao domínio da consciência, devem recorrer ao pensamento ou à experiência alheia.

Isto quer dizer que, se o espírito é a alma de todo movimento, a linha de conduta deve ser invariável no sentido de propiciar em nosso mundo interno uma atividade ininterrupta, a fim de que esse espírito se manifeste em nós cada vez com maior potência, fazendo-nos participar do conhecimento das maravilhas que, com tanta razão, a Vontade Suprema, que se reflete na Criação, oculta à ignorância humana.

Essa atividade interna, ou melhor, essa atividade mental a que nos referimos, não deve ser entendida como se fosse o simples fato de pensar nisto ou naquilo, ou a sobrecarga de trabalho que as preocupações habituais costumam produzir, nem tampouco as diversas atenções que a mente dispensa a todas as atividades de caráter especulativo, seja qual for a finalidade perseguida. Não; trata-se da atividade que compreende desde a organização do sistema mental até as mais complicadas combinações da arte experimental.

O segredo da função criadora do espírito consiste em apresentar um campo fértil às concepções da inteligência. O esforço cria a energia e esta, por sua vez, anima novos esforços e lhes dá guarida; mas para que estes se tornem úteis e não se percam no vazio das coisas vãs, devem ser conscientemente inspirados em razões de natureza construtiva e superior.

As energias produzidas pelo esforço devem ser aproveitadas para repor as que forem gastas no trabalho que cada um realiza em benefício

de sua evolução. Se o espírito, que é, repetimos, a alma do movimento, não encontra no homem outra disposição além de uma displicência consentida, na verdade pouco ou nada é o que pode fazer em favor de quem assim se comporta; e, como é natural, a produção criativa de sua inteligência diminuirá consideravelmente.

A vida cria a vida. A função criadora do espírito reside no princípio que substancia a sua fecundidade e se define por sua concepção genérica.

Uma mente vigorizada pelo poder fertilizante dos conhecimentos que passam a fazer parte do acervo próprio permite que o espírito exerça sua função criadora. Espírito e mente se refundem num só quadro de vastas perspectivas humanas e, pela ação contínua dos estímulos que fluem das satisfações íntimas que a pessoa experimenta em suas ânsias de superação – os acertos que se traduzem em valores relevantes sempre exaltam o entusiasmo –, estabelece-se a corrente construtiva que faz possível intervir, com a eficiência dada pelo saber, em toda obra de reconstrução da vida humana ou de alcances ainda maiores, nas quais se requer um concurso leal e generoso.

NOÇÕES ELEMENTARES SOBRE A MENTE



Como você define a palavra “mente”?

Já pensou alguma vez nisto?

Pois bem; a mente viria a ser o espaço onde atuam os pensamentos; é como se disséssemos: a casa onde eles entram, se movem, de onde saem, onde se hospedam e, também, onde nascem ao calor de fecundas concepções.

Esta definição, tão simples quanto profunda, é imprescindível para compreender fatos e situações da vida aparentemente inexplicáveis ou não definidos nem esclarecidos com precisão.

Convém saber que os pensamentos, à semelhança do que ocorre com as pessoas, têm atuações próprias. Podem chegar à mente de um homem e exercer ali uma determinada influência. Consideraremos, por exemplo, o caso de um indivíduo de escassa cultura em cuja mente surja um pensamento que leva em si a inclinação ao roubo. Este pensamento começa a atuar dentro de sua mente e, ao final de um breve tempo, faz com que o homem por ele perseguido pratique o ato que a intenção do roubo sugere.

Você sabe como atuam os pensamentos?

O que acabamos de dizer basta para revelar a grande necessidade que existe de conhecer essa atividade. Os aspectos que em seguida adicionaremos demonstrarão ao leitor que essa necessidade é realmente imperiosa.

Os pensamentos vivem, se movem e agem, passando de uma mente para outra com suma facilidade, em busca de pontos de afinidade. Dentro de cada mente podem ir se alternando os mais variados pensamentos, sem que o homem suspeite da presença de tais hóspedes, os quais ele confunde com elementos próprios e originais de sua mente.

Nos momentos em que um grande número de pessoas padece de preocupações afins – como ocorre atualmente –, os pensamentos, quando

por sua natureza se multiplicam, dão lugar à formação de um ambiente coletivo, seja de ansiedade, seja de temor, etc., que pressiona a todos os que participam do dito ambiente, diminuindo-lhe as energias necessárias para superar a situação ou transformando-o, por contágio, em atitudes bélicas, etc.

Daí a enorme importância que tem o conhecimento de como atuam os pensamentos; é o primeiro passo que devemos dar para aprender a nos esquivar da perigosa influência do verdadeiro “contágio mental” que acabamos de descrever.

Saber como deve o homem selecionar os pensamentos para viver exclusivamente com aqueles que o beneficiam, porque lhe são úteis, proporcionando-lhe motivos de satisfação espiritual e moral, eis a obra mais elevada a que podemos nos consagrar.

PARA UMA MAIOR CAPACITAÇÃO MENTAL

Eficácia da técnica logosófica

Do ciclo de conferências pronunciadas
por Raumsol na sede da Escola de Logosofia, por
ocasião de sua visita à capital uruguaia, ocorrida
em julho de 1941.



Antes de começar minha conferência desta noite, quero expressar que sinto uma profunda satisfação pela declaração que, por unanimidade, a honorável Câmara dos Deputados da República Argentina tornou pública ao render uma justa e elevada homenagem ao povo uruguaio, pelo transcurso do 111º aniversário de sua independência. Isso reflete o espírito de irmandade que indiscutivelmente existe tanto na Nação Argentina quanto no Uruguai, espírito que também deve prevalecer em relação aos demais países da América, por ser tão necessário para assegurar a paz e a defesa de todo o continente.

Bem, vamos estudar hoje alguns aspectos interessantes que a observação logosófica nos apresenta.

Sempre que visito esta importante filial da Escola, que agrupa em seu seio tão grande número de discípulos, percebo, enquanto me dedico à tarefa de ministrar os ensinamentos que lhes dou em cada oportunidade, algo assim como se de pronto suas inteligências se iluminassem, ao mesmo tempo que suas mentes se apresentassem ágeis e predispostas a uma maior atividade. Em seguida, essa eclosão de energias – que faz vibrar seus espíritos de entusiasmo e sã alegria, e que continua por um tempo, até onde vocês são capazes de manter esse estado tão excelente e que tantas satisfações lhes oferece – gradualmente vai diminuindo de intensidade, até desaparecer quase que

por completo. Seria natural que isto ocorresse, se vocês não fossem suficientemente preparados para evitá-lo.

Quando me encontro entre vocês, imprimo às atividades logosóficas um ritmo mais veloz; em consequência, os pensamentos agem em todas as mentes com maior rapidez e, digamos assim, com maior decisão e confiança, já que os resultados não se fazem esperar e são sempre de inegáveis méritos.

A tendência geral da mente humana é permanecer inativa, entregue a fáceis cavilações ou desfrutando o torpor da inércia. Somente ao brotar de vez em quando, por entre os pórticos da reflexão, algum lampejo ou vislumbre de algo que lhe cause certa inquietude ou a impressione vivamente, é que ela reage e se dispõe a mudar de atitude, adotando uma postura mais em concordância com as leis do movimento.

É necessário, pois, vencer essa tendência tão prejudicial, e que tanto atenta contra a normal evolução do espírito.

Para isso, é imprescindível mobilizar todos os elementos mentais de que se disponha dentro de si e impedir que a vontade seja relaxada pela indolência.

Alguns dirão: “Mas como, se eu trabalho, se não paro um minuto em minhas atividades!” É possível que assim seja. Entretanto, costuma acontecer darem-se muitas voltas para fazer tal ou qual coisa, e o essencial e razoável é realizar muitas coisas úteis em pouco tempo, e não poucas e sem maior valor em muito tempo.

O homem, neste caso o discípulo, deve esforçar-se em aumentar sua capacidade de produzir, e isto ele conseguirá sem maiores dificuldades se utilizar com boa previsão os conhecimentos que já se incorporaram a seu acervo pessoal. Então, aproveitará o tempo com o máximo de benefício. Por outro lado, toda atividade inteligente é índice de um bom estado mental; refiro-me ao pleno gozo da inteligência em suas mais amplas prerrogativas. Em tal caso, todo labor orientado de forma sadia é construtivo por excelência.

Assim sendo, não se deve entender que necessariamente as atividades deverão consistir em atividades externas, já que, antes de elas se

verificarem, terá sido preciso ser gerado internamente o propósito. O dito labor interno é o que particularmente quero destacar, por ser lógico que, para assegurar a fertilidade de qualquer atividade, é sempre conveniente preparar detidamente as imagens mentais⁽¹⁾ com as quais será preciso atuar no cenário externo. Essa preparação trará como resultado um robustecimento dos recursos que cada um possua, ou seja, uma maior confiança em sua capacidade para encaminhar a solução dos problemas que encare. Depois, o conhecimento cada vez mais profundo lhe conferirá uma predisposição natural para atuar com certa espontaneidade.

Sabe-se que, na maioria dos casos, é preciso um estudo prévio das situações que se queiram enfocar ou que devam ser enfrentadas. Este estudo, quando a inteligência está suficientemente adestrada, efetua-se às vezes num tempo recorde, pelo poder de reflexão que se tem em tais circunstâncias; tanto é assim, que até se podem prever os resultados e, em consequência, confiar neles pelo fato de provirem de uma atuação feliz.

Não faz muito tempo, estando com alguns amigos que se manifestaram surpresos com a intensidade de minhas atividades, sobretudo no ambiente do pensamento, eu lhes disse que, de fato, tal atividade era considerável e que demandava um forte caudal de energia para encará-la; fiz notar, porém, que, embora muitos de meus trabalhos parecessem surgir como por encanto, por um chamado de minha vontade, também era certo que, antes dessa materialização de meu pensamento, havia desenvolvido uma ininterrupta atividade interna, um trabalho constante, metódico e sistemático, totalmente desconhecido por aqueles que ignoram tal processo de gestação intermental, que culmina com uma manifestação concreta que atrai a atenção dos demais.

Devo, pois, aconselhar que este comportamento seja seguido por todos os que se aprofundem no ensinamento logosófico, se em verdade anelam obter um saldo apreciável e formoso na contabilização das atuações individuais.

Vou chamar a atenção para algo, a fim de que seja levado em conta em todas as oportunidades, e é que não se deve confiar no acaso nem tampouco confiar além da conta em si mesmo, isto é, mais do que seja permitido pelas possibilidades ou, em outras palavras, pela capacidade.

⁽¹⁾ *Projetos, ideias, esquemas, etc.*

Muitos confiam em si mesmos sem ter uma base sólida para isso; mais tarde sobrevêm as surpresas, os amargos contratempos e as aflições.

As forças de cada um têm que ser medidas pela capacidade de resistência que as sustenta e pelas reservas de que se dispõe para levar a bom termo um empreendimento. Se são estimadas com excesso de otimismo, ou seja, além do que elas podem conter ou representar, corre-se o risco de provocar posteriormente um abatimento do ânimo. A moral sofre um colapso e o decaimento e a desesperança não se fazem esperar.

O ideal seria que todos pudessem confiar em si mesmos, mas primeiramente devem aprender a saber como e em virtude de quais méritos começarão a ter confiança no próprio conselho. A consciência individual se esquiva habitualmente da responsabilidade. Isso prova, de forma definitiva, que a pessoa não se sente capaz de atuar com segurança.

A razão não cultivada carece de recursos que protejam a livre ação do pensamento.

Sobre este plano de compreensão, é necessário que se entenda, naturalmente, que o conselho da sabedoria – manifestada seja pelo conhecimento ativo (aprendizagem logosófica, experiências, etc.), seja pela simples comunicação oral – é de todo necessário, porquanto supre com vantagens as próprias deficiências. Refiro-me, neste caso, às deficiências que, de modo geral, são observadas em muitíssimos seres, devido à falta de ilustração superior, o que constitui o porquê de seus desacertos. E todos sabem muito bem que, atrás dos desacertos, sobrevêm os contratempos e os choques contra as mais adversas circunstâncias.

Por outro lado, o campo mental de cada um deve ser preparado com antecipação, toda vez que se queira atuar nele com eficácia, ao se desenvolver qualquer propósito de trabalho. Esse campo deve estar livre de embaraços, mesmo quando se queira utilizá-lo para uma distração. Isso porque, assim como não é possível trabalhar onde tudo esteja em desordem, e assim como numa praça de esporte não se poderia realizar nenhum jogo se um conjunto de obstáculos impedisse os movimentos dos jogadores, já que estariam tropeçando neles com perigo de ocorrer acidentes pouco agradáveis, do mesmo modo não se poderia atuar dentro do campo mental se uma série de preocupações embargasse o ânimo e impedisse esse fácil desenvolvimento

de que a inteligência tanto necessita quando se propõe realizar algo útil.

Pois bem, cada atuação supõe a utilização de uma determinada área mental, à semelhança das sementeiras que são preparadas nos campos para diversos cultivos. Cada área deve ser disposta convenientemente, a fim de que, ao ser utilizada pela inteligência, não apresente dificuldades à livre ação do pensamento. Desta maneira, o governo da mente, acionando por meio da inteligência, poderá ocupar-se de muitas coisas a um só tempo, sem necessidade de desatender a nenhuma delas.

A maioria das pessoas, por não ter noção alguma sobre esta forma tão eficaz de organizar a mente, mistura os assuntos e, ainda que pouco tenha andado no caminho de suas preocupações, vê-se em meio a uma confusão que dificulta o livre jogo de seus movimentos mentais.

É sempre conveniente, antes de começar uma atividade, prefixar uma ordem e, toda vez que for possível, ela não deverá ser alterada, a menos que as circunstâncias aconselhem um procedimento melhor que o adotado para cada caso em particular. Haverá, então, uma harmonia na condução consciente de todos aqueles elementos de que venhamos a dispor para levar a bom termo o fim proposto, e seremos cada vez mais donos das situações. A isso, discípulos, a Logosofia chama de “estratégia mental”.

Em toda operação, seja de que gênero for, em que deva intervir a inteligência, é preciso situar-se no terreno mais firme, a fim de evitar as surpresas da imprevisão, que costuma ser um inimigo incômodo, pois se oculta por trás das linhas do entendimento para aparecer, de repente, nos momentos em que a pessoa percebe a falta de algo que poderia implicar, se possuído no devido tempo, uma vitória decisiva ou, mesmo no caso de uma mera obtenção de um resultado, encher o espírito de satisfação.

Conclui-se de tudo isto que em nenhum caso se deverá misturar a ordem que se tenha estabelecido para cada uma das atuações, a fim de não provocar confusões inúteis e prejudiciais que, depois, com suas consequências deploráveis, transtornam a boa disposição da vontade, posta tão incondicionalmente a serviço da razão.

Toda interferência na ordem estabelecida para cada atividade é nociva e reduz consideravelmente as possibilidades de triunfo. Não devemos fazer

das circunstâncias que surgem de tal ou qual assunto uma generalização que afete aqueles outros nos quais intervimos, pois se produz de imediato uma desorientação que deve ser evitada em todos os seus aspectos, devido ao fato de que sobrevém, por lógica consequência, um estado precário nas relações entre a inteligência, a razão e a vontade. No caso do discípulo, isso demonstraria que ele ainda está longe de ter realizado, como requer a evolução do ser humano, um processo consciente, ao longo do qual teria inúmeras oportunidades de conhecer, viver e experimentar muitos aspectos ou partes dessa verdade a que estivesse se familiarizando e que compreende a própria vida do homem.

A tendência comum, na generalidade das pessoas, foi sempre a de misturar e confundir as diversas atividades de sua mente, fazendo que qualquer circunstância que se vincule de modo adverso a uma de suas áreas mentais afete a todas as demais. Fica fácil observar o que ocorre mais tarde: uma espécie de comoção interna, difícil de prevenir ou dissimular; a razão parece ensombrecer-se; empalidecem as imagens que antes foram brilhantes para o entendimento, e o desgosto toma conta do ânimo, pervertendo assim a boa disposição e minando os alicerces da resolução tomada.

Estes estudos que estou apresentando ao discipulado que me escuta revelam, por si mesmos, a transcendência e a vital importância que tem o conhecimento da mente humana. A maioria dos sábios do mundo, os cientistas do passado e do presente, dedicaram-se tão somente a estudar a mente dos alienados, evitando com muito cuidado fazê-lo com os normais, pois lhes teria sido necessário estar de posse de uma sabedoria que, certamente, não manifestaram no transcurso de suas investigações. Dir-se-ia que, para eles, a mente humana – quer no apogeu de suas faculdades, quer em sua simples configuração comum – era algo assim como uma gruta impenetrável. Embora pudessem nela entrar, dificilmente poderiam depois encontrar a saída. E mais de uma vez se viu como foi para eles difícil sair-se bem, depois de estarem dentro do labirinto dos problemas que ocupam esta ou aquela mente e que, estorvando o andamento da reflexão, deixam sem saída o pensamento que se esforça para encontrar uma solução.

Eu conheço profundamente essa gruta que tantos mistérios encerra para o homem, apesar de ele possuí-la e usá-la na medida de suas possibilidades.

Na verdade, é tão insignificante o serviço que ela presta, em comparação com tudo o que poderia fazer em benefício exclusivo da própria pessoa, que tudo que exceda aquilo que o homem vulgarmente conhece dela lhe parece algo estranho ou sobrenatural.

Entretanto, não é bem assim, pois tudo está concebido dentro do quadro das leis que operam diretamente sobre a própria existência do ser humano.

À medida que o homem for obtendo uma maior capacidade mental, e sua inteligência alcance contornos mais amplos na esfera de seus conhecimentos, a magnitude de seu desenvolvimento interno lhe parecerá cada vez mais natural e lógica. Ele até se espantará de haver tantos que estejam tão longe de suspeitar as riquezas que possuem e que podem desfrutar, nesse mundo mental que se abre ao entendimento quando este se dispõe a penetrar nele com firmeza, com decisão e, sobretudo, com sensatez.

DIVERSOS PONTOS DE ENFOQUE DO LABOR LOGOSÓFICO

Da conferência pronunciada por Raumsol no dia
11 de agosto de 1941, na Filial de Buenos Aires.



Ao lhes dirigir a palavra nesta noite, não poderia deixar de experimentar uma profunda alegria, um inefável prazer, aquele que somente é concedido ao homem que, estando em paz com sua consciência, pode exclamar: “Tenho cumprido com meu dever.”

Onze anos completa hoje esta querida Escola; onze anos que podem muito bem ser considerados séculos. E assim haverá de ser apreciado quando couber à posteridade reunir, em extensos volumes, os ensinamentos que ministrei e o que foi vivido durante este espaço de tempo verdadeiramente tão curto.

Comecei a dar meus primeiros ensinamentos a um pequeno núcleo de discípulos, o qual, rodeando-me, compreendeu sem esforço – seja por intuição inata, seja por havê-lo experimentado e sentido profundamente no mundo interno de cada um – que se tratava de uma obra transcendental para a vida humana. Desta forma, comecei a lançar a semente que hoje está germinando em muitas mentes.

Se eu rememorasse neste momento as inumeráveis passagens vividas e descrevesse a trajetória seguida por meu pensamento até o momento presente, necessitaria de um longo tempo. Mas sei que muitos de vocês conhecem grande parte da obra realizada, seja porque leram e talvez tenham meditado sobre muitos dos ensinamentos que dei, seja porque assistiram a numerosos atos em que me observaram atuando diretamente perante o discipulado.

Bem, mesmo que os ensinamentos dados já constituam um acervo enorme de inestimáveis valores, posso hoje dizer que estes onze primeiros anos não foram mais que de preparação. A mente humana, por haver estado

tanto tempo inativa e alheia aos conhecimentos superiores, não se encontra em condições de realizar num breve espaço de tempo uma conquista tão grandiosa, como é a de organizar todos os recursos internos e transformar totalmente o aspecto vital de sua vida; refiro-me à vida que ela anima. Por isso, com uma paciência ilimitada, fui ministrando uma e outra vez, e inúmeras vezes, ensinamentos que, em sua essência, eram os mesmos, mas revestidos de diferentes formas, para que a compreensão fosse plena e houvesse no discípulo a convicção de ter conseguido assimilá-los em sua essência.

Já disse numa outra oportunidade, e volto a repetir, que esta Escola é única no mundo, e vou adicionar ainda algo mais: e continuará sendo única por muito tempo. Não se trata, aqui, de fazer com que os ensinamentos promovam certo brilho mental, intelectual, porque isto pode ser conseguido em qualquer outra parte. Trata-se de realizar verdadeiros processos internos que significam nada menos que a criação de uma nova individualidade; de harmonizar, dentro da pessoa, todos os elementos que durante longo tempo têm estado perturbando a paz da alma. E é necessário que cada um compreenda, com toda a amplitude que a transcendência do fato requer, que, se não forem cumpridos os princípios estabelecidos pelas leis que a Logosofia está dando a conhecer, o homem não poderá chegar a nenhum porto seguro, nem conquistar o que tantas gerações do passado anelaram. Permanecerá sempre o mesmo, sem poder, então, ascender a um estado verdadeiramente super-humano.

Há séculos que, no mundo, o homem se debate num mesmo ponto e, se uns poucos conseguem transcendê-lo, muitos, a maioria, que são milhões e milhões, permanecem nesse estado de transição entre o reino inferior ao homem e o superior. A vida, tal como ele a conhece, não pode satisfazê-lo, não pode atender aos anelos e às ânsias de seu coração e de seu espírito, pois que, na forma como comumente se desenvolve, ela é vegetativa, passiva. Existe, em meio a essa passividade, uma extraordinária agitação, um profundo desejar sem saber o quê; são desvelos que provocam constantes alterações na função normal da mente. E assim passam os dias e os anos, e as gerações se vão sem haver sabido por que vieram nem para que tiveram de existir aqui, quando poderiam, com um conhecimento pleno e real do que significa sua permanência no mundo, realizar os mais elevados objetivos que estão fixados para o ser humano.

E, enquanto me encontro trabalhando incansavelmente nesta obra, sempre rodeado de discípulos, fazendo com que experimentem e verifiquem a verdade dos ensinamentos e seus alcances para o futuro, contemplo o que está acontecendo no mundo, onde massas de homens se aniquilam; pretendeu-se e se pretende estabelecer uma nova ordem, com as mentes tais como se encontram no presente, o que não é possível, porque – já o disse no início – a mente necessita tempo para realizar esse processo de reconstrução; não pode fazer isso de repente. Temos essa amarga experiência do que está sucedendo no mundo, quando se quer transformá-lo pela força, pelo terror, e isto nunca haverá de dar aos homens a felicidade que cada um conseguiria por si mesmo, seguindo uma rota bem definida, conquistando palmo a palmo, com o esforço próprio e com a ajuda dos conhecimentos, tudo aquilo que durante muito tempo ele deixou que se perdesse nos espaços da existência.

Quantas vezes já ensinei aos discípulos como devem ser realizadas as observações úteis, tanto sobre a própria atuação quanto sobre a dos demais, e em geral sobre todas as coisas. É necessário identificar-se com o grande ideal forjado e não se afastar jamais dessa imagem, caso se queira alcançar os elevados objetivos perseguidos e não desanimar, até obter, mercê de uma perseverante atividade e consagração, os mais valiosos resultados.

Acontece com frequência que se malogram os frutos das melhores observações que puderam ser feitas, por falta de adestramento mental, por ausência de conhecimentos, por impaciência, que é comum a todas as pessoas, e também porque há fatores que – devendo ser considerados estranhos a esses propósitos que formam tão grande ideal – desempenham um papel importante, que perturba a boa disposição da pessoa. Refiro-me aos fatores estranhos que surgem atraídos pelo amor-próprio, pela personalidade e pela intolerância. Mas, se o discípulo leva em conta que os estudos que realiza não serão concluídos amanhã, que as observações que efetua não serão suficientes para um futuro imediato, senão que a cada dia terá de aumentar o volume desses estudos e observações ao ampliar-se sua capacidade mental, ou seja, ao capacitar-se numa maior proporção de condições para realizar novos e mais fecundos trabalhos, pensará, então, com sensatez, que está realizando uma obra com objetivos

voltados para o eterno, e não com uma duração determinada. Se ele enraíza isso fielmente na consciência, de modo que seja um convencimento inalterável, nada poderá inquietar seu espírito.

Ele deve saber que tudo o que o rodeia, tudo aquilo que estabelece contato com sua mente, está dentro do campo experimental em que ele é ator e, ao mesmo tempo, espectador. A partir do momento em que o discípulo pensa que pode situar-se fora do campo experimental, seus erros e seus desvios começam. É preciso, pois, que em todo momento tenha presente que se encontra atuando sob o comando de uma ação fecunda em prol de sua efetiva evolução consciente e, por conseguinte, para seu exclusivo bem, fazendo com que suas atuações sejam cada vez melhores, e que também mais valiosos sejam os êxitos que consiga. Quando se atua em conjunto, quando existe uma unidade na ação do pensamento, obtém-se um número de realizações maior do que o que se obteria caso se atuasse de forma desunida ou separada e, portanto, desconectada.

Pois bem, uma coisa é poder falar isoladamente, sem outra referência ou apoio que as próprias afirmações, e outra é falar em nome de uma força representada pela afirmação unânime de muitos que testemunham suas convicções. E, quando se fala em nome de uma força assim, deve-se estar como que imantado a ela, respeitá-la e considerar-se parte integrante dessa força. Isso quer dizer que, se essa força é azul e a pessoa fala em nome dessa força azul, todas as suas atuações deverão ser azuis. Isso porque, se fala em nome dessa força azul e atua com a vermelha, ninguém lhe dará crédito, e sua palavra não poderá ter nenhum valor, nenhuma consistência, já que existe tal contradição.

Acabo de definir algo muito importante, que vocês devem ter sempre presente, em todas as situações em que se encontrem.

Prometi dar a um setor de discípulos, aqui nesta Filial, um ciclo de conferências que terá um grande valor para as atividades futuras. À medida que cada um vá demonstrando sua consagração e seu grande cuidado em superar-se, eu o irei incluindo nessas aulas especiais; mas quero que minha palavra não encontre a mente fria, que não encontre o campo descuidado, para que ela não se perca. Daí que eu tenha anunciado antecipadamente esse ciclo, com o objetivo de que cada discípulo

lavre sua terra e a ofereça o mais preparada possível para receber a nova semente, ou seja, os ensinamentos que vou ministrar.

O mundo está passando, e ainda passará, dias de dura prova. Já se tem observado que fracassaram todos os sistemas, todas as iniciativas para melhorar as condições humanas no quadro de suas perspectivas comuns. E fracassaram, como não podia ser de outra forma, porque faltava o essencial: oferecer à humanidade os conhecimentos que lhe são indispensáveis para triunfar na luta e transcender, de uma vez para sempre, o estado de ignorância em que se encontra.

Ao ser humano foi entregue uma vida. Esta vida foi sendo destruída por ele mesmo. Nossa obra é reconstruí-la, e, como para o homem é impossível buscar por onde quer que seja os elementos de que necessita para realizar essa finalidade, aí está a Logosofia falando-lhe à alma, ao coração e à mente, oferecendo-lhe esses elementos e até ensinando-lhe como deve utilizá-los para obter positivos e seguros resultados.

O homem comum olha para seu semelhante com a indiferença própria da ignorância. O homem que sabe não olha com indiferença para seu semelhante, porque se dá conta de que há nele um mundo interno similar ao seu, com o qual pode pôr-se em comunicação e, por meio dessa comunicação, pode confrontar estados e conhecer muito do que não teria podido, talvez, conhecer ao penetrar em si mesmo. Por isso, com o conhecimento logosófico se consegue surpreender, na serena observação diária, nas múltiplas oportunidades que o espaço do dia oferece ao olhar do homem, inapreciáveis motivos para profundos estudos, que depois se convertem em sólidos conhecimentos.

Não é possível andar às cegas pelo mundo, adormecida a inteligência, obscurecido o olhar pelas turvas efervescências mentais. É necessário fazer um chamado urgente a tudo o que é interno, a tudo o que é melhor, ao mais qualificado que existe dentro da pessoa, e afastar com a maior boa vontade todas as forças que se oponham a esse propósito, tratando de cimentar dia após dia as bases da própria felicidade.

O homem sofre porque não entende, porque não conhece, porque não sabe de onde provêm seus males, nem por que surgem os obstáculos que o fazem sofrer e chorar. Porém, dirigindo o olhar para além da limitação

humana, poderá perceber e prevenir as correntes que agitam seu temperamento e, então, poderá andar sobre as águas sem afundar, pois saberá como manter-se acima das debilidades humanas. Não será levado pela maré, nem será abandonado nas praias desertas, porque andarás com firmeza e saberás, também, para onde vai.

Tudo isto é o que estou ensinando, e é o que a Logosofia descobre a todos os seres humanos. E repito: apesar do enorme manancial de ensinamentos já dados e publicados, estes onze anos não foram mais que de preparação. O que ainda devo revelar ao homem, os conhecimentos que ainda devo ministrar, serão de muito maior transcendência. Entretanto, é imprescindível que as mentes estejam capacitadas o suficiente, para que esses conhecimentos não as ofusquem e, pelo contrário, permitam que cada um seja o verdadeiro paladino deste grande ideal que plasmei nestes tempos, para bem dos homens.

Não é escutando a palavra do saber e mantendo-a escondida dentro de si que a pessoa poderá emancipar-se de suas limitações, de suas misérias, senão compreendendo-a e assimilando-a à vida, fazendo depois com que ela se propague generosamente, dando-a com a mesma inteligência com que lhe foi dada, ou com o exemplo dessa mesma inteligência, procurando sempre levar ao entendimento dos demais, com a maior facilidade, os conhecimentos que se queira oferecer, sem fazer ostentação do que sabe, porque isto já seria um obstáculo para quem o escutasse. O conhecimento é simples, claro e inquestionável. Vai em busca da mente sadia e tranquila que o recebe e utiliza com inteligência.

A Logosofia haverá de marcar um grande passo na história da evolução humana e, ainda que exista resistência em reconhecê-la, se imporá definitivamente com a força e responsabilidade dos fatos, com a palavra que não poderá ser destruída, que viajará de um ponto a outro, levando a solução que tanto se anela; e aí então será possível, no mundo, a criação de uma nova ordem, baseada no conhecimento, e nunca jamais no terror ou na força das armas. E, ao dizer baseada no conhecimento, isto encerra muitas coisas grandiosas.

Um conhecimento isolado, visto friamente, não representa nada; não obstante, é necessário entender que, se ele for avaliado em seu exato alcance, será algo mais do que cada um poderia supor. É a identificação

com um dos tantos fragmentos da própria sabedoria, e ela, que compreende tudo, adverte que nenhum conhecimento é isolado, ainda que em aparência parecesse sê-lo. O homem que sabe isto deve fazer culto à paciência, à tolerância inteligente; deve ser um constante examinador de si mesmo, um artista esculpindo sua própria escultura, tratando de que ela não se mostre com os defeitos que possam ser observados nos demais.

Eu espero que também nesta filial se realize um trabalho fecundo, trabalho que favorecerei de forma particular em todo instante que me seja possível. Serei o primeiro a apoiá-los e a indicar o caminho a seguir. Apesar disso, devo fazer observar que, para merecer sempre esta dádiva, vocês terão que trabalhar em prol desse grande ideal de superação humana, tal como o exige o próprio processo e as circunstâncias atuais. Desta maneira, verão dissolverem-se como que por encanto, um a um, os problemas que hoje parecem insolúveis e que não são mais que fantasmas mentais. Já disse uma vez que a luz afugenta os morcegos. É, pois, imprescindível afugentá-los a todos, iluminando com diáfana claridade o recinto mental.

Neste campo de experimentação, é dado a cada um observar o que não teria sido possível se andasse disperso pelo mundo, e é isto o que vocês sempre devem valorizar, o que devem estimar, e o que há de levá-los a perseverar para que não o percam jamais. Sejam conscientes de tudo que experimentem e realizem, porque só assim poderão continuar com segurança aquilo a que se propuseram.

Muitas vezes ainda será necessário que eu vá delineando as perspectivas individuais, a fim de que não se afastem, por reflexos estranhos, dessa linha a seguir. É necessário que cada um compreenda que todo propósito, se queremos convertê-lo em realidade, se queremos coroá-lo de verdadeiro êxito e depois desfrutá-lo como foi pensado quando se achava em estado de propósito, tem de ser programado numa série de trabalhos que não devem ser interrompidos. Se interrompermos o labor, se constantemente oscilarmos entre um estado e outro, muito lento será o avanço, muito pobres os resultados, e isto deve ser meditado, meditado muito profundamente, porque se trata do mais importante que possa existir na vida humana. E se isso tem tal transcendência, não ponham em segundo plano a imagem do ideal que

favorece seus esforços, pois correrão o risco de não alcançar nunca o bem desejado ou anelado.

É possível que muitos dos discípulos que pela primeira vez me escutam não compreendam, suficientemente, o alcance de minhas palavras de hoje; se, porém, depois as comentam com os demais, estes lhes trarão muitos outros ensinamentos relacionados com os que estou dando, e então vão apreciá-las melhor e alcançar uma compreensão mais clara sobre elas.

E tenham bem em conta o seguinte: a Logosofia beneficia enormemente a pessoa quando esta a pratica, quando todas as noções mentais que os ensinamentos lhe possam sugerir a ajudam a levar à realização o que eles insinuam ou indicam. E é, logicamente, na prática, na experimentação, que o homem haverá de recolher o fruto de seu esforço no campo mental, tal como ocorre nos demais aspectos comuns em que se recolhe, na experiência, aquilo que a teoria pôde sugerir, se é que ela tinha alguma conexão com a realidade.

De modo que a vida deve ser um contínuo praticar os conhecimentos; um contínuo adestramento mental; um contínuo esforço por transcender a espiral, e certamente será muita a ventura de quem puder ver, cada vez que suba um pouco mais alto, o que era quando estava mais abaixo.

O ensinamento logosófico irrompe já no mundo, levando conhecimentos até aqui ignorados. Por isto, tantas vezes reitero aos discípulos a necessidade de se porem em condições de ajudar a muitos que haverão de requerer o auxílio deste ensinamento.

Tratem de eliminar a inércia mental. Tratem de ser sensatos consigo mesmos, donos de suas próprias ações, pois não penso que a vontade de vocês seja a de permanecer com a mente inativa por um longo período de tempo. Se algo se opõe a que desenvolvam uma fecunda atividade mental, devem buscar a causa e eliminá-la. E, assim como são enérgicos numa infinidade de circunstâncias para coisas pequenas, que o sejam também para uma que é grande.

Sejam enérgicos consigo mesmos, governando suas mentes e fazendo com que elas rendam em seu benefício tudo o que possam render. Não se permitam distração com assuntos estranhos a suas aspirações, porque vocês seriam um brinquedo desses pensamentos e

não poderiam chamar-se conscientemente de pessoas íntegras, capazes de ordenar suas ações e guiar todos os pensamentos que se encontrem em suas mentes para um mesmo labor e para a realização desse grande ideal a que fiz referência.

Mas, para isso, é preciso efetuar alguns exercícios de imensa utilidade. Por exemplo, deve ser exercitada a paciência, a temperança, por serem precisamente as que mais dizem respeito à rebelião contra a boa disposição do espírito. Se vocês são pacientes e temperantes com inteligência, haverão de aproveitar com grande utilidade muitas circunstâncias que deixariam que se perdessem com a intemperança e a impaciência. Façam delas como que duas forças que alentam sua vontade, e esforcem-se sempre, quando efetuarem suas consultas internas, por fazê-lo a portas fechadas, pois o que diz respeito à intimidade de cada um é de exclusiva propriedade individual e deve ser levado a efeito, portanto, na intimidade da pessoa. Entender-se-á que eu me refiro ao fato de que não se deve divulgar aquilo que é próprio da vida privada de cada um; e até mesmo as resoluções só têm de ser conhecidas quando já assumirem, com certeza, o caráter de tais, pelo fato de se ter disposto a dar cumprimento a elas. São operações normais dentro dos movimentos que o homem deve efetuar no caminho da evolução consciente.

Desta forma, consegue-se praticar a discrição; ao praticá-la, são evitadas perturbações externas, e se afirma no espírito uma norma de conduta que, depois, haverá de vigorar constantemente, beneficiando a pessoa em todas as suas atuações futuras. Isto quer dizer que se deve chegar à compreensão de que, se não todas, pelo menos em sua maior parte, as comunicações ao externo – seja pela palavra, pelo gesto, seja por qualquer outra expressão – têm de ser construtivas, cumprir uma finalidade. E, para que essa finalidade cumpra por sua vez o objetivo, deve-se aprender a atuar em todo o momento em contato direto com a consciência. Assim, cada um irá observando, à medida que seu processo se vá realizando, ou seja, experimentando as mudanças lógicas que os movimentos ascendentes lhe impõem, que nada é difícil quando a pessoa dá de si o melhor que nela existe; ao dizer isto, também faço alusão a toda a força de sua vontade para a conquista do bem perseguido.

O homem pode chegar a uma superação integral total; pode alcançar o grau máximo que lhe é dado realizar como ser humano, mas, como disse, mediante um trabalho ininterrupto, uma contínua prática do conhecimento que recebe para ser verificado em sua realidade e em sua essência. Só então cada conhecimento abre novos horizontes, novas perspectivas, novos campos de experimentação.

Daí que a vida do homem seja ilimitada e que lhe seja possível conseguir o que sua mente jamais pôde sonhar, nem mesmo nos instantes de maior lucidez. Entretanto, tudo deve ser feito em plena harmonia com a natureza, com o natural, com o real, sem nunca se afastar dos princípios que estabelecem as leis, aos quais o homem tem de obedecer, para poder amparar-se nelas e triunfar, como deve triunfar, nesta grande cruzada de liberação e de verdadeira e positiva evolução rumo a um plano superior de consciência.

Espero que todos os que estão aqui não tenham outros propósitos, pois eles surgiram daquilo que os próprios ensinamentos lhes manifestam. De maneira que eu os convido a trabalhar firmemente na obra, a qual, sendo individual, é coletiva e de toda a humanidade. Trabalhar com entusiasmo, com alegria, com prazer, impondo a si mesmos o que em momento algum a consciência haverá de censurar em vocês. Se assim for, verão surgir do mais profundo de seu ser uma força que antes desconheciam, e ela será um dos maiores estímulos que os impulsionarão a seguir adiante.

A LEI DAS MUDANÇAS



Um das coisas que o observador logosófico pode verificar é o admirável funcionamento das leis universais, sobretudo aquelas que mais diretamente têm contato com o homem a fim de regular seus movimentos internos (racionais e volitivos), toda vez que ele adota resoluções que impliquem transcender a órbita de seus planos comuns e participar ativamente em obras que, por sua projeção, excedam as que são habituais para o homem corrente. Também chamam a atenção do observador aquelas que influem diretamente sobre o indivíduo, ao tentar ele qualquer modificação substancial em seu modo de ser (caráter, tendências).

Estas leis, embora geralmente ignoradas, nem por isso são menos rigorosas e efetivas. Na vida comum, elas intervêm muito poucas vezes, já que o homem, ao se conformar com uma existência banal e vegetativa, não se coloca, a não ser por exceção, em condições de sentir o influxo benéfico e modelador delas. Se, porém, depois de experimentar as angústias da ignorância, angústias que o mantêm imerso numa atmosfera de desorientação, viciada e contaminada pelas mais grosseiras e toscas manifestações das forças instintivas que dominam o ambiente, ele se propõe a alçar-se por sobre as camadas ambientais da intelectualidade comum, imediatamente põe em jogo, claro que sem saber disto, as magníficas excelências de sua maravilhosa criação. Essas excelências são as que permaneceram, se assim podemos dizer para uma melhor compreensão, num estado embrionário, pela simples razão de não lhes ter sido dados os meios indispensáveis que propiciassem e fizessem possível sua manifestação e, ao mesmo tempo, os estímulos que facilitassem o livre desenvolvimento do que haveria de converter-se em faculdades de outro tipo, diversas das conhecidas, já que elas atuariam sob o comando de diferentes necessidades, o que supõe ou determinaria a realização de um processo evolutivo consciente.

Ao pôr em funcionamento essas engrenagens que permaneceram inativas dentro da estrutura espiritual humana, é como se fosse aberta uma nova vida, cheia de possibilidades. Vida que será imprescindível nutrir, atender e cercar dos maiores cuidados, se na verdade se quer existir nela e desfrutar dos inumeráveis benefícios que semelhante prerrogativa oferece.

Não obstante, ainda que as projeções de uma existência assim tenham a virtude de ser poderosamente estimulantes, e a alma chegue, por assim dizer, até a embriagar-se de ventura sob os efeitos de um entusiasmo que se renova constantemente na proporção do esforço, devido aos frutos que a pessoa consegue na tarefa de sua própria superação, com base, logicamente, nos conhecimentos que constituem bens valiosos em seu acervo individual, não depende desses estados psicológicos – que, ao não se fixarem, deverão ser considerados transitórios –, o processo regular que indispensavelmente deve seguir, assim o aconselha a razão, para cumprir uma trajetória feliz no caminho das altas verdades e princípios que fundamentam o porquê e explicam as causas pelas quais a criatura humana, adaptada de forma tão extraordinária às exigências da Criação universal, deve sobrepor-se à sua comum limitação e estender sua existência para além do cenário comum onde costuma passar seus dias, sem outras perspectivas que as oferecidas pela vida corrente.

Quando se toma, pois, a decisão de situar-se num terreno de possibilidades e prerrogativas superiores às que são habituais ao mundo, deve-se ter sempre presente, para evitar contratempos e circunstâncias adversas que surpreendam a própria ingenuidade, que não será possível dar um passo firme em direção aos domínios do conhecimento e colocar-se ao amparo das leis que regem a evolução consciente, como é a que concerne às mudanças, enquanto a pessoa não se transporte, decidida e definitivamente, para a posição que quer, pensa ou crê ocupar, desde o instante em que ela se coloca nessa posição com o intuito de desfrutar de suas prerrogativas.

Há quem pense, por exemplo, que o simples fato de se achar atuando, em determinado momento e por vontade própria, numa corrente de ensino transcendente, tal como a que o pensamento logosófico anima, seja suficiente para que o próximo o considere dentro de outro conceito e o distinga, em suas apreciações e na convivência, como se de pronto tivesse deixado de ser quem era e, em seu lugar, tivesse aparecido outra pessoa, investida de

dons e características diferentes, mas muito superiores aos do anterior. E até existem aqueles que se admiram pelo fato de os demais não notarem sua transformação e não lhe conferirem o posto de importância a que, a seu juízo, têm direito. Crasso erro, que só se pode atribuir ao estado infantil do qual o homem poucas vezes costuma se libertar, e que ocorre precisamente quando ele aguça e leva ao extremo suas precauções, simulando seriedade quando só deveria existir a naturalidade na expressão e no gesto.

Já estamos vendo que não é questão de dizer aos demais: “eu sou isto”, ou “eu faço aquilo”, ou “eu sei coisas que ninguém sabe”, pois isso evidenciaria estar em aberta contradição com os princípios básicos da Logosofia, que ensina, antes de mais nada, a ser sensato, a utilizar a razão e ser formal em todas as coisas. Se devêssemos explicar por que são manifestadas tais atitudes, emanadas da irreflexão, diríamos que elas não são mais do que a consequência de a pessoa haver vivido tantos anos alheia à existência de certa classe de conhecimentos, experimentando por tal causa, ao ter contato com eles, a sensação de deslumbrar-se. Parece-lhe que de uma hora para outra toda a ignorância contida em sua mente é posta fora, sendo seu lugar ocupado pelos luminosos raios do saber.

Como é óbvio, na generalidade dos casos em que se toma a determinação de efetuar em si mesmo um trabalho de reforma, cada um há de ter feito para si formais promessas de mudar seu modo de ser, superar-se e alcançar uma evolução que o coloque, de fato, em posições privilegiadas no que diz respeito àquelas que teria tido se não fossem as circunstâncias que assinalamos. Também será preciso dizer, por ser verdade, que muitos se esforçam no cumprimento desse ideal e se consagram a ele, ocorrendo nesses casos, sem dúvida, mudanças positivas na conduta, no caráter e na condução da própria vida. Mas as mudanças realizadas no processo de superação haverão de ser – digamos sem eufemismos – *ad referendum*, já que têm de ser ratificadas pela repetição natural e espontânea das atitudes que derivam desse novo estado, produto de uma transformação de modalidade e um melhoramento da cultura que caracterize o homem de maneira inequívoca.

É comum observar que, depois de se manter numa posição que acreditou ser imodificável e, portanto, capaz de inspirar a consideração e até o afeto dos demais, a pessoa, seja por um pensamento de obstinação, seja por eventual esquecimento dos deveres para com essa mesma posição

alcançada, desliza pelo terreno inclinado da suscetibilidade pessoal e começa a cometer, um após outro, erros idênticos àqueles que cometia quando atuava, por ignorância, sem o menor sinal de sensatez.

É aqui que a Lei das Mudanças se faz presente, para advertir que não pode outorgar a concessão do novo estado a quem não sabe avaliar os valores dele e afirmar, definitivamente, esses valores na consciência.

Todos desconfiam do “novo rico”, enquanto este não os convença de que é capaz de administrar os próprios bens. Eis, então, explicado o porquê dos receios diante daquele que, não tendo tido riquezas antes, sejam materiais ou baseadas nos tesouros do conhecimento, aparece repentinamente com elas na mão, fazendo sinais da cruz, como se diz no mundo católico, ante o temor de perdê-las ou de que alguém as roube.

A solução está, pois, para quem pretende ou pretendeu ter realizado mudanças reais em sua vida, em ajustar-se num todo ao que a Lei que rege as Mudanças dispõe, isto é, que tais mudanças passem de maneira direta e decisiva a formar parte do quadro de suas condições e méritos; se elas forem apenas aparentes, logo será provada sua consistência e, em consequência, sua efetividade.

São muitos os que iniciam com grande entusiasmo um empreendimento e transmitem aos quatro ventos tudo que vão fazer, para que o mundo inteiro os admire e aplauda, como se a obra já estivesse feita. Eles mesmos, depois, abandonam a empresa e voltam a ser o que eram. Pobres sonhadores, fracassados e covardes, que não souberam enfrentar as situações difíceis, crendo que tudo haveria de ser campo florido. Em semelhantes condições se acham aqueles que empreendem a importantíssima tarefa da própria superação, que enfocam decididamente seus esforços na conquista de condições superiores de ilustração e conhecimento e, molestados por causas secundárias, chegam até o ponto de interromper sua atividade nesse sentido e de voltar à posição anterior. Como podem eles pretender que a Lei das Mudanças lhes outorgue as franquias que são conquistadas por aqueles que continuam sua evolução sem interrupção, confirmando em suas atuações a certeza de seus próprios avanços? Isso é o que implicará, logicamente, a consolidação do novo conceito que estão lavrando de si mesmos na consideração dos demais, o que não se faz em dias nem

em meses e, muitas vezes, nem em um ano. E acontecerá de acordo com a tarefa, que caiba a cada um, de inspirar a confiança que a mudança realizada deve merecer e de anular a impressão de sua conduta anterior.

A firmeza dos projetos ou objetivos que o homem persegue, quando se encaminha para a obtenção de um anelo superior, há de ser determinada por uma decisão igualmente firme e um juízo de caráter inalterável. As resoluções que posteriormente possa tomar, se forem contrárias a estas, só servirão para pô-lo em ridículo e jogar por terra seu prestígio e tudo quanto tiver edificado com os olhos postos em seu futuro.

As condições relevantes de um homem têm de coincidir com a natureza de seus pensamentos, de suas expressões e de seus atos. Quem possui condições superiores e conhecimentos importantes demonstra isso na fecundidade de seu trabalho, na multiplicidade de suas atividades, na generosidade de sua alma e nas excelências de sua vida útil e fértil.

A Lei das Mudanças é inexorável e jamais coloca a ninguém em outra posição que não seja a que cada um conquista e detém, sem variações de nenhuma espécie.

Os que experimentam os benefícios da sabedoria logosófica e, por meio dela, conseguem uma cultura superior pela obtenção de conhecimentos básicos e transcendentais, não devem esquecer que, representando isso o processo ou a criação de uma nova individualidade, têm que ajustar sua vida às exigências dessa nova existência, como a tem que ajustar o novo rico que deixou os ambientes que cercaram sua pobreza, sem que disto se infira que há de desprezá-los, pois grande será a ação de ser útil a um semelhante, favorecendo-o com lições que sejam a fiel expressão de um exemplo vivo; noutras palavras, que o discurso seja acompanhado de uma demonstração cabal de que os demais podem fazer o que lhes é indicado e alcançar tudo que o agraciado alcançou.

A mente humana é tão frágil que, quando não está organizada e sua atividade não está disciplinada dentro de uma ordem estrita, os pensamentos mais bem inspirados costumam virar frangalhos, ao ser sacudidos violentamente pelos atos irreflexivos motivados pelas leviandades que, muitas vezes, são cometidas sem se pensar nas consequências.

Aquele que malogra o processo de superação integral que, durante um tempo, cuidou de não expor aos perigos das perturbações correntes comete a insensatez mais injustificável e, por certo, haverá de lamentá-lo um grande número de vezes, até o final de seus dias.

Por algo as leis universais põem tanto à prova o homem que penetra na senda do conhecimento, não o deixando em paz enquanto ele não tenha demonstrado a devida capacidade e compreensão das forças que pode usar de acordo com sua vontade. O que ocorreria numa usina elétrica se fosse permitido a qualquer um, bastando que invocasse conhecimentos de eletrotécnica, manipular os complicados cabos condutores de energia?

As altas esferas do saber transcendente estão conectadas ao entendimento humano, mas isto não quer dizer que cada um possa manejar, de acordo com seu capricho, as correntes mais elevadas do pensamento, a não ser quando tenha alcançado, por seu esforço e sob uma rigorosa direção, a necessária evolução e um estado de consciência que lhe permita fazer uso de semelhante prerrogativa. Antes, porém, a Lei de Mudanças terá precisado intervir uma infinidade de vezes para corrigi-lo e fazê-lo experimentar muitas verdades.

O CAMPO MENTAL DEVE SER CULTIVADO

Como obter uma produção de incalculável valor



Em nossa edição anterior, falamos sobre o poder dos estímulos. Recordamos isto porque o presente estudo tem íntima relação com aquele, já que um dos agentes da dinâmica mental é, precisamente, a ação que o estímulo promove, pois não há dúvida de que é ele que vivifica, no ânimo da pessoa, até revivê-los em sua máxima expressão, velhos anelos e aspirações que não passaram da esfera das ilusões.

Ao renovar esses anelos e aspirações e adotar uma força decisiva na vontade, a pessoa fortalece o empenho e o mantém, a fim de alcançar os objetivos a que se propôs e que, geralmente, ficaram no campo do projeto.

Os impulsos motores do estímulo fazem com que a mente se agilize e se predisponha a uma maior atividade. O que acontece frequentemente é que muito poucos conseguem manter o ritmo dessa atividade, por causa da débil consistência de suas linhas de defesa interna. É bem sabido com quanta facilidade sucumbem as melhores tentativas ante as acometidas dos pensamentos reacionários que lutam por desviar o curso de todo esforço que exija, em intensidade e extensão, uma quantidade de tempo maior que aquela ínfima que sempre se pretende utilizar para conseguir grandes coisas ou obter êxitos relevantes.

Quando se inicia qualquer empreendimento com o intuito de realizar uma obra fecunda, devem-se reforçar constantemente, à semelhança da estratégia usada nos campos de batalha, as linhas de frente de nossos esforços, ou seja, as que correspondem ao necessário progresso da própria obra que se tenha empreendido. Essas linhas de frente a que aludimos poderão ser mais bem individualizadas se nos referirmos à atenção, consagração e permanente preocupação que devem ser demandadas, logicamente, pela

execução progressiva do plano de trabalho que o homem esteja levando à prática, depois de havê-lo concebido e aperfeiçoado no campo mental.

Qualquer debilitamento do ânimo poria em perigo a feliz culminação da obra empreendida; em consequência, é preciso não claudicar diante das dificuldades ou obstáculos que, inevitavelmente, se apresentam no curso da realização em que se pôs empenho.

É fácil observar quão frequentemente o desalento, a dúvida e a demoralização sobrevêm a tantos que empreendem hoje uma coisa e amanhã outra, abandonando em pouco tempo seus empenhos. É que não se deve esquecer que todo esforço não habitual provoca fadiga e, depois, uma reação indiscutivelmente nociva para o temperamento sensível da pessoa, reação esta que tende a diminuir-lhe a atividade, fazendo com que busque o descanso, a imobilidade, para finalmente levá-la à inércia mental, ou seja, à prostração da inteligência, que apaga gradualmente o fulgor do anelo ou aspiração, luz que ilumina a trajetória a percorrer, enquanto os afãs de alcançar a meta não tiverem decaído.

Tal coisa acontece por duas causas que conceituamos básicas: a primeira, por falta de conhecimentos apropriados que determinem com clareza quais devem ser as normas a empregar e que papel fundamental os pensamentos desempenham, desde o instante em que se começa a desenvolver uma atividade com objetivos bem definidos; a segunda, por inexperiência. Não é novidade que, quando alguém atua em ambientes ou meios desconhecidos para sua experiência, a realidade golpeia frequentemente e com certa força o entendimento, a fim de conectá-lo mais estreitamente às funções que correspondem à observação dos fatos e das coisas que devem ser tomadas como exemplo para corrigir deficiências e aperfeiçoar futuras atuações.

Isto implica, tacitamente, que a pessoa se verá, numa infinidade de vezes, na necessidade de mobilizar todas as suas forças mentais para não desfalecer na luta, utilizando aqueles elementos que forem mais necessários e úteis ao seu melhor desempenho. Aqueles que carecem do conhecimento das verdades aqui expostas terminam por entregar-se, docilmente, nos braços da sedutora indolência.

O aumento progressivo e continuado das atividades que o indivíduo desenvolve traz consigo uma maior capacidade de produção, sendo, portanto,

cada vez menor o esforço requerido, em virtude da facilidade que o treinamento confere. Fazer uma coisa quando dela não se tem uma imagem ou ideia exata custa sempre mais trabalho do que quando, pelo conhecimento ou mesmo pelas conclusões analógicas, se está em condições de realizá-la.

O essencial é, sem dúvida alguma, aproveitar o tempo com o máximo de benefício.

Em nosso trabalho intitulado “Para uma maior capacitação mental”⁽¹⁾, dissemos que a atividade da pessoa, eficazmente desenvolvida, é índice de boa saúde mental, pois é bem sabido que quem não mantém uma atividade regular, que torne flexível sua inteligência, denota um estado psicológico precário.

O campo mental deve ser cultivado mediante um trabalho logosófico constante, ininterrupto, sistemático e metódico, a fim de desfazer as sombras que encobrem ou ensombrecem o entendimento. Isso já implicaria, por si só, o começo de uma evolução consciente, a qual estabeleceria um ritmo ascendente de superação integral.

Porém, se para empreender coisas pequenas faz falta uma certa preparação, é lógico que esta seja também exigida para as coisas grandes e de inestimável importância. É necessário, por conseguinte, preparar as condições pessoais e submeter o temperamento às provas da paciência, da constância, da disciplina e da obediência, se na verdade se quer triunfar, decidida e valentemente, na cruzada de aperfeiçoamento que cada um, por escolha própria e livre deliberação, se proponha a realizar.

Será indispensável destacar aqui, uma vez mais, que, para levar adiante um empreendimento de tal natureza, que exige profundas meditações, nunca se deve confiar no acaso nem tampouco em si mesmo mais do que é conveniente, sobretudo neste último caso, pois essa confiança só deve ser inspirada quando se esteja seguro da própria capacidade e conhecimento.

O contrário representaria um atentado contra as leis naturais que regem o bom senso e o processo lógico que cada um está obrigado a seguir em seus esforços de aperfeiçoamento. Em tal caso, as consequências não se fariam esperar, sobrevivendo os embates e choques – certamente bastante desagradáveis – com as circunstâncias mais adversas.

⁽¹⁾ Ver pág. 33 e Rev. Logosofia nº 8

Não basta, pois, quando se trata de enfrentar situações que exijam algo mais, algo que exceda a capacidade de quem se encontre em tal circunstância, não basta a boa intenção e disposição, nem ainda certas reservas internas. Em tais casos, sempre se terá de recorrer a uma reflexão maior, ao conselho dos mais experientes ou dos que podem oferecer um auxílio oportuno. Um bom nadador não poderia confiar em suas próprias forças, para cruzar um rio, se a largura deste o obrigasse a um desgaste de energias que poderia muito bem ser causa de um esgotamento capaz de fazer perigar sua vida, sem que ele conseguisse, evidentemente, cumprir seu propósito. Precisar-se-á valer-se, se não quiser sucumbir na tarefa, de outros elementos que reforcem suas possibilidades, e quanto mais eficientes forem estes elementos, tanto maior a certeza do êxito. Num caso semelhante vai se encontrar aquele que precisa definir posições e resolver os problemas que seu próprio trabalho de aperfeiçoamento lhe apresentar, caso não vá em busca do auxílio de outro mais adiantado e, se for possível, até mesmo da própria fonte de onde flui o saber que se propõe a alcançar, por ser ela a expressão mais fiel da sabedoria que indica e ilumina o caminho que ele quer percorrer.

Isto evidencia ainda mais a necessidade de adquirir conhecimentos que habilitem a pessoa para desenvolver-se com inteira eficácia dentro de um espaço maior e mais vasto de possibilidades. O adestramento logossófico é único neste sentido, diferente de tudo que já se tenha conhecido.

A Logosofia ensina que é primordial, antes de alguém se dispor a encarar uma determinada atividade, preparar o campo mental, ou seja, a própria mente, a fim de que, ao começar os movimentos dos pensamentos que nela intervirão, esse campo esteja limpo de obstáculos que possam dificultar o livre funcionamento do mecanismo atuante. Num campo de manobra, não se poderia cumprir um plano determinado, caso ele se achasse repleto de obstáculos que impedissem o desenvolvimento livre das tropas. Portanto, não será possível – e já dissemos isto muitas vezes – desenvolver uma atividade mental eficiente e produtiva se, dentro desse campo em que é necessário permitir a livre manifestação das ideias, existir um acúmulo de preocupações que tornem praticamente impossível o cumprimento de qualquer propósito que exija, imprescindivelmente, um espaço amplo para tal fim.

Existem muitos casos a respeito, e convém citá-los para que se compreenda, com a maior clareza, nossa exposição. Um rapaz que viva iludido, à espera de um emprego que lhe prometeram e cujo salário não é desprezível, deixa de empreender qualquer atividade que lhe demande um esforço ou sacrifício, por causa da inibição que a sedução do cargo cobiçado produz nele. Mas o cargo nunca chega e, no final das contas, deve afastar por completo de sua mente toda ideia a respeito dele, para se dedicar à busca de uma colocação por conta própria e com menos pretensões. Aquele que estuda uma ciência não pode ter a mente ocupada com pensamentos de outra índole, a não ser que queira correr o risco, como muitos correram, de arruinar sua carreira.

Isto demonstra que as leis se regem por princípios inalteráveis, e que estes devem aplicar-se a todos os casos similares. Não pode haver, portanto, uma exceção para o estudante-logósofo. Se ele quer penetrar nas profundezas do conhecimento e obter as luzes do saber essencial, não deve, sob pena de fracassar inevitavelmente, ocupar sua atenção mental com teorias estranhas, filosóficas, ou velhas doutrinas cuja serventia para a humanidade ninguém ignora.

A NECESSIDADE DE SABER AVALIAR A SI MESMO



Não falaremos aqui das pessoas economicamente abastadas, nem daquelas que, no terreno das ciências, das artes, da política ou de outra atividade de alto nível, se encontrem numa posição folgada e de prestígio. É possível que nos ocupemos delas mais adiante, mas há de ser, certamente, em observações de outro gênero, a fim de que nelas mesmas desperte um vivo interesse por iniciar a série de estudos psicológicos que a revista *Logosofia* apresenta no curso de suas publicações.

Vamos nos referir, portanto, ao ser comum, ao que ainda anda de um lado para outro sem conseguir estabilizar sua situação econômica, nem haver fixado uma rota que lhe permita não só determinar com precisão os objetivos que vai perseguir, mas também cumprir com as exigências do esforço que tais fins lhe haveriam de demandar.

Vemos que nesta situação se encontra uma enorme quantidade de empregados, profissionais e muitos outros que hoje voltam os olhos para uma atividade e amanhã para outra, sem escolher definitivamente nenhuma.

A causa de isto acontecer reside, segundo a observação logosófica, no fato de ninguém se preocupar em fazer um balanço sincero de seus valores, digamos, para maior compreensão do leitor: um balanço da capacidade e possibilidades com que acredita contar ou, melhor ainda, que está certo de possuir para alcançar a posição a que aspira.

Para estas pessoas de quem estamos falando – sem fazer menção a ninguém, ainda que muitos possam se sentir mencionados – é de todo útil efetuar o referido balanço com a mais estrita imparcialidade; noutras palavras, saber avaliar a si mesmo. Essa avaliação deve concordar em tudo com as reservas de que cada um julgue dispor; referimo-nos à produção

que se possa oferecer em troca do que se busca em compensação para satisfazer as necessidades e exigências do bem-estar próprio.

Se tomarmos aleatoriamente um bom número destes seres, perceberemos de imediato que a maioria já se avaliou a seu modo, podendo-se notar, evidentemente, uma inflação sem nenhuma economia. Para fazê-lo, tomaram como base tudo o que em sua imaginação projetam fazer, pois atribuem a tal perspectiva a condição de capacidade e, a suas promessas de cumprimento, a condição de possibilidade. Assim equipados, é natural que depois lhes seja muito difícil compreender por que os que haveriam de dar-lhes uma colocação não levam em conta tais proposições, nem os valorizam como eles se avaliaram. Mas isso eles compreenderiam com facilidade caso se convencessem, de uma vez por todas, após suas longas peregrinações em busca de um futuro melhor, que as promessas e os projetos que não são dados à luz não têm valor algum. Muito ao contrário, são mais propriamente fatores do próprio descrédito. Aquele que tem alguma noção de como deve em realidade avaliar a si mesmo cuida muito de não causar dano a seu conceito pessoal – que de certo modo viria a ser o conjunto simbólico de seus valores morais e intelectuais – com atitudes que prejudiquem sua reputação.

O conceito de que cada um goza no critério do semelhante é um capital que não deve ser gasto, para não diminuir o prestígio e cair no descrédito.

Agora, se observarmos as queixas de muitos dos que trabalham, por considerarem reduzido o salário que percebem, veremos que nenhum deles pensa que é livre para ganhar quanto quiser noutra parte. É claro que o difícil é encontrar um lugar melhor, e por isso ficam onde estão, queixando-se de que seus ganhos não são aumentados.

O capital que os emprega não lhes pagará cem se produzem cem, logicamente, nem mil se tão somente produzem mil; é esta uma reflexão que ninguém faz. As pretensões, como as aspirações insensatas de quem busca posições cômodas sem oferecer de sua parte a contrapartida – esforço, trabalho, etc. – que deve dar a quem dele se vale, são as que criam para o homem tantos reveses e amarguras, que ele depois atribui à sua má sorte.

De tudo isto será fácil deduzir que o ser humano deve aprender, aprender muito, ilustrar-se amplamente, consolidar sua cultura em todos os aspectos. Acima de tudo, porém, se quiser triunfar decididamente na vida, conquistando posições que poderiam parecer inacessíveis a suas forças, deve abastecer seu ânimo de muita paciência, muita vontade e muito entusiasmo. Depois, traçar para si um plano de tudo que se propõe a fazer, e fazê-lo, apesar de todas as dificuldades que se lhe apresentem.

Os antigos magos – homens ilustrados nas altas luzes da ciência –, quando algum aspirante a mago lhes perguntava o que devia fazer para alcançar o domínio do saber que eles possuíam, respondiam invariavelmente com uma das tantas fórmulas aconselhadas para esses casos, algumas das quais vamos mencionar: levantar-se às três horas da manhã em pleno inverno e cortar um ramo de cerejeira em flor, ou ir a um lugar onde existam hienas e arrancar uns três fios da cauda de uma que esteja enfurecida, ou morder o rabo de um gato cinzento, aplicando-lhe uma dentada a cada três minutos.

O aspirante a aprendiz de mago escutava atônito estas indicações e, parecendo fazer força para engolir alguma coisa, não conseguia tragar aquilo que tinha ouvido, exclamando por fim, pouco menos que horrorizado: “Mas isso é impossível, senhor!” Os sábios costumavam responder com assombrosa serenidade: “Claro que é impossível; mas assim lhe parecerá mais fácil fazer isto que vamos dizer.” E davam início a uma série de recomendações referentes a como devia se comportar e a tudo que devia executar para chegar a ser aquilo que havia motivado a pergunta. Não passava muito tempo sem que o aspirante refletisse acerca da razão contida naquela resposta que a princípio lhe haviam dado, pois percebia a quantidade de coisas absurdas que o homem pretende, tão impossíveis de obter como o ramo de cerejeira no inverno, já que isto geralmente acontece àquelas que estão fora de época. Também via o impossível que era realizar algo quando sua razão se turva e se encoleriza, tal como na imagem da hiena, e, finalmente, encontrava uma analogia perfeita na cena do gato, ao receber os arranhões daqueles que não permitiam que ele os incomodasse com suas exigências.

Este ensinamento mostra o proceder discreto e a prudência que o homem deve adotar por norma, para não sofrer decepções e expor-se ao ridículo.

AS RIQUEZAS DO CONHECIMENTO

Sua importância na vida do ser humano



Não obstante tratar-se de algo conhecido, convém recordar a diferença que existe entre quem sabe e quem ignora, colocados ambos ante qualquer circunstância em que se faça necessário tomar uma decisão ou optar por tal ou qual conduta a seguir.

O primeiro aplaina as dificuldades, e o resultado feliz de sua intervenção não se faz esperar; o segundo multiplica os obstáculos e complica de tal forma a situação já crítica, que, seja qual for a atitude que adote, sempre será equivocada – salvo em casos excepcionais –, e as consequências tampouco se farão esperar. As vantagens, pois, de quem sabe sobre quem ignora são indiscutíveis e de um valor extraordinário.

Porém, isto é em relação aos chamados conhecimentos correntes, que formam o grande rol das experiências, mais uma ou outra observação isolada, que se soma em apoio às convicções próprias. E dizer isso já é muito, quando o homem se coloca distante do medíocre que segue se debatendo nos planos – por certo bastante inclinados – da presunção, da aparência e da incontida ambição de situar-se entre os que triunfam e os que alcançaram um conceito que os distingue dos demais.

Tomemos o caso de cem homens cuja capacidade mental ultrapasse o comum e cem outros, de notória inferioridade mental, ou seja, de incapacidade devida à falta de cultivo de sua inteligência. Veremos que os primeiros, salvo uns poucos, em sua maioria terão conseguido vencer todas aquelas dificuldades que mantêm os segundos detidos, sem permitir-lhes transcender o estado precário em que se veem colocados, estado do qual escaparão – se conseguirem – somente por alguma circunstância especial que direta ou indiretamente os tiver favorecido.

É comum ver que estes últimos pedem ajuda aos primeiros, mas pretendem a ajuda fácil, a que não lhes cause incômodos nem implique maiores esforços para obter o que desejam. E se aqueles que conseguiram uma posição destacada, por meio do esforço próprio, da perseverança no cultivo das faculdades e do aumento de seus valores morais e de seu acervo de cultura, respondem a essas pretensões com conselhos sadios, indicando o caminho e os meios para conquistar o que lhes é pedido, são tachados de egoístas e injustos pelos que em nada empenham sua vontade em decididos esforços de superação, preferindo a ociosidade mental.

A inveja e o ressentimento são aliados inseparáveis dos três ou quatro pensamentos que o incapaz possui para dar uma satisfação por seus fracassos e ainda justificá-los para si mesmo. Busca sempre culpar os que, segundo ele, são obrigados a ajudá-lo, e atribui aos que triunfam o fator sorte que é negado a ele pela Providência.

Deixemos por ora esses aspectos que, embora comuns, têm sua importância, e que por algum motivo mencionamos, e passemos a tratar do que consideramos as verdadeiras riquezas do conhecimento.

É necessário que o homem, por exigência imperiosa de seu espírito e por sua condição de ente racional e inteligente, não seja estranho ao mundo que o rodeia, nem permaneça alheio às palpitações da vida que respira. Em resumo, necessita abastecer-se de conhecimentos para não fraquejar na árdua jornada que deve empreender e na não menos complicada obra que tem de realizar em si mesmo, se quiser alcançar e desfrutar os mais apreciados bens que a Criação, com sua maravilhosa natureza, põe à disposição de todo aquele que consiga se fazer credor de tão sublime prêmio.

Ao conhecimento de si mesmo, vasto campo onde são oferecidas todas as oportunidades de praticar e exercer o sacerdócio da paciência e da sábia compreensão, une-se em seguida o conhecimento do semelhante, com suas múltiplas e variadas características. E, como se isso fosse pouco, apresenta-se, ademais, toda a sabedoria estampada na própria Criação, cujos traços e características, desde os mais proeminentes até os que se mostram como mais simples à vista, o ser humano deve descobrir. E deve, também, familiarizar-se com eles, a ponto de poder comunicar-se depois com a sublime palavra que, em sua excelsa linguagem, pronuncia o exato

alcance de suas observações. É a palavra que confirma, para satisfação de seus esforços e desvelos, a inalterável e fiel expressão do compreendido em correspondência direta com o certo que, desde já, passa a fazer parte do conhecimento alcançado.

As riquezas do conhecimento são tão incalculáveis, tão inesgotáveis, que as maiores fortunas econômicas não poderiam ser comparadas em valor a elas, quando são possuídas sob a suprema garantia da evidência. As fortunas do metal podem ser gastas e se extinguir; as do conhecimento são eternas.

O saber protege o ser contra os males da adversidade e estende essa proteção a todos os que se colocam ao amparo de quem o possui. O homem bem dotado espiritual e mentalmente, que se posiciona acima da humana mediocridade, mantém à distância a adversidade, a qual respeita suas decisões.

O conhecimento outorga ao homem os dons que a ignorância lhe nega, e convém não esquecer quão ridícula e inconveniente é a postura daquele que, por ignorância, se põe a negar ou afirmar temerariamente, sem a menor reflexão.

Ao vermos essa juventude que protesta contra as exigências da disciplina e do estudo, não podemos senão experimentar uma sincera angústia com o só pensar em quão infeliz será seu futuro, ao enfrentar a realidade da vida, caso se veja sem as defesas necessárias que o estudo constrói para afastar os insucessos que haverá de sofrer como resultado das primeiras incursões no mundo, sem a experiência ou o conhecimento devido e indispensável.

A importância do conhecimento na vida do homem é, pois, indiscutível. Quem não se dispuser a conquistar as sublimes luzes do verdadeiro saber não terá direito algum de se queixar de seu futuro sombrio, porque a ninguém está vedado alcançar os inestimáveis frutos do conhecimento.

O SER HUMANO VIVE AMARGURADO

Causas de sua tristeza



Se observarmos o quadro psicológico do ser humano, fácil será descobrir que ele é por natureza triste.

Uma série de circunstâncias que o privam de experimentar a sã alegria de compreender a vida e realizar sua alta finalidade faz com que ele viva constantemente amargurado.

Foram investigadas as causas? Foram adotadas providências que propiciassem um destino melhor para a consciência humana?

Pensamos que não, já que a humanidade continua tão ignorante como antes, e seu destino comum, salvo as raras exceções em que alguns poucos superaram seus semelhantes, é o mesmo.

Analisemos, portanto, as possíveis causas que contribuem para a sua tristeza.

A criatura humana, desde muito tenra idade, vai cometendo uma série de erros que lhe trazem contrariedades, desgostos, padecimentos, etc., os quais insensivelmente se vão acumulando em seu ser, provocando-lhe, sem que o perceba, uma espécie de amargura que ele não entende nem pode definir. Daí que toda alegria que experimente por uma ou outra causa seja fugaz.

Fazendo cada um seu próprio balanço, constatará que as atuações errôneas são em maior número que os acertos. Nestas condições, não podem ser experimentados os naturais benefícios de uma existência feliz; a consequência do erro ou da falta é sempre ingrata para o espírito.

Se o homem se desse ao trabalho de realizar uma estatística de sua vida no que diz respeito à linha seguida em suas horas de alegria, felicidade e sossego, comparando-as com as de angústia, sofrimento e

desespero, observaria sem maior dificuldade que estas últimas, numa grande porcentagem, são a maioria.

Os sedimentos da dor não se extinguem tão facilmente; ao contrário, agravam-se toda vez que o mal, aparentemente adormecido, é excitado por novos motivos de pesar, seja como consequência de outras faltas ou erros, seja porque causas anteriores reclamam seu tributo de dor.

A criança que, por desobediência ao conselho dos mais velhos, perde uma das mãos ou um olho, ou desfigura seu rosto ao provocar uma explosão, transforma sua vida adulta num amargo sofrimento, ao comprovar a infelicidade que isso lhe ocasionou. Posto este exemplo como princípio, não será difícil para cada um repassar as páginas de sua própria história e encontrar, seguindo a ordem das leis analógicas, uma quantidade de casos similares que, sem representar para o físico a gravidade que apontamos na imagem exposta, têm para a compreensão uma importância vital, muito digna de ser levada em conta.

O truncamento de suas aspirações pela incapacidade própria de realizá-las; as limitações de seus recursos e as limitações próprias dos agentes condutores de seu esforço, que promovem os desagradáveis sintomas do fracasso; as contrariedades de toda ordem, somadas às exigências e necessidades da vida na luta diária para levar uma existência sadia, são outras tantas causas da amargura que invade a alma, enchendo os dias de tristeza e sofrimento, difíceis de afugentar.

Poder-se-ia alegar que esquecemos outra das causas de seu pouco ânimo, talvez aquela a que o comum das pessoas atribui maior importância – a econômica –, pois faz derivar dela grande parte de seus desgostos, seus estados de nervosismo e de constante exasperação. Efetivamente, há muito de verdade nisso; não obstante, insistimos que existem conhecimentos que suprem riquezas, da mesma forma que há aqueles que proporcionam alegrias inexpressáveis. O dinheiro, como tudo o que o homem possa possuir materialmente, é fugaz nas mãos de quem não sabe usá-lo para que sua vida seja útil e se afirme como uma existência feliz e digna.

Diremos, de passagem, que é bastante comum observar nas pessoas a tendência a recordar as horas de suas doenças e sofrimentos, omitindo, por outro lado, a expressão de suas alegrias e horas de felicidade. Com

isso, estendem inconscientemente a influência nociva daquelas, desde o momento em que, enquanto narram seus infortúnios, de fato voltam a amargar todos os seus momentos.

Não se pense, porém, que tal atitude provém do egoísmo humano, nem que se produz sempre por sugestão dos estados próprios de cada um. Deve-se atribuir isso, em muito, à mesquinhez corrente, pois com frequência quem expressa suas satisfações e seus triunfos é tachado de presunçoso e de alguém que faz ostentação, em detrimento de quem o escuta, menos feliz que ele, o que provoca uma reação, é claro que injustificada, de crítica e de desprezo. Como isto é sentido por todos instintivamente, ninguém se expõe a fazer um papel ridículo, relatando seus dias de felicidade para aqueles que teriam preferido, talvez, que lhes fossem narrados os dias de desventura.

Voltando ao ponto principal de nosso tema, temos de fazer notar quão oportuno seria alguém dedicar-se a uma investigação tão transcendente como é a de buscar os meios para remediar esse curioso aspecto da psicologia humana. Os conhecimentos superiores, repetimos, proporcionam alegrias inexpressáveis. Alcançá-los com paciente, perseverante e consciente empenho, eis a chave para afugentar a desventura e as sombrias linhas dos rostos cobertos de decepção e de tristeza.

A Logosofia penetra no que há de mais profundo da alma humana e – como pode verificar o leitor – permite observar, à luz de um conhecimento vivo, o que acontece na pessoa, mostrando as causas de ela viver a maior parte de sua vida amargurada e sem que nada a mova para conhecer a origem dessa mortificação, a fim de combatê-la e eliminá-la, para desfrutar a existência, se não em toda a sua plenitude, pelo menos numa parte considerável.

Que grande passo terá sido dado quando os homens se dispuserem a colaborar, de forma decidida e definitiva, na obra de reconstrução da vida, como um magno objetivo, avançando unidos pela senda do verdadeiro conhecimento, que a nosso juízo é o único que conduz à superemancipação espiritual, extinguindo a ignorância e eliminando os erros, grilhões estes que são de inexorável rigor e que mantêm a pessoa oprimida numa penosa e deplorável escravidão.

VITALIDADE PSICOLÓGICO-MENTAL



É indubitável, e a Logosofia afirma isto de forma muito clara, que o que configura o temperamento psicológico do ser humano é a sua condição de ser racional e, por extensão, consciente e emocional. De acordo, portanto, com o grau de evolução de cada membro desta privilegiada espécie, deve ser considerada a maior ou a menor magnitude de seu quadro psicológico. Isso porque, dentro da escala do aperfeiçoamento, existem diferenças psicológicas que são bastante apreciáveis se a tarefa é estabelecer conclusões acertadas sobre os valores de cada indivíduo.

A observação logosófica tem evidenciado, em inúmeras oportunidades, que o sistema psicológico-mental, no comum das pessoas, se acha desvitalizado, sendo a causa principal disso o abandono em que se encontra, por obra da ignorância que, bem se sabe, atua como elemento anestésico ou corrosivo sobre os centros de energia, produzindo em consequência o estado de indiferença que não é outra coisa, como dissemos, senão a influência narcótica que a ignorância exerce sobre a natureza psicológica da pessoa.

Toda a constituição psicológico-mental se ressentir visivelmente a partir do momento em que cessa no ser humano a natural tendência de iluminar sua inteligência e absorver a luz do conhecimento. Já se viram casos em que as pessoas chegaram até a embrutecer-se e a perder inteiramente a dignidade, abolindo dentro de si todo vestígio de moral e esquivando-se ao menor dever de convivência humana⁽¹⁾.

Quando o homem se preocupa em fortalecer seu espírito, oferecendo-lhe tudo que seja necessário para seu maior esplendor, de fato vigoriza seu sistema mental e psicológico, fazendo com que aumente em potência o vigor de seus centros vitais de expressão.

⁽¹⁾ *Fatos estes observados em campos de concentração durante a guerra de 1914 e na atual.*

As fraquezas do ânimo humano provêm do acentuado debilitamento das fontes internas geradoras das energias vitais de cada um. E esse debilitamento é provocado pelo descuido no cultivo do terreno da própria produção, bem como pela perda de forças que os erros e faltas cometidos implicam. Ninguém poderá questionar a esse respeito, pois a consistência do aprumo natural da moral humana se desmorona no instante em que se produz o erro ou a consumação da falta. Isso faz com que a pessoa experimente o rigor da lei, ao notar a inferioridade de condições em que, por sua culpa, se vê colocada no conceito do semelhante a quem o erro ou falta tenha chegado a alcançar e afetar.

A vitalidade psicológico-mental é obtida mediante um constante aumento de conhecimentos que habilite o homem para uma capacitação mais ampla. Esse conhecimento, adquirido de forma progressiva, é o que fertiliza os campos mentais e as fontes de produção interna de energias.

Que força tem, por exemplo, a palavra do medíocre diante da expressão clara e segura de quem fala fazendo ver e observar tudo que passa des- percebido? A propósito, quantas vezes já não vimos mais de uma figura arrogante dobrar-se, apagando-se de sua fisionomia o orgulho e a vaidade que ostentava, ao encontrar-se com uma realidade que não lhe permitiu permanecer erguida sobre o pedestal que só existia em sua imaginação?

Os erros e as faltas, repetimos, ocasionam ao homem uma considerável perda de forças. O temor é a primeira consequência, porquanto debilita toda a consistência de seu habitual aprumo; as defesas internas cedem sob a pressão do quebrantamento moral, e o desânimo se apodera da psicologia afetada, deixando-a quase que à mercê das circunstâncias, às quais deve enfrentar sem mais recurso que aquele que lhe pode ser dado pelas reações naturais de seu próprio espírito, tendentes a reparar seus extravios e a corrigir sua conduta.

O ser humano, sensível por si mesmo a todas as situações que comovem seu espírito, como também a toda manifestação externa que o afete direta ou indiretamente, ou que o impressione moralmente, está sempre exposto ao debilitamento de suas forças, experimentando quase que diariamente uma verdadeira desvitalização psicológico-mental. Em consequência, consideramos que uma de suas preocupações básicas deverá ser a de vigorizar seu

espírito, fortalecer seu ânimo e exercer um sadio controle sobre suas forças, a fim de conservar o equilíbrio entre as energias que gasta e as que repõe.

É um erro pensar que somente o repouso e o sono restabelecem as forças e restituem a vitalidade debilitada. Na ordem psicológica, e mesmo na mental, é indubitável a importância que tem a função do descanso, por sua ação reguladora e equilibrante; mas as fontes internas que geram energia requerem igualmente uma revitalização, diremos constante, não só com o objetivo de repor os desgastes, mas também com vistas a aumentar progressivamente as forças potenciais, de forma que permitam uma maior e crescente utilização delas. A dinâmica mental requer ser mantida no mais alto grau de regularidade funcional.

É comum esquecer, talvez por ignorá-lo, que, enquanto o corpo se alimenta e realiza um trabalho de assimilação e nutrição, a alma – cuja realidade inegável é palpável nas manifestações da mente que promovem a atividade do pensamento, bem como nas palpitações do coração que servem de válvula ao sentimento – também necessita de sua alimentação, sua assimilação e nutrição.

A Logosofia ocupa-se principalmente da alma, cuja expressão é a mente, pois é nesta que se verifica o maravilhoso enlace do espírito com o corpo, por entender, sem a menor sombra de dúvida, que é nela onde se realiza a ação fecundante do processo de evolução consciente.

Se dotarmos nosso juízo de uma maior capacidade de esforço reflexivo, será fácil compreender a importância que tem, para a própria existência, a vitalização psicológico-mental. E esta somente pode ser concebida com base em uma conduta invariável de superação, encaminhada para satisfazer as necessidades que irão gradualmente crescendo, à medida que o processo interno adquira intensidade e vigor, e a inteligência penetre mais profundamente nos arcanos do conhecimento.

Não é o simples estudo o que haverá de tonificar a psicologia humana, senão o conjunto das atividades compreendidas dentro do que corresponde ao bom investigador e ao melhor intérprete dos ensinamentos proverbiais da Criação. Esse conjunto compreende o estudo, a maturação dos elementos que haverão de ingressar no acervo próprio, considerando-se seu valor ou virtude como agentes auxiliares do entendimento, o exame detido da

utilidade prática que podem oferecer e, depois, sua aplicação inteligente para que os resultados compensem o esforço e convertam o aprendido num conhecimento vivo para benefício e serviço do bem que cada um persiga.

Os conhecimentos isolados são fragmentos de forças, mas não deixam de ser forças, já que sustentam o ânimo, dão vigor à vontade e, unidas sob o influxo de aspirações sãs e de nobres ideais, fazem fluir em torrentes o entusiasmo e a energia, gerando o estímulo que, como tropa de vanguarda para novas conquistas no vasto campo da estratégia mental, leva a pessoa, decididamente, rumo ao cumprimento de sua verdadeira missão. Essa missão é a que foi desvirtuada e confundida pela ignorância, que colocou ante os olhos humanos, junto ao espectro da impotência, a figura sinistra da dúvida e da impaciência.

Em meio a bosques e montanhas inabitadas, quem sabe orientar-se pelo conhecimento e pela experiência se sente forte para encarar os perigos que possam ameaçá-lo, até que encontre o caminho que o conecta com a civilização. O inexperiente, desprovido das mais elementares noções de ilustração geográfica, só sabe ficar pensando em sua desgraçada sorte, e o desespero invade sua alma, desguarnecida de defesas, produzindo-se o colapso mental que acaba no terror. O mesmo ocorre com aquele que perde um emprego e, carente de recursos, se sente incapaz de bastar a si mesmo e solucionar sua situação econômica sem a intervenção de terceiros.

O que menos pensa o empregado comum é, precisamente, que seu cargo se encontra preso por um fio e que a todo o momento está exposto a ser despedido, por não serem seus serviços indispensáveis ou necessários. Eis aí outro caso de desvitalização psicológico-mental. Se o empregado de nosso exemplo tivesse se preocupado em habilitar-se mentalmente para qualquer outro trabalho, dentre aqueles que exigem maior responsabilidade, seguramente se veria menos exposto a experimentar a dura realidade de sua falta de capacitação. Ele se teria vitalizado o suficiente para não esmorecer diante da luta, e suas possibilidades de triunfar seriam inegavelmente maiores.

As forças nunca abandonam aquele que sabe usá-las com inteligência e que lhes oferece a segurança de que não correrão o perigo de ser mal empregadas.

Pelo que ficou tratado neste estudo, o leitor poderá apreciar o enorme valor da vitalização psicológico-mental como recurso para não precisar assistir, como ator e espectador, forçosa e permanentemente, ao drama desventurado de sua própria vida.

DINÂMICA MENTAL



O exercício da inteligência, quando se quer aplicá-lo a conhecimentos de um nível hierárquico superior ao comum, exige ser convertido num hábito permanente.

A dinâmica mental se articula e se põe em movimento em razão do desenvolvimento progressivo das faculdades. O centro gerador de energias, o dínamo pensante que condensa e fluidifica a substância mental, é constituído pelo conjunto do sistema. Sem ser dependente da vontade, não atua independentemente dela, pois existe uma ligação íntima entre a parte mental e a volitiva.

No homem comum, o dinamismo mental se circunscreve a uma função mínima, a estritamente indispensável para satisfazer às necessidades correntes, atender os deveres diários e uma ou outra questão anexa à rotina de suas obrigações. No profissional, no homem instruído e preparado para outra classe de preocupações, a função dinâmica se amplifica pelo volume e categoria dos assuntos que atende. A uma maior dedicação ao trabalho determinado pela natureza das preocupações, corresponderá uma maior capacidade energética para acumular reservas dinâmicas, apesar de muitas vezes ocorrer que excessos de trabalho mental, sem a devida reparação do desgaste – seja porque não se deu tempo a isso, seja porque não se soube carregar a mente com novas energias –, provocam um decaimento das funções da inteligência, comumente chamado de *surmenage*, que outra coisa não é senão as consequências de uma fadiga prolongada que, no final, tanto relaxa e desajusta o jogo harmônico das faculdades mentais.

Vejamos, agora, como se produz o movimento dinâmico do sistema.

Enquanto o homem não pensa, os centros do entendimento permanecem inativos. As energias são reabsorvidas pelos próprios centros que as geraram; o capital que uma indústria produz é absorvido por ela, se a produção diminui de forma considerável, alterando seu funcionamento normal.

Ao contrário, quando o homem concebe um plano de atividades com vistas a conquistar o bem de que necessita, é como se pusesse em tensão todos os músculos mentais. Tal ocorre porque, durante esse período, ele se vê na necessidade de lançar mão de todos os recursos de sua inteligência e de todo pensamento que possa servir aos fins de sua aspiração. Isto já promove dentro de sua mente uma atividade feliz, que interessa vivamente aos centros dinâmicos que geram energias.

O fato de prever uma infinidade de detalhes e ter que completar a imagem-mãe do plano, em princípio concebido em suas formas mais visíveis, obriga a um trabalho intensivo que, como dissemos, põe em funcionamento os centros dinâmicos produtores de energias. Se estas são empregadas de forma útil, as vantagens que se obtêm são inestimáveis.

Tudo revive no campo mental. A vida é uma expressão de força que alenta a existência⁽¹⁾. Se no seio da existência a vida cessa, volta ela a ser reabsorvida pela Criação⁽²⁾.

No terreno logosófico, a dinâmica mental realiza quase que prodígios, ao proporcionar as energias suficientes e o seu constante aumento, segundo sejam as exigências do processo de evolução consciente, no qual, por rigorosa consequência, o acúmulo de conhecimentos exige das atividades da inteligência um desenvolvimento mais amplo.

O cultivo do poder assimilativo do entendimento é um dos melhores meios para obter um bom rendimento energético e encarar esforços de maior peso e transcendência.

⁽¹⁾ Ver p.27 (*O segredo da função criadora do espírito*).

⁽²⁾ Os quatro reinos – hominal, animal, vegetal e mineral – o confirmam.

A HERANÇA DO PENSAMENTO



O conceito comum de herança se limita a apontar as taras, as más inclinações e defeitos físicos, os quais, por serem visíveis nos filhos, são atribuídos aos pais. Raras vezes as altas qualidades ou as virtudes são mencionadas como produto da herança; talvez seja por se apresentar como uma *mosca blanca* quem tiver herdado dons tão preciosos. Geralmente, de pais talentosos, destacados nas ciências, na política ou na arte, nascem descendentes medíocres, que necessitam dizer a cada momento de quem são filhos, para que se acredite em seu parentesco.

A Lei de Herança é inexorável em sua justiça ou, melhor ainda, na justiça que aplica. Não pode haver exceções que desnaturalizem sua essência.

Muitos perguntarão: “E, sendo assim, fica cada um à mercê de suas possibilidades, já que não haverá de contar com a fortuna do conhecimento que seus progenitores possam legar-lhe?” Efetivamente, isso é verdade; e aí se pode apreciar quão sábia é essa lei. Se alguém dilapida o patrimônio econômico que tanto custou a seus pais adquirir, pior uso haveria de fazer do conhecimento, ao não possuir sequer as mais remotas noções de seu valor, nem a experiência, nem tampouco o grau de sensatez requerido para empregá-lo devidamente no próprio aperfeiçoamento e com fins altamente humanitários.

A lição é clara e simples: não ponham ao alcance das mãos de uma criança os comandos da usina que distribui a luz, porque ela os deixará às escuras. Não avivem repentinamente a chama do saber, sem antes recomendar que se retire da mente todo pensamento inflamável, pois se correrá o perigo de provocar um incêndio mental.

Eis, portanto, postos em evidência os caracteres mais proeminentes do ponto que queremos focalizar.

Digamos, agora, para informação das pessoas em geral e para confirmação de nosso juízo, que o ser humano é o herdeiro universal de todos os dons da Criação. Mas isto não quer dizer que os herde naturalmente; significa somente que é o único que pode herdá-los. E há mais ainda: pode herdar todo o bom como todo o mau que existe, segundo sejam suas inclinações e o grau de discernimento alcançado.

E chegamos ao que conceituamos de primordial importância para a vida da pessoa: a herança do pensamento. Consideramos que não será necessário especificar, aqui, o significado e o valor da palavra herança, pois contamos com a perspicácia do leitor para dar-lhe o sentido que corresponde, depois de apreciar seu conteúdo e sua aplicação.

Quando observamos que muitas pessoas lamentam não descender de linhas ilustres e atribuem à sua má estrela a origem humilde que têm, não podemos senão experimentar um profundo sentimento de pesar, ao comprovarmos a fragilidade do espírito humano, tão sujeito – salvo raríssimas exceções – a debilitar-se e deprimir-se, sem que os recursos próprios influam decididamente sobre tão errôneo critério.

Por uma lei sábia e universal, inalterável e inexorável, os legados da inteligência pertencem à humanidade. Os pensamentos de alta hierarquia moral e mental que animaram a vida de tantos homens esforçados e abnegados, de renome mundial, não recolheram suas asas ao se extinguir essas vidas, nem se ocultaram entre as páginas do último sonho ou entre as sombras da última morada; ao contrário, remontaram o voo e, em fecundas e gloriosas etapas, cruzando mares e continentes, espalharam pelo mundo os benefícios de sua presença, como agentes precursores de grandes verdades e como auxiliares poderosos do entendimento humano. Assim, navegando pelos céus de todos os povos que existem na Terra, já vimos os nomes de gênios, sábios e heróis de cruzadas eternamente memoráveis, deixando atrás de si uma auréola resplandecente, cujo rastro reluzente iluminou a mente de muitas gerações.

Os velhos mestres da Antiguidade, entre os quais estiveram pensadores famosos e filósofos que se dedicaram de corpo e alma a exemplos que acreditaram fossem justos; os militares e estadistas virtuosos que

levaram o progresso e a civilização a povos mergulhados na escravidão; os cientistas que apontaram novas rotas para o melhoramento humano – sempre foram tidos como grandes, quando seus pensamentos, após titânicas e ferrenhas lutas, conseguiram despertar a atenção e fazer que se percebesse o bem que continham.

Em quantas mentes a luz desses pensamentos penetrou? Quantas foram fecundadas pela semente de extraordinárias concepções da inteligência, nas quais eles participaram com todo o poder de sua influência criadora?

Eis explicada a herança do pensamento. Nem mencionaremos, como uma mostra mais conclusiva, os cristãos que herdaram o pensamento de Cristo, nem os maometanos, os budistas ou os que seguiram os preceitos de Moisés.

Vamos agora nos referir aos que, herdando o pensamento de celebridades universais – não propriamente como essência mental fertilizante a constituir-se em outra fonte análoga, mas sim como veículo influente que permite sua maior expansão –, deram motivo a que germinassem os conhecimentos em épocas florescentes, estendendo-se os benefícios por todos os âmbitos do mundo.

Assim, os descobrimentos da ciência tiveram seus continuadores, os quais, em heroicas jornadas e numa leal consagração à causa da humanidade, mereceram participar da glória de seus principais inspiradores, cujos nomes pluralizaram ao serem chamados os *Pasteurs*, os *Newtons*, os *Ehrlichs*, os *Marconis*, etc. Tais menções, por outro lado, implicam o reconhecimento da autoridade dos dignos herdeiros daqueles pensamentos benfeitores, que tantos serviços prestaram à humanidade.

Poderão nos perguntar, ainda, o que é que com maior força pode vincular as mentes aos pensamentos de elevada hierarquia de eminências que existiram ou existem, cuja capacidade ficou evidenciada por suas produções de elevado valor moral, científico ou de qualquer outra espécie, e nós responderemos sem a menor dúvida: o exemplo.

Esta é a expressão inconfundível e mais acertada com que se pode reconhecer a legitimidade dessa herança.

A LEI DO MOVIMENTO



Se observarmos quão fecunda é a Lei do Movimento que rege toda ação, veremos que a uma maior atividade corresponde um maior benefício e melhores perspectivas de evolução. Tomemos o caso de uma indústria: se o desenvolvimento se realiza numa pequena escala, as despesas gerais absorverão os ganhos, e as finanças andarão aos tombos, sem poder contar com uma base segura. Em vez disso, se é intensificada a atividade, fazendo-se com que a produção se amplie cada vez mais, os gastos gerais serão reduzidos até desaparecer, enquanto aumentarão os benefícios pela própria gravitação do volume dos negócios, cujo rendimento se multiplicará com a multiplicação das operações que se realizem, mercê do ritmo intensivo de uma florescente atividade.

No homem sucede coisa igual. Aquele cuja capacidade empreendedora for muito limitada pouco renderá em proveito de suas necessidades físicas; o mesmo acontecerá com quem, tendo suficiente capacidade, se conformar em desenvolver uma atividade medianamente produtiva. Num e noutro caso, sempre se andarão aos tombos com as finanças, sem poder equilibrar o orçamento das necessidades.

É esta uma das causas, talvez a principal, por que a maioria é de temperamento volúvel, instável, pois se perdeu, como é dito comumente, a confiança em si mesmo.

A Lei do Movimento a que aludimos é inexorável e incorruptível, tal como todas as leis universais. Neste estudo, determinaremos seu caráter e sua realidade em tudo o que diz respeito à vida humana.

O homem deve intensificar sua atividade até encontrar seu centro de gravidade e conseguir o equilíbrio, mas primeiro deverá saber que a uma maior intensidade de movimentos (produção da inteligência) corresponde uma maior estabilidade e equilíbrio. Um ser comum pode manter o esforço até alcançar, por exemplo, o equilíbrio econômico no aspecto doméstico, mas isto não é suficiente para assegurar a estabilidade

desse equilíbrio, pois fatores alheios a sua vontade, ou circunstâncias imprevistas, poderão alterá-lo, ocasionando-lhe nessa ordem de coisas as consequentes perturbações.

Na senda do aperfeiçoamento, a atividade deve ser progressiva, em ritmo ascendente, até manter um grau de intensidade suficiente para dominar a maior parte dos campos do conhecimento. Nenhuma região da mente deve permanecer inativa, uma vez que a evolução tem de ser integral e com plena intervenção da consciência.

As leis analógicas nos demonstram a correspondência que existe entre isto e os astros, cujo equilíbrio se verifica pelo ritmo acelerado de seus movimentos de rotação. O Sol, cujas revoluções superam as de seus irmãos menores do grande império solar, é o que fixa o centro supremo de atração e determina, com sua poderosa vibração, produto de sua elevada posição na hierarquia astral, a órbita que devem seguir os que, sob seu amparo, cumprem os elevados destinos fixados pela evolução sideral. Idêntico processo se cumpre na escala humana, e os mais altos postos da perfeição são reservados àqueles que se fazem dignos de penetrar no seio das verdades eternas.

A velocidade vibratória de um astro produz luz; sua lentidão provoca sombra.

A velocidade do pião nos mostra que, quanto mais intensa ela é, tanto mais firme é a estabilidade dele, que até parece imóvel quando gira sobre sua diminuta ponta.

O princípio evangélico que expressa: “a quem tem, mais lhe será dado” aparece aqui intimamente conectado à lei de que tratamos, pois mais vantagens e benefícios são dados àquele que mais produz, já que, por regra universal, o mais conserva o menos. Daí que “ao que não tem, ainda o que tem lhe será tirado”, porque, se um ser possuir um pedaço de pão e não tratar de obter outro, logo o perderá ao comê-lo. Deve, por lei de previsão, ter outro que o substitua no momento em que este desaparecer. De maneira similar, quem é dono de um pequeno capital deixará de tê-lo se o gasta antes de possuir outro que o substitua. As energias físicas, como as mentais, serão gastas ou diminuirão consideravelmente se a pessoa não se preocupar em repô-las e ainda aumentá-las.

E, já que mencionamos as energias mentais, diremos que estas são passíveis de ser aumentadas em grande escala e manter um ritmo veloz em todas as atividades do pensamento.

Não é possível que a inteligência diminua a intensidade de sua atividade enquanto dure a plenitude de sua lucidez, a menos que, preferindo o homem fazer cessar essa intensidade, aceite as contingências da lentidão e, finalmente, as alternativas que a inércia lhe possa oferecer, com seu cortejo de manifestações nocivas: a preguiça, o ócio, o fastio, o relaxamento moral, etc., que viciam a vida e a fazem infecunda.

Ninguém jamais se lamentará por haver respondido com diligência e fidelidade às exigências da Lei do Movimento, pois a compensação ao esforço é, geralmente, instantânea. Em vez disso, muito deverá padecer aquele que viva à margem dessa realidade, crendo que é suficiente passar os dias numa atitude indiferente e vegetativa. Já vimos quantos milhões de almas vagueiam pelo mundo, cambaleando e desenhando círculos como o pião, o qual, carecendo de impulso, cai dentro do último que traçou.

A ARTE DE CRIAR A SI MESMO (II)



Atendendo às consultas que nos são feitas sobre este tema e aos reiterados pedidos para que novamente o abordemos, voltamos a ele, mas não sem fazer notar, antes, que muitos de nossos estudos, publicados nestas páginas, têm estreita relação com a arte de criar a si mesmo.

Em princípio, devemos declarar que esta tarefa não é nada simples, pois não se trata de uma escultura comum que cada um pode realizar, e sim do suprassumo da arte atuando como agente do aperfeiçoamento humano, mas atuando sob a ação direta dos conhecimentos que se utilizem para tal fim. Não incluímos nesta função os que, com meio século de existência, tenham uma personalidade já formada que dificilmente mudariam, porquanto a tais pessoas agrada bem mais inteirar-se da eficácia dos métodos que os demais adotam, interessando-se apenas pelos êxitos obtidos, após o que chegam a aplaudir e recomendá-los com veemente entusiasmo. Salvo raras exceções, estas pessoas se acham, além disso, bloqueadas por compromissos sociais e obrigações de todo tipo, os quais, como elas costumam dizer, só lhes dão tempo para passar os olhos num livro ou naquilo que mais desperte seu interesse.

Esclarecido isto, vamos focalizar, para os que queiram cultivar esta arte, os diversos matizes que ela apresenta.

Consideramos subentendido que cada trabalho que a pessoa empreende requer, em primeiro lugar, um estudo e, depois, uma consagração para assegurar o triunfo de seu esforço. Segundo seja o trabalho a realizar, prepara-se o lugar e os elementos de que se valerá. Não se pode pensar, pois, que para o trabalho interno de aperfeiçoamento se haverá de proceder de outro modo.

Quem, após prévia reflexão, se decida a manejar o buril para esculpir sua nova imagem psicológica deve pensar se está, com certeza, de acordo com a maneira como conduziu sua vida até esse momento; se é incitado por tudo o que é alheio a seu conhecimento; se o movimento íntimo de ser sempre algo mais do que é, levando em conta que, neste caso, ser mais significa possuir um saber que não é comum, por mais alto que as ideias resplandeçam.

Se, com a firme convicção de que não existem em seu acervo interno preocupações dessa espécie, tão singulares e elevadas, a pessoa aceita a oportunidade de criar uma nova individualidade que substitua sua anterior configuração psicológica, terá de começar, com um verdadeiro e nobre empenho, por facilitar à nascente figura tudo de que ela necessite para poder definir sua expressão e erguer-se viçosa e cheia de vigor espiritual.

Deverá traçar uma linha demarcatória entre o que, por um lado, foi sua vida e o mundo em que atuou – ou seja: sua existência passada, suas questões íntimas, amizades, preferências, inclinações, hábitos e tudo o que pertença a ela – e, por outro lado, a vida que ora inicia e o mundo agora convertido num novo e grandioso cenário, onde haverá de atuar como protagonista de sua própria obra, a obra que seja capaz de realizar em si mesmo.

Mas o fato de fazer tal discriminação não quer dizer, de nenhum ponto de vista, que a pessoa deva bruscamente cortar a ligação com toda a sua vida passada; não. Deverá apenas afastar-se gradualmente de suas modalidades negativas e prescindir daqueles pensamentos que não colaborem em sua declarada ânsia de superação.

O novo mundo a que aludimos é, justamente, aquele que vai ser preenchido com a vida que se inicia e povoado de imagens brilhantes e fecundas. Será necessário, então, que essa vida não se contamine com nada do que lhe possa causar dano. Não é conveniente que, depois de esboçar a imagem da individualidade com a qual cada um aspira a identificar-se, seja ela conectada a tudo o que pertença ao passado em seus aspectos não construtivos. Daí que seja preciso traçar uma linha divisória, como sugerimos, e cuidar muito bem para que as atuações de

uma e outra vida não sofram uma mútua interferência, nem que os pensamentos que devem atuar na nova vida se misturem com os da anterior. Estamos nos referindo, sempre, a tudo o que não é aconselhável para os fins perseguidos.

Para isso, será preciso criar um ambiente propício, que facilite o labor interno e ofereça à nascente individualidade todo o estímulo e alento que ela haverá de reclamar. O campo a ser-lhe oferecido terá de ser fecundo, para fortalecer e robustecer, a um só tempo, tudo o que pertencerá a essa individualidade que formaria o novo tipo psicológico do homem. A tarefa de criar outro ambiente diz respeito ao mundo interno, mas essa nova vida, essa nova individualidade, deve, logicamente, receber de alguma parte o eflúvio vital. Bem, esse eflúvio vital é o conhecimento que o ensinamento logosófico lhe oferece. Tal ensinamento é o que haverá de dar alento à nascente individualidade e, assim como lhe outorga o conhecimento, lhe dará os meios necessários para que possa eliminar todos os perigos que a ameaçam, e até para defender-se de suas velhas tendências e demais modalidades nocivas que possua.

Entretanto, para alcançar tão precioso triunfo, é preciso que o homem avance, avance sempre. E, se alguma vez tiver que se deter por qualquer motivo, deve aproveitar essa parada para meditar e pensar, seriamente, se lhe é dado tirar de sua vida as prerrogativas que para ela foram abertas com o fim de levá-la para mais perto da alma universal, que anima e faz palpitar o coração de todos os seres humanos. Se por um momento pensasse em quão penoso é estar constantemente desfazendo o feito quando deu começo à obra de si mesmo, com certeza decidiria de uma vez por todas a continuá-la, sem desfalecer diante de nenhuma dificuldade.

Criar uma nova individualidade implica afastar-se daquele que antes se foi para ser aquele que se quer ser, o que será alcançado se, com o esforço continuado e o constante auxílio do ensinamento, cada um consegue sobrepor-se a todas as dificuldades e obstáculos que as deficiências próprias do temperamento humano fazem surgir a cada passo.

Nesse trabalho de constante superação integral, o homem deve colocar-se numa sólida posição, inalterável, que é a da observação

serena, do exame imparcial, cujo fruto seja uma contribuição à sua inteligência, para aproveitar todo elemento útil e poder compreender melhor cada fato, cada circunstância e cada motivo que afete o processo de aperfeiçoamento que ele segue.

Tal observação deve ser feita sem a menor intenção de crítica, sem agitação, mas sim com o mais ardente anelo de progredir nos estudos e investigações, até alcançar positivos resultados e firmes e inapreciáveis conhecimentos sobre a psicologia humana, principiando pela própria. Vamos dar a respeito uma formosa chave: quando se enxergar um defeito no semelhante, deve-se ver esse defeito como se fosse próprio; tudo que se veja de mau ou defeituoso, ou que faça experimentar desgosto – sejam atitudes, modos, gestos, palavras ou ações –, deve servir para fazer uma apreciação acerca daquilo que pudesse haver de parecido no quadro psicológico de quem observa. Nesses momentos, deve-se chegar até a experimentar a sensação de que somos nós mesmos que estamos no lugar dos observados. Mais tarde, em seu ateliê, o gênio escultor aperfeiçoará sua escultura, modelando-a, retirando dela esses defeitos que viu como um retrato seu estampado nos demais.

Procurando bem, no âmbito mais profundo da pessoa – muitas vezes costumam ficar encobertas na recordação as atuações ou gestos já produzidos –, aprofundando as imagens, possivelmente se encontre em alguma delas um defeito similar. Se não for encontrado, menos trabalho custará modelar a nova individualidade e iluminá-la com vivas e puras expressões. Porém, ninguém pode dizer que não teve gestos impróprios ou atitudes que tenham provocado uma reação contrária no semelhante; e se depois volta os olhos para as palavras ditas, quantas delas também não puseram às claras deficiências internas. Desta maneira, o entendimento se ocupará das próprias falhas e considerará como tempo perdido aquele que for empregado para criticar os demais, manifestando desgosto por suas deficiências e erros. A pessoa começará, pois, a experimentar desgosto consigo mesma e a ser mais tolerante com o próximo, em vez de sê-lo excessivamente com as próprias faltas. Isto também fará com que se veja refletida, em cada defeito alheio, mesmo que seja de passagem, uma expressão de sabedoria, pois o fato de ver o mal por si mesmo ensina a modificar as próprias imperfeições. Tudo é útil quando no ânimo existe

a disposição de considerar que tudo seja útil, que tudo seja benéfico, que tudo seja positivo.

Ver no esforço alheio a expressão máxima de boa vontade e tratar de que os olhos dos demais possam ver isso em nós; observar não somente os defeitos dos semelhantes, mas também tudo de bom, para ver se isso existe dentro de nós mesmos e, se não existir, criá-lo, se possível superando-o. Eis como surgirá, paulatinamente, a nova individualidade, firmando-se na consciência, encontrando sempre um elemento útil para utilizar em sua constante atividade de gênio criador, que vai lavrando dentro de si seu futuro destino. Não será um destino igual ao dos que marcham cegos pelos caminhos do mundo, por idênticas rotas, mas sem outros pensamentos que não sejam aqueles que colocaram na mente quando calçaram os primeiros sapatos.

Criar a si mesmo deve ser o objetivo máximo da existência do homem; criar uma nova individualidade, capaz de fazê-lo andar pela vida sem sentir as amarguras que, constantemente, experimenta por suas imprevisões e por sua indiferença a tudo o que possa ser um motivo de esforço para superar-se e alcançar metas mais altas e um destino melhor.

OS PROBLEMAS DA CONSCIÊNCIA E DA EVOLUÇÃO CONSCIENTE



Ao falar dos problemas da consciência, queremos dizer que nos referimos única e exclusivamente aos que se apresentam ao entendimento, forçando-o a definir quais fatos pertencem ao domínio da consciência e quais ao campo da inconsciência ou do subconsciente.

A maioria se detém no instante em que deve determinar os limites de cada zona. Há os que confundem uma com outra, e também os que já escreveram muito a respeito, abstendo-se de qualquer pronunciamento definitivo.

Para poder determinar com inteira clareza a concepção logosófica sobre a consciência e fazer com que se compreenda melhor o seu alcance, vamos atribuir ao conteúdo da palavra consciência dois sentidos diferentes, a saber: o da consciência comum, que é o estado racional de advertência própria sobre as palavras e atos quando ocorrem como produto da vontade, mas sem assumir, em muitos casos, o caráter de verdadeira noção consciente da atuação, e o da consciência que atua sem interrupção, estabelecendo um controle permanente do trabalho mental, em virtude do qual os conhecimentos ingressam no acervo interno, sendo eles, precisamente, os que dão o verdadeiro caráter à consciência.

Dentro do quadro das projeções *cronógenas* da atitude individual, existem significativos indícios de possível suplantação da consciência pelas formas particulares de suficiência corrente. É o critério peculiar a cada idiosincrasia o que faz as vezes da consciência ou, melhor ainda, o que a substitui no jogo das funções lógicas que correspondem ao entendimento. Assim, é possível considerar a todas as pessoas normais como sendo conscientes de seus atos e palavras. Não poderia ser tampouco de outra maneira, quando se trata de ajustar a conduta de cada um ao grau de responsabilidade que lhe corresponda. Neste caso, até alguém

de inteligência mais escassa aguça os recursos de sua mente para evitar as consequências de seus erros ou faltas, nas quais, a julgar pelo critério comum, a consciência pareceria não haver intervindo.

O certo é que a aurora da consciência se manifesta quando as sombras do desconhecido são bloqueadas e vencidas, em parte, pela inteligência, no esforço por alcançar maior domínio nos planos do conhecimento.

Como é natural, esse esforço não pode reduzir-se a uma simples ilustração ou investigação parcial de verdades desconexas. Deve tender, logicamente, a unir a realidade existente, que tenha tomado contato com a razão, com a que ainda não se manifestou como tal ao entendimento, mas incluindo, na série de noções preliminares que levarão ao conhecimento de altas verdades, tudo o que faça parte do real existir.

O conhecimento é dado ao homem à medida que ele evolui. Se essa evolução se acelera, computando-se os avanços que são realizados, tanto mais depressa se conseguirá estar em condições de obter maior iluminação mental, uma vez que ao progresso fecundo da capacidade interna serão somados, como sinais de orientação ou referência, os conhecimentos que se tenham incorporado ao acervo próprio, tornando-se mais fácil a redução das dificuldades para descobrir outras verdades que ampliem as possibilidades de saber.

Já dissemos repetidas vezes ser necessário ativar o desenvolvimento das faculdades com base numa evolução consciente, pois só assim podem ser assegurados resultados ultrassatisfatórios; porém, para realizar essa evolução, é imprescindivelmente necessário conhecer os elementos, munir-se deles e atuar com eles. Agora, como no mundo comum eles estão dispersos por todas as partes, torna-se sumamente difícil para a generalidade das pessoas poder usá-los e mesmo desfrutá-los, sem que escapem constantemente de sua influência ou controle.

Pois bem, a Logosofia apresenta ao ser humano, ao discípulo, três grandes elementos com os quais ele pode atuar. O primeiro é o campo experimental; é o campo de ação, de atuação, que a Escola oferece, onde estão reunidos muitos dos elementos que se encontram dispersos pelo mundo e onde se torna sumamente fácil sua observação e estudo. O

segundo é constituído pelos próprios discípulos, com o acervo de experiência e conhecimento que uns e outros vão adquirindo e oferecendo aos demais numa mútua participação. O terceiro elemento é representado pelos livros e publicações, nos quais estão inseridos os ensinamentos que o discípulo consulta para obter claras definições de pontos que ele, de outro modo, não conseguiria compreender.

Tudo forma uma ordem, um conjunto metodológico que torna factível a evolução consciente, porque, com o consentimento da própria consciência, da própria razão, constantemente está sendo utilizado de forma lúcida tudo aquilo que é indispensável para a dita evolução. A pessoa atua ao mesmo tempo que corrige, modifica e completa seu aprendizado, tanto pela atuação própria como pela atuação dos demais a quem esteja vinculada, porque se encontra num campo experimental em que se apresentam as mais variadas e abundantes oportunidades para a observação clínica pessoal. Não obstante, é preciso que ela esteja atenta a todos os problemas que possam apresentar-se à mente e exercer um rigoroso controle desse avanço constante que está fazendo rumo à região conhecimento, para o que, repetimos, é indispensável o contato de uns com outros, a fim de intercambiar essa série de impressões que surgem da observação das imagens que se projetam aos olhos do entendimento, circunstância que deve ser aproveitada para consolidar o próprio convencimento.

Efetuados assim os ensaios de confirmação dos acertos alcançados nessa observação, cada um obterá por resultado a segurança dos avanços que vá percebendo em si mesmo, bem como a convicção acerca da eficácia de suas atuações.

Para um ser entregue à sua própria iniciativa, é muito difícil, se não impossível, criar o ambiente, reunir os elementos e tê-los quase que à sua disposição para poder realizar este mesmo processo conscientemente, porque encontrará uma série de resistências que lhe impedirão toda tentativa a respeito.

Pois bem, como criar o campo favorável em que se haverá de basear a evolução? Como haverá de estimular-se e sustentar-se? Eis a obra que a Logosofia está realizando por intermédio de sua Escola.

O que vimos dizendo é confirmado por uma série de fatos. Tomemos, por exemplo, este: quem quiser aprender um idioma vai em busca do ambiente adequado e dos elementos de estudo. O ambiente será a escola, o instituto especializado ou o país da língua que se quer aprender; os elementos, todos aqueles que falam esse idioma, que lhe tornarão possível familiarizar-se com sua fonética e chegar a falar tão bem como os demais. Mas, se quiser aprender francês e vai para onde ensinam inglês ou vai para a China, jamais saberá o francês. Tampouco poderá chegar à prática de um idioma comprando livros e isolando-se para estudá-los; transcorrido um tempo e diante daquele que o fala perfeitamente, perceberá o erro, porque a forma de falar será tão defeituosa que não poderá ser compreendida, ao mesmo tempo que não compreenderá a quem fala corretamente. Igual coisa acontece – por que não haverá de ser a mesma coisa, se está regido por idêntica lei? – com o estudo da Logosofia, ou seja, com a aquisição dos conhecimentos logosóficos. É preciso frequentar o ambiente onde se estuda Logosofia e estar em contato com os elementos que favoreçam a realização dessa aspiração.

Na ordem das imagens, por acaso existe nas pessoas em geral uma rígida direção nos princípios que determinam suas atuações? A resposta, nós a temos nos mil projetos que cada um costuma fazer diariamente, mas que depois não realiza, e que no caso de ser realizados ficam muito diferentes dos que foram planejados.

Para que uma pessoa atue bem, e caso queira dotar o sistema mental-psicológico e até o físico com o máximo de energias, evitando ser vencida pela inércia, pela preguiça ou pelo cansaço – três fatores que comumente fazem os homens fracassar – é necessário que ela conheça a fundo o que se propõe a fazer e avalie sem exagero o alcance das próprias forças e capacidade.

Não existe, geralmente, base sólida para manter os propósitos que se acham em via de realização, e se estes, por uma ou outra eventualidade, são até certo ponto mantidos, chega um momento em que a resistência dos elementos em ação torna insuportável o equilíbrio que se empenhou em sustentar, desmoronando, então, dentro da pessoa, até a própria esperança que ela podia abrigar em sua realização. Por que acontece isto?

Porque a imagem é concebida pela metade, só a primeira parte da imagem, e se confia que tudo mais virá como complemento. Quantos começaram a fazer algo que abandonaram a certa altura! Uns quiseram aprender uma profissão, outros uma arte, um ofício ou mil outras coisas, e o empenho durou, pode-se dizer, o que dura a espuma do champã-nhe: apenas o momento de ser servido. Isso se deve, como dissemos em primeiro lugar, justamente à falta desse auxiliar constante, tão imprescindível ao homem para que ele possa vencer a preguiça, a inércia e o cansaço.

Isto quer dizer que somente a força do conhecimento pode permitir ao homem realizar até as mais altas aspirações, porque é ela o maior estímulo a que pode ele aspirar. Quanto mais conhecimentos possua, mais força terá, e mais formosos serão os frutos de sua realização.

A Logosofia afirma que em todos os seres humanos existem possibilidades; é a primeira a reconhecer sua existência em maior ou menor grau, ao mesmo tempo que as estimula, a fim de que se manifestem. Cada um deve ir realizando a função que corresponde a essas possibilidades, para que elas, em vez de permanecer latentes, se evidenciem em sua mais expressiva realidade. Uns podem ter uma condição própria, não por havê-la adquirido mediante o esforço, mas sim por havê-la trazido consigo ao nascer, condição da qual outros carecem e que, sendo útil, deveria despertar nos demais a preocupação de possuí-la. Não podem queixar-se, é justo dizer, aqueles que nada fazem para alcançá-la, nem tampouco predispõem sua capacidade para poder desfrutá-la. Mas não se deve esquecer que estamos falando de uma condição, ou seja, um aspecto da configuração psicológica. Isso quer dizer que, em relação às condições que podemos possuir, não devemos concentrar o esforço em conseguir apenas uma, e sim em realizar o maior número possível delas, para que a superação seja de caráter integral.

É lógico, se existe uma porção de força dentro do ser humano, que ele procure encaminhá-la num ou noutro sentido, pois sempre tratará de melhorar aquela condição ou qualidade em relação à qual tenha mais possibilidades, em virtude de se haver despertado dentro dele a predisposição. Entretanto, daí a ser consciente da vontade empregada, ou consciente dessa predisposição, existe uma grande distância, já que a generalidade

das pessoas não pode explicar para si por que ocorre que tenha tal ou qual facilidade, ou o que encaminha sua vontade em tal ou qual direção.

Mas este não é o objetivo da existência nem da vida. Por sobre essa ilustração que se busca ou para a qual se dirige o esforço ou se orienta o pensamento, existe um campo ilimitado de projeções para o futuro do homem, que ele deve ir cultivando para que sua capacidade de conhecimento seja cada vez maior, porque, apesar de os aportes de saber no mundo físico serem necessários para as atuações correntes, com os conhecimentos transcendentais será possível atuar noutros campos mais elevados e, até mesmo, não só viver na plenitude de consciência no que respeita à própria existência, mas também viver no conhecimento de outras existências que o próprio universo apresenta, pois já sabemos que não são somente os seres humanos os que o habitam. Há outras classes de existência que o homem constata quando aumenta potencialmente seu cabedal de saber, chegando a familiarizar-se com elas, a ponto de preocupá-lo tanto quanto a própria. Não nos referimos às que possam ser encontradas desde os astros até o átomo; estamos fazendo particular alusão aos pensamentos como entidades animadas, cuja presença no cenário da vida humana é tão relevante.

Para que a evolução consciente se verifique, é indispensável registrar todas as atuações que se tenham e correlacioná-las cronologicamente; isso indicará, melhor que tudo, os valores que se vão conquistando e as mudanças lógicas que se vão experimentando no ser interno, à medida que se avança pela senda do conhecimento. Exercer um controle consciente de todos os episódios que se vão vivendo é algo indispensável, a fim de que estes não surjam no cenário da vida em desordem ou motivados por circunstâncias alheias à vontade, mas sim propiciados por ela, de modo que, ao assumir o governo do próprio ser, se saiba aonde se vai e se trate de organizar e ordenar o curso de tais episódios, para que nada escape ao controle e se possa seguir um método simples e adequado no prosseguimento da obra de superação individual.

Tudo que entra no campo da consciência é para ela inegável e assume, para o indivíduo, o caráter de convicções indestrutíveis.

CONFERÊNCIA PRONUNCIADA POR RAUMSOL NO 12^o ANIVERSÁRIO DA ESCOLA RAUMSÓLICA DE LOGOSOFIA, EM SUA SEDE DA CAPITAL FEDERAL⁽¹⁾



Ao dirigir-me a todo o discipulado, nesta data que assinala um marco histórico na rota que a Escola Raumsólica de Logosofia vem percorrendo, não posso deixar de expressar o íntimo júbilo que meu coração experimenta pelo florescimento que constato na alma de muitos que se identificaram com a obra magna que esta Escola realiza, na qual todos, por igual, encontram o calor de poderosos estímulos e a oportunidade de edificar, dentro de si, uma nova individualidade, com valores inalteráveis e permanentes.

Se a Obra ainda não se estendeu mais, se ainda não ingressou, digamos assim, na consciência pública, não se deve pensar, de maneira alguma, que o ensinamento logosófico deixou de cumprir sua fecunda missão. Tampouco se deve, de nenhum ponto de vista, atribuir tal fato à Logosofia, mas sim à lentidão mental da maioria, por uma parte, e por outra à sua indiferença, que não tem permitido um desenvolvimento mais amplo e eficaz do movimento que a concepção logosófica proporciona. Posso hoje lhes assegurar que é enorme a quantidade de pessoas que conhecem a existência da Escola, que seguem com marcante interesse tudo o que se publica sobre Logosofia, e também que é grande o número das que comparecem às diversas filiais da Instituição para se informarem.

Muitos de vocês conhecem o árduo trabalho e as lutas que tive de sustentar para defender e apurar os valores fundamentais da Obra. Hoje,

⁽¹⁾ Devido à extensão da conferência e por falta de espaço disponível, transcreve-se apenas uma parte dela.

podemos dizer que a verdade logosófica se vai impondo graças à sua própria e irrefutável força; essa verdade se expande, aqui e acolá, para anunciar aos homens que um novo mundo de possibilidades se abriu diante deles.

Mas vejamos, discípulos, o seguinte: O que é esta Escola? Que outra coisa ela representa para vocês, além de um mundo em formação, um mundo em pequeno, onde se está forjando uma nova humanidade? Não vem plasmada em cada um de vocês a imagem do gênero humano? Vocês não personificam em conjunto a humanidade inteira? Sim, justamente porque, em cada um de vocês, existe algo dessa humanidade, porque ao ingressarem nesta Escola todos trazem os traços, as tendências, os pensamentos e as deficiências que caracterizam a humanidade nas muitas etapas que ela foi transcendendo no curso da História.

Nesta Escola, neste imenso laboratório onde é provada a eficácia de um grande método, estamos, portanto, comprovando as virtudes e excelências de um singular descobrimento, ao mesmo tempo que praticando e experimentando conhecimentos de incalculável valor, derivados de uma sábia e grande Verdade.

Vou demonstrar-lhes, agora, com imagens claras, como nada pode resistir à penetração da sabedoria logosófica. Nas múltiplas observações e estudos que realizo para iluminar a mente de meus discípulos, em particular, e também daqueles que queiram beneficiar-se com os conhecimentos que ofereço incansavelmente e sem limitações, extraio a essência do que constitui um episódio. E o que é inexplicável para todos – com algumas raras exceções – tem para a compreensão logosófica significados extraordinários, no que se refere à condução do entendimento para imponderáveis reflexões, capazes de enriquecer a alma até convertê-la em guardiã dos sublimes arcanos que contêm as chaves com que são decifrados todos os enigmas da Ciência Universal e eterna – uma aspiração e um elevado sonho dos grandes e virtuosos artífices da inteligência.

Infelizmente, a ignorância, que submerge os homens na escuridão nociva da indiferença, é a que limita seus alcances e impede que a grande maioria possa ver, com os olhos do entendimento, aquilo que haverá justamente de servir-lhe para livrar-se de sua imperceptível mas

potentíssima malha, fazendo retroceder as sombras para além das mesmas fronteiras que diferenciam os reinos hominal e animal.

Suponhamos que neste momento disséssemos a um ser: “Você está vendo aquela rocha viva incrustada naquela montanha? Pois bem, dentro dela, a 25 metros de profundidade, existe um tesouro de incalculável valor. Tome esta picareta e várias outras ferramentas e comece a trabalhar na busca dele.” Com certeza, ele pensaria primeiramente no longo tempo que seu trabalho duraria, no esforço que este lhe exigiria e, finalmente, no melhor dos casos, depois de cavar um ou dois metros, desistiria, desalentado. Mas eis que chegamos à data em que, tivesse ele continuado a cavar, haveria alcançado a profundidade de 25 metros e dado com as riquezas que lhe foi assegurado existirem ali. E nós o encontramos em situação igual ou pior, se comparada à daquele momento em que aplicou os primeiros golpes contra a rocha, tendo malgastado suas forças em inúmeras coisas estéreis, perdendo o tempo que não quis ocupar em cavar, por temer perdê-lo, e lamentando sua má sorte. Quantos há que poderiam ser enquadrados dentro dessa imagem que acabo de apresentar! Indolência! Terrível narcótico que mantém a alma humana embriagada de inércia e de voluptuosa negligência, debilitando-a até anular suas decisões e seus melhores propósitos, enquanto se apossa da vontade e suga as energias, como faz a planta parasitária que se enrosca em certas árvores e acaba por lhes absorver inteiramente a vida.

Buscando, como sempre faço, nos fatos e episódios humanos impressos nos anais do tempo, a confirmação das leis que regem e determinam as possibilidades do homem, encontrei na história das grandes prisões singulares episódios, que revelam, à inteligência capaz de compreender, verdades profundas e motivos sublimes de meditação. Não falo aqui dos que vão para os presídios por condutas que representam um perigo social, mas sim de certos presidiários que, durante a reclusão, prepararam as bases de obras que depois haveriam de torná-los célebres e até imortais no pensamento de seus semelhantes. É desnecessário que citemos seus nomes; muitos são bem conhecidos. O cárcere propiciou a eles a oportunidade de utilizar com inteligência lúcida as três forças combinadas: paciência, perseverança e necessidade, oportunidade que noutras circunstâncias possivelmente tivessem desprezado, como acontece a tantos.

E é assim; dessas três forças combinadas nasce o poder que habilita quem as combina a levar a bom termo empreendimentos louváveis. Muitos, em plena liberdade e no mesmo tempo, não realizam nem uma milésima parte do que projetam, pois perdem o tempo, gastando-o como se gasta o dinheiro facilmente adquirido. E o pior é que ainda alegam não terem tempo para se ocuparem de outras coisas que não sejam aquelas que lhes proporcionam passageiras satisfações.

Eu demonstro, com o exemplo, não só haver incluído em minha vastíssima coleção de ensinamentos o que recolhi do que a história dos presídios oferece a quem sabe penetrar em sua essência, mas também haver realizado fora deles obras ainda maiores, porque me é fácil situar-me dentro de uma prisão e encarnar as necessidades e a alma dos que concentram, dentro da cela, todas as suas energias e seus esforços em realizações daquilo que deve constituir a vida mesma, idealizando-a como fizeram aqueles presidiários que viveram transportados para o mundo mental, onde é mitigada a dor e onde as fadigas são aliviadas.

Este é, estimados discípulos, o conselho que lhes dou e que está fortalecido pelo exemplo que demonstra a possibilidade e a forma de cumpri-lo. Façam de conta que, por um momento, estão vivendo a tragédia do homem que perdeu sua liberdade e que deve ajustar suas horas às exigências desse encarceramento. A folgança é, ali, o pior inimigo; o ser se encontra à mercê dos pensamentos que aguçam sua dor. Quantos pensam, nesses instantes, em tudo o que fariam se fossem livres! Quantas coisas prometem a si mesmos! Pois bem, façam de conta que neste momento vocês estão saindo da prisão, e façam tais coisas, não renunciem a suas promessas.

Não duvido – estou, ao contrário, bem seguro – de que muitos de vocês pensam que talvez seja tarefa de realização impossível a de sobrepular, numa infinidade de aspectos, a civilização atual, com base nos conhecimentos que a Logosofia apresenta. Apesar disso, também muitos já tiveram que modificar esse pensamento, ante a evidência e a realidade dos resultados surpreendentes que obtiveram e que lhes foi possível comprovar.

Entretanto, se fosse necessário – para maior convencimento de que é possível aos seres humanos, com uso da razão, experimentar transformações psicológicas vitais que redundem em benefícios imediatos,

enquanto se verifica uma verdadeira evolução – recorrer a referências que ilustrem e ao mesmo tempo demonstrem quão possível é realizar o que estou enunciando, não precisaria mais que apresentar-lhes o que o próprio homem faz com o animal que ele quer melhorar, até fazê-lo alcançar aperfeiçoamentos que deixam surpreso o público que vê os resultados em magníficos exemplares chamados de “puro sangue”. O que é ali cuidado e valorizado? O *pedigree*, que em grande parte é constituído pelo próprio esforço, paciência e perseverança do homem, ao aperfeiçoar numa superação constante as condições físicas do animal. Temos depois o amestrador, que cultiva a parte anímica do animal, fazendo que essa incipiente inteligência responda, pelo treinamento e pela disciplina, a regras de conduta, executando ora acrobacias, ora movimentos engenhosos.

Ora, se isto é realizável nos animais, que carecem de todos os dons que adornam a espécie humana, como não haverá de ser possível que a mente, pelo aprendizado, cultivo, adestramento e prática experimental, possa alcançar aperfeiçoamentos ainda mais estupendos? E que as vidas, evoluindo conscientemente, se convertam em formas superiores de existência, que por sua vez façam possível a existência de um mundo melhor? Negá-lo seria cair na mais espantosa iniquidade de nosso juízo, já que teríamos sentenciado o gênero humano a uma eterna ignorância, incluindo-nos, logicamente, na sentença condenatória.

A Logosofia abre, pois, as portas de um novo mundo mental, pleno dos mais admiráveis significados para a vida humana. Mas é necessário, para penetrar nele sem se alucinar, efetuar antes o lógico percurso que demanda uma esmerada e profunda preparação logosófica, porque nesse mundo que interpenetra o que todos vocês conhecem, as coisas assumem um valor diferente, e as palavras, os fatos e as circunstâncias se definem pela compreensão iluminada por conhecimentos de outra ordem, cuja concepção em muitos casos difere, fundamentalmente, da concepção comum. Logo, para não se extraviar – compreenda-se bem isto –, deve-se efetuar uma familiarização com os termos que caracterizam as expressões que definem a linguagem logosófica, começando por examinar a importância capital que tem a diferenciação dos significados que são determinados na acepção logosófica e os que são atribuídos no mundo corrente.

Vocês encontrarão assim o porquê a expressão logosófica, não obstante sua clareza e simplicidade, é muitas vezes erroneamente interpretada ou mal compreendida pelos que a escutam ou leem pela primeira vez. Poucos, na verdade, são os que captam a essência do pensamento que a anima e veem nela, ou pelo menos intuem, o formidável alcance de nossos esforços.

Doze anos de trabalho continuado, discípulos, são suficientes para inspirar o respeito e a consideração que esta gigantesca obra merece. Tenho a íntima convicção de que, à medida que os conhecimentos logosóficos amadureçam na mente de muitos de vocês, mercê do constante treinamento e prática dos ensinamentos, mudanças notáveis se irão produzindo na evolução individual e coletiva, e assim será, também, como se irão manifestando exemplos viventes da verdade que a Logosofia encarna.

SOBRE O CONTEÚDO LOGOSÓFICO



O ensinamento logosófico contém não só a essência da Sabedoria, como também a do afeto, cuja força possui a virtude de irmanar as almas e facilitar a mútua compreensão entre todos os que se unem pelo conhecimento e por esse mesmo afeto.

Nada poderia ser feito se, em verdade, a vontade não estivesse impregnada desse amor puro e grande que permite ao ser as mais honrosas manifestações de seu sentir. Nada que não seja feito com amor perdura. O amor exige paciência, esforço e perseverança, e exige também convicções profundas; daí que assuma tão alto significado o poder do ensinamento logosófico, dado que não é letra morta, mas palavra viva que leva a força da própria vida, e quem sinta a força dessa vida haverá de ser capaz de transmiti-la e fazer com que os demais a sintam.

A Logosofia já poderia ter dado conhecimentos tão grandes que teriam transformado ambientes inteiros e encaminhado muitas almas em direção a um mundo melhor, mas foi tal a escuridão reinante em torno delas, que precisou lutar muito para que a luz penetrasse nessas profundas trevas e as reconduzisse à claridade do dia.

O autor da Logosofia tem dedicado e consagrado a esse labor todas as horas de sua vida; não cessa um instante de auxiliar a mente de seus discípulos, para que possam ir transcendendo os estados de compreensão necessária e consolidar uma maior capacitação mental. Nem sempre pôde encontrar a mesma disposição em todos para seguir a trajetória do pensamento criador rumo às regiões da inteligência, ali onde o homem encontra a explicação de sua existência e abre sua intuição aos eflúvios da vida universal. A essas regiões é que, precisamente, com o maior empenho, trata sempre de levar o chamado “rei da Criação”, para que não continue sendo súdito dos instintos do selvagem.

Muitas modalidades rebeldes devem ser vencidas no processo de superação; muito é o que deve ser modificado na estrutura do temperamento humano, na qual foram impressas numerosas características que, hoje, impedem que a evolução consciente possa ser acelerada em grau máximo. Não obstante, algo muito grande se conseguiu nesse titânico esforço, que foi o fato de haver feito com que as horas de todos os que colaboram na obra realizada pela Escola de Logosofia fossem mais produtivas, bem como mais ricas em motivos dignos das almas que anseiam superar-se, e que, ao fixar sua atenção em múltiplos detalhes que antes passavam despercebidos à vista e observação comuns, cada um haja aumentado seu cabedal interno de valores.

A existência, a verdadeira existência do ser humano, deve ser forjada nos arcanos do conhecimento. Desafortunado é aquele que a forja nas misérias da ignorância.

O homem tem um caminho imenso aberto em direção aos cumes mesmos da perfeição, mas não o sabe; ignora sempre o que está além de sua vista e de seu entendimento. Por isso, sempre necessitou que alguém lhe ensinasse esse caminho e o conduzisse por ele, a fim de não se perder nas mil tentações que margeiam as trilhas da vida, pugnando por tentá-lo e seduzi-lo.

O ser humano está limitado a suas possibilidades; pode saber o que viveu, mas a noção de seu futuro não vai além do dia que ele está vivendo. O futuro lhe é tão incerto como o é a própria vida, cujo conteúdo e significado desconhece. Não obstante, cada um pode conhecer seu futuro, se tomar, como ponto de referência, o que é capaz de fazer em dez dias. Se sua vontade assim o quiser, os dez dias seguintes poderão ser iguais, ou poderão ser superados, pois isso depende da própria pessoa. Sendo assim, se, nesses dez dias, em vez de fazer coisas pequenas, tal pessoa prepara suas energias inteligentemente para realizar coisas grandes, poderá, pelas perspectivas de sua própria preparação, conhecer o futuro.

Ninguém deve pensar que a vida transcorre rumo à fatalidade devido a um plano implacável, porque seria negar o mérito de sua própria existência. A vida não pode ser abandonada a uma casualidade

semelhante, sob pena de ter a sorte um tanto miserável de submergir-se nas tenebrosas regiões do nada.

Embora seja certo que Deus criou o ser humano e pôs em sua vida todos os recursos necessários para suportar os mais severos rigores da adversidade, certo é também que cada um pode fazer jus a essa criação, ao alcançar a consciência plena do que representa sua existência dentro do gênero humano. Nada poderá ser mais grato, aos olhos de Quem a criou, do que ver o ser aproximar-se gradualmente a Ele, descobrindo, primeiramente, os conhecimentos que assinalam a rota da evolução até a máxima ou suprema culminação e, depois, identificando-se com eles.

A vida dos seres humanos está totalmente interpenetrada pela essência mental da Mente Cósmica; por isso, se em tudo mais a criatura humana é limitada, ao elevar-se ao plano mental este rompe suas limitações e a vida se amplia e toma contato com a vida universal. É então que pode apreciar todas as coisas de outro modo, e aí compreende, às vezes com bastante dor, como são estéreis as horas de tantas vidas que permanecem alheias a semelhante realidade.

APROFUNDANDO ASPECTOS DA EVOLUÇÃO



Todo o tempo durante o qual o homem habita este planeta, e que constitui sua própria vida, é determinado por uma sucessão de fatos que culminam no instante em que a vida se recolhe nos umbrais da morte. A Logosofia chama de processo-mãe a esse conjunto de fatos que se vão sucedendo na trajetória da pessoa, pois na verdade é o grande processo que o homem vive durante toda a sua existência humana, e o que encaminha a humanidade para um destino comum prefixado.

As mudanças, as transições e mesmo as transformações que a pessoa experimenta no curso de seus dias se verificam, quase sempre, no plano da inconsciência. A infância, com sua inocência e as tendências incipientes do caráter em formação, projetando o futuro no homem de amanhã; o crescimento; os transe da puberdade e da adolescência; os percalços da juventude, com suas irreflexões e excessos; as sacudidas violentas da realidade; as contingências da idade adulta e as reflexões da velhice, tudo passa inadvertidamente, como se se cumprisse um plano inexorável. E, de fato, é assim para aqueles que não podem escapar à influência desse plano, mas difere fundamentalmente para aqueles que, adotando a mais enérgica de suas decisões, reclamam para si o direito de ser donos de um destino melhor e, ao lhes ser proposta a rota que haverá de conduzi-los às diáfanas regiões do conhecimento, iniciam-se nela com resolução.

Ali, nos domínios do entendimento superior, é onde cada um começa sua evolução consciente, afastando-se gradualmente dos planos da inconsciência, nos quais se achava mergulhado, até emergir definitivamente, como a fênix sagrada surgindo das próprias cinzas (vestígios do velho homem), e aparecer resplandecente de felicidade, encarnando uma vida que desfruta de outros privilégios, vedados ao restante da humanidade que ainda vive à margem, no espaço confinado de suas limitações e de sua ignorância.

Pois bem, na vida ordinária, esse processo-mãe se vê perturbado e, muitas vezes, lesionado em sua medula por uma série de acidentes, circunstâncias ou atos que determinam o surgimento daquilo que a Logosofia chama de “processos anexos”, os quais, em geral, costumam até absorver inteiramente a vida e desviar totalmente o ser humano de seu processo-mãe. Tal é, por exemplo, o caso conhecido daquele que desenvolve sua vida de forma normal e, de uma hora para outra, por uma circunstância imprevista, impelido por um ato de irreflexão ou violência, mata ou comete uma falta que depois o coloca sob os rigores da lei. O processo-mãe foi aqui interrompido temporariamente, até que a pessoa volte a reintegrar-se à vida normal, ainda que essa interrupção possa ser, também, causa de modificações substanciais no referido processo. O mesmo caso nós temos em quem, por causa de uma doença, se vê obrigado a interromper o ritmo de suas atividades e, por conseguinte, as formas correntes de sua vida.

Tudo se altera e se abala nas prerrogativas internas do homem, quando circunstâncias eventuais transtornam de tal modo sua vida, que ele é levado a experimentar, de forma brusca e violenta, os choques psicológicos mais cruciais e terríveis, tanto que costumam inibir sua vontade e convertê-lo, de um ser capaz e responsável, num tonto, num inconsciente ou num cínico.

Não é esta a situação de quem, inesperadamente, vê a mão do policial que o domina, fazendo-o perder a liberdade, e a da justiça, atormentando-lhe a alma? Não é esta a situação de quem, arrastado por amigos a uma mesa de jogo, perde toda a sua fortuna e se vê de repente ante uma realidade que o enlouquece? Não é também a da pessoa que, gozando da melhor saúde, subitamente sente que ela é afetada e, na pior das incertezas, penetra numa sala de cirurgia? Não é a do pai que perde o filho, e a daqueles que, unidos por vínculo de afeto, devem sofrer separações irreparáveis?

Tudo isto nos mostra a fragilidade da existência humana e a necessidade imperiosa de ajustá-la, com mais solidez e consistência, a um destino menos aleatório e incerto.

Dissemos que, na vida comum, o processo-mãe se vê perturbado e, muitas vezes, lesionado em sua medula por uma série de acidentes, circunstâncias ou atos que determinam o aparecimento do que a Logosofia chama de “processos anexos”. Mesmo quando pudesse acontecer a mesma coisa enquanto se realiza o processo-mãe sob os auspícios do conhecimento logosófico, a evolução consciente propiciada pela Logosofia oferece uma das maiores e mais inestimáveis vantagens: esses processos anexos se distanciam cada vez mais uns dos outros, ou seja, são menos frequentes e intensos, pelo próprio fato de que a pessoa assume um controle permanente dos pensamentos que atuam em sua mente, graças à influência do novo ritmo que imprime a sua vida.

O aproveitamento da experiência, no registro das observações que haverão de servir de base para as atividades futuras, tem uma importância capital. O autodomínio na esfera da realização efetiva da evolução consciente é vital para o normal funcionamento das engrenagens psicológicas internas e, sobretudo, para não malograr o livre desenvolvimento das faculdades da inteligência que, com lucidez cada vez mais clara e diáfana, haverão de intervir para encaminhar o grande processo-mãe em direção às altas regiões dos superconhecimentos.

Alguém poderia perguntar com que objetivo terá de cultivar a mente e prepará-la para a aquisição desses elevados conhecimentos, se ainda não pôde apreender os que estão mais a seu alcance. E a isto a Logosofia responde que precisamente aqueles talvez estejam mais a seu alcance do que estes, já que interessam vivamente à própria vida e, ao mesmo tempo, permeiam todos os demais.

É possível que isso possa não ser compreendido com a clareza necessária, mas o que vamos expressar virá em auxílio do bom entendimento: um superconhecimento, para os fins da evolução consciente, vale mais do que cem conhecimentos de outra categoria. É a mesma diferença que existe entre a luz de um fósforo, que ilumina momentaneamente um ambiente, e a de uma luminária elétrica, que o ilumina plenamente e seguirá iluminando enquanto o olhar, dirigido pela inteligência, necessitar usar dessa luz para tudo aquilo que lhe interesse ver e conhecer.

ENFOQUES DE ORDEM CARACTEROLÓGICA



Uma das tarefas que se tornam mais difíceis para o logósofo, ainda que ele ponha nisso sua maior boa vontade e todo o seu entusiasmo, é a de informar de maneira precisa sobre Logosofia às pessoas que, vivamente impressionadas pelos notáveis progressos que observam naqueles que a praticam com inteligência, interessam-se por conhecer em que reside ou se baseia a força construtiva desta ciência singular. Isto é o mesmo que tratar de saber de um enamorado o que é o amor e que força lhe assiste para havê-lo convertido num ser otimista, previdente, que procura duplicar seus esforços para melhorar sua situação econômica, etc. Há uma diferença, não obstante, e ela consiste em que, neste caso, a mente do Romeu se povoa de mil ilusões, enquanto que, no outro, ela se inspira em realidades fecundas. Mas a semelhança existe no fato de que não se pode explicar, em poucas palavras, o que é fruto, como no caso do logósofo, de um esforço continuado e de um processo conscientemente realizado, e aquilo que, como no outro caso referido, é produto da exaltação íntima de um sentimento que encontra sua justificação em outro que o atrai.

O certo é que o saber logosófico não pode ser obtido a não ser por meio de uma assídua preparação, seguida por uma dedicação especial ao trabalho de amadurecimento de um processo interno⁽¹⁾ de superação efetiva, a fim de obter os insuspeitados resultados que não se fazem esperar, e cujo valor cada um pode apreciar, enquanto experimenta as extraordinárias vantagens que a Logosofia lhe proporciona, a qual desde esse momento ele considerará o mais poderoso e eficaz auxiliar de sua inteligência e, em consequência, de sua própria vida.

⁽¹⁾ Veja-se do autor: "O processo interno". In: *Logosofia. Ciência e Método*, lição II, pág. 38.

Por outra parte, a dificuldade de fazer compreender, em primeiro lugar, o caráter original e único do conhecimento logosófico e, depois, as projeções da obra que o ensino de tais conhecimentos haverá de significar para a humanidade, está no fato de que se deve explicar a cada um que a Logosofia nada tem a ver com outras filosofias conhecidas. Além de não se assemelhar a elas em nenhum aspecto, não apresenta ponto algum de contato com as religiões, nem com teoria, crença ou movimento doutrinário de qualquer espécie que tenha estado ou possa estar em voga.

A Logosofia é una e única em seus princípios e em tudo que deriva da Sabedoria que a anima. Não tarda muito a se convencer desta verdade toda pessoa que, atraída pela força até certo ponto irresistível do novo ensinamento, comprova esse caráter inconfundível.

Outro obstáculo que custa vencer é o estado de decepção em que a maioria se encontra, devido à esterilidade de tudo o que já existiu em matéria de teorizações. Ninguém ignora que a desconfiança é uma das prevenções que mais distanciam os homens. O logósofo, cuja generosidade deve ser proverbial na missão de transmitir a luz do conhecimento que iluminou sua inteligência, sabe que tem de lutar intensamente para vencer a resistência, muitas vezes sistemática, que essa desconfiança lhe opõe.

Uma das manifestações mais esplêndidas, digamos assim, que a pessoa sente ao tomar contato com os diversos elementos da Sabedoria, é o despertar de sua mente para possibilidades que todos confessam que jamais poderiam imaginar nem sonhar. É que o conhecimento logosófico opera no ser interno da pessoa como se fosse uma injeção de nova e fecunda vida, que rejuvenesce e faz florescer a velha e já gasta, dotando-a de um vigor extraordinário, para que possa servir a fins mais elevados e alcançar objetivos que são proibitivos para as mentes que não conquistaram o grau de poder suficiente para gozar de semelhante privilégio.

Uma das tendências mais acentuadas nos intelectuais, é lamentável ter de dizer isto, é a de querer confundir a Logosofia com as filosofias ou teorias que lhe são habituais, ou considerá-la, fazendo uma exceção, como um simples aporte a mais. Há aqueles que, adotando outras posturas, a conceituam de conformidade com seus pontos de vista, sem

atribuir-lhe maior importância, havendo entre eles os que a rechaçam sumariamente, por não se darem ao trabalho de estudá-la e compreender seus alcances. Mas nada disso interessa à Logosofia em si, nem a afeta, pois todas essas opiniões são totalmente infundadas, já que aqueles que as emitem não podem falar com autoridade alguma daquilo que não conhecem, e seus juízos, portanto, carecem totalmente de valor.

É de lamentar, não obstante, que, sendo os chamados intelectuais os que deviam ter-se posto à frente de um movimento de tal transcendência e magnitude, como é o que a Logosofia propicia e impulsiona, sejam eles, precisamente, os que desdenharam essa honra e os que mais esquivos se mostraram a admitir as proezas que sua sabedoria realiza na alma e na mente daqueles que permitem que ela os ilumine e lhes descubra o que nenhum outro conhecimento humano pôde, até o presente momento, fazê-los descobrir. Referimo-nos aos infinitos recursos que, sem ser utilizados, existem dentro de cada um e que, por séculos e séculos, permaneceram ignorados por todo o gênero humano. Ao fazer alusão aos intelectuais, referimo-nos àqueles que são parte ponderável dos círculos culturais e sociais, e que têm certa influência na vida corrente, pois são, em geral, os porta-vozes que transmitem à opinião pública o que eles consideram como sua crítica mais sincera. Ao mesmo tempo, queremos declarar lealmente que há uma classe de intelectuais que se diferencia da outra por apreciar e estimular todos os esforços da inteligência, que não se incomoda nem se sente afetada pelo aparecimento de novos valores ou de quem, com suficiente capacidade, funda para as gerações do presente e do futuro uma escola em cujo seio são ministrados ensinamentos que descubrem ao homem novos horizontes, abrindo-lhe as portas dos arcanos mais inacessíveis. Estes são nossos amigos, e sabemos com quanto interesse seguem a rota de nosso pensamento e com quanta simpatia veem e avaliam a obra que estamos realizando.

Mas esta obra, com a qual tanto se haverá de beneficiar a humanidade e cuja transcendência ninguém ainda pode imaginar, necessita de muitos que, compreendendo a natureza do esforço que significa levá-la adiante e fazê-la conhecida por todos, ofereçam generosamente sua contribuição e se alistem no nobre e elevado labor em que muitos já estão empenhados. Os homens do comércio e da indústria que recebem

o conhecimento logosófico, e que experimentaram em curto espaço de tempo os seus benefícios, podem prestar também um valioso concurso, a fim de que tão magna obra cumpra suas altas finalidades.

A Logosofia, ao criar um novo e poderoso vínculo entre eles, estabelece uma ponte de compreensão mútua, que faz possível uma consolidação dos interesses comuns e uma solidariedade de incalculáveis alcances para a defesa dos direitos que o livre jogo das atividades econômicas ampara. Além disso, ela faz aos homens de negócios a advertência de que uma vida dedicada exclusivamente à procriação do centavo, com exclusão de outras metas que deem polimento às asperezas ou rudezas da alma, é infecunda, e os esforços, empenhos e às vezes até sacrifícios que se fazem não são compensados, por causa da falta de conhecimentos, os quais, se possuídos, fazem despertar num mundo de concepções mais amplas, onde é possível, com o que cada um tem, empreender obras que não poderiam ser realizadas sem a participação de tão valiosos elementos, como são os que a Logosofia põe ao alcance da mão.

Cumprir fazer notar, aqui, que, para que estes homens possam compreender-se do imenso valor que conhecimentos desta transcendência haverão de representar para eles, será necessário que realizem um processo interno de cultivo e penetração das verdades que a Logosofia encerra, com o auxílio direto dos que tenham experimentado a realidade viva de suas verdades.

Se bem seja certo que, por um lado, isto retarda a hora em que será incontável o número dos que integrarão as fileiras da Escola de Logosofia, por outro assegura a incorporação de pessoas que, antes de ingressar, comprovaram a eficácia do ensinamento e se alistam conscientes do alto significado que tem esse fato para suas vidas. Isso, unido ao sadio entusiasmo para colaborar nas funções que propiciam sua própria evolução, será a melhor contribuição para a expansão da Logosofia e sua difusão por todos os pontos da Terra.

BREVES PALAVRAS PRONUNCIADAS POR RAUMSOL NA ESCOLA DE LOGOSOFIA EM BUENOS AIRES, NO DIA 26 DE DEZEMBRO DE 1942



Sejam minhas palavras de hoje para dar as boas-vindas a todos os que, neste dia, ingressam no seio desta grande Escola.

É com verdadeira e íntima alegria que acolho esta nova adesão à obra que, com tanto empenho e amor, estamos realizando para levar adiante, numa estreita comunhão de ideias, os princípios que ela sustenta. Dir-se-ia que os que hoje vêm com tanto entusiasmo engrossar estas fileiras já viram e palpam nossas inquietudes, nossas fadigas e desvelos, e vêm, como disse, oferecer de sua parte o concurso de nobres aspirações, de boa vontade e de uma cabal compreensão dos esforços que, há doze anos, estamos desenvolvendo incessantemente. Devo expressar, portanto, aos que terminaram satisfatoriamente os cursos de preparação logosófica, que tempo tiveram de avaliar e julgar a importância dos conhecimentos que são ministrados nesta Escola de aperfeiçoamento das condições humanas.

A Logosofia, ao exaltar, como sempre tem feito, os valores da consciência, quer que esta seja quem determine os atos da vontade, e que suas expressões mais francas se manifestem sem restrição no livre-arbítrio de cada um. Assim, pois, vocês, que expressaram simpatia e adesão à Obra Logosófica, reafirmem essa simpatia e essa adesão incorporando-se de forma ativa a ela, aceitando com plena liberdade de consciência os princípios, ensinamentos e normas desta Escola, os quais depois vocês haverão de sustentar e defender como se fossem seus, pois deixarão de ser estranhos a eles para se converterem em seus decididos cultores.

Com os elementos de juízo que vocês já têm em mãos e o auxílio direto das explicações claras que lhes foram dadas, fácil será iniciar as atividades logosóficas com um amplo critério sobre as projeções que esta magna obra de superação humana encerra, tanto para vocês como para a humanidade.

Estamos atravessando uma das mais agudas crises da História. É o encontro de fortes correntes mentais, engendradas em apostolados de violência, com outra que se opõe a elas, assumindo responsabilidades históricas. Essas mesmas correntes mentais, que os homens não puderam deter dentro da órbita originária, explicam a existência da força cega que as agita, pois se fossem forças inteligentes não destruiriam a si mesmas, como está acontecendo.

O que é que surge desta lição tão crua e espantosamente real, ditada à consciência dos homens? Surge a necessidade imperiosa de uma nova orientação humana.

A Escola de Logosofia veio pensando nisso e se encontra trabalhando nessa nova orientação faz mais de doze anos.

Deve-se formar um novo mundo mental, livre das aberrações dogmáticas que esterilizam as potências criadoras do espírito. É necessário dar à razão humana o valor hierárquico que lhe corresponde. E isto será possível se, em vez de afastar o homem das responsabilidades que lhe competem, prostrando-o na indiferença e na inércia, a ele se ensina a compreender a vida em suas funções específicas, morais, físicas e sociais, sem prejuízo das decorrentes de sua situação geográfica, etc.

Entretanto, acima de tudo isso, deve-se dar ao homem uma clara orientação a respeito de suas relações consigo mesmo; refiro-me ao cultivo das faculdades internas, à sua evolução consciente para uma superação integral e uma capacitação progressiva da inteligência, abrangendo os múltiplos aspectos da vida.

É este, precisamente, um dos pontos mais descuidados na educação e cultura dos povos, pois o ensino que se recebe nas classes escolares e universitárias diz respeito tão somente à ilustração que, de forma

superficial e vertiginosa, nelas é ensinada para cumprir etapas de capacitação nas profissões ou atividades que forem escolhidas.

A Logosofia, ao abrir outros horizontes para a vida, oferece novos e valiosos elementos de primordial importância para o desenvolvimento das faculdades da inteligência; propõe uma das concepções máximas do pensamento, sobre a qual haverá de forjar-se a individualidade do futuro; reclama a atenção de todos os que, nesta hora crucial da humanidade, são chamados a influir na consciência dos povos. Apresenta, como fórmula ideal para responder às exigências dos problemas futuros, o princípio de reforma individual sobre a base de uma evolução efetiva do pensamento humano rumo a conceitos mais amplos e fecundos, que orientem o homem, permitindo-lhe uma superação verdadeira em todas as ordens da vida.

Estamos em terras de homens livres, tal como proclamaram os gênios de nossa independência nacional. Sendo assim, entendemos que toda obra fecunda que tenda ao bem comum, que propicie a superação moral e o aperfeiçoamento do indivíduo, deve encontrar o auspício de todos os que nasceram em berços honestos e sintam correr, em suas veias, o sangue abnegado dos que em todas as épocas se preocuparam pelo bem-estar e pelo progresso da humanidade.

Nossos propósitos concentram, como já manifestamos em conferências públicas e em inumeráveis publicações, os mais elevados fins de cultura e de superação em todas as ordens do esforço humano.

Queremos, para as gerações contemporâneas e futuras, um mundo melhor, baseado em compreensões amplas acerca das altas prerrogativas que se abrem ao porvir dos homens, quando estes procuram merecê-las e torná-las suas, mediante o estudo e o entendimento dos problemas que dizem respeito à inteligência, no harmônico jogo do esforço, da consagração e da consideração geral.

Oferecemos, para cumprimento dos deveres que entendemos inarredáveis da consciência, nossos afãs e a produção de nosso espírito, como operários incansáveis e decididos, para que esta obra, que já se desenvolve em milhares de seres, se difunda e se estenda pelo mundo,

levando a palavra de alento, construtiva e fecunda, a fim de comover o coração e a mente de todos. E também para oferecer sua ajuda ali, onde devem ser observadas as necessidades do futuro, ao se projetarem as novas normas que haverão de imperar no mundo, tal como de uns tempos para cá vem sendo preconizado.

E, quando nos é dado ouvir, de uma inumerável quantidade de pessoas, os benefícios obtidos graças à aplicação do ensinamento logosófico, pensamos que não nos equivocamos ao admitir, com tão fundadas razões, que nossa obra haverá de constituir uma das maiores contribuições para o bem da humanidade.

AS CAPACIDADES DA INTELIGÊNCIA

A importância de seu cultivo



Temos observado, com frequência, casos extremamente interessantes para os fins de nossos estudos psicológicos, que nos provam uma vez mais quão fundamental é, para a vida do ser humano, a organização de seu sistema mental. Entre tais casos se encontra o daquelas pessoas que, não obstante haver manifestado uma grande capacidade no setor da atividade escolhida e triunfado amplamente nele, encontram muitas dificuldades para se desenvolverem noutros ambientes. É que, por sua índole, estes ambientes são opostos ou estranhos ao da atividade que lhes é familiar e em que, podemos dizer, chegaram a ser uma autoridade. Tal é o caso de quem exerce uma profissão liberal, do comerciante, do industrial, que desenvolvem em sua inteligência, exclusivamente, a capacidade da especialidade que, logicamente, lhes servirá para fins utilitários, mas que, geralmente, não os habilitará para aplicações de outra natureza.

Se, porém, paralelamente a essa capacidade da inteligência, forem cultivadas outras com objetivos que transcendam o limite daquela, experimentar-se-á a sensação de poder atuar em dois, três ou mais ambientes ao mesmo tempo, o que será muito mais interessante, dado que em cada um deles a vida assume diferentes perfis.

O saber é o que amplia a vida, permitindo à alma experimentar as mais acentuadas manifestações de felicidade e bem-estar. Comumente, pensa-se que o dinheiro pode suprir semelhantes prerrogativas, e assim é como muitos se lançam, seduzidos por tal sugestão, à busca do demiurgo dourado, descuidando-se de toda preocupação que tenda a melhorar as condições da inteligência.

Responderemos a isto – que, sem ser uma pergunta, não deixa de encerrar uma indagação – expressando serem numerosos os casos

observados que nos demonstraram a estéril função do dinheiro nas vidas que não foram cultivadas para discernir outras posições no seio da sociedade da qual fazem parte, se bem que seja verdade que a fortuna oferece meios e prerrogativas difíceis de promover sem ela, quando alguém quer alcançar propósitos de alta finalidade e conseguir, para satisfação pessoal, tudo que possa colocá-lo em situações de privilégio econômico. Não é precisamente o dinheiro que dá brilho, categoria, autoridade moral e conhecimento, a menos que aquele que o possui se dê conta de que, com sua ajuda, poderá superar os que dele carecem, dedicando parte de seu tempo e de sua fortuna para subir, com menos dificuldade do que os outros, pela simbólica montanha da Sabedoria.

O que em realidade acontece é que quem foi favorecido pela abundância do dinheiro se cerca de luxos e comodidades que o submergem na indolência, tão típica da burguesia, enquanto que aquele que se acha necessitado busca, ansiosamente, por todos os meios a seu alcance, que nem sempre são muitos, superar-se, a fim de levar até as regiões de seu entendimento o máximo de cultura que seja capaz de ali depositar. Os ricos podem prodigalizar a si mesmos gostos, luxos e caprichos, mas nem tudo isso junto é comparável à riqueza contida nos prazeres que a inteligência pode proporcionar, tanto pela elevação espiritual deles como pelo influxo das correntes de bem e felicidade que projetam na intimidade de cada um. Daí que, muito frequentemente, vejamos pessoas que, tendo construído uma boa situação no terreno econômico, não se sentem satisfeitas, e muito menos felizes, desde que, conseguida a finalidade material, sofrem as angústias de uma verdadeira orfandade espiritual.

Por isso, ante as exigências dessas inquietudes que começam a manifestar-se no mais fundo do sentir, cuja causa comumente é ignorada, às vezes se busca fazer uma incursão por outros ambientes, aos quais se havia permanecido indiferente até esse momento. Nessas circunstâncias, ocorrem episódios, diríamos íntimos, que às vezes chegam a assumir características de tragédia. É muito grande a surpresa, o espanto e a decepção que experimentam aqueles que, por exemplo, aspirando a fazer parte dos grupos mais categorizados da chamada sociedade culta, introduzem-se nela sem polimento de nenhuma espécie. É que ali, ante a refinada cultura que os veteranos de tais ambientes alardeiam, é onde o

endinheirado sem instrução mostra sua rude epiderme psicológica, sua incapacidade para relacionar-se com aqueles. Isso, como é natural, vai deprimi-lo e amargurá-lo, e será ele o primeiro surpreso com a própria inépcia, já que havia acreditado que lhe bastaria e sobraria a perspicácia que havia intensificado enquanto construía sua fortuna.

Não ocorre a mesma coisa com aqueles que, como dissemos, paralelamente às funções que circunstancialmente se veem obrigados a desempenhar para seu bem-estar econômico, cultivam as qualidades de sua inteligência e acumulam conhecimentos que os colocam nas mais altas posições de consideração e respeito. Vemos a confirmação disso no fato de que foram as riquezas do espírito as que deram nome, posição de destaque e felicidade aos povos, e não as riquezas materiais, que sempre foram fonte de discórdia, de cobiça e corrupção.

PEDAGOGIA LOGOSÓFICA

Alguns elementos de utilidade prática



Entre as múltiplas observações que são realizadas no vasto campo das atividades logosóficas, vamos destacar uma, por considerá-la por demais interessante e de verdadeira utilidade prática para a formação dos antecedentes necessários à investigação. É a que se refere às perguntas que, desde o momento em que são iniciados os estudos correspondentes à dita investigação, surgem em grande quantidade, por impulso, digamos assim, de uma incontida curiosidade.

Muitas dessas perguntas são respondidas pelos estudantes de Logosofia de diferentes maneiras, o que é preciso levar bem em conta, para que, fazendo-se tal discriminação, se tenha uma noção clara dos fundamentos das razões com que são expostas as compreensões emitidas sobre o conhecimento logosófico, as quais variam segundo o grau de capacitação de quem pergunta e de quem responde.

Deve-se ter bem presente que todos os que se encontram empenhados nessas investigações estão realizando um processo de evolução que requer todo um esforço de superação de caráter integral. Em consequência disso, não devem ser considerados como logósofos consumados, na ampla acepção da palavra, mas sim como sinceros colaboradores. Ao mesmo tempo que recebem os benefícios do conhecimento que a sabedoria logosófica lhes concede, oferecem-se com inteiro altruísmo ao serviço dos que se acham no começo dessas investigações.

Ressaltado este ponto, que julgamos conveniente não passar por alto, fácil será compreender que os elementos de convicção que cada um possa oferecer às inumeráveis perguntas com que os aspirantes se apresentam ante este gênero de conhecimentos estarão, também, de acordo com o grau de capacitação alcançado por aquele que já se

internou no amplo campo da Logosofia. Sua vinculação com os ensinamentos o pôs em condições de ajudar aos que vêm em busca da palavra que haverá de guiá-los para uma concepção mais profunda e ampla da vida.

Não se pode pretender, necessariamente, quando se responde com o propósito de satisfazer às exigências que comumente cada pergunta encerra, que isso sempre seja feito em caráter definitivo, já que, segundo vimos expressando, o fato em questão se cerca de uma série de circunstâncias que convém analisar e levar em conta, para que não se desvirtue o verdadeiro conteúdo dos conhecimentos que provêm de sua fonte original.

Ao tratar destes interessantes aspectos para penetrar na técnica desta nova disciplina da inteligência, devemos ressaltar que os momentos psicológicos em que as perguntas culminam são muito diferentes e variados. Muitas delas, portanto, não obedecem senão a motivos circunstanciais, que obstruem – também circunstancialmente – a livre passagem do entendimento pela senda da explicação.

Se, depois de andar por diversos caminhos, nos encontramos diante de um largo rio e, não tendo como atravessá-lo, perguntamos como fazê-lo, ser-nos-á dito que, utilizando uma balsa feita de troncos e alguns remos, passaremos à outra margem. Se aguçamos a inteligência e dispomos de tempo, poderemos até construir uma barca que ofereça, talvez, menos risco e mais comodidade. O objetivo estará cumprido, mas se, andando um trecho, nos encontramos diante do oceano, a mesma pergunta, logicamente, não poderá ser respondida da mesma forma. Isto explica o fato de que, embora seja a pergunta em muitos casos idêntica, as necessidades nem sempre são as mesmas.

Assim também ocorre a partir do momento em que se começa a penetrar no campo da investigação logosófica. Nem sempre a pergunta deverá ser satisfeita do mesmo modo, o que pressupõe uma inalterável solidez dos princípios que, numa rigorosa ordem e hierarquização, regem a evolução do pensamento à medida que este ganha espaços na mente do homem e, ao mesmo tempo, vai se manifestando com caracteres mais definidos.

É inquestionável a necessidade de reconhecer toda a importância de que se reveste esta discriminação que fazemos a respeito do critério inequívoco com que se deve conceituar tanto a finalidade da pergunta quanto o mérito e alcance da resposta. E, para que este exame da questão seja concludente, convém do mesmo modo ter presente que cada logósofo interpreta os ensinamentos conforme seu ponto de vista, o que implica uma possível diferença de critério, mais ou menos apreciável, em relação ao dos demais. É um fator determinante, que influi consideravelmente na interpretação que se pode fazer de um ensinamento, o grau de preparação e de cultura que cada um possua, devendo-se a isso adicionar ainda o grau de capacitação logosófica que tenha ao realizar tal interpretação. E nisto a liberdade de consciência não pode ser mais ampla, já que nela o dogmatismo não tem lugar, ficando à mercê da interpretação que a inteligência seja capaz de fazer, com todos os elementos que para esse fim tenha reunido para aproximar-se do significado que o ensinamento contém.

Muito diferente é quando o logósofo, a propósito das perguntas que lhe são formuladas, reporta-se aos ensinamentos logosóficos pertinentes, levando assim os que interrogam a interpretá-los diretamente. Nesse preciso instante é que, com maior clareza, se compreende a importância dessa função, cujo caráter docente se manifesta espontaneamente naqueles que se sentem moralmente obrigados a auxiliar a inteligência de outros que, para facilitar uma mais rápida compreensão, indagam por um pronunciamento mais amplo, fruto de uma estreita vinculação com aquilo que lhes é um tanto difícil de compreender.

No próprio terreno da realização logosófica se encontram casos como o que nos apresenta aquele que, depois de estudar teoricamente o mecanismo e manejo de uma complexa máquina, se vê na necessidade de ir em busca do auxílio de quem a esteve operando e tem dela um conhecimento adquirido na experiência. Em tal circunstância, as perguntas já assumem outro caráter, pois tendem a completar um conhecimento para excluir os riscos a que a pessoa se exporia, caso o aplicasse sem o concurso da eficiência que havia sido obtida na prática.

Não obstante isso, quantos poderiam formular análogas perguntas sobre a mesma máquina, carecendo do conhecimento teórico a que

fizemos alusão. Por meio dessa reflexão, vemos que o experimentado conhecedor de seu funcionamento não poderia responder como haveria feito no primeiro caso. Existiria uma circunstância que, de fato, o obrigaria a modificar o conteúdo da primeira resposta; e veja-se aqui como entra em jogo a responsabilidade.

Outro caso que queremos apresentar, por conter em si aspectos curiosos e igualmente interessantes, e a fim de que dele possam ser extraídas formosas conclusões, é aquele em que, prescindindo-se do ato de perguntar, tendência inata do espírito humano, pretende interpretar o conteúdo do conhecimento logosófico de uma posição totalmente oblíqua, que é a de recorrer a elementares noções de Filosofia e Psicologia, as quais devem ser consideradas, acima de tudo, como um complemento da ilustração corrente que se recebe.

No caso de se apelar para esses conceitos, qual é, então, a função que tais pessoas atribuem ao homem inteligente, para discernir e julgar a transcendência de conhecimentos que, como os da Logosofia, supõem substanciosos e profundos estudos sobre a vida humana e que, pelo fato mesmo de partirem de pontos diametralmente opostos aos já conhecidos, devem ser considerados dignos de merecer todo o respeito e o interesse dos homens proeminentes nos diversos ramos do saber e da cultura humana?

A RAZÃO DO ÍNDIO



A vida humana, ou melhor, o complexo psicológico do ser humano, caracteriza-se por uma série de conflitos internos que ninguém soube ainda explicar. A luta mental do indivíduo reflete-se nas profundas preocupações que tolhem seu sentir e pensar. Desde os dias da infância até os da velhice, debate-se num mar de contradições, ansiando saber onde está o verdadeiro e onde o falso. A vida é para ele uma perpétua interrogação, e, se interrompe a busca de conhecimentos, submerge-se na penumbra, ligando-se à vida vegetal, pela imobilidade de suas faculdades ou, digamos assim, do entendimento superior, e também à vida animal, por sua semelhança com essa espécie no que se refere à indolência, à indiferença e ao parasitismo das funções mentais.

Uma grande quantidade de seres, mesmo quando não sabe com certeza para onde dirigir os passos, sente dentro de si uma inquietude que lhe impele a prosperar nos campos conhecidos da vida corrente. Em princípio, dirige seus olhos para a conquista de situações folgadas no aspecto econômico e social, sendo escassíssimo o número dos que vislumbram ou intuem que existem possibilidades maiores para seu entendimento, elevando com tal critério sua aspiração em busca de outros destinos.

O mecanismo da mente, na generalidade dos seres, está regulado para desenvolver um certo número de atividades, que são, precisamente, as que atendem a suas necessidades habituais. Em tal caso, conclui-se que existe uma limitação, dentro da qual a pessoa costuma organizar a vida para suas funções comuns. Razão, entendimento, inteligência e tudo que faça parte da engrenagem mental estão condicionados a um gênero de reflexões das quais, ao que parece, não pode ela se afastar sem perigo de sucumbir. É este o quadro psicológico que a maioria apresenta. Não se pode dizer que a razão intervém nesses casos em cada circunstância e, se o faz, atua na medida em que o entendimento o permite, já que,

como a inteligência não foi cultivada, o produto do raciocínio não passa muito da incipiente compreensão que a mediocridade oferece.

A evolução consciente que a Logosofia propicia, cuja lei já teve sua transcendência expressada em várias de nossas publicações, prevê essa situação particular de limitação no alcance mental e intelectual que caracteriza a psicologia humana em sua expressão comum. Dirige suas luzes para o desenvolvimento das faculdades que se resumem na inteligência, a fim de que a pessoa tenha seu primeiro encontro com essa realidade e, convencida de sua impotência, resolva iniciar com decisão e firmeza, e com toda a urgência reclamada pelo tempo das horas, um amplo processo de superação. Quando isso ocorre, isto é, quando a pessoa penetra no campo da experimentação própria e toma contato com os conhecimentos que lhe haverão de abrir as portas de um mundo superior ao conhecido até então, é lógico que sua vida não possa permanecer por muito tempo sustentando uma situação que se vai fazendo mais irregular, à medida que evolui para estados superiores de consciência.

Queremos dizer com isto que, ao mesmo tempo que o campo mental se amplia e a inteligência clareia, iluminada pelo potente fulgor de verdades até esse momento ignoradas, tudo deve mudar para o ser humano, inclusive sua própria vida. Assim, mudarão os conceitos das coisas, as sensações, ao se manifestarem estas em correspondência com as novas concepções que o entendimento venha a alcançar, e mudarão as atitudes e a conduta, respondendo à exigência de compreensões cuja natureza obedece à influência das qualidades que vão sendo cultivadas.

A evolução consciente é de uma importância tão extraordinária para a vida do homem, que requer dele, para ser realizada com felicidade e sem maiores embaraços, uma constante vigilância sobre si mesmo, uma consagração – plena, diríamos – a tudo que diga respeito ao desenvolvimento das faculdades internas e à capacitação gradual das potências mentais.

É lógico que, ao penetrar nesse mundo superior, o ser humano deva atuar em concordância com os deveres que ele impõe. E que sua vida deva transformar-se, espiritualizando-se na essência do pensamento, para se refletir na clareza da inteligência, pois do contrário seria uma aparência ou ficção, que a realidade que ele pretendesse desvendar descobriria e fulminaria. Tomemos o caso do indígena ou da pessoa inculta que quisesse

conviver em nosso meio social; seria ela repelida pela força compacta do ambiente que nos é comum e familiar, do mesmo modo que o medíocre, indisciplinado e sem estudo não poderia conviver no ambiente científico, porque encontraria tão somente o vazio e a rejeição dos que ali estivessem para tratar de temas de sua especialidade.

Nesse processo de superação que deve abarcar a existência por inteiro, se se quer culminar em etapas progressivas de realização consciente, ocorrem certos e determinados fatos que devem ser conhecidos e levados muito em conta, para não malograr esforços estimáveis, nobres empenhos e anelos do mais alto apreço e consideração. Esses fatos foram observados, mediante a prática logosófica, nos numerosos casos em que muitas e variadas indagações tiveram de ser satisfeitas.

Aquele que penetra no campo de sua realização interna, ou seja, de sua evolução consciente ou superação integral, haverá de se encontrar em mais de uma ocasião com o seguinte fato: enquanto experimenta e confirma, por conta dessa mesma experimentação, o valor inapreciável de certos conhecimentos ou ensinamentos que o beneficiam e estimulam em alto grau, enquanto capta ou percebe pela sensibilidade verdades de extraordinário alcance para suas possibilidades e que ampliam suas perspectivas, a razão manifesta não compreendê-las. E às vezes até se obstina em negá-las, seja porque não foi ela o canal por onde passaram essas percepções até o ser interno, seja por não conseguir explicar por que tais fatos se produzem desse modo, enquanto ela permanece quase que alheia ao que acontece na intimidade da vida da pessoa. Ocorre que esta faculdade se supõe a reitora dos atos, da vontade e do juízo. Quantos existem que, depois de experimentar a realidade de uma felicidade percebida, captada e, digamos assim, feita carne neles por meio da sensibilidade, se viram acusados de culpa e ainda ameaçados por sua própria razão. É que esta se manifestou irredutível, intransigente e tenaz até a violência, com a finalidade de que fossem anulados os atos consentidos pela vontade e desfrutados pela sensibilidade, a qual conseguiu captar o conteúdo ou a essência daquilo que foi feito em coincidência com o sentimento, bem como daquilo que a própria consciência havia aceitado sem objeção.

Por que ocorre isto? Por que esta contradição entre as funções essenciais do mecanismo psicológico humano? É que a sensibilidade, em sua

acepção mais pura, se adianta sempre à razão, por resumir ela os ditames da própria Natureza, que é a que oferece à consciência do homem todo o elixir de pureza que ele possa extrair.

Muitas coisas podem ser experimentadas, percebidas e captadas pela sensibilidade, e é comum que a razão compreenda muito pouco de tudo isso, não obstante a realidade do que foi experimentado, percebido ou captado, e não obstante a confirmação de fatos e verdades, dentro do ser, pela própria força dessa realidade que impede até a mais diminuta desnaturalização de sua origem e manifestação.

Por que, então, essa obstinação da razão em querer deter o tempo, os fatos e as coisas, até que ela consiga discernir, como certidão de veracidade, tudo aquilo que já foi determinado como função primordial da vida, já que esta, ao absorver o oxigênio que a vivifica em seu aspecto físico, absorve também, pela própria lei de conservação e de equilíbrio, tudo o que lhe é grato ou que a beneficia em sua implícita condição de humana, seja no aspecto intelectual, seja no sentimental e espiritual? Por quê?

Porque é a razão do índio a que pretende discernir e julgar o que já corresponde à razão do civilizado; é a razão do homem inferior a que pretende não propriamente julgar e discernir, mas sim dominar a natureza e o pensamento do homem superior.

Tudo o que deixamos exposto nestas páginas, que significado tem para a inteligência que veio se interrogando à medida que as lia? Já o dissemos: a evolução deve ser consciente, e a superação, integral.

A razão não pode permanecer retrógrada ante os progressos da consciência e as manifestações do espírito que se combinam na inteligência. A razão do índio é estreita e revela todos os defeitos da incapacidade; a do homem civilizado responde aos ditados da consciência, examina com a maior amplitude de critério tudo que julga, sincroniza sua função discernidora com as palpitações da alma e do coração, e ausculta e compreende a linguagem íntima da sensibilidade, que se manifesta sempre com a eloquência da pulsação emocional e a candura da inocência.

Essa é a razão que o homem deve alcançar e possuir. A razão que estabelecerá o equilíbrio em elevados, quase sublimes, estados de evolução e aperfeiçoamento.

OS SEGREDOS DO ESPÍRITO



Todas as vezes que são abordados temas que transcendem o conhecimento comum, torna-se imprescindível recorrer às formas mais claras de expressão, a fim de que a linguagem utilizada penetre com facilidade na consciência que haverá de receber a verdade ou, melhor dizendo, o conhecimento que se procura oferecer a ela. Mas esse esforço de esclarecimento das ideias e de consideração dos milhares de aspectos que se confundem entre si para obrigar a inteligência a descobri-los, ainda que árduo e intenso por sua natureza puramente mental, encontra, ao serem expostos seus resultados à reflexão dos demais, sua compensação, porquanto estabelece com o semelhante uma vinculação intelectual que facilita e torna agradável a convivência social, abrindo por esse meio o caminho do entendimento comum.

Não obstante, devemos assinalar que uma das travas que mais frequentemente dificultam a compreensão dos temas que a inteligência elucida é, precisamente, a de considerá-los, sem maior exame, como alheios de certo modo à realidade material e, em muitos casos, como produto de ficções quiméricas. Daí que se torne tão necessário – como o faz a Logosofia – particularizar e demonstrar, com evidências irrefutáveis, a efetividade de todas as produções do espírito por meio da inteligência. Para os que só admitem como certo o que seus olhos veem ou suas mãos tocam, as verdades intangíveis, mas nem por isso menos reais que as que se encontram ao alcance de seus sentidos, mantêm-se afastadas, muitas delas ignoradas, porque, como já dissemos,⁽¹⁾ o que não passa a formar parte do conhecimento do homem é como se não existisse para ele.

⁽¹⁾ Veja-se “Arcanos do conhecimento”. In: *Coletânea da Revista Logosofia, Tomo I, pág. 97.*

Assim, para que a inteligência tome contato com essas verdades e até se familiarize com sua existência – beneficiando-se, como é de se supor –, dever-se-á fazê-la incursionar fora da limitação dos sentidos físicos, ou seja, indo além do que eles alcancem em sua função comprovadora. É essa a razão por que muitos, quando ouvem falar de verdades que concernem ao domínio do pensamento, se mostram céticos, indiferentes, ou negam a elas qualquer verossimilhança.

Isso, naturalmente, evidencia que a inteligência dos que assim se comportam mostra não haver tido nenhum contato com as ditas verdades, não obstante estas se oferecerem ao entendimento de todos, sem nenhuma exceção.

E, já que estamos neste terreno, será bom mencionar o fato de que, se para os que negam, para os céticos, para os indiferentes, um incontável número de valiosos conhecimentos permanece passivo, como segredo do espírito, não ocorre o mesmo aos investigadores e às almas esforçadas que se preocupam em alcançá-los. E, se já se viu quanto a humanidade foi beneficiada por esses conhecimentos alcançados, que permaneciam antes nas penumbras do espírito, deve-se considerar que muito mais a beneficiará a conquista de outros que sirvam, como todo coração humano deve anelar, aos fins do aperfeiçoamento e da felicidade das criaturas que povoam o mundo.

Com estas reflexões, pensamos que ficou bem respondida a indagação que costumam formular aqueles que desprezam, como se fosse inalcançável, tudo que esteja além de seu acervo particular do momento. As possibilidades humanas são imensamente grandes no que tange às perspectivas da inteligência, e em cada ser está poder desfrutar semelhantes prerrogativas no manejo de suas faculdades, maravilhosamente combinadas na razão, de cujo uso depende o que se possa conseguir fazer até o final da vida.

TÉCNICA E APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS LOGOSÓFICOS



Um dos objetivos primordiais do conhecimento logosófico é o de auxiliar a inteligência do homem com os elementos que mais estejam ao alcance de sua compreensão, a fim de que este possa eliminar suas deficiências e corrigir cada um de seus defeitos. É sabido que, enquanto esteja ligado às raízes de uma insuficiente preparação mental, não poderá avançar rumo a um aperfeiçoamento integral com a segurança e consistência que são indispensáveis.

A Logosofia, ao assinalar ao homem suas imperfeições, leva-o com provas evidentes à convicção de que elas constituem a causa que obstrui o livre jogo de suas faculdades mentais e, por consequência, a livre expressão de seu pensamento. Enquanto não eliminar essas causas, efetuando um minucioso reparo de seus danos psicológicos, ou seja, de suas imperfeições, próprias de toda pessoa normal, não poderá encarar seriamente, e com a devida profundidade, o verdadeiro processo de evolução consciente, quer dizer, de superação integral.

Quando o homem quer lançar-se a uma empreitada, por acaso esta não lhe exige a idoneidade ou competência suficiente para não fracassar, uma vez começada? Não se exige essa mesma idoneidade ou competência dos profissionais, nos respectivos ramos de suas funções específicas? O estadista, o político, como também o comerciante ou o agricultor, o industrial ou o operário, quando carecem de competência, acaso não estão denunciando o fato de que é de suas deficiências e erros que decorre o fracasso na direção dos negócios ou nas funções que desempenham?

Estes exemplos, claramente apresentados, evidenciam que as condições humanas não podem ser subvertidas em suas respectivas ordens de manifestação, caso se trate de exigir-lhes um conteúdo de que carecem; um conteúdo que constitua o resultado do cultivo que a inteligência deva fazer

delas, para que alcancem as excelências de uma esmerada e elevada educação interna. Poder-se-ia dizer que, para penetrar nas regiões ou domínios da sabedoria, é necessário efetuar uma rigorosa eliminação da escória que, no decorrer dos anos, veio se acumulando nos períodos de incultivo e negligência. Em outras palavras, viria a cumprir-se aquela história de penetrar, “puro de corpo e de alma”, nas sublimes regiões do conhecimento. Convém aqui explicar que estamos nos referindo, naturalmente, ao fato de livrar a mente do lodo mental resultante das deficiências e defeitos assinalados, do mesmo modo que se deve livrar o temperamento das manifestações torpes, produto da falta quase absoluta de uma educação superior, e livrar o entendimento das grosseiras formas de realizar sua função, que deve ser primordialmente seletiva.

Que outra coisa causa ao ser humano mais amarguras, violências e sofrimentos do que suas próprias deficiências e defeitos? Não são estes os que provocam as reações na vida de relação? E se tais perturbações têm por consequência grandes perdas de tempo, ao distraírem a atenção e violentar o caráter, é lógico pensar que, com essas perdas de tempo, ocorridas, segundo observa a Logosofia, com enorme frequência, a vida se torna, em sua maior parte, estéril, improdutiva, e se chega ao final dela tendo dado continuamente passos para a frente e para trás, quer dizer, desandando uma e outra vez o trajeto percorrido. Em resumo, ter-se-ia permanecido sempre no mesmo lugar. É por essa razão que a Logosofia enfoca diretamente em seu cerne o grande problema, resolvendo-o, como dissemos no princípio, com a eliminação das já mencionadas deficiências. Por força da mesma lei de evolução, o ser humano deve preparar-se para lutar e vencer no seu próprio terreno, onde deverá edificar, com conhecimentos inabaláveis, a nova vida. E, para isso, deverá começar por afastar tudo que pretenda opor-se às determinações de sua vontade, a fim de que nada o impeça de levar a bom termo o plano de aperfeiçoamento que tenha imposto a si para alcançar as altas esferas do saber.

Ficamos, pois, com a conclusão de que a principal tarefa do conhecimento logosófico consiste em fazer um reajuste das características que são comuns na psicologia humana. Em consequência, a elevada missão de tal tarefa se inicia nas próprias raízes do mal, eliminando

cada uma das deficiências que a mente apresenta, como resultado do longo período de inércia em que esteve submersa. E, se considerarmos que as condições humanas não são superadas a não ser por meio do esforço inteligente, será preciso admitir também que esse esforço não pode ser desviado para assuntos que absorvam a função prefixada, ao dificultar o livre funcionamento justamente das faculdades que devem intervir para que tal função se realize.

A Logosofia tem destacado, com particular insistência, a diferença substancial que existe entre a docência científica, que aplica seus métodos friamente, sem chegar a estabelecer uma relação com a vida individual, e a que o conhecimento logosófico apresenta, ao prodigalizar-se ao ser humano em suas formas especialíssimas de assimilação consciente, entendendo que este conhecimento adquire sua efetividade por meio do entendimento. Este labor de alta docência nos domínios do pensamento implica, portanto, uma tarefa de fundamental importância, que é necessário não esquecer, a fim de que se avalie seu alcance num justo valor.

Com o exposto, fácil será perceber qual é a posição da Logosofia diante do grande problema da evolução humana, posição que está determinada pelos sólidos princípios que regem e fundamentam seu ensinamento. Para maior ilustração, apresentaremos alguns exemplos extraídos da observação no vasto, fértil e riquíssimo campo da experiência humana.

No exame de quadros mentais, aparecem situações – frequentes em certas e determinadas pessoas – nas quais, muitas vezes, por causa de uma obsessão, se chega a extravios que inibem e anulam a razão; apesar disso, este não é um daqueles casos que já pertencem ao campo da psiquiatria. O que citamos é muito comum, observado em numerosas pessoas normais, cuja vida continua se desenvolvendo de forma que poderíamos chamar de automatizada, uma vez que nelas a razão não assume, por não ser isto necessário à natureza de suas ocupações, maior intervenção para cumprir os fins de um melhor e mais eficiente desempenho, ainda que se possa na verdade perceber nelas uma desmoralização acentuada, chegando ao ponto de a própria vida se lhes tornar uma carga às vezes insuportável.

Seguindo o enfoque de nossa observação, temos visto que, se por uma ou outra causa se consegue deter o avanço da obsessão que padecem, levando estas pessoas, gradual e paulatinamente, aos domínios da própria razão, até fazê-las compreender a existência e inoperância da ideia obsessiva, acusam elas de imediato uma melhora que instantaneamente flui do interior de seu ser e beneficia de forma ponderável o estado de ânimo dessas pessoas, reconduzindo-as a um mediano equilíbrio, o suficiente para fazer renascer seu entusiasmo e as ânsias de viver. Já notamos, também, e é bom ressaltar isto, que este estado tão satisfatório, promovido pelo conselho e auxílio oportunos que determinaram uma mudança de atitude mental, perdura só por um tempo, que varia de acordo com a intensidade do pensamento que causa a obsessão. Isto significa que esse estado satisfatório de mediano equilíbrio a que as pessoas foram levadas permanece sem alteração enquanto continuarem recebendo os benefícios da influência determinada por sua aproximação ao chamado bom senso, bem próximo à sua razão. Entretanto, se os favorecidos pela influência do conselho ou auxílio que foram dados se distanciarem daquele ou daqueles que os beneficiaram, por julgar desnecessário continuar a observância da conduta que lhes fora recomendada, muito prontamente voltarão a cair, vencidos pelo súbito reaparecimento dos mesmos pensamentos que haviam sido causa daquela obsessão.

Comparando-os com os processos biológicos, a Logosofia, com sugestiva particularidade, chama de “pequenos tumores psicológicos” a esses estados de obsessão. São tumores que, depois de extirpados, se reproduzem, caso não seja seguido um tratamento adequado para liberar a pessoa, por completo, dos estranhos agentes patogênicos que os formam e que são tão comuns na mente humana.

Continuando com este exame, possível graças às projeções do conhecimento logosófico, encontramos-nos na presença de um quadro mental digno do mais substancioso estudo: quando esse pensamento obsessivo consegue lançar suas raízes na mente onde se introduziu, não apenas trata de perpetuar-se nela, mas também tenta, ao mesmo tempo, estender seu domínio a outras mentes, que depois apresentam sinais evidentes da mesma anomalia mental, a tal ponto que pareceria ter havido entre elas uma espécie de transfusão da personalidade. Nesses casos, as pessoas se

ligam mentalmente, até quase chegar a experimentar idênticas sensações, especialmente de caráter emotivo, instintivo e impulsivo. Este fato evidencia que, ao receber a mente de um o pensamento do outro, produz-se a anulação circunstancial, que pode tornar-se definitiva, do comando de seu livre-arbítrio. Em tais condições, é difícil para o homem – quase impossível, poderíamos dizer – conseguir desfrutar as prerrogativas que lhe são próprias como membro legítimo da espécie humana, dotada de uma admirável constituição psicológica e física, uma vez que chega a carecer até mesmo de vontade própria e, situado nos planos da irresponsabilidade, pode alcançar os extremos da insensibilidade psicológica.

A Logosofia expressa que, para penetrar no fundo dessas observações e surpreender os valiosíssimos detalhes que permitem aprofundar no conhecimento, a vida deve constituir-se num verdadeiro estudo. E expressa que nenhum momento deve ser perdido nesse sentido, caso se queira realizar um trabalho de investigação que enalteça a inteligência com suas máximas expressões de luminosidade, pois só penetrando com toda a profundidade nos detalhes que facilitem ao entendimento sua busca e lhe permitam perceber os milhões de perfis que a psicologia humana contém, é que será possível ao homem experimentar e sentir em seu coração uma felicidade que antes, vivendo à margem desta concepção, não lhe era possível desfrutar.

Descoberto dessa maneira um novo e vastíssimo campo de estudo em que o caráter científico se revela, vamos expor, agora, dentro logicamente do aspecto que estamos tratando, a técnica e a aplicação do conhecimento logosófico, tal como a ciência cirúrgica ao realizar suas operações habituais. Será preciso, pois, considerar esta classe de conhecimentos que estamos expondo como próprios do que desde já denominamos “cirurgia psicológica”. E assim haverá de chamar-se, na verdade, quando a ciência se compenetrar, com a profundidade devida, do imenso valor que aquela assume do ponto de vista da assistência que se deve prestar ao ser quando as circunstâncias o aconselharem, a fim de liberá-lo de perturbações, por pequenas que sejam, e que, por ser estranhas à sua natureza, requerem, como no caso daquelas de ordem fisiológica, uma imediata atenção que restabeleça o equilíbrio perdido.

Estes pequenos tumores a que fizemos alusão, e que no caso citado se manifestaram por obsessão de um pensamento, podem também produzir-se pela sedimentação de preconceitos, de erros, etc., e por muitas outras causas similares, que brotam e se reproduzem ao encontrar debilitado o organismo psicológico, pelo estado de quase total imprevidência em que comumente o homem se encontra. Embora tais tumores sejam alheios ao mecanismo mental propriamente dito, não deixam por isso de existir no quadro psicológico de cada um. Quantos pensamentos da natureza descrita chegaram a perfurar os sutis tecidos da mente e a atrofiar essas finíssimas membranas que cobrem a inteligência, provocando estados de inércia que levam a uma verdadeira ancilose.

Na presença destes fatos, que revelam muito claramente como é grande a necessidade que a humanidade de nível médio tem de uma assistência psicológica, nada pode deter nosso juízo quando expressamos que – caso se queira estabelecer uma nova ordem no mundo e lançar as bases de uma civilização com vistas a um reajuste dos sistemas sobre os quais foi edificada a estrutura social, aperfeiçoando ao mesmo tempo todos os mecanismos que entrelaçam a vida humana na convivência comum – dever-se-á começar pelo estudo a fundo dos fatores e necessidades que formam o complexo da vida social.

Nossas observações nos têm levado à convicção plena de que haverá de ser indispensável instituir essa chamada “nova ordem” sobre as bases de uma reforma psicossocial. Mas será preciso começar por favorecer um novo ensino, que tenda a melhorar a compreensão humana em todos os sentidos. Um novo ensino que ministre uma preparação adicional à cultura corrente, de forma que cada um possa capacitar-se para desenvolver sua vida do modo mais amplo e fecundo, único meio, entendemos, que permitiria compreender a magnitude desse grande reajuste, que deve começar, não há o que discutir, no próprio indivíduo. Vemo-nos, assim, diante do fato de que esta nova instrução em nada haverá de assemelhar-se à que até aqui o homem recebeu no mundo corrente, pois estaria destinada a criar nele outro modo de ser, ou seja, um novo tipo psicológico, com outras características que enraízem nele um verdadeiro espírito de empreendimento e de realização, de temperança e reflexão.

Em consequência, será fácil constatar a imperiosa necessidade de fundar, já que o problema em questão exigiria isto, uma instituição universal de supercultura psicossocial, que tivesse por missão exclusiva ministrar ensinamentos desta categoria, vale dizer, ilustrar essa humanidade de nível médio sobre os problemas vitais de sua existência. Nela, cada indivíduo seria instruído acerca de como deve conduzir a própria vida, a fim de bastar a si mesmo, desde o momento em que lhe fossem sendo dados os meios para encarar tais problemas com a devida inteligência e sensatez. Renasceria, assim, uma vida social mais austera e ampla, já que o conhecimento enunciado auspiciaria, dentro dessas mentes, um maior volume de reflexão. Ao mesmo tempo, estimularia o livre jogo das forças internas que fortificam a vontade, permitindo experimentar a realidade da existência como necessariamente deve ser experimentada. E também se compreenderia a transcendência dessa instrução e o valor imenso que representa para a vida do homem este novo aprendizado, que tornará os dias de sua existência mais frutíferos e o conduzirá para uma visão mais ampla de suas perspectivas para o futuro, levando-o a discernir sobre quais são seus deveres e sua verdadeira responsabilidade para com a sociedade.

Se tomarmos como ponto de observação a cultura corrente que se recebe na vida, teremos de admitir ser ela muito deficiente, conseguindo apenas cumprir uma mínima parte da finalidade que, é lógico pensar assim, tem como objetivo. A infância que passa pelas aulas escolares recebe toda uma carga de lições e deveres que é impossível compreender e assimilar no curto lapso do período primário. Apela-se, então, para sua memória, e assim esta se vê constantemente forçada a desenvolver uma atividade que decepciona a um considerável número de crianças. É muito pouco o que se faz em matéria de seleção dos pontos que têm de ser ensinados às crianças nesta fase escolar, e assim vemos como são atormentadas, ao se fazer com que estudem uma série de livros que diversos autores escreveram sobre as matérias. Nos colégios secundários, ocorre coisa idêntica, que só assume um caráter mais adequado nos cursos universitários. Mas observemos qual é o estado mental e psicológico apresentado pelo universitário, depois de haver realizado todo esse processo de ilustração – que diremos teórica – de sua inteligência. Ao liberar-se da tutela docente que teve até o momento de deixar a universidade, constata que

não pode utilizar, no ramo do conhecimento científico que escolheu, o que foi compreendido por meio dos estudos que seguiu ao longo dos anos. Constata, também, que todos esses estudos, provenientes das lições de seus professores e do que foi tratado com maior profundidade pelos autores, só lhe oferecem a oportunidade de lançar-se ao campo prático munido de um saber incipiente que, com o concurso da investigação e da experiência próprias, terá de ampliar esse saber incipiente até onde o exijam as circunstâncias e a necessidade de uma maior idoneidade. Esta suficiêcia, que responde aos imperativos de sua condição de profissional, terá contribuído num ínfimo grau para satisfazer as necessidades internas relacionadas com os inumeráveis problemas que a própria existência lhe apresenta para provar sua têmpera, sua reflexão e sua capacidade.

Em consequência, ocorre que, depois de tantos anos de estudo, muito pouco ou nada é o que sabe a respeito da sua própria vida, isto é, do que diz respeito às possibilidades de seu mecanismo mental-intelectual, que, orientado para os conhecimentos transcendentais configurados pela excelência de uma sabedoria superior, pode dotar sua inteligência de um conteúdo tão fértil que lhe permitiria criar aptidões capazes de fazê-lo alcançar alturas inimagináveis.

Já em outras oportunidades, dissemos que o conhecimento transcendente difere do saber comum pela natureza de seu conteúdo específico. Ainda não se acha registrado num documentado corpo de doutrina, coisa que a Logosofia está justamente fazendo, para que dele se extraiam as conclusões que necessariamente deverão ser obtidas, a fim de aperfeiçoar as diretrizes da instrução corrente, já que estes conhecimentos são postos a serviço da alta docência, com o objetivo de elevar a cultura a um volume integral, que alcance sua máxima expressão de aperfeiçoamento.

Assim, pois, o trabalho construtivo do conhecimento logosófico começa por apontar, para a inteligência, cada uma das causas que travam a livre ação do discernimento e que, muitas vezes, chegam até a romper o equilíbrio de suas faculdades, submergindo o homem em estados impróprios da consideração que a todo o momento sua pessoa deve inspirar, estados que respondem tanto às ligeirezas e

trivialidades da insensatez como às violências da irascibilidade. Por acaso são ministrados à juventude os elementos necessários para estabelecer sobre sua conduta um rigoroso controle e para reduzir o número de suas deficiências e defeitos, evitando com isso que estes lhe causem dano e prejudiquem, como já dissemos, o livre poder de suas resoluções? É sabido que estas se veem afetadas e limitadas pelos transtornos que, com frequência, tais defeitos e deficiências ocasionam à pessoa, e que são causa de tantos erros, desvios e sofrimentos. Citaremos, para confirmar isso, uma característica que é muito comum: a de distrair a atenção e dirigi-la a múltiplas partes, sem concentrá-la em determinado ponto, salvo raras exceções.

Repetimos que a vida deve constituir um verdadeiro campo de estudo e de experimentação, e se considerarmos isto como necessário e imprescindível para que o ser humano possa efetivamente realizar suas altas finalidades, dever-se-á admitir, como dizíamos, que não deve ser perdido momento algum nesse sentido, pois toda vez que a produção individual aumenta, conquistando para a mente uma maior capacidade e para o seu conceito um maior prestígio, recebe de imediato e na mesma proporção benefícios que, por sua elevada índole, preferimos não avaliar. Deixamos essa avaliação para o julgamento que esses benefícios devam merecer de cada um, segundo seja sua capacidade de discernir e julgar. Adicionaremos, porém, que muito haverá de contribuir para valorizá-los o experimentar os eflúvios de uma felicidade interna jamais sentida.

Se falamos da juventude, vemos que, durante a adolescência e a primeira metade da virilidade, a vida passa, pode-se dizer, de distração em distração. Não existem nas almas adolescentes preocupações básicas nem ideais definidos, e, se em alguma existir, é devido mais propriamente à transmissão direta do pensamento de seus maiores do que por própria ação. Sendo esta situação comum nas pessoas em geral, será preciso dotar essa juventude de um vigoroso conhecimento de si mesma, fazendo com que a vida seja, desde essa incipiente idade e dentro do possível, maciça e sólida nas concepções da inteligência. Assim se evitaria que esses anos de contínuas distrações tornassem a vida vazia, ao

inclinam a juventude a vivê-la nos deleites dessas distrações, pois não se deve esquecer que o nível da espécie à qual pertencemos está condicionado ao caráter consciente de nossa natureza mental, o que implica possuir uma capacidade de inteligência verdadeiramente proeminente, que nos diferencie das demais espécies que povoam a Terra.

Pois bem, esse vigoroso conhecimento a que nos referimos não pode circunscrever-se a uma mera ilustração posta em formas pedagógicas; deve diferenciar-se daquilo que os programas comuns de estudo abrangem, na forma e na técnica para ministrá-lo, assim como no aspecto prático, porque será necessário que a aplicação dos conhecimentos que surgem desse ensinamento se verifique no campo da experiência própria e da observação individual, a fim de que os resultados buscados sejam obtidos pela assimilação consciente de tais conhecimentos e pelo aumento progressivo da capacidade mental e moral de cada um.

Sabemos que, enquanto não se tenha uma visão clara de como atuam os pensamentos dentro da mente e, portanto, não se possa efetuar uma rigorosa seleção deles, a pessoa estará sempre à mercê do que eles determinem. Neste ponto, pode-se ver quão grande é a razão que nos assiste ao insistir e reclamar esta instrução, não somente para a juventude – a quem, por certo, reservamos o privilégio da urgência para ser atendida em tal sentido –, mas também para todos os que, ignorando esta realidade, carecem de tão especial educação mental. Como vimos sustentando com empenhado gesto humanitário há quase três lustros na difusão do conhecimento logosófico, entendemos que, desde a idade mais incipiente e até na maturidade, o ser humano necessita indispensavelmente vincular-se a este conhecimento, para prevenir-se contra os riscos da imprevisão e do temível conjunto de dificuldades que as deficiências do entendimento criam para o indivíduo, por desconhecimento desta educação.

A mente humana, desgraçadamente, é suscetível a todo tipo de alterações na ordem de suas ideias, de seus pensamentos e de tudo que seja incumbência de suas funções racionais, psicológicas e morais. É, portanto, vulnerável a qualquer agente estranho que nela se introduza, devendo o homem padecer depois os efeitos perniciosos que lhe ocasionar, por não existir na maioria das pessoas um verdadeiro controle nesse sentido. Que

deve fazer, pois, quem se encontre nestas condições, para contrapor-se à situação incômoda, desagradável e – até poderíamos dizer – perigosa em que se coloca? Simplesmente começar por considerar a mente como o baluarte mais precioso de sua individualidade; baluarte que deve converter-se numa fortaleza inexpugnável, para que só tenham acesso a ela os pensamentos que a razão julgue conveniente fazer ingressar nas fileiras que servem à causa da evolução, na ânsia constante de superação que a pessoa tenha proposto a si como objetivo essencial de sua vida.

Para que a mente se converta nessa fortaleza inexpugnável, terão de ser constituídas as devidas defesas mentais. São estas as únicas muralhas capazes de rechaçar o pensamento invasor que pretenda introduzir dentro dela os germens de ideias arbitrárias ou estranhas às que cada um tenha sido capaz de impor a si mesmo, com a finalidade de alcançar aqueles nobres propósitos.

A solidez moral implica uma vida fecunda em atividades que tendam a melhorar as condições humanas, pois que, sendo produto de uma inteligência ativa e de um espírito construtivo, cria condições apreciáveis para manter elevado o conceito entre os semelhantes e preservar o patrimônio íntimo das convicções contra as violências, os ataques injustos ou contra as agressões injuriosas e caluniosas que costumam dirigir-lhe os que se engolfam na limitada órbita da suficiência endêmica, tão suscetível como intolerante.

Esta observação, muito sugestiva por certo, reclama um meditado estudo das perspectivas que se abrem aos homens, ao porem os pés no caminho do saber. E, já que mencionamos o caminho do saber, diremos que é necessário compreender isto devidamente, com a clareza que as circunstâncias requerem, a fim de ser possível conduzir-se nele e evitar os inconvenientes que podem ocorrer no curso dos avanços para os conhecimentos que tenham constituído a aspiração. Sabendo que este caminho haverá de ser percorrido não com os pés, mas sim com o entendimento, será necessário saber que a própria mente é a que deve experimentar as mudanças lógicas que tais conhecimentos lhe haverão de impor e exigir, antes de se oferecer com toda a sua amplitude. A revisão de conceitos é, então, imprescindível; a classificação e seleção dos pensamentos, rigorosa;

e a eliminação de tudo aquilo que não seja útil aos propósitos enfocados tem de ser realizada sem demora. Deve-se prescindir de tudo o que perturbe ou altere a boa disposição do ânimo ou da conduta a ser observada, enquanto se verificarem internamente mudanças saudáveis, em progressão ascendente, rumo a uma superação real.

À medida que a capacidade aumenta e as projeções do entendimento se ampliam, chega-se a esta conclusão: apresentar-se à mesa do conhecimento, onde são servidos os manjares da sabedoria, com a mente cheia de preconceitos, conceitos equivocados ou falsas apreciações da realidade é, simplesmente, um fato despropositado, uma ousadia própria de insensatos. Quem vive numa choça miserável em vão alimentará a ilusão de colocar em seu interior os luxuosos e confortáveis móveis que tenha visto à mostra em exposições ou vitrinas, pois não só lhe seria impossível acomodá-los, por seu tamanho e pelo espaço que exigem, mas também seria ridícula a presença destes móveis numa mísera e anti-higiênica choupana.

Que deverá fazer, pois, o dono da choça para que lhe seja possível o cumprimento ou a realização de suas aspirações? Se apelamos para as leis da lógica, a resposta será fácil: o humilde proprietário da vivenda descrita terá de começar por forjar para si um novo destino, muito diferente por certo daquele que teve de tolerar e admitir até esse momento; deverá empreender atividades mais lucrativas, a ponto de, com o tempo e a previdência, achar-se em condições de se mudar para uma casa ampla e apresentável. Só então poderá pensar em levar aqueles móveis para o interior de sua morada. Mas isto ainda não é tudo: de que lhe servirão as novas comodidades, se seu estado mental permanecer tão rudimentar quanto era antes, quando vivia na mísera cabana? Será preciso, pois, que se produza nele, como já se deve ter observado e presenciado, uma série de mudanças mentais e psicológicas, à medida que vá avançando até alcançar os propósitos perseguidos. Tais mudanças deverão estar de acordo com o aumento das suas possibilidades, o que lhe irá evidenciando sua aproximação à meta anelada.

EDIFICAR SOBRE O ETERNO



Uma das razões de a humanidade avançar tão lentamente pelos caminhos do mundo, rumo à ansiada meta da perfeição, sempre foi o fato de que os homens, salvo raríssimas exceções, não trataram de edificar sobre o eterno. Daí tantos esforços realizados em vão, tantas lágrimas e tanto sangue derramado em cruéis sacrifícios e em penúrias sem fim, pois não existem para cada obra, individual ou coletiva, bases invulneráveis, seja por sua indestrutível qualidade, seja pela força de verdades indiscutíveis.

Se passarmos os olhos na História, veremos como se desmoronava, enquanto as épocas iam passando, tudo aquilo que os homens de cada uma delas pretendiam eternizar, ao mesmo tempo que destruíam o que outros, por sua vez, haviam acreditado ser eterno.

Que mistério rodeia toda essa série interminável de fazer e desfazer, que durante séculos paralisou os melhores propósitos que a humanidade sempre sustentou em sua intimidade?

O homem, quando alcança excepcionalmente situações privilegiadas, geralmente esquece que nada do que fizer permanecerá intocável, se não se preocupar, antes, em examinar a qualidade dos alicerces e em verificar se estes poderão resistir à ação do tempo e da realidade. Já pudemos ver como se foram desvirtuando, na velha Europa, uns após outros, os fundamentos de ideologias políticas que foram proclamadas com ênfase como superiores a todas as demais, tendo como alvo uma ilimitada permanência no poder.

Que elemento, pois, faltou às obras, fosse qual fosse sua natureza, para que muitas vezes uma simples rajada de vento fizesse desmoronar o que se acreditava ser inatacável?

É pena que as grandes lições que o homem recebe, em particular ou coletivamente, sejam tão desaproveitadas e devam repetir-se com frequência, tantas vezes quantas forem esquecidas. O eterno não pode jamais ser edificado sobre o transitório. Se aquilo que precisamente se quer construir como algo perdurável se relaciona direta ou indiretamente com a vida do homem, ou seja, com tudo que diga respeito à pessoa como ser racional, espiritual e social, será preciso levar muito em conta que o elemento que dará a consistência do eterno ao que se fizer terá de ser a própria consciência e o pensamento de todo o conjunto dos semelhantes, como expressão de seu espírito, pois a aprovação unânime assinalará o elemento eternizador, já que nada pode dar maior vivência permanente a uma obra do que o fato de ela ser considerada boa e nobre por todos os que a julgarem. Por isso, os que buscaram pronunciamentos dessa natureza não compreenderam que tal coisa não podia ocorrer enquanto os espíritos se sentissem pressionados e oprimidos, e que o pensamento dos homens só pode manifestar-se com pureza e lealdade quando, ao vir à luz, ele respira com plenitude o ar inefável da liberdade.

É imprescindível assegurar a liberdade do espírito nas manifestações da inteligência, visto que este é, justamente, o meio de se inclinar triunfalmente para o entendimento e a colaboração comum, para a dissipação dos receios e para a edificação de uma paz perdurável no âmbito interno e no externo. Tudo que afete a livre expressão da consciência, ou afete o coração como fonte dos sentimentos, atentar-se contra a consistência de qualquer obra que se queira realizar com projeções permanentes. Atualmente, achamo-nos diante de um mundo convulsionado, no qual se debatem os homens e suas ideias numa luta gigantesca, que ameaça a humanidade com a destruição de muitas de suas conquistas. De um lado e de outro, os beligerantes têm invocado a Deus como árbitro que decidirá sua sorte; daí que os que triunfarem definitivamente nesta contenda poderão dizer, com justiça, que foi o próprio Deus que emitiu, dessa forma, sua palavra final.

O que surge às claras de todo esse confuso aglomerado de conflitos é que, no futuro, o homem deverá ouvir a voz da própria sensatez e, começando por uma efetiva superação de sua conduta, chegar a compreender que terá perdido seu tempo se não se dispôs a edificar sobre o eterno, tarefa que todos devem impor a si mesmos para evitar, no futuro, outra catástrofe como a que estamos presenciando.

A IGNORÂNCIA CRIA PROBLEMAS QUE O SABER RESOLVE

*A força mental como expressão
de substância viva*



Do conjunto de observações logosóficas que se realizam no curso do tempo, durante o desempenho das atividades com que cada um preenche os espaços do dia, deve ser destacada, pela importância que tem, uma situação ou circunstância vivida por um pequeno número de pessoas, sem pagar o preço que é devido. É o que se refere aos projetos ou decisões.

Conhecidas são as dificuldades em que cada indivíduo tropeça para encaminhar seus propósitos ou decidir e resolver suas situações. É comum que os pensamentos ocupados na solução de problemas percam sua força diante dos que acentuam o ceticismo e promovem um pronunciado pessimismo no ânimo. Nada debilita mais a vontade e tolhe a iniciativa do espírito do que essa circunstância. É a consequência do desconhecimento dos valores do pensamento e da razão ou motivo que desvia a direção daquilo que se quis ou se tentou empreender.

Ninguém explica a si mesmo por que tantos fracassam, já que para tais fracassos não existem, aparentemente, causas justificadas. Tampouco se explica o que motiva o aparecimento de tantos receios, quando se pensa em realizar algo que não consta da relação das atividades correntes ou, para melhor dizer, que não depende destas, mas sim de alguma circunstância eventual, e às vezes quase que exclusivamente da perícia com que seja cumprida a nova atividade que o interessado se tenha proposto a desenvolver.

A Logosofia define este fato como uma das tantas sombras que obscurecem a inteligência humana, e que é necessário dissipar para clarear o entendimento e encontrar a chave que haverá de resolver o problema.

É muito fácil, para esta ciência da observação e do conhecimento, descobrir essa chave que, quase sem ser percebida, se manifesta num sem-número de casos e oportunidades. Vamos deixá-la, porém, ali onde ninguém a percebe e situá-la onde cada um possa dispor dela à vontade.

O que induz os seres a buscar alimento, roupas, e a proteger-se contra os rigores do tempo, e ainda defender-se contra os riscos da luta diária?

É a necessidade, que oprime o espírito e reclama para a vida o que é necessário para sua manutenção; a necessidade, que exalta o pensamento do homem, incitando-o à ação, ao trabalho. E tão poderoso é esse pensamento, quando adquire força, que de imediato vigoriza a vontade e alivia os incômodos do cansaço. O pensamento, habilitado assim pela sugestão interna, é o que anima a vida incerta e lhe dá esperança.

“Se tendes fé mudareis de lugar as montanhas”, disse o Grande Essênio, e não pode haver maior fé do que aquela que se baseia no conhecimento das leis e no que cada coisa significa para a inteligência humana. As dificuldades e os obstáculos costumam aparecer como montanhas inacessíveis. Quem tenha fé baseada no conhecimento poderá mover essas montanhas ou colossos sinistros que sempre ameaçam desmoronar sobre a vida e sepultá-la na escuridão da insipiência. O conselho que surge deste ensinamento é, portanto, que ninguém deve se deixar abater pela desesperança. E se a pessoa ainda não soube cumprir os propósitos que um dia impôs a si mesma, pela carência de recursos internos que estimulem sua vontade, ainda está em tempo de fazê-lo, ordenando a atividade dos pensamentos dentro de sua mente, a fim de conhecer a qual deles precisará exaltar para o cumprimento do propósito concebido. Se esse propósito, por exemplo, é motivado pelo anelo de aprender um idioma, deve exaltá-lo, isto é, enchê-lo de força, dando-lhe especial atenção, para facilitar o trabalho de vinculação ao idioma que deseja aprender, de forma que o impulso inicial não se debilite em nenhum momento.

O entusiasmo e a confiança na própria capacidade costumam ser os melhores elementos para propiciar a exaltação do pensamento a que se queira dar, circunstancial ou temporariamente, o privilégio de uma atuação mais intensa que a dos outros que ocupam a mente. O homem cumpridor deve cuidar de manter, sem deixar esmorecer, o pensamento que anima sua disposição para o trabalho; o pesquisador deve exaltar seus pensamentos em direção à investigação e ao estudo da ciência que se tenha proposto a cultivar; e assim sucessivamente.

São numerosos os pensamentos que podem animar a pessoa a realizar muitas coisas, pequenas ou grandes, durante sua vida. Tudo consiste em não retirar dos pensamentos construtivos sua força inicial e seus alvos, tratando-se mais propriamente de aumentá-los, a fim de alcançar com êxito aquele objetivo que, estando a princípio distante das possibilidades, se aproxima com o esforço e se conquista com grande satisfação para o espírito.

Caberia ressaltar que ninguém poderá duvidar desta realidade, se voltar os olhos para aqueles que, para fins contrários ao bem e à moral, exaltam seus pensamentos sem perceber, pois o fazem fora de todo controle, levados pelo ímpeto da paixão. Então os vemos entregues ao jogo, à bebida e a muitos outros vícios, conduzidos por esses pensamentos, como entes que perderam o juízo e todo o domínio sobre si mesmos.

Eis, portanto, o grande ensinamento que surge, ao ficar claro que se pode exaltar determinado pensamento, mas com pleno controle e domínio sobre ele, a fim de alcançar, no caminho do bem, os objetivos ou ideais cuja realização se almejou.

A INQUIETUDE QUE HÁ SÉCULOS ATORMENTA A ALMA HUMANA



Se as indagações formuladas desde épocas remotas pelo homem não encontraram resposta, apesar do empenho posto na sua busca, tem, forçosamente, que haver nisso uma causa que ainda não se pôde conhecer.

O certo é que no coração humano se enraízam inquietudes que perduram até o fim de seus dias. A primeira, que surge com o uso de sua razão, é a de saber, ou melhor, a de se inteirar de tudo, que não é a mesma coisa, já que o saber começa ao agitarem-se os fantasmas que a ignorância projeta por meio da imaginação. E dizemos “começa” porque é então que se experimenta, com maior força, a necessidade de proteção contra os invisíveis inimigos da felicidade e contra as eventualidades de toda espécie. Neste caso, são inimigos invisíveis os obstáculos, as dificuldades, os percalços, que paralisam e obstruem o desenvolvimento do progresso natural do homem como ente social. Estes obstáculos e dificuldades se apresentam com rigorosa pontualidade, atraídos pela irreflexão, pela imprevisão e pela inexperiência, tudo o que pode ser resumido em uma total ausência de conhecimentos, que coloca a pessoa em inferioridade de condições para a luta. Daí que sobrevenham os golpes e os momentos amargos, que se sucedem alternando com fugazes momentos de tranquilidade e alegria. E é então que chegam os anos em que a vida se debate numa constante indefinição de rumos; é o instante em que se manifesta, talvez com maior insistência e vigor, uma inquietude que, sem poder ser definida, permanece inextinguível durante toda a vida. E tão indefinida ela é, que comumente é confundida com outras inquietudes, a ponto de se mostrar com o aspecto de um desejo, ou de um interesse especulativo, ou de uma veemência qualquer.

Vem de longe o fato de considerar que essa inquietude tem algo a ver com o problema, até aqui insolúvel, da existência de Deus. O certo é que ela vem sendo levada em conta já faz muitos anos. Quase poderíamos dizer que sua persistência na alma humana foi o que motivou a necessidade das religiões, as quais, como certos medicamentos que só atenuam as crises de determinadas doenças, atuam como calmantes dessa inquietude, sem contudo produzir modificação alguma. Pode até ser que algumas ou muitas sejam curadas, mas, como isto é coisa que escapa à comprovação geral, a única coisa a fazer seria repetir aquela máxima que se tornou corrente em Medicina: não há enfermidades, mas sim enfermos. As inquietudes assumem, também, características exclusivamente pessoais, motivo pelo qual deve ser levada em conta cada reação individual, de acordo com as condições em que, respectivamente, se encontrem as pessoas. O essencial é examinar essa inquietude, até que se consiga perceber sua razão de ser.

A este respeito, a sabedoria logosófica constatou que sua manifestação – indefinida, como dissemos – aparece tão logo o ser humano deixa o mundo da infância e penetra no das lutas, das misérias, das dores e da realidade. São dois mundos totalmente opostos, tanto que no primeiro não existe a preocupação nem a responsabilidade, e, salvo exceções, a dor é fugaz no coração, enquanto no outro incidem tantas responsabilidades e preocupações, a ponto de não ser estranho que as pessoas se sintam angustiadas pelo cansaço e pelas fadigas da dura luta.

Não obstante, o adulto com frequência revive em sua mente as imagens queridas daquele mundo da infância. Recordações e reminiscências lançam repetidamente seus brotos no encorpado tronco da espécie humana. Por que as crianças são tão queridas e protegidas? Será, talvez, por ser considerado sagrado esse mundo em que elas vivem? Deve haver algo disso, pelo tanto que se respeita o que concerne a elas, não sendo senão com dor que, obrigados por uma imposição do dever, corrigimos suas travessuras ou seus pequenos desvios, pois nada existe que nos comova mais que o pranto de uma criança, ao pensarmos em sua inocência e falta de defesas próprias.

A inquietude a que estamos nos referindo deixa transparecer uma verdade, que não é outra senão aquela que se traduz na ânsia com que

se quer voltar ao mundo da infância para desfrutar, uma vez mais, as delícias e a felicidade desse fragmento de vida que contribui para manter acesa a esperança em todas as almas. Por todas as partes se busca a ansiada chave capaz de restituir à alma a paz perdida e a alegria de viver. Por isso se sonha e se alongam os dias da ilusão em inocente engano: para encurtar, por esse meio, conforme se supõe, os dias cruéis da tempestuosa materialidade.

O mal é que a maioria das pessoas não vê como distinguir com clareza o verdadeiro motivo da inquietude. Como dissemos, essa maioria vai de um lado para outro na busca de algo que não sabe explicar o que é. Se, às vezes, o que encontra parece coincidir com as exigências daquilo que a inquieta, pouco depois se dá conta de seu equívoco, continuando sua peregrinação numa amarga expectativa, enquanto o coração sofre repetidos abatimentos.

A Logosofia mostra, para tão complicado dilema, a possibilidade de se encontrar uma solução feliz, capaz de conduzir o homem a um despertar num mundo superior àquele em que se encontra. Embora tal mundo tenha alguns pontos semelhantes com o da infância, tem por outro lado tudo de que a alma necessita para sua maior expansão, ao mesmo tempo que oferece a inquestionável realidade de conhecimentos que não só dão vigor extraordinário, como também permitem levar a cabo a realização de um processo de superação integral. Desta maneira, enquanto a inquietude se debilita gradualmente, vai adquirindo maior força o anelo de viver nesse mundo superior até onde o espírito humano tentou chegar por inúmeros caminhos.

Caberia expressar que é em tais circunstâncias que a pessoa se dispõe a penetrar em seu mundo interno. Constatamos, ajudado pela luz do conhecimento, quão grande era sua solidão e sua orfandade, ao vislumbrar ou perceber a imensa grandeza de Deus, à medida que as verdades que descobre se mostram à sua inteligência para explicar-lhe tudo o que lhe era incompreensível.

NORMAS E PRINCÍPIOS ÉTICOS DO SABER LOGOSÓFICO

Da conferência pronunciada por Raumsol
na Escola Raumsólica de Logosofia de Buenos
Aires, em 11 de agosto de 1944



Celebramos, hoje, o décimo quarto aniversário de fundação da Escola. Digo da Escola, e não desta Escola, porque é uma verdade inquestionável que ela é, no mundo, única em seu gênero.

Tenho a sensação de que é uma barca que acaba de atracar ao porto número quatorze, para voltar a partir dentro de breves instantes em busca de novos espaços no correr do tempo, como argonauta invenível, levando a todos a nova palavra: a palavra-chave que decifra os mistérios da vida e permite à inteligência penetrar nos enigmas da Criação que mais lhe interessa conhecer. Palavra que deve ser pronunciada como corresponde, para que adquira sua força, sua virtude e sua importância.

Repeti-la não é suficiente para decifrar mistérios e penetrar em arcanos. E não o será enquanto não esteja identificada com a pessoa e forme parte da própria existência. Mais ainda: haverá de ser a existência mesma, porque é a palavra do conhecimento.

Acabo de lhes dizer algo que precisa ser meditado profundamente. Toda verdade com a qual a consciência tome contato deve ser vivida, a fim de se experimentar sua realidade. Enquanto uma interpretação superficial a nada conduz, uma compreensão cabal é sempre benéfica. Mas, se isto não for possível, por acaso não está o ser humano dotado de faculdades que propiciam a compreensão de todo gênero de conhecimentos? Se ela não é alcançada pela inteligência, será pela sensibilidade, e quem assim a sinta experimentará sua virtude e sua

verdade, porque tomará contato com uma realidade que se define dentro de cada um: a realidade da própria existência que, abrindo-se ao entendimento, manifesta-se sem sombras ao espírito.

O que dissemos fica confirmado pela presença de todos os que aqui estão e que, em grande número, talvez ainda não tenham conseguido compreender em toda a sua extensão o conteúdo essencial do ensinamento, não obstante haver sentido, vislumbrado ou intuído seu profundo significado. É por esta razão que vêm escutar a palavra logosófica: por determinação da própria consciência, que a escutou e faz com que cada um de vocês compareça a este lugar para sentir-se feliz pelo menos por um instante.



Vocês já comprovaram com quanta exuberância se manifesta a sabedoria quando brota de uma fonte inesgotável. Dessa fonte estão bebendo, e, para que não lhes pareça uma bebida comum ou insípida, costume mudar sempre seu gosto, na certeza de que, sem embriagar, ela acalmará a sede e fortificará o espírito. Ocorre, no entanto, que muitas vezes ela os deleita e lhes parece sublime; é quando o espírito de cada um de vocês está predisposto a recebê-la, seu estado mental é bom e a mente está calma; ao contrário, noutros momentos, quando há agitação, parece-lhes que seu sabor se transforma, e encontram nela talvez algo de rigoroso, porque os convida a corrigir os defeitos e aperfeiçoar-se, abandonando tudo o que lhes desfigura a vida.

Tenho insistido em todo momento, e o farei em cada oportunidade, para que se mantenha fresca na memória, que é o arquivo mental, a imagem da constância no esforço. Tenho insistido, como disse, para que se viva todo conhecimento que contribua para elevar a moral e capacitar mais a percepção mental; para que seja vivido internamente, seja associado à vida e vinculado a todos os movimentos que diariamente a inteligência execute, ativando os pensamentos na mente. É necessário que isto seja feito com metódica frequência, sem esquecer que se está realizando um processo de evolução consciente; mas essa constância deve manifestar-se por meio do próprio conhecimento. E é por isso que insisto que cada um se esforce para ir conhecendo tudo o que fica oculto no contato com seu entendimento,

tudo o que diz respeito à sua vida, à vida dos demais – que, pela semelhança, é como se fosse a própria – e, finalmente, à vida universal.

Chegamos a cumprir uma breve etapa nesta grande cruzada de luta contra a ignorância, contra o mal e, sobretudo, contra as tendências que mantêm paralisada a mente de tantos seres. A indiferença e a inércia mental constituem as duas maiores negações da vida humana. Não devemos dizer, por exemplo, contemplando o céu limpo e estrelado: “Que suja é a Terra!”, porque estamos nela e dela formamos parte. Mas podemos, isto sim, esforçar-nos por fazer da Terra um céu tão limpo como aquele: o céu das inspirações, onde se movem os pensamentos, como se movem as estrelas no espaço do firmamento. Para isso, porém, é preciso organizar esse sistema sideral humano, fazendo com que os pensamentos sejam verdadeiras estrelas que projetem luz, e a inteligência, um sol que irradie claridade por todas as partes.

Tenho estado trabalhando nessa tarefa há quatorze anos, incansavelmente, reunindo em diferentes pontos deste país e da América uma infinidade de seres, para instruí-los no conhecimento da Logosofia. Que este conhecimento foi sentido, experimentado e ainda vivido por muitos deles, demonstra-o o fato de que continuam se reunindo em torno de mim, com um anelo cada vez maior de superação e de bem.

E se esta é uma verdade que vocês estão testemunhando com sua presença, não deve ser depois desvirtuada por palavras, pensamentos ou atos alheios a ela. A conduta interna tem de ser orientada para o nobre ideal perseguido, e se este ideal é confirmado na transformação experimentada, ao encontrar cada um dentro de si possibilidades fecundas que oferecem uma nova forma de viver e permitem à consciência encarnar numa nova existência, elevando-se o ser humano em escalas de superação ascendente, a Criação se abrirá sem ocultar a verdade que nela existe permanentemente.

Mas esta obra, à qual consagrei integralmente a vida e à qual dedico meus maiores afãs, deve ser secundada mais estreitamente por todos os discípulos. Disse, faz tempo, que sentiria uma dor profunda se, num amanhã, visse somente meu nome aparecer esculpido em seu pé. Meu anelo é o de que, ao lado dele, esteja gravado o de todos vocês, para exemplo das gerações futuras.

É esta uma obra paciente, que já vem dando resultados muito satisfatórios; mas requer um esforço titânico, contínuo, sem desânimo; requer seja constantemente sustentada essa incipiente vida que está sendo formada; que não se debilite e caia vencida, para ser absorvida outra vez pelo vazio da vida vulgar.

O ensinamento logosófico é espírito vivente, porque ele vai de uma mente a outra. Necessita do espaço e do tempo e não pousa a não ser ali onde encontra uma franca acolhida, que lhe permita deixar o néctar do qual é portador. Daí que vocês devam escutá-lo com os ouvidos do entendimento, que são os do espírito, e, se fizerem isto, verão como este espírito permanece em vocês, não devendo temer que se afaste, como acontece com frequência, pois voltará assim que o chamarem novamente, a fim de fazê-los experimentar com maior solicitude, ao senti-lo em si mesmos, aquilo que seu ser prefere e que a ele agrada e beneficia.

Disse numa oportunidade que muitos se davam conta, ainda que inconscientemente, dessas frequentes ausências do próprio espírito, e que pretendiam atraí-lo recorrendo à invocação, à música, ao recolhimento religioso, etc., para sentir mais intensamente a vida, que sem ele parece vazia. Poder-se-ia dizer que o espírito permanece no homem quando encontra um verdadeiro incentivo, quando pode ao mesmo tempo experimentar a sensação de ser seu dono; mas quando vê que este caminha pela Terra buscando o material, ausenta-se e só se faz presente em determinadas circunstâncias. Às vezes, até parece que sente alegria ao abandoná-lo para sempre, sobretudo naqueles casos em que existe um divórcio quase absoluto entre ele e a pessoa em quem está encarnado.

Estimule cada um de vocês, portanto, seu próprio espírito, criando-lhe um ambiente aqui, nesta Terra; um ambiente que, como disse a princípio, seja como um céu em que se sinta cômodo e feliz. Isso lhes permitirá mantê-lo consigo; então, cheios de força e de grande esperança, vocês poderão confiar em francas e grandes realizações.



Uma das virtudes mais ponderáveis que o ensinamento logosófico possui – já o disse de outras vezes – é esta: quando é transmitido ao

semelhante, atrai muitos outros ensinamentos. Estes são revividos na mente e fazem ao mesmo tempo experimentar, a quem o transmite, a alegria poucas vezes sentida de ver com quanta facilidade afluem à sua mente imagens formosas, cheias de colorido e de vida, o que não poderia acontecer se estivesse mergulhada na inércia. De modo que, no momento de dar, instantaneamente recebe, e recebe muito mais do que dá. Outra de suas virtudes é que cada pergunta que o discípulo conecta ao ensinamento faz reviver, em seu ser interno, aqueles outros ensinamentos que foram esquecidos. E o esforço por responder faz com que volte a fluir com facilidade, por um ato de verdadeira caridade, a palavra justa com que haverá de deixar respondida aquela pergunta.

E, se constatamos que a vida é uma constante atividade, como o demonstra a própria Natureza em tudo o que foi criado, por que, então, empenhar o tempo em negar essa verdade, fazendo o contrário? Todo trabalho é útil e produtivo; e se este é superior, haverá de produzir efeitos também superiores, em benefício daquele que trabalha.

Não é possível pensar que a vida vegetativa e estéril do mundo comum seja a preferida do ser humano. Estamos vendo quanta gente vive amargurada; está sempre buscando sem saber o que busca, porque se cansa de tudo. E tudo acaba por se tornar uma negação do que em seus primeiros dias foi ou constituiu o reino de sua incipiente reflexão. Se foi possível para a mente da criança, como eu já disse noutra oportunidade, forjar para si esse pequeno mundo em que se movem tantos pensamentos, que para ela são reais, e convive com eles falando-lhes e prometendo-lhes ser sempre melhor, por que isso não haverá de ser possível numa mente adulta, fazendo com que os pensamentos, situados no plano da sensatez e do possível, sejam uma realidade? Que fazem vocês na vida diária? Que indagações formulam a si mesmos ao se levantarem em cada dia? Eu sei: nenhuma. Então, que valor podem ter depois as perguntas que formulam, indagando sobre outros conhecimentos, se não se constituiu em vocês a razão de ser dessas perguntas? Levantam-se e, depois de vestidos, caminham de um ponto a outro como sombras que vagam pelo mundo. De vez em quando, contemplan quem passa ao seu lado ou

pousam os olhos sobre um objeto qualquer. Um destes pode constituir sua preocupação, mas, e o resto? Onde está? Onde está esse ser que se sustenta sobre duas colunas e ao qual foi dado, por um ato de suprema bondade de Quem criou a criatura humana, o nome de rei da Criação?

Para reinar com sábia justiça, é necessário conhecer muito bem o próprio reino. Transportemos essa imagem para o reino interno, ali onde cada um deve ser, verdadeiramente, dono consciente do que possui, e consideremos se poderá ser rei e senhor de seu mundo interior quem desconheça tudo que dele faça parte. É impossível.

Bem, para isso veio o ensinamento logosófico: para oferecer, a todos os que o cultivam, as chaves mediante as quais se pode conhecer o reino próprio e o reino de toda a Criação.

Se os princípios universais vigoram como leis inexoráveis para tudo quanto existe, o conhecimento de cada um implica conhecer a gama deles em sua total aplicação na esfera universal. Mas, como não é possível atuar com forças mais fortes do que a própria natureza humana, é preciso dotar o ser, em sua manifestação de poderoso condutor do pensamento, de uma fortaleza cujo vigor invencível domine todas as forças internas, permitindo abarcar em alto grau campos cada vez mais dilatados na esfera das próprias possibilidades.

Isto quer dizer que é necessário estudar o ensinamento, aprofundá-lo, aplicá-lo à vida e não passar um instante inativo. Devem ser observadas, na recordação, as imagens que constituem conhecimentos e, situando-se o homem sempre na posição de quem é consciente de que sabe que vive na Terra para uma finalidade, e não para permanecer nela como um ente estéril, fazer com que a vida seja útil para ele e para a humanidade.



Nem sempre, quando se apresenta a oportunidade, está ao alcance de vocês a explicação daquilo que ainda não conseguiram compreender. Essa explicação, para ser compreendida, requer o esforço próprio de ir em sua busca, para que ela, absorvida pela inteligência, fecunde a mente e sirva aos fins do aperfeiçoamento individual.

A realização de um processo de superação não é, logicamente, algo simples, algo que possa ser levado a cabo sem maiores esforços ou sem dedicação. Não, pelo contrário, exige uma grande dedicação, uma constância a toda prova, uma máxima paciência e temperança. Para ser criador, é necessário ser paciente. Ninguém é criador, se não é paciente; mas essa paciência deve ser, como já disse outras vezes, construtiva. É uma paciência que, enquanto se manifesta, permite a observação e correção dos erros, bem como o aumento da visão para ir aperfeiçoando aquilo que se tem o propósito de criar.

Ser criador não significa criar uma coisa e abandoná-la depois. É preciso infundir nessa criação a vida, para que exista e para que ninguém possa reduzi-la ao nada, devendo produzir-se, logicamente, uma perfeita identificação entre o criador e sua obra.

O conhecimento logosófico, ao ampliar a capacidade mental e permitir a expansão do espírito, que sempre é criador, abre a todos esta possibilidade. É por isso que insisto tanto para que cada um tome, com o mesmo empenho, com a mesma constância, com a mesma serenidade com que toma tudo quanto se refere à sua própria vida, esta verdade que ponho nas mãos de todos vocês. Que este conhecimento seja cultivado em todo o momento, para que vá despertando na mente todas as potências que permanecem adormecidas pela inércia, e uma vez que elas tenham despertado e que os pensamentos construtivos aflorem, já haverá poder para manejar forças e fazer com que estas obedeçam ao mandado da palavra sábia, serena, virtuosa e clara de quem a pronuncia.

Todos os homens, geralmente, se movem pelos pensamentos. Estes os levam por aqui, por ali, por todas as partes, ainda que alguns pensem que são eles que se movem. São os pensamentos que levam o jogador à mesa de jogo, como levam à mesa do bar aquele que bebe; também são os pensamentos que hoje trazem vocês até aqui, mas pensamentos de essência superior, e, se isto é uma verdade, façam com que eles se mantenham sempre em suas mentes, para que este ato de presença não seja um mero ato simbólico de celebração de mais um ano na existência da Escola, mas sim a

reafirmação de uma convicção profunda. E se, em algum momento, vocês tiverem feito para si mesmos a promessa de serem melhores, que esta se mantenha viva e se manifeste cada vez com maior vigor dentro de seu ser interno. Que ela se converta em realidade; que defenda o espírito de vocês, espírito que anseia viver na Terra como vive quando se libera do corpo, e que se sente tão ágil, tão livre e tão feliz quando está fora das amarras da parte mortal.

E, quando isto seja experimentado uma e mais vezes, verão como a face do mundo irá mudando para vocês. Só então haverá explicação para muitas coisas, e o próprio céu parecerá abrir-se inteiramente, e vocês se encontrarão num reino superior, onde as verdades, em vez de ofuscar, comunicam aquilo que, nelas contido, torna a vida imortal.

O dilema está, pois, em sair do anonimato, do meio das sombras, e viver na luz e no conhecimento, a fim de que a vida não se perca, submergindo-se no abismo do nada. Faço-lhes esta advertência para que caminhem com firmeza e decisão para a frente, projetando a luz deste conhecimento sobre as sombras do mundo.

OS CONHECIMENTOS E SUAS HIERARQUIAS



No vasto campo da ilustração superior, muitas vezes se promovem divergências de opinião ao serem respondidas as perguntas que frequentemente são formuladas nos ambientes do pensamento, com a finalidade de obter uma explicação ou dissipar uma dúvida.

Logosoficamente, aconselha-se em todos os casos que se trate de situar a pergunta em seu plano correspondente, ou seja, se ela pertence ao mundo transcendente, ao subtranscendente ou ao comum. Desta maneira, será possível elucidar o tema em questão, evitando-se os equívocos.

Por outro lado, aconselha também ter muito presente em qual plano atua quem a formula, para saber se está em condições de compreender tudo o que lhe for explicado a respeito. Esta precaução evita confundir as posições, seja a do tema em relação à pessoa, seja a desta em relação ao tema, pois não é possível, a menos que se incorra num grave erro e se desfigurem as imagens, esclarecer um assunto que corresponde ao mundo transcendente, por exemplo, com as figuras vulgares do mundo comum, ou vice-versa. Assim, pois, no caso de se querer determinar com precisão o que é a verdade, o que é o bem e o que é o amor – indagações que com frequência visitam a mente dos seres, promovendo neles a ansiedade por conhecer sua explicação –, será preciso ter em conta que tais palavras abarcam múltiplos aspectos e contêm inumeráveis facetas interpretativas. Além disso, não se deve esquecer que se desprendem também dessas palavras numerosos significados, que umas vezes participam das ideações do mundo transcendente, outras do subtranscendente, e até dos simples conhecimentos do mundo comum.

Alguém que encare a elucidação destas perguntas, considerando o que elas representam no mundo transcendente, precisará situar-se necessariamente nesse mundo superior do pensamento, para compreender seu significado.

Pois bem, se, para abordar um tema semelhante, alguém carece dos conhecimentos do mundo transcendente, não poderá compreender a magnitude do alcance que a explicação de tais palavras possa sugerir, e será forçoso conformar-se, então, com a explicação que surgir do mundo subtranscendente, ou seja, o que está entre o superior e o corrente, de todos conhecido. E, se não tiver tampouco com esse plano conexão alguma por meio de pensamentos afins com ele, será preciso resignar-se a ver satisfeita a ansiedade com as explicações que possam estar ao alcance do próprio entendimento.

Se a verdade é enfocada em sua acepção mais elevada, poderá ela ser definida como a manifestação universal do pensamento de Deus; o bem (bênção, benefício, bem-aventurança), definido como a própria existência de tudo o que foi criado, que perdura por determinação e graça dessa manifestação universal do pensamento de Deus; e o amor, universalmente concebido, como a suprema vontade que faz possível a todos os seres criados desfrutar desse bem e reconhecer, por esse meio, pelo amor, a excelssitude de tão magna sabedoria.

Assim, a verdade é a Criação cósmica em seu ilimitado volume de expansão universal; o bem, a expansão da verdade, manifestando-se na essência de toda a Criação; e o amor, a expressão divina da Vontade Suprema, refletindo-se em tudo que anima a existência de todo o criado.

Caso alguém quisesse explicar o alcance destas três palavras no âmbito do mundo subtranscendente, haveria que fazer a seguinte reflexão:

O gênio concebe uma ideia, plasma-a em sua mente, cria imagens e depois realiza a obra concebida. Isto viria a ser sua criação. A verdade, antes não manifestada, mas concebida, plasmada e criada em sua mente, ao realizar-se na obra se converte numa verdade palpável e inquestionável. É verdade porque reproduz exatamente o concebido, plasmado e criado na mente; é verdade porque é real a obra manifestada

e, finalmente, é verdade real porque não é um simples produto da imaginação. Prova-o o fato de que, se a obra for destruída, poderá ser reproduzida tantas vezes quantas forem necessárias, porque a verdade-matriz está na mente do gênio criador. Em tal caso, o bem está representado por todos os que se beneficiam com essa obra; e o amor, pela vontade de seu criador ao permitir que outros se beneficiem.

No mundo comum, onde geralmente são muito raros os que se conformam com as explicações que recebem, a verdade é acima de tudo uma palavra que se presta muito à discussão, já que cada um tem dela, poderíamos dizer, um conceito diferente, segundo as conveniências pessoais. O mesmo ocorre com o bem e o amor, sobre os quais cada um crê o que melhor lhe parece, de acordo com seu critério, explicando-os para si de conformidade com o uso que faz deles.

AMPLIAÇÃO DA VIDA PELO CONHECIMENTO



Se fossem medidas as vidas dos seres humanos, desde seu nascimento até o final, pelo que elas têm significado para cada um, poderíamos dizer que a dimensão de umas e de outras varia substancialmente.

A vida, na generalidade das pessoas, é estreita e limitada, tanto que muitas vezes fica compreendida dentro de um só aspecto, e até de um só local quando tais pessoas não vão além daquele onde nasceram. Para seres assim, a vida e o mundo se reduzem a um lugar apenas: o lugar onde vivem. É a única coisa que conhecem, e é a única também que exerce sobre seu ânimo uma influência decisiva.

Suponhamos o caso de um homem que, com muito dinheiro acumulado, tivesse circunscrito sua vida aos limites de onde nasceu, sem que jamais se interessasse em conhecer outros lugares, outros países, etc. Para ele, não existiria outra coisa, como realidade a ser vista, vivida e admirada, que não fosse o estreito perímetro em que passou a vida até seu último instante; todos os demais lugares da Terra não haveriam existido para sua consciência. E, ainda que com boa vontade admitíssemos que o homem de nosso exemplo houvesse se inteirado da existência desses lugares, e até se deleitado mais de uma vez ao ler narrativas de viagens em que pudesse seguir o turista nos muitos pontos por ele visitados, devemos admitir que tudo isso só lhe poderia ter produzido algum desejo por conhecê-los. Esse desejo, ao não se traduzir em resolução, haveria passado por sua imaginação como tudo aquilo que não toma contato direto com a consciência, menos ainda se, ao ler essas narrativas, os olhos tiverem passado depressa pelas linhas escritas, justamente ali onde o escritor narrava com maior detalhe e mais vida os trechos por ele percorridos. Apesar disso, num e noutro caso, muito seguramente essas leituras não teriam conseguido

despertar em sua pessoa uma só das grandes emoções, alegrias ou impressões inexpressáveis que experimentamos quando somos nós mesmos quem visita e conhece um lugar, uma paragem.

Se, por exemplo, projetarmos para nós uma vida habituada ao ambiente da cidade ou do povoado em que nascemos, desenvolvendo-se dentro da monotonia própria das coisas que se repetem com muita frequência, veremos que essa vida, se não mudou, teria sido a mesma do princípio ao fim de nossos dias e, em consequência, o mundo para nós se teria limitado, fechado no pouco que dele tivéssemos podido conhecer em tão misérrima existência. Mas se, na procura de novos horizontes, tivéssemos chegado além das fronteiras criadas por nossa limitação, encontrando-nos de pronto em outra cidade, em outro país e em outros ambientes, teríamos experimentado a sensação de haver penetrado primeiramente em outro mundo, e depois em muitos outros. Isto porque, em cada lugar, teríamos conhecido uma vida diferente, ao nos adaptarmos aos meios, climas e modalidades próprias deles, tudo o que, ao tomar contato com nossa consciência, haveria de produzir em nós, indubitavelmente, mudanças na maneira de ser e até na de pensar e sentir.

É esta uma manifestação cabal e inegável da ampliação que a vida experimenta pelo conhecimento; embora retornemos de todos os lugares que mais vivamente impressionaram nossa consciência, traremos conosco muitos pensamentos que, depois, nos permitirão reviver à vontade todas as imagens que foram gratas a nosso espírito.

De igual modo, e certamente com outras projeções, amplia sua vida aquele que, internando-se em si mesmo, guiado por conhecimentos de alta transcendência humana, consegue experimentar a realidade de uma verdadeira expansão da existência, já que os alcances do saber levam o pensamento a conhecer mundos insuspeitados para a mente comum, tão afastada destas realidades.

ALCANCES DO CONHECIMENTO TRANSCENDENTE APLICADO À VIDA



As imagens como meio de ilustração

Se existe algo que com maior facilidade ilustra a mente humana, quando a ela são expostos temas de alguma profundidade, é a apresentação de tais temas por meio de imagens, as quais têm, ademais, a virtude de raras vezes serem esquecidas.

Sendo assim, a construção de imagens não é coisa simples. Exige-se certa perícia nessa classe de arquitetura, a fim de que as imagens delineadas e expostas ante um auditório sejam claras e precisas e que, ao mesmo tempo, contenham quase que a expressão acabada de um conhecimento, de uma verdade ou do fato que se queira narrar.

Se, para expressar determinados aspectos da vida humana, recorremos, por exemplo, à imagem da árvore, diremos que, comparada a esta, a planta humana tem plasmada em sua semente a sua herança e, também, o seu futuro, mas que, diferentemente dela, a árvore humana pode morrer e voltar a nascer no curso de uma só vida. Essa transformação se realiza ou se consuma quando morre a árvore velha da existência estéril e nasce a nova, de semente selecionada, sob os auspícios de uma concepção superior de vida. Com isto, damos a entender que, dentre as raízes da velha planta, que se desagregam, pode surgir um novo ser e que, quanto maior for o cuidado que lhe seja dispensado mediante o cumprimento da lei de evolução, maior será também a possibilidade de alcançar a perfeição da espécie.

Se compararmos a árvore humana com alguma dessas árvores do reino vegetal que costumam produzir muita ramagem, tanta que às vezes chega até a vencê-las, fazendo-as cair sob seu peso insustentável se não são podadas a tempo, compreenderemos, ao retirar delas a folhagem inútil que lhes absorve a vida e as torna estéreis, que no homem essa ramagem

não representa outra coisa que os preconceitos, as vaidades, os falsos conceitos, as debilidades, etc. Frondosidade que a árvore humana por vezes ostenta, enquanto oculta um tronco oco, cuja única utilidade, diferentemente do vegetal que se converte em lenha, é pôr a pessoa – e isto por uma ironia da analogia – na condição de levar uma surra. Isto porque, geralmente, os que estão compreendidos em nossa imagem encontram a justa repulsa daqueles que nasceram sob o signo da sensatez e à luz natural do pensamento que ilumina e anima a vida dos que pensam com juízo e com lógica. Será fácil compreender, pois, que é preferível um broto fértil, um só, a muitos débeis e inférteis.

A missão da árvore humana não deve limitar-se a crescer e dar sombra. Chamada a ser a imagem de seu Criador, corresponde-lhe dar flores e frutos, e boa semente, para que a espécie não se debilite nem se extingam suas qualidades e virtudes, principalmente se for levado em conta o que dissemos noutra oportunidade: a árvore humana é a única que pode dar flores e frutos em todas as épocas.

Necessidade de corrigir os erros e elevar as condições do ser humano

É uma verdade clara que o ser humano requer, para seu aperfeiçoamento, como necessidade permanente, possuir conhecimentos de ordem transcendente, com os quais possa orientar seus passos no caminho da superação individual.

A Logosofia ensina que, para dar acolhida a conhecimentos de tal natureza, é imprescindível que a pessoa vá desarraigando os conceitos falsos, pobres ou estéreis que ela tem da vida e de si mesma. A um só tempo, deverá compreender que os defeitos que enfeiam sua vida terão de ser eliminados, e para isso, precisará penetrar muitas vezes, e muito profundamente, em seu ser interno para encontrá-los, já que nem sempre se encontram à vista.

Sustenta a sabedoria logosófica, também, que grande parte da desventura humana consiste em viver moral e psicologicamente na intempérie, já que é comum o empenho em ostentar com certa vaidade algum privilégio ou favorecimento que se tenha alcançado, correndo assim o risco

de perder a felicidade, a tranquilidade e até o pudor, ao expô-lo à malícia e à pilhagem alheias. Mas, se o homem levanta dentro de si, em seu coração, um altar e se ajoelha ante ele, reverente na gratidão pelo bem obtido, é certo que essa atitude o fará desfrutar o inefável prazer de alcançar, em doce enlevo espiritual, o êxtase, que contém as emoções mais felizes. E o que é o êxtase, senão a exaltação da felicidade num instante de supremo equilíbrio psíquico, instante em que se funde, numa só chama de luz viva e potente, o pensamento e o sentimento, avivados pela consciência, que, por sua vez, é a que impede que a força da expansão interna se exceda em seus limites pelo abuso e pelo desvio?

O que é privativo da consciência a cada um pertence. Este ato de recolhimento em si mesmo não é um ato de egoísmo, pois aquele que consegue experimentar esta verdade suaviza as asperezas de seu caráter. E todo o seu ser se impregna de doçura e bondade, sendo inegável que todos quantos tratam com ele se beneficiam com sua conduta.

É muito o que é preciso saber para constituir as defesas internas, para poder armar a pessoa com a vontade de querer; querer que deve ter um só e único significado: o bem. Acaso o homem não possui todos os elementos para lutar, defender-se e triunfar na grande cruzada que empreende para sua conquista? Acaso o talento e a vontade não são os músculos da inteligência que a pessoa capaz utiliza, para aplicar seus golpes na mandíbula do monstro que leva estampado em sua frente o estigma do mal?

Nem tudo é simples estudo ou aprendizado nesta titânica obra de reconstrução da vida, na qual é necessário dar nascimento a uma nova individualidade. Existem lutas, dificuldades e obstáculos de toda ordem. Daí que seja imprescindível estar constantemente desperto, para que os olhos não percam a faculdade de ver.

A evolução consciente inclui, também, o conhecimento das leis e, com ele, o dever de não infringi-las, constituindo-se o homem, assim, em veículo consciente de suas prescrições.

Em repetidas vezes, asseguramos que o triunfo de todo esforço encaminhado para um fim construtivo, ou para a realização de um ideal como o da superação integral do indivíduo, depende em muito da permanência do empenho, da continuidade e da consagração ao que foi

conceituado como fundamental para a vida. Quando a pessoa decide realizar tal aspiração, não deverá interromper um só instante a atividade interna que isso exige. Trabalhar, trabalhar sempre: eis o lema de toda vida grandiosa. Trabalhar para que a mente esteja constantemente preparada para iluminar o caminho escolhido.

Não se deve esquecer que o homem surgiu da Terra, e que o mundo surgiu do homem. E se esse mundo – que não é a Terra, nem a natureza, nem o universo – pôde surgir do homem e está constituído por tudo o que ele fez, será possível que este não consiga fazer uma milionésima parte em seu mundo interno? Será possível que tenha chegado a incríveis concepções na técnica e em todos os demais ramos do saber humano, e que não seja capaz de realizar algo dentro de seu próprio ser? Seria inconcebível.

É isto, portanto, o que a Logosofia vem expor à atenção de todos os seres humanos, oferecendo-lhes ainda os ensinamentos para que possam realizá-lo. Não cabe pensar que a humanidade foi arrancada das profundas obscuridades pré-históricas do neolítico para que continuasse nas trevas, na confusão ou no engano de suas próprias ficções. Não se pode, sensatamente, admitir isso. Mas ocorre ser verdade inquestionável que a tendência humana sempre se dirigiu para o externo, já que, salvo raras exceções, a pessoa se preocupou muito pouco com o que diz respeito intimamente a seu espírito e a sua consciência.

É costume dizer que nem todos podem alcançar uma grande superação de si mesmos, porque nem todos herdaram de seus pais a preparação e as condições necessárias. Entretanto, Deus previu isto e colocou em todas as mentes humanas a razão e a inteligência, a fim de que os que não herdaram tais aptidões tivessem o trabalho de conquistá-las e, oportunamente, fizessem com que seus filhos as herdassem. Se não tiveram esse privilégio ou essa honra, tais filhos poderiam, em compensação, forjar um legado para seus descendentes, evitando, assim, que estes tivessem motivo para dizer o mesmo ou fazer idêntico protesto.

A história não se lavra levando uma vida estéril e frívola, carente de todo conteúdo superior.

PREPARAÇÃO DO JUÍZO E REFLEXÕES BÁSICAS



É extremamente aflitiva a impressão recebida por todo aquele que, com tino superior, observa a grande massa de pessoas que vivem na ignorância. Na verdade, essas pessoas dão a sensação de estar vivendo nas condições rudimentares das primeiras épocas da existência humana.

Até quando a humanidade seguirá perambulando por este mundo com a morte sobre as costas, sem experimentar dentro de si o pulsar da vida universal e a consciência de ser o que em realidade lhe corresponde ser? Ocupa o homem o lugar ideal que lhe foi reservado no seio da Criação? Deve existir e existe, não obstante, um meio de alcançar esse lugar e essa consciência do que se é e do que se pode chegar a ser: a capacitação por meio da aquisição dos conhecimentos que transcendem o saber comum, e a reconstrução da vida por virtude de uma reeducação interna que permita extinguir os defeitos, as deficiências, etc.

Mas, para cumprir este plano de reforma e superação individual, será necessário conservar íntegros os propósitos de tão elevado fim e não pôr fora do coração os anelos sinceros e puros que alentem tais propósitos. Preservar-se de toda contaminação externa e reservar para si, para a própria intimidade, o que cada um se propõe a fazer em favor de seu melhoramento é uma exigência natural de nossa sensibilidade e uma necessidade imperiosa de nosso espírito. A quem agrada que outros o vejam quando esteja a meio vestir? Esta simples reflexão bastará para compreender quanto bem nos faz a discrição e a modéstia.

Muitas são as manifestações do espírito quando ele quer revelar à própria pessoa sua condição espiritual e humana; mas há uma que indica, com especial clareza, qual deve ser o caminho a seguir: a que lhe exige uma constante superação.

Quem conviva com as misérias do mundo jamais será rico, por mais dinheiro que tenha; mas quem busque enriquecer sua alma para oferecer seu concurso à espécie da qual é parte integrante, este será poderoso e chegará a ser cabeça de homens e alma de muitos.

Se o fato de ignorar tudo que escapa ao conhecimento humano já é motivo de limitação, o homem não deve propiciar ainda mais essa limitação, fechando-se num círculo vicioso do qual é muito difícil sair.

O tempo que se perde é vida morta. Quem desperdiça seu tempo naquilo que não responde à razão de ser de sua existência é um ser que morre lentamente ou, noutras palavras, que leva a morte atrás de si.

Com quanta razão se pode exclamar que não existe arte maior nem mais benéfica para a alma humana do que a de cinzelar a própria escultura!

Cada um deve aprender a gravar sua verdadeira imagem, para chegar a ser capaz de refleti-la sem defeitos, e a escrever por si mesmo sua história, para encontrar sempre nela, nesse acervo de recordações, um incentivo para a vida. Quanto mais brilhantes forem suas páginas, tanto maior será a felicidade que experimentará ao lê-las. Mas esse livro deverá ser escrito com a pena do espírito, em páginas transparentes e indestrutíveis, a fim de que o semelhante, ao lê-las, possa orientar sua vida e inspirar-se nelas.

A vida no mundo se desviou, convertendo-se em vida de licenciabilidade, onde as liberdades se corrompem, porque não existe orientação clara e definida que encaminhe o pensamento dos homens. Direitos são reclamados e concedidos, mas os deveres permanecem sempre no mesmo plano da indiferença, já que, ao que parece, eles não convêm àqueles que reclamam direitos.

As leis freiam as agitações do espírito, e freiam também os ímpetos do sangue; mas Deus também colocou a razão como centro de observação, de controle e de moderação. Quando as pessoas conseguem moderar esses ímpetos e acalmar essas agitações, então se dão conta do imenso valor que tem o fato de não descuidar do cultivo da inteligência, que lhes permite ser mais conscientes, e do cultivo da própria natureza, que lhes permite existir.

O homem que, ignorando suas possibilidades, se prostra na indolência, que é a mostra palpável de sua incapacidade, não faz

mais que matar dentro de si sua vida, fazendo morrer nele o melhor de sua existência. E quem é a criatura humana para negar a perfeição a essa vida que lhe foi dada e, ao contrário, servir-se dela com fins egoístas e mesquinhos?

A palavra logosófica se dirige à mente, precisamente para ajudá-la e auxiliá-la nos momentos de vacilação, de incerteza e de dúvida. Leva a essência de convencimentos profundos; é abnegada, sábia e discreta. Aqueles que têm o privilégio de escutá-la devem colocá-la no lugar que merece, para receber seu imediato benefício.

A vida, o mundo, tudo é um mistério para o homem indiferente e desprovido de conhecimento, a quem pouco interessa desentrañar a verdade do futuro. Por isso, vive descuidado, e sua vista, nublando-se, não percebe a distância. Não acontece isso com quem se consagra ao conhecimento que anima a existência de todo o criado.

O porquê da vida é um labirinto que cada um deve percorrer para encontrar a si mesmo. Quem pretenda percorrê-lo segundo seus caprichos, na presunção de conhecê-lo, com toda a certeza se extraviará. É necessário conhecer esse labirinto com consciência, mediante o processo de evolução que se realiza seguindo rígidos princípios e normas que se baseiam na experiência, enquanto a inteligência extrai deles e do estudo dos fatos o saber verdadeiro, para resgatar a alma acorrentada às misérias do mundo.



Toda pessoa deve tratar de não se converter em planta estéril, cuja vida só dura um instante, por carecer de raízes que a sustentem. Ao contrário, deverá converter-se numa árvore milenar, que nem ventos nem terremotos sejam capazes de derrubar. Para isso, porém, será necessário fazer com que essa árvore lance raízes em profundas convicções e floresça, em todas as épocas, como só a planta humana pode fazer.

Quando as faculdades da alma são cultivadas, elas florescem e dão à existência o encanto que essas flores do bem souberam oferecer.

ASPECTOS RELACIONADOS COM A SUPERAÇÃO DO INDIVÍDUO



Necessidade de ajustar a vida à atividade superior

O ser humano que decidir enfrentar o desconhecido – problemas que a ignorância cria para a inteligência – e dedicar-se, como é de se esperar, com pureza de intenções e com sensatez à magna tarefa de transpor os limites do seu destino, para formar outro que esteja de acordo com suas aspirações, tarefa que estaria bem representada na confrontação de uma choça com um palácio, não deverá esquecer que isso é assunto muito sério e importante, dado que é o ajustamento da própria vida a um gênero de existência que não é o comum e que exige, portanto, a maior consagração possível, dentro do que cada um seja capaz de fazer.

Quem aspira ao conhecimento superior deve preparar sua consciência para possuí-lo, deve saber que inicia uma tarefa por conta do próprio arbítrio, isto é, deverá sujeitar-se às exigências de um novo tipo de vida e dispor de seu livre-arbítrio para fins puramente elevados. Adotando esta posição e adaptando-a inteligentemente às novas condições que imperarão na vida que inicia, verá a necessidade de realizar esforços nada pequenos na obra pessoal de superação, já que nada se consegue sem o esforço próprio, sem o empenho constante, traduzido num trabalho paciente, firme e ininterrupto, e sem a lógica luta que se deve travar contra tudo o que se mostrar adverso. E também contra as modalidades negativas (tendências frívolas, inércia, etc., etc.) que incomodarão continuamente, enquanto existirem com sua influência sobre o ânimo, e contra as situações difíceis criadas pela inexperiência ou pelas forças antagônicas surgidas das modalidades negativas que se opuserem ou tentarem se opor às decisões da vontade.

Sobre os erros

A tarefa que desde o princípio deve preocupar a toda pessoa que aspire ao conhecimento é a de efetuar um reajuste de suas características, pois estas são as que frequentemente geram os erros que ela comete.

No mundo comum, estes erros são produzidos em grande quantidade, ainda que nem sempre sejam vistos, já que é impossível ir atrás daqueles que neles incorrem, a fim de adverti-los. Por outro lado, já é fato comprovado que a simpatia, o afeto e o respeito toleram os erros alheios, e que se cai na intransigência quando as pessoas que os cometem não estão compreendidas, para quem julga, entre as que possuem essas três características.

A este respeito a Logosofia oferece uma valiosa contribuição, ao abrir à observação individual um campo propício para perceber os erros e defeitos do próximo como meio de evitar os próprios.

A tolerância ou intolerância para com o erro alheio não concerne ao juízo do semelhante que repara nele, ou que o examina por via de um terceiro, sempre que esse erro não o afete diretamente nem afete a outros a quem julga prudente prevenir. Neste caso, o erro deve ser corrigido pelos meios mais convenientes e sensatos, tendo em vista que, quando não se tem o conhecimento que conduz a um procedimento feliz na delicada gestão que tal tarefa implica, a correção do erro deverá limitar-se a mostrar a quem o cometeu, com toda a discrição necessária, as consequências que ele pode ter e o agravamento delas no caso de sua repetição.

O senso de posicionamento

Na Criação estão plasmados os mais variados aspectos da Sabedoria universal. Raramente o homem consegue, por si só, e se o faz é quase sempre por uma exceção, descobrir nela os elementos que conduzirão à sua identificação com o grande pensamento criador. Isso se produz quando a mente humana atua seguindo as linhas exatas das imagens que constituem os arcanos imutáveis e eternos da Criação.

Se tomarmos o Sol como ponto de referência, veremos que ele aparece no nascente e, depois de iluminar-nos todo o dia, desaparece no poente, assinalando-nos assim nosso posicionamento físico na Terra. O fato de ele durante a noite permanecer oculto, e às vezes durante o dia, quando as nuvens se tornam densas, não quer dizer que o sinal perdeu seu mérito e, portanto, deva deixar de ser tido em conta, pois em infinitas vezes ele voltará a aparecer no oriente e a ocultar-se no ocidente.

O ser humano não pode, portanto, pretender que o Sol esteja à sua inteira disposição, ou aproveitar sua luz a seu bel-prazer, como aconteceria, por exemplo, caso se empenhasse em utilizá-la de noite, por não ter querido fazê-lo nas horas em que ele ilumina.

Os dias que ele perder de forma ociosa, ou se ocupando com coisas completamente alheias ao trabalho que se propôs a realizar, são noites que adicionará à sua existência, com a agravante de que essas noites são sem estrelas, porquanto são dias que escurecem para o acervo consciente de quem teve bem pouco cuidado de evitá-lo. Isto indica que é mil vezes menor o esforço exigido pelo trabalho que a pessoa consagra à sua evolução consciente, bem como o tempo que nela emprega, do que o esforço e o tempo que gasta e perde ao ocupar-se de coisas que não só não a beneficiam, mas também a prejudicam, uma vez que perturbam o livre desenvolvimento de seus atos, complicando inutilmente o que, além de simples e singelo, tem a vantagem de favorecer e estimular a realização do ideal concebido.

Como é natural, tal atitude traz por consequência o constante mau posicionamento da pessoa, que cria para si posições ou situações incômodas, e até difíceis, que ela geralmente atribui a tudo, menos à sua própria culpa.

É pelo fato de não saber colocar-se na posição equilibrada que toda conduta inspirada num juízo sadio exige, que, depois, ele deve experimentar tantos encontros pouco agradáveis com a realidade. Ao colocá-lo em seu lugar, esta lhe mostra a necessidade de não se afastar da linha de conduta traçada pelo conhecimento que ilumina seu entendimento, conhecimento que é a expressão mais acabada da sensatez e da lógica.

É durante o tempo de continuada permanência com o pensamento que anima a obra logosófica, é na íntima comunhão com ele, que a pessoa mais progride e avança em sua capacitação. É então que se torna mais fácil para ela aprofundar-se nos conhecimentos que antes criavam resistência à sua investigação. É também então que seu processo de superação se afirma, neutralizando e até anulando os efeitos de tudo aquilo que contraria ou tende a desvirtuar o caráter eminentemente consciente de sua evolução.

Quem se consagra ao cumprimento do dever que tenha imposto a si mesmo, que trabalha e se esmera em realizar fielmente suas condições superiores e sente os efeitos reconfortantes e inefáveis de uma vida melhor, constata que seu trato se torna agradável e simples, e que não promove, nem fora nem dentro de sua mente, essas desavenças impróprias do bom juízo. Entretanto, quando se posiciona mal, repetimos, divorciando-se da realidade para assumir poses pessoais, até o ponto de às vezes parecer um estranho para si mesmo, produz no ânimo de todos os que o cercam uma justa prevenção. Diminui a deferência que por ele se tinha, por uma reação natural do espírito comum, e, a menos que compreenda a tempo e volte ao lugar do qual desertou, seus valores individuais sofrerão na estima geral uma considerável baixa.

Se cada um visse quanto tempo dedica a forjar o destino a que se propôs no espaço de sua existência, que é o mesmo de seus semelhantes, e medisse o tempo que perde em coisas que afetam, muitas vezes sensivelmente, as energias que fecundam a própria vontade, impedindo a cristalização de seus anelos, veria com quanta razão a Logosofia aconselha o maior zelo na produção interna (estudos fecundos, projetos realizáveis, compreensões básicas, iniciativas, progresso na capacitação, etc.), a fim de que o conceito de si mesmo indique sempre uma elevação dos valores que cultiva.

A VIDA DE PROJEÇÃO E AS DEFESAS HUMANAS



Uma das causas que maiores angústias e dificuldades tem criado para o ser humano é, sem dúvida alguma, a limitação de suas possibilidades, pela carência de conhecimentos. Essa limitação o impede de viver, mover-se e desenvolver suas atividades em campos amplos, que poderiam estender-se ao máximo em relação à capacidade interna de realização e domínio dos elementos que configuram seu ser existencial.

A maioria das pessoas forma sobre a vida um conceito tão pobre e de tão limitados alcances que, quando esta vida, por algum motivo qualquer, se manifesta com certa amplidão, apresentando-lhe aspectos não previstos, fica atônita e deslumbrada. Para estas pessoas, a uniformidade do juízo admitido só pode ser rompida por aquilo que se convencionou chamar de sorte ou milagre. Isso viria a evidenciar que a inteligência não tem a preparação necessária para compreender a natureza da mudança que se deu diante do fato, por inadaptação do conceito.

Geralmente, vive-se uma existência estreita, sem perspectivas maiores. Todo o empenho converge para o conhecido estribilho “querer sombra e água fresca”, ou “nada de esquentar a cabeça”. Magnífica confissão de egoísmo e inépcia. E a tal ponto chega esse pensamento contrário à realidade, que se manifesta a cada instante na própria vida, que muitos – e estes muitos chegam a cifras assombrosas – se perdem no vazio, sem jamais ter tido consciência do que a vida devia significar para eles.

Nem os tropeços, nem os fracassos ou os duros momentos de desespero são suficientes para despertar essa grande maioria para a realidade e fazer com que decida forjar um novo conceito, mais amplo, mais profundo e mais de acordo com as condições de um ser racional, inteligente.

Tem-se dito, e por certo com bastante justiça, que o sofrimento costuma endireitar os homens quando eles, tendo-se desviado de seu caminho, se sentem premidos por mil circunstâncias que não veem como contornar. Isto é verdade do ponto de vista da oportunidade que, em tais momentos, se apresenta à pessoa para ela pensar – comumente se costuma dizer *parar para pensar* – sobre o que antes não havia tido tempo ou vontade de fazer. E ocorre que, muitas vezes, o fato de pensar em tais situações faz perceber, e não com pouca eloquência, quão útil é pensar e as vantagens que isso traz para a vida, tanto para preservá-la do mal como para fazê-la mais digna e agradável.

A vida humana tem finalidades muito superiores às que o critério comum lhe atribui. Prova disso está na enorme diferença que existe entre a vida dos que alcançam condições de alto nível moral, intelectual e espiritual e a dos que permanecem em estados embrionários de civilização e cultura.

O homem não pode manter-se indiferente às perspectivas de inestimável transcendência que a realização de uma vida ampla e elevada lhe oferece. Referimo-nos ao homem inteligente, aquele a quem, por sua própria natureza de ser racional dotado em alto grau desse atributo, é dado dirigir sua vista e suas aspirações para além do que está compreendido dentro dos limites comuns.

Por outro lado, as inquietudes do espírito revelam sempre, como sinal inconfundível, o anseio por um desenvolvimento interno que permita o uso eficiente das faculdades, até seu grau máximo de evolução. Mas essas manifestações, que em forma de inquietude se promovem no espírito, nem sempre são atendidas com a devida preferência; e, mesmo que isto ocorra, é muito grande a demora da pessoa em encontrar, e quase sempre após cansativa peregrinação, o caminho propício para atingir as metas intuídas e ansiadas por sua mente. Daí que as decepções constituam a maior e mais ingrata parte da busca.

O ser humano é por natureza confiado, pela simples razão de que, não podendo saber por si mesmo o que por evolução lhe caberia conhecer, deve confiar ao saber dos demais – nem sempre à altura das necessidades –, aquilo que direta ou indiretamente se vincule ou esteja por vincular-se à sua vida, obedecendo às tantas razões e circunstâncias que o rodeiam em sua luta diária. E, assim, quando o engano transforma estas pessoas em vítimas, fazendo-as sofrer lamentáveis consequências, é possível ver como elas se convertem de repente em seres totalmente desconfiados. Passam desta forma de um extremo a outro, igualmente prejudicial, e tudo isso acontece unicamente pela ausência de conhecimento, o que não lhes permite discernir até que grau é conveniente adotar uma ou outra posição a respeito dos semelhantes com os quais trata em suas relações individuais.

O fato de confiarmos a outro os assuntos ou problemas cuja resolução compete a nós mesmos implica, umas vezes, falta de conhecimento e, outras, falta de vontade para enfrentar tais questões. Se o encarregado de suprir as necessidades de alguém, aparentando saber mais do que ele, na verdade não sabe, vai induzi-lo a erro, e tudo sairá mal. Neste ponto, sempre haverá desculpas, atribuindo-se a tudo o resultado negativo das providências, menos à incapacidade daquele que se apresentou como "salvador da pátria". Se, ao contrário, quem intervém num caso similar procede com a avessa intenção de surpreender a boa-fé daquele que põe em suas mãos a defesa de um interesse ou assunto, considera-se que o prejuízo foi ocasionado com premeditação. Não obstante, mesmo que a culpa parecesse estar apenas naquele que atuou em nome de quem nele confiou, não deixa de existir no primeiro uma grande parte de responsabilidade, já que era ele quem, capacitando-se para tal fim e com as condições necessárias, deveria evitar a intromissão alheia em tudo o que lhe cabia assumir ou solucionar.

Caso muito diferente é aquele em que se confia tal ou qual assunto ou problema a terceiros, mas com o próprio interessado exercendo a direção e o controle. Aqui opera o pensamento inteligente, atuando como agente ativo na mente daqueles que devem cumprir a missão encomendada. Vemos isto evidenciado nas circunstâncias em que são muitos os que cumprem suas atividades sob a direção de uma inteligência que promove o ordenamento e a execução do que foi proposto. Vamos vê-lo igualmente

cumprido nas diretrizes dos homens de Estado, do comércio, da indústria, e em toda organização inteligentemente concebida, na qual se espera o máximo de rendimento das tarefas a cumprir e o máximo de eficiência de quem as cumpre.

Compreendendo tudo o que ficou dito, será possível ter uma sensação cabal do que é o conhecimento e de sua importância capital e primordial na vida do homem.

É oportuno recordar aqui a antiga expressão bíblica: “A partir do instante em que Adão conheceu Eva, começou a vida”. Para todo ser humano, a partir do instante em que conhece algo novo, começa a vida de uma existência nova para ele; precisamente, a que lhe é dada a conhecer por esse conhecimento com o qual tomou contato. E tão verdadeiro é isto, que já se pôde muito bem observar como cada conhecimento que se vincula à inteligência do homem produz alegria, bem-estar e um estado de indescritível regozijo.

O conhecimento, portanto, é vida, porque expande a sensação de existir e desenvolve a vida em espaços às vezes inconcebíveis. Se uma pessoa fosse trancada desde o seu nascimento num aposento qualquer, sem que lhe fosse comunicado nada do que existe ou acontece fora dali, suas faculdades mentais atrofiariam a ponto de anular toda a sua vida como ser racional. Para ela não existiriam nem os seres nem nada do que existe fora desse aposento. Sua vida ficaria reduzida a um perpétuo silêncio e a uma perpétua escuridão. Mas a existência do ser humano não foi criada, felizmente, para esse fim. Sendo assim, quanto mais o homem conhece, tanto mais a expande. Vejamos um exemplo muito comum: aquele que conheceu um país, dois, três, cinco, etc., que esteve neles, que observou as construções das cidades, as formas de vida de seus habitantes, e que compartilhou alguns momentos da vida deles, terá feito uma ampliação da sua própria. Tudo o que conheceu e observou, pode ele vivê-lo em sua mente tal como se manifestou à sua consciência enquanto percorria esses países.

Cada episódio que a pessoa vive nessas circunstâncias é uma parte de vida que se expande em maiores espaços, como ocorre com a observação e o estudo que realize das experiências próprias e alheias, em qualquer investigação acessível a seu entendimento. Tudo isso contribui para

ampliar a vida, e uma vida ampla tem recursos de que carece, certamente, quem permanece absorvido na indiferença ou submerso na ignorância.

Os conhecimentos transcendentais expandem a vida em outras direções. O homem concebe uma verdade, por exemplo, e a alcança pelo conhecimento; quando esta verdade tiver se aproximado de sua consciência a ponto de se identificar com ela, produz-se nele uma espécie de novo despertar, mas não porque estivesse dormindo. É o despertar numa nova concepção, que ele antes não conhecia; é penetrar num novo espaço de vida, o qual causa alegria, dá força e faz experimentar a doce sensação de um existir mais grato para o espírito.

Dir-se-ia que a vida do homem é uma pequena mentira; mentira que deve conectar-se necessariamente a uma série de verdades que, por sua vez, se irão conectando a outras, de maior volume. E o homem, assim, poderá chegar a converter-se na maior de todas as verdades.

Vamos fazer um parêntese, antes de ir além, para poder captar esta imagem, que tem raízes muito profundas. Meditando bem sobre o que foi dito, ver-se-á que é uma verdade manifesta, pois o homem não pode evidenciar-se como uma verdade enquanto não estiver conectado aos conhecimentos que o conduzem a ela.

Aquele que trata de vincular-se a esses conhecimentos vai se transfundindo com as verdades que eles expressam e, ao realizar por meio deles a parte consciente de sua vida, fica imantado por essas verdades. O homem comum, diferentemente, morre alheio a elas.

Cada verdade amplia a vida, expande-a em novos espaços. Portanto, quanto mais conhecimentos a pessoa possua, mais vida terá. Depende, naturalmente, da natureza destes conhecimentos. Suponhamos, por exemplo, que dois homens, A e B, desenvolvam as mesmas atividades. Depois, A viaja a outros continentes, enquanto B segue na sua vida de sempre. Podemos dizer que a vida de ambos tem a mesma expansão? B deita-se como se levanta; A trabalha, estuda, desfruta novas sensações, possui anelos maiores, objetivos mais elevados. É igual a expansão de uma e de outra vida? Tomemos ainda outras duas pessoas para ilustração: uma não quis estudar; a outra estuda e se capacita; a primeira só consegue ganhar uma

pequena importância e, em consequência, não pode fazer nem mover-se mais do que essa importância lhe possibilita. A outra chega a ganhar muito mais, o que lhe permite viajar, experimentar novas sensações e adquirir novos conhecimentos.

O conhecimento, quando chega a conectar-se a várias verdades, facilita o caminho para descobrir verdades mais elevadas; a lógica assim o evidencia. A mente não pode alcançar sequer uma delas, se não foi preparada antes. Há mentes em que não haveria lugar nem para uma pequena verdade. É lógico, então, pensar que se deva prepará-las, a fim de que haja nelas lugar para essas verdades, evitando ao mesmo tempo que se misturem com os fantoches da imaginação.

Acabamos de nos referir à vida em si; vejamos, agora, o homem.

Se há algo que deve merecer o maior respeito, consideração e benignidade de juízo, é o ser humano, pois ele tem uma grande missão a cumprir e é o único ser vivo que foi dotado de razão para discernir tudo o que acontece em sua existência. Eis que o vemos lutando com seus pensamentos, com seus sentimentos, com seus instintos, desde os seus primeiros dias; depois, com os pensamentos e instintos dos demais. E é nessa batalha, na qual se confundem as inquietudes próprias com as alheias, que contemplamos o pequeno forjador de sua vida experimentar aflições de toda espécie e, em proporção ínfima, uma ou outra alegria. Dessa luta haverá de surgir a vida de seu futuro, e nela nós o vemos conduzir-se ora no bem, ora no mal, edificando ali, destruindo aqui, enquanto a realidade lhe vai indicando seus deveres e responsabilidades à medida que avança, que luta e se empenha em ser melhor, em superar suas aptidões, progredir e, enfim, construir, segundo vá entendendo, uma vida que mereça a consideração e o apreço geral.

Entretanto, os pensamentos, sentimentos e instintos que foram motivo de luta em seus primeiros dias continuam sendo, e agora em outras proporções. Daí que o homem flutue sempre entre as ações boas e as más, e mesmo que, ao avançar em juízo, as boas aumentem e as más diminuam, nem por isso terminam as circunstâncias que o levam a incorrer nestas, ainda que não o queira. E temos agora o que já dissemos de outras vezes: não se deve julgar o homem por um fato, pois se ataria toda uma vida a um

episódio, dando morte a tudo que, fora desse episódio, constituiu a vida de tal homem. Tampouco se deve considerar a vida de um ser pelo que ele representa superficialmente. É preciso considerá-la pelo que representa no conjunto de suas manifestações e por seus esforços voltados para o bem, evidenciados em suas lutas, afãs, dores e anelos.

Não pode um erro ou um episódio ingrato de um cientista, ou de um artista, por exemplo, apagar esse cientista ou esse artista, pretendendo-se esvaziar seu conteúdo virtuoso ou seus méritos, porque seria contradizer o próprio pensamento de Deus, que não apagou todos os homens, apesar de suas faltas ou de seus erros.



O conhecimento logosófico pode ser utilizado para ampliar todos os outros, nos respectivos ramos do saber. Estes últimos não têm o calor e a vida que ele infunde no ânimo da pessoa; além disso, nenhum deles a leva ao conhecimento de si mesma e do semelhante, considerado este já não como ser humano, mas sim como portador de uma vida similar à sua; vida que, como a própria, está encarnada numa figura que tem de merecer todo o seu respeito, porque é o respeito à própria vida.

Existe uma diferença substancial entre o conhecimento logosófico e o corrente, e isso se deve a que o primeiro é de ordem transcendente, e o outro, de ordem utilitária. O conhecimento logosófico permite empregar o conhecimento corrente numa maior amplitude, ou seja, faz com que ele renda numa escala máxima. Diferentemente, o conhecimento corrente, uma vez alcançado, deixa de interessar à mente, a qual, se o utiliza, o faz de forma limitada. O conhecimento comum não leva o homem à evolução consciente; necessita ele do conhecimento transcendente para sair de sua prostração. Diz-se, portanto, que transcende o comum, porque parte de onde este termina; por isso é transcendente, superior.

Os que leem os contos de fada se entusiasмам com a lâmpada de Aladim e querem ter uma. Não obstante, todos, sem exceção, têm uma lâmpada de Aladim que se chama mente, que deve ser esfregada com a camurça da reflexão para que dê luz. Prova disso é que, quando se faz um esforço mental, os pensamentos respondem com uma maior atividade.

Como é possível alguém projetar uma imagem mental e ver a si mesmo atuando dentro dela? Começando com as imagens reais; por exemplo, a reconstrução da atividade diária. Projetada a imagem do que se fez durante o dia, será fácil ver-se atuando nela; mas, para que a projeção tome vida, será preciso chegar ao domínio dessa atividade. Também é possível projetar imagens que não foram vistas, as quais se pode chegar a viver.

A fim de que os movimentos mentais de projeção de imagens sejam úteis, é preciso utilizar a reflexão, que não pode produzir-se quando a pessoa se impacienta. Paciência e razão se equilibram entre si para forjar o pensamento claro. O mecanismo da razão é lento; se o forçarmos para obter rapidez, incorreremos em precipitações e em violências. Paciência e razão fazem possível, portanto, a reflexão.

A paciência é um grande agente. Que fariam a inteligência e a razão se não se servissem desse agente? Que seria do ânimo, da vontade, sem a paciência? Mas ela deve ser ativa, inteligente, construtiva. A maior conhecimento, maior paciência ativa e construtiva. Usar da paciência com inteligência é conhecer o que ela representa como valor do tempo e sabê-lo aplicar eficazmente.

O dia e a noite se sucedem um ao outro. O homem tem que esperar a noite e, depois, o dia. Entretanto, sendo os tempos iguais, a noite se torna mais longa para ele por causa da impaciência, que desperta sua consciência e faz contar os minutos. Essa consciência, porém, é uma consciência estéril. Pode-se fazer a mesma coisa com a paciência e expandir o dia. Inconscientemente, o tempo passa rápido; conscientemente, consegue-se retê-lo.

POR UMA HUMANIDADE MAIS CONSCIENTE



Quando repassamos os fatos históricos que marcaram o princípio e o fim de épocas gloriosas ou de decadência, e o entendimento se põe a meditar sobre o que cada um deles significou e significa para a reflexão dos homens, experimentamos, sem que possamos contê-lo, um sacudimento espiritual, uma alegria que vem junto a uma aflição e junto, sobretudo, a um anseio ardente de ser útil à humanidade.

Esse anseio é, precisamente, o que impulsiona os seres humanos para melhorar suas condições e qualidades, num amplo e generoso gesto de superação espiritual. E é nesse afã que os homens encontram seus melhores estímulos e as mais nobres inspirações de bem.

Mas a humanidade, que se agrupa em raças ou em povos de diferentes idiomas, hábitos, etc., pertencentes, sem exceção, ao gênero humano, está formada por grandes massas de diversos tipos psicológicos, distanciadas entre si mental e espiritualmente, de acordo com o grau de adiantamento que umas e outras acusam, e de acordo com os costumes, crenças ou inclinações de seus pensamentos, tudo o que estabelece dentro desse conjunto diferenças que às vezes culminam em antagonismos extremos e que são causa, desde tempos imemoriais, dos tantos conflitos produzidos no mundo. Esses conflitos, com o passar dos anos e dos séculos, foram aumentando o volume das contendas e dos desastres, restando como saldo fragmentos de humanidade, o que, queira-se ou não, veio debilitando o homem e, até se poderia dizer, afastou de suas possibilidades a grande figura arquetípica de seus elevados destinos.

Isto tem muito a ver com o abandono a que, incompreensivelmente, a humanidade parece ter-se entregado no curso dos séculos, abandono de suas condições e qualidades e, sobretudo, da disposição para atender à única realidade que dá expressão à sua existência: a consciência.

Ultrapassado o limite de todos os desejos e exigências que costumam determinar o conjunto das aspirações humanas, e ainda de suas razoáveis ambições, o ser humano, numa quase permanente agitação, foi-se submergindo pouco a pouco na inconsciência. Sem maiores transtornos para sua razão, foi-se submergindo num obscurecimento que, sutilmente, a foi embriagando, até convertê-la num instrumento que justifica, aos olhos das outras pessoas, os erros ou desvios em que ele incorre.

Devolver, portanto, à humanidade o pleno gozo de suas faculdades e o uso consciente de sua razão deve ser e é o maior imperativo do momento atual.

Não se há de esquecer que foram sempre uns poucos, em relação ao número de seres humanos que povoam a Terra, os que tiveram a responsabilidade de guiar os homens pelo caminho que devia conduzi-los ao cumprimento de seus fins mais elevados. De modo que o peso dessa grande responsabilidade recaiu, em todas as épocas, sobre esses poucos que tiveram de pensar pelos demais. Não teria, pois, chegado o tempo de essa responsabilidade ser compartilhada por um número maior de seres, e de aumentar a cada dia o número dos que pensam e dos que colaboram em tão magno trabalho?

A resposta surge afirmativa, porque a lição que a guerra atual haverá de representar para a humanidade é demasiado grande para que não seja compreendida em seu profundo conteúdo. Chegou, pois, o momento de toda a humanidade ser mais consciente de sua própria existência e de tudo que lhe pertence em razão de sua primordialíssima função civilizadora. Cada integrante da espécie humana deverá alcançar, no futuro mais próximo, essa consciência, que muitas vezes o chamará à reflexão; consciência de seus deveres para consigo mesmo, no que diz respeito à inquestionável necessidade de uma superação de seus valores individuais; consciência de seus deveres para com a família e para com a sociedade.

É sabido que o despertar da consciência não se produz em todos do mesmo modo. Nas mentes cultivadas, ou habituadas a certas disciplinas, esse despertar surge como uma eclosão de luz que ilumina uma nova e mais ampla fase da vida, a de maior transcendência; já nas

mentes que não têm cultivo, promove-se em tímidas manifestações de compreensão, que somente alcançam sua culminação quando chegam às condições de aptidão exigidas por tão importante acontecimento.

A era que se inicia com o término da guerra atual será, pois, a era da responsabilidade; a dos deveres e dos direitos; vale dizer, terá chegado o momento de começar definitivamente a era da evolução consciente.

Já se viu muito claramente como o pensamento dos grandes estadistas, bem como das opiniões reitoras que tornam público o critério que se forma entre as massas, veio se modificando nos últimos tempos, sobretudo no decorrer deste último ano, concordando todos em que o mundo deve ser conduzido por caminhos mais retos, mais justos e mais amplos, nos quais a dignidade humana encontre suas expressões mais puras e elevadas.

A liberdade, que é fundamento essencial da vida, forma o vértice do triângulo cuja base repousa no dever e no direito. Perante este ternário que plasma a síntese da responsabilidade humana, será preciso erguer a consciência dos homens e fazer com que ela se manifeste em todo o seu esplendor e na sua potência máxima. O futuro da humanidade depende desta realização. Nela encontrará a chave que assegurará a paz sobre a Terra.

PARA SER ALGUÉM



O conhecimento logosófico edifica nos seres humanos uma nova concepção da vida e do Universo, enquanto destrói o falso, o fictício, e elimina o supérfluo. Tem a virtude de erguer o espírito e estimular a vontade, que nem sempre se mantém à altura do esforço exigido pelo trabalho, por demais importante, que é preciso realizar na vida interna.

Existe uma questão que se fez presente no mundo inteiro, para incitar o ser humano no transcurso de seus dias. É a seguinte: por que sou tão pouca coisa, que para os demais é como se nem existisse? E tal questão se converte ao mesmo tempo numa aspiração, que muitos sentem e muito poucos entendem: ser alguém.

Todos, e em todas as partes do mundo, têm esta aspiração, o que deixa bem claro que cada pessoa sente a necessidade de superar a si mesma em suas atuações habituais. Mas querer ser alguém não é o que comumente se crê. No mundo corrente, de modo geral, o homem aspira a isso com propósitos mesquinhos e egoístas, seja para provocar inveja, admiração, seja para ser levado em conta obrigatoriamente pelos que o consideram como alguém, reservando para si o direito de atender ou não aos requerimentos dos que, segundo ele, não são nada. Quase sempre se começa buscando ser alguém nos diversos campos da atividade humana, seja nas profissões, na ciência, na arte, na política, no comércio, na indústria, ou em quaisquer das formas em que o homem possa se revestir de alguma autoridade ante os demais. Pode-se dizer que é esta uma aspiração unânime, sem exceção. Pensando em ser alguém, estuda-se, trabalha-se ou se procura com esmero melhorar as condições pessoais.

Mas isto é muito pobre se contemplado num enfoque verdadeiro e se estiver bem determinado o que representa ser alguém. Na realidade, tal vocação exige construir sobre uma base cujos alicerces sejam sólidos. Conhecer cada um dos erros e deficiências que possam impedir sua conquista, a fim de corrigi-los: eis uma das coisas que com maior empenho devem ser praticadas. É necessário compreender que, para ser alguém, deverá forçosamente deixar de ser o que se é: um ser, por exemplo, com poucas condições ou sem nenhuma, sem maior capacidade, sem perspectivas na vida, que vaga pelo mundo como uma sombra na qual ninguém repara. Aquele que é alguém é visto por todos, mesmo que não se empenhe nisso. Muitas vezes, porém, acontece que, mesmo em se tratando de uma pessoa de grandes condições, cada um dos que olham para ela a vê a seu modo, isto é, por meio dos próprios erros, defeitos e dos diferentes pensamentos que povoam sua mente. Por isso, quem quer ser alguém deve preocupar-se em ser verdadeiro em tudo, de maneira que nada do que dissemos possa afetá-lo. Que sua palavra seja sempre construtiva, que suas atuações e conduta mereçam sempre o respeito de seus semelhantes, já que neles se edifica o conceito que sua pessoa ou sua vida deve merecer, que é o que haverá de protegê-lo de todo ataque.

E não é questão de procurar ser alguém por um breve tempo, por exemplo, ainda que desse tempo dependa a vida. É necessário sê-lo sempre, como o são aqueles que, tendo deixado de existir fisicamente, continuam vivendo na recordação de todos, ao longo dos séculos. Este ensinamento deve guiar para a compreensão da importância que assume a superação individual, e ao mesmo tempo levar a compreender, sem engano, o que cada um é, para poder assim conhecer, mediante o constante cultivo dos conhecimentos, o que em verdade se quer chegar a ser.

Pois bem, dissemos que, para ser alguém, é de todo necessário substituir aquele que não é nada. Isso significa corrigir as deficiências, os defeitos, os erros, já que, se forem mantidos, existirão grandes impedimentos para se alcançar o propósito almejado. De que servirão os esforços e as energias que empregamos na vida diária, se não existe uma orientação bem definida para o que constitui nosso anelo, ou se, esquecendo-nos de dar forma ao que anelamos, pomos a preocupação em coisas que não vão cimentar a base em que o nosso novo ser terá o seu pedestal.

Diariamente se observa o constante empenho de uns e de outros em ser mais, mas não em ser esse alguém a que nos estamos referindo. Ser mais significa, na vida corrente, possuir algo mais do que os outros possuem, mas não no aspecto integral do indivíduo, o que já é matéria de uma preparação mais elevada. Ser mais nisto ou naquilo satisfaz, sim, à vaidade pessoal, mas não à consciência. Esta é a causa pela qual o homem sente muitas vezes necessidade de reunir-se com outros para realizar em comum uma obra edificante, cuja realização, empreendida individualmente, se mostraria penosa ou impossível. É o ensinamento da própria Criação, que uniu todas as coisas e todos os seres para cumprirem sua missão em estreita colaboração.

Ninguém pode viver isolado, já que se anulará como pessoa normal no conjunto da vida dos semelhantes. O constante relacionamento com outros, o intercâmbio de pensamentos, a observação – que determina com frequência importantes mudanças na vida, pelo que dela se extrai –, fazem com que a pessoa prospere internamente, estimulando com isso o anelo e a vontade de realizar a missão proposta. A força de um, unida à dos demais, soma uma força maior; o pensamento de um, unido também ao dos demais, quando é da mesma espécie, forma um grande pensamento. Se não se conta com forças suficientes para suportar esse constante esforço que a evolução consciente exige, será preciso recorrer aos pensamentos daqueles que vivem alentados por iguais propósitos. Desta maneira, extraíndo também de tudo que exista em torno, e que seja observado, parte dessa força que não se tem ou que se gastou, cada um poderá fortalecer seu espírito conscientemente. Impulsionado por essa força, ser-lhe-á possível seguir sem se cansar, avançar sem se deter e pensar sem temor.

De modo que é necessário, portanto, chegar a compreender que ser alguém representa sobressair ao comum, ao vulgar; representa haver conseguido uma superioridade que não deverá ser motivo de vaidade, mas sim de boa disposição de ânimo para oferecer tão valioso concurso aos que não são nada. Esta será a verdadeira superioridade, a que cimenta o bom conceito e coloca o homem acima dos demais.

Vamos projetar uma imagem ilustrativa, tomando o caso de duas pessoas que, segundo se pensa, são alguém. Vamos até uma delas e

encontramos sua receptividade, seu conselho e sua palavra sempre disposta a oferecer o de que necessitamos. Recorremos à outra e encontramos o frio da indiferença, o egoísmo. Deixemos, agora, passar um tempo. O que ocorrerá quando tiver passado? Que todos apreciarão a primeira, estimarão e considerarão sua pessoa de acordo com o que ela é. Enquanto isso, a segunda pessoa terá desaparecido da recordação de quantos a conheceram, para perder-se na penumbra dos que não são nada. A primeira é um espírito aberto, sem fingimentos, que se oferece com generosidade, por saber que necessitam dela, mas que também é justa, reta e severa na medida de seus deveres e responsabilidades: reprime o abuso, freia a insensatez e dá a cada um o que merece. As pessoas sempre recorrem a ela para se beneficiarem com sua palavra, com seu saber e ainda com seus bens ou com o que tenha. A segunda, que nada conhece destas coisas, teme o saqueio mental dos que vão vê-la e guarda seus pensamentos, suas palavras, seus bens e tudo que possa ter. Em pouco tempo, ninguém a visitará mais. Temos, assim, alguém que perdura e perdurará ao longo do tempo, uma vez que sua recordação por si só já é um bem para quem o tem em sua mente; e temos também o outro alguém, que vai desaparecendo nas fumaças da vaidade.

Continuemos com outros aspectos sugeridos pelo tema que estamos tratando. No mundo, todos trabalham, esforçam-se, cumprem com seus deveres, mas, em sua maioria, o fazem como uma obrigação que contraria sua vontade. E, assim, passam os dias de sua existência sem cumprir o fim primordial dela. Diferentemente disto, aquele que tenha concebido a vida como algo muito superior ao que ela é no conceito geral trata de criar necessidades internas que o impulsionem a realizar mais e mais, até onde chegue sua capacidade de realização. Não cumpre seus deveres por obrigação, pois terá chegado a superar essa limitação, e tais deveres nem sequer pesam em sua mente a modo de preocupações, como ocorre com os demais. Ele foi além, libertou-se da meta comum dos seres, para alcançar outra muito mais elevada e maior; abre, em cada oportunidade, novas brechas no mundo dos pensamentos, e para lá dirige seu esforço, inteligentemente, a fim de captar os sinais que haverá de conduzi-lo a conhecimentos maiores. E é então que o homem, ao compreender o que pode sua mente abranger, ao conseguir que sua inteligência o ilumine cada dia com maior esplendor, experimenta a

sensação de ser, de verdade, algo mais que seus semelhantes, de ser alguém como entidade real, cuja existência tem um significado. Possui, já, o domínio sobre as coisas, domínio do qual as pessoas em geral carecem; é dono de sua mente, de seus pensamentos e de suas palavras; sabe conduzir seu espírito através de todos os obstáculos; sabe se curar tantas vezes quantas é ferido pela maldade dos que têm em suas mentes pensamentos perversos, e assim é como consegue imunizar-se contra as correntes do mal, enquanto conduz por todas as partes as do bem.

A presença de uma pessoa assim infunde ânimo, confiança, segurança e serenidade em todos quantos a rodeiem, cujas mentes quase sempre estão expostas às mil alternativas que, de forma imprevista, sobrevêm na luta diária. Deriva disso a marcante instabilidade dos pensamentos do homem, o qual deve com frequência precaver-se contra eles, para evitar os sérios desgostos que costumam ocasionar-lhe quando não consegue detê-los a tempo.

Aquele que chega a ser dono de suas palavras, que chega a respeitá-las, a ter consciência de que são verdadeiras, conhece igualmente o conteúdo das palavras dos demais, e sabe também respeitá-las, se são sinceras e elevadas.

Ninguém poderia negar que, ao lado de quem ensina, se aprende; e, se isto é uma grande verdade, tampouco se poderia negar que, ao lado de quem inspire confiança, até o mais desconfiado inclina sua cabeça e sente a força dessa confiança. E, se mantiver com ele um assíduo contato, seguramente acabará por encher a si mesmo de confiança, porque, diante de sua volubilidade, de sua instabilidade, de seu desequilíbrio, estará o firme, o inalterável, que modificará inevitavelmente o que foi edificado no erro. Quando isto acontece, nasce a confiança mútua, produz-se a identificação dos espíritos pela unidade no sentir e no pensar, pela demonstração constante da firmeza inalterável na conduta imposta como lei para a vida.

As substâncias afins se atraem, e as que não o são se repelem; aqui temos um axioma que é lei em química. Aplicado aos seres humanos, quer dizer que estes se unem somente por vibração simpática, por atração de suas similares modalidades, pensamentos ou aspirações, e que a força de quem sabe e pode influi decisivamente sobre a impotência daquele que, apesar disso, responde com seu sentir a essa força. Convém que tal reflexão, que

adverte sobre a conveniência de buscar a proximidade de quem possa auspiciar as boas aspirações, não seja esquecida, já que todos no mundo, como já dissemos, almejam, almejam e continuarão almejando ser alguém. Mas esse alguém, entendamos bem, deve ser verdadeiro, um alguém que não mude de fisionomia como aquele que não o é, ou que, havendo chegado a ser o que queria, não deixe de sê-lo, retornando ao que era antes. Isso significa que, quando um propósito tiver levado uma pessoa à determinação de alcançar um fim, este fim deverá ser cumprido, nunca truncado, pois seria o mesmo que querer viver uma vida e truncá-la na metade de seus anos.

Se existe algo contra o qual o homem deve lutar decididamente, é todo pensamento que pretenda contrapor-se aos propósitos de bem que acalentam uma aspiração. A palavra que se pronuncia internamente não deve jamais ser desvirtuada, porque é a palavra do sentir, da consciência; a palavra da própria vida, que reclama para si a glória de ser melhor.

Na vida humana, tem-se observado que as pessoas vivem em constante confusão e contradição consigo mesmas: negam o que disseram ontem; afirmam o que negaram no dia anterior; dizem hoje o que negarão amanhã, ou até mesmo antes de esse dia chegar. Mais valeria não falar, se o que se vai dizer haverá de ser negado ao se perceber o erro ou a inconveniência de sustentar o que foi dito. Quando não há firmeza na palavra, tudo o que a pessoa é se torna falso: pode ser um ente humano, sim, mas só na figura, no organismo, porém não por aquilo que constitui em realidade a essência da vida. O ser íntegro, o ser verdadeiro, é aquele que conseguiu retirar de sua pessoa o que é falso, o que é fictício e volúvel, o que atenta contra a própria integridade pessoal.

É um timbre de honra - graça que ninguém poderia arrancar a quem a tivesse alcançado, por mais que a isso se dispusesse - poder ser dono absoluto da palavra e fazer com que ela seja reconhecida como inalterável, como imodificável, dita que fosse em qualquer época, em qualquer momento ou circunstância. Essa palavra é a que torna a pessoa veraz, a que a revela aos demais como alguém que não teve nunca necessidade de modificar nem a palavra nem seu conteúdo.

Quem é alguém não utiliza as palavras para destruir o que é bom, ou para fazer mau uso delas, porque sabe que destrói a si mesmo. Daí

nasce a primeira sensação de consciência, pois implica o conhecimento dos deveres internos para consigo, para com os semelhantes, para com a humanidade. Começa por se respeitar, respeitando a própria palavra, fazendo com que ela jamais saia de seus lábios para ferir a ninguém e, em consequência, tampouco fira a quem a proferiu. Todas as palavras contêm o bem, quando quem as pronuncia estabeleceu em sua consciência as bases do bem.

E, assim, enquanto as vidas enaltecidas pelas grandes realizações do espírito adquirem força e se estendem através das gerações e do tempo, as outras, as vividas pelos seres volúveis, inseguros de seus passos, que mudaram constantemente suas palavras, que as negaram e se contradisseram, que juram hoje e perjuram amanhã, essas vidas se desintegram em consequência da destruição contínua a que sempre estão submetidas.

Tudo o que ficou dito pode dar a pauta do valor que tem a palavra para a vida do ser humano. Propiciar na consciência a virtude de elas sempre portarem o selo característico da legitimidade, eis uma conquista que é necessário alcançar. Se pensarmos que por sustentar uma palavra muitos chegaram até o máximo sacrifício, não será difícil compreender a importância vital que ela tem para a condução da vida e para conseguir aquilo que cada um de nós se propôs como fim primordial de sua existência.

Para que ninguém se engane e não sejam desperdiçadas forças e energias, temos de prevenir que se deve ter bem presente que não é possível virar as costas para as palavras que se pronunciam. Estas nunca deverão, pois, ser expressas somente por expressar, como se nada tivessem a ver com quem as pronuncia, pensando que, uma vez ditas, elas se perdem ou são esquecidas. As palavras têm suas leis, e estas são, como todas as Leis da Criação, inexoráveis.

Ser fiel às palavras é ser fiel à própria natureza que lhes infundiu vida. Quem as destrói – já dissemos – destrói a si mesmo; quem cuida delas se engrandece ante os demais e engrandece, assim, sua existência.

A palavra foi dada ao homem para que ele se entendesse com seus semelhantes, mas ela é também o agente da própria vida, que o representa e faz com que exista na mente deles.

Não se deve apressar nunca a palavra falada, para poder dar tempo a que a reflexão controle seu conteúdo. Isso foi e é a causa dos maiores infortúnios do ser humano, o que produz toda espécie de reações, por se ignorar que a palavra cria responsabilidades e obrigações. Se estudarmos a história da humanidade, veremos a enorme soma de episódios em que a palavra foi motivo de discórdia, desgraça e tragédia.

Quem é veraz em suas palavras é veraz em tudo, pois a palavra, sendo fruto da própria pessoa, expressa o que ela sente, o que foi ditado por sua vontade e, portanto, não precisará ser modificada. Mas para isso é preciso que ela esteja atenta a tudo, que observe muito, que estude; é-lhe exigido cultivar tudo o que de bom exista dentro dela, aumentar todas as possibilidades que as condições pessoais possam ter; sentir a mais absoluta segurança de ser verdadeiramente dona da palavra que seus lábios emitiram, o que, em síntese, significa ser consciente. É então que se experimenta a sensação de ser na verdade alguém entre os semelhantes, a sensação de existir em realidade e de ser alentado pela verdade mesma, pois esta é a repercussão que a palavra tem no ser humano, quando ela é a fiel expressão do sentimento próprio e dos ditames da consciência.

A LEI DO TEMPO



Ao pronunciar-se sobre cada palavra, conceito, fato ou coisa que tenha motivado sua atenção, a sabedoria logosófica o faz com a segurança de prestar um valioso serviço à inteligência humana, claro que àquela que é capaz de discernir sobre o valor de tal contribuição e sobre a conveniência de sua aplicação ou adoção nos ambientes que abrem as melhores perspectivas ao investigador estudioso. Ao tratar, portanto, da Lei do Tempo, devemos expressar que não descartamos a possibilidade de alguém já ter dito algo a respeito. Em tal caso, seria bom comparar sua versão com a nossa, a fim de julgar qual delas encerra maior mérito e fundamento.

Sabe-se que, para os sábios da Antiguidade, o tempo era o grande agente mágico que movia as alavancas do Universo. Um fato real, que ninguém ousaria discutir, é que o tempo foi, é e será a testemunha presencial de tudo quanto existe e existirá na Criação. Poderíamos dizer mais ainda: o tempo é o único que esteve presente no instante em que nascia a Criação. É lógico pensar, portanto, que desde então nada se move no Universo sem que ele intervenha. Daí a importância que o tempo assume para a vida humana, por ser o que a assiste em todos os momentos de sua existência; daí, também, que se se experimente, quando se perde o tempo, a sensação de perder parte da vida.

O homem, como ser racional, possuidor de um maravilhoso sistema mental, conta com todas as possibilidades de aproveitar o tempo em seu benefício, no mais alto grau. E deve ser sua inteligência quem haverá de dispor e usar dele, adotando os meios e formas que mais convenham ao desenvolvimento e à evolução de seu ser. Assim, pois, uma inteligência bem dotada poderia viver e desfrutar, no breve lapso de dias, por exemplo, o que outras, não capacitadas, só conseguiriam em longos meses ou anos. Isto tem uma importância capital, porquanto a vida, com um aproveitamento inteligente do tempo, assume uma amplitude e uma extensão que, de maneira alguma, pode ter aquela que se desenvolve ignorando estas prerrogativas.

A maioria dos homens, ao ignorar este conhecimento tão fundamental sobre o tempo, manifesta com frequência, diante de qualquer sugestão acerca da conveniência de realizar um estudo ou um trabalho a mais, que não tem tempo. E é muito frequente ver quantos, dentro dessa maioria, vivem agitados e sujeitos à pressa. Neles, a impaciência é sinal evidente de intolerância, e, embora sejam muito capazes de perder o tempo em proporções apreciáveis e por própria vontade, não toleram que ninguém os faça perder um só segundo, já que consideram tal coisa algo imperdoável.

Segundo a concepção logosófica, o tempo é o agente primordial da existência humana e o que concede a ela uma elasticidade tão apreciável, que parece até que a prolonga para além de seus limites naturais.

Quem diz que não tem tempo para isto ou para aquilo se declara seu inimigo. E não é difícil compreender as vantagens que o homem pode obter, ao fazer dele seu melhor amigo, quer dizer, fazer com que ele o sirva, mantendo-o consigo como uma expressão viva e ativa de seu próprio ser. É comum observar que muitos, em vez de encarar e resolver os problemas que, por diversas circunstâncias, são criados para a própria vida, põem esses problemas de lado, deixando-os para outra oportunidade. Isto, como é natural, tem seu limite, já que aqueles que se conduzem dessa forma geralmente se veem obrigados a tomar decisões repentinas, por assim exigir a gravidade da situação. Em tais casos, é o tempo que pressiona, chegando a ser inexorável, e então será preciso resolver, num limitadíssimo período de tempo, problemas que não foram resolvidos quando se dispunha dele com folga. Nesses momentos, a pessoa corre quase sempre em busca de outros que pensem por ela e lhes solucionem o problema, mas muitas vezes fracassa nisso, já que nem sempre terá à sua disposição quem faça as vezes de intermediário.

A Lei do Tempo é, como todas as leis universais, justa e exata, e é lei porque fixa, sem distinção, normas e regras inexoráveis. Assim o demonstra o fato de que o tempo perdido não pode mais ser utilizado; é como uma porção de vida que se desperdiça e que não pode ser de novo incorporada a ela.

O essencial, então, é chegar ao conhecimento de como se deve aproveitar o tempo, para que este cumpra seu grande objetivo, sem diminuí-lo em nada. Tal conhecimento implica, ao mesmo tempo, conhecer o objetivo primordial da vida. Entretanto, será preciso saber que, mesmo contando a respeito disso com referências merecedoras da maior boa-fé, o homem somente conseguirá concebê-lo amplamente ao direcionar todos os seus esforços para a finalidade superior que, em última instância, conecta a vida humana à Vida Universal; em outras palavras, quando a inteligência e o sentir deixam de permanecer alheios à realidade que os cerca por todos os lados.

Sendo assim, para que o tempo seja benigno e possa ser conquistado numa máxima expressão de valor, a pessoa deverá começar por ordenar sua vida. Isto a levará a destinar, a cada atividade que desenvolva, o espaço de tempo que esta requer e que lhe corresponde, sem que lhe seja necessário empregar o tempo de uma atividade em outra, por haver perdido o que a esta outra havia sido destinado.

Não podemos esquecer que todo tempo aproveitado ou perdido pertence ao passado, e nesse passado estará, evidentemente, o que se haja ou não semeado, dependendo dessa sementeira o que haverá de ser colhido no presente e no futuro, enquanto são efetuadas novas sementeaduras, quer dizer, enquanto se fecunda a vida no estudo, no trabalho e na realização de um constante aperfeiçoamento.

O homem pode adiantar-se ao tempo, acumulando reservas para si mesmo, quando sua inteligência, capacitando-se cada dia mais, produz múltiplas coisas que, mais tarde, haverão de servir-lhe para facilitar o desenvolvimento de suas atividades. Assim, por exemplo, quem pensa de noite em tudo que fará no dia seguinte adianta-se ao tempo, e para ele nenhum minuto será perdido ao começar a realizar sua tarefa diária. O mesmo acontece se ele pensa no que pode fazer no futuro; neste caso, havendo-se adiantado ao tempo, pode utilizar muitas porções dele para dedicá-las a uma maior expansão da vida, o que implicaria ocupá-lo em diversas finalidades, nas quais ela venha a experimentar, com intensidade, a sensação de multiplicar-se.

Tudo isso leva à conclusão de que é inquestionável que quem perde parte de seu tempo perde, também, parte de sua vida. Sendo

assim, seria inconcebível que ela chegasse a perder-se no vazio, quando pode ser preenchida com essência eterna e com felicidade.

CONCEPÇÃO DA VIDA

Aspectos que dela surgem

A vida é longa quando a dominamos; curta, quando nos domina.



Se existe algo sobre o qual sempre se falou no transcurso das épocas, esse algo, sem dúvida alguma, é a vida, já que, ao entranhar insondáveis mistérios para o próprio ser humano, ela se abre em dimensões quase que inabarcáveis para a vida de seu entendimento.

Para determinar com exatidão seu verdadeiro conceito, a Logosofia delimitou sua extensão em dois aspectos. O primeiro se circunscreve à vida do ser humano: a interna e a externa. Compreende o que ele vive no âmbito interno com seus pensamentos, seus sentimentos e suas emoções, e o que vive no externo, em seus contatos com tudo o que se vincula a ele. O outro aspecto diz respeito à vida em sua configuração geral, abrangendo tudo quanto existe no mundo. Esta viria a ser a vida-mãe, de onde nasce tudo o que existe, isto é, todas as espécies da vida animada e, também, da inanimada, se é que se pode usar esta palavra, depois de saber que nada existe no Universo que não tenha vida, ou que não esteja animado pelo Espírito Universal que infunde vida à Criação.

Temos, então, uma concepção clara do que está compreendido na vida em seu caráter universal e na vida em seu caráter individual, humano. Feita esta diferenciação, que sem dúvida lança muita luz sobre os antigos conceitos, o significado que se deve atribuir à vida individual em face da universal assume uma importância que não é pequena.

Sobre a primeira, que concerne exclusivamente à pessoa que a vive, pode ela fazer muitas conjecturas e estudos. Mas, para que estes não se afastem da realidade da segunda, deverá ajustar a vida individual – dentro, como é natural, das próprias possibilidades – às prerrogativas que a vida universal lhe abre. Por exemplo, um aspecto importantíssimo da vida individual é a sua duração. É comum considerar que essa duração se prolonga em razão dos anos que a pessoa consegue viver. Logicamente, nada haveria de objetar a esta crença, já que, na falta de uma noção mais ampla, ela indica com precisão o que se deve entender por duração física da vida. Porém, seria essa duração a única? Seria a que compreende, efetivamente, a existência como um todo? Pensamos que não, pois existe a duração espiritual, ou seja, aquela que fixa o uso do tempo na riqueza da realização individual. Esta duração não pode, portanto, ser medida pelos anos físicos, mas sim pelo tempo que cada realização deve significar como cômputo de duração.

Para esclarecer esta imagem e fazê-la acessível a qualquer compreensão, bastará observar a um ser que tenha vivido 80 anos sem haver realizado nada de valor. Terá vivido uma vida estéril, porquanto consumiu sua existência somando os dias, os meses e os anos, sem que se verificasse diferença alguma entre uns e outros. Em outras palavras, para ele os dias passaram sem deles se obter a menor recordação. Algo igual ocorre quando, através da janela de um trem, se observa uma paisagem que se desenrola com incessante monotonia e sem perspectiva de mudança. Podemos considerar igual em duração a vida deste ser, se a compararmos com a daquele que cultiva sua inteligência, move sua vontade com energia dinâmica, projeta e realiza obras de importância e cumpre tarefas de uma envergadura tal, que até chegam a interessar à própria humanidade e a beneficiá-la? E, ao alcançar este os 80 anos com um imenso labor cumprido, pode a duração de sua vida ser considerada idêntica à daquele outro que, chegando a essa mesma idade, mostra diversos graus de realização, sem, contudo, haver conseguido a produção dele? É lógico pensar que, ainda que a idade seja a mesma em ambos os casos, a duração é diferente, pois que ela deve ser considerada como maior ou menor de acordo com a intensidade com que se viva, ou seja, segundo as realizações levadas a efeito.

Dirigindo agora o enfoque psicológico para outro aspecto da duração da vida, descobrimos um detalhe eloquente que denuncia a existência de

um conhecimento oculto entre seus meandros. Isto poderia ser comprovado com a observação que é possível fazer sobre múltiplos aspectos, caso se queira medir o grau de consistência de nossa afirmação. Eis esse outro aspecto: a vida é longa quando a dominamos, ou seja, quando dominamos tudo ou, pelo menos, uma grande parte do que nela existe. O ser humano tem um mecanismo mental que, sendo utilizado com inteligência e discrição, abre diante dele um mundo de possibilidades. Tem também um sistema anímico-emocional, chamado sensibilidade, que permite as mais claras percepções e, ao mesmo tempo, reforça no interior da pessoa impressões que, muitas vezes, a própria razão tarda muito a discernir. Conta também com todas as demais formas de expressão da natureza humana. Dominando com plena consciência as forças que representam cada uma dessas posses, pode multiplicar a duração da vida pelo valor de tempo que as realizações, fruto desse domínio, signifiquem. O contrário de tudo isso ocorre quando é a vida que domina; sua duração então é breve, ainda que a idade acuse envelhecimento. Isso porque só se leva em conta, como período de atividade construtiva, a vida que, efetivamente, foi vivida como tal, pois a vegetativa, a que não mostra sinais de vida, é tempo morto ou perdido, que não pode ser computado como duração.

O MAL QUE AFLIGE A HUMANIDADE É A QUEBRA DA BOA-FÉ



Se estudarmos e analisarmos com o devido cuidado o processo que os povos e os homens viveram desde os primeiros dias de nossa história, poderemos facilmente descobrir qual foi, na maioria dos casos, a causa de grande parte dos males que tiveram de padecer.

Os povos viveram em paz quando a conduta seguida por eles se ajustou à realidade de seus deveres, de suas prerrogativas e de seus direitos e, por cima de tudo isso, ao conceito do justo, do verídico e do razoável. O normal mereceu sempre o mais ardente cuidado das pessoas que, em todas as épocas, desfrutaram dos períodos de paz. E se entendia por normal tudo o que tinha um mesmo valor e um mesmo significado para uns e para outros, ou seja, para a compreensão coletiva. Nos acordos internacionais, na solução das diferenças, fosse qual fosse sua espécie, sempre reinou o bom senso e a devida aplicação das excelências morais como meio insubstituível para se chegar a entendimentos intergiversáveis e definitivos.

Isto, naturalmente, acontecia durante os tempos de paz e quando os povos e os homens, como dissemos, se ajustavam ao rigor das verdades que fundamentaram a sociedade humana e lhe deram caráter de permanente. Mas, quando os povos começaram a desvirtuar os preceitos e princípios que regiam em franca harmonia e amizade suas relações, os espíritos começaram a agitar-se diante da perspectiva de entrar em períodos de confusão. Nesses períodos, os conceitos seriam alterados em sua interpretação, segundo as intencionais conveniências daqueles que pretendiam ajustar os acordos, os pactos e as próprias relações entre os países ao egoísmo e à ambição dos que, tendo infringido a lei e a verdade, manobravam de modo que elas servissem aos interesses postos em jogo para alcançar seu intuito. Desta forma, aconteceu que os mais audazes começaram por alterar, repentinamente, a conduta até

então observada. Assim, uma e outra vez, foi surpreendida a boa-fé daqueles que, alheios aos motivos de uma diplomacia que iniciava uma era de confusão, resistiam a admitir o que conceituavam impróprio de comportamentos honráveis e retos. A repetição destes fatos, com suas derivações e conseqüências, acabou por provocar, depois da surpresa, a desconfiança, o desassossego e a guerra. Dessa maneira, ao longo da História, foi preciso ver como, enquanto uns empunhavam suas armas para manter o que a falsidade e o engano haviam conquistado, os outros o faziam para defender os princípios, a moral e a fé na vida, ameaçada pela violência dos que punham em prática novos métodos e formas diametralmente opostos aos conhecidos e seguidos por todos os povos como normas invariáveis de convivência social.

Analisados os fatos que se foram repetindo ao longo de todas as épocas, pode-se muito bem constatar, sem temor a nenhum equívoco, que o eixo das relações humanas, e também a preservação da espécie, está na intangibilidade de tudo aquilo que deve ter, por igual, para os homens e para os povos, o mesmo valor, o mesmo significado e a mesma expressão de verdade. Ninguém poderia, sob pena de passar por um mentecapto, atrever-se a modificar o nome das coisas visíveis ou tangíveis, ou seja, daquilo que todos conhecem e utilizam. Mas não sucede o mesmo quando se trata de conceitos, de denominações e de princípios, cuja adoção por parte de uns e de outros constitui o melhor meio de entendimento em prol da manutenção da ordem e da harmonia dentro do mundo em que se vive.

Poderíamos dizer que a boa-fé é o veículo indispensável e imprescindível para realizar todos e cada um dos acordos entre os semelhantes; é a moeda legítima que, circulando com honradez, permite que os seres humanos vivam em paz e progridam, cumprindo um destino tranquilo e feliz. A moeda falsa, a que se tenta passar por legítima, é a que introduz a perturbação, a desordem, e a que traz, finalmente, o caos.

Os povos, assim como os homens, perdem sua integridade moral quando, em suas relações, usam dessa moeda, isto é, quando se afirma e se promete algo, por exemplo, com a premeditada intenção de não sustentá-lo ou cumpri-lo; quando, em igualdade de condições, a boa

norma é infringida, traída a boa-fé em favor da especulação sobre possíveis triunfos e lucros. É aí que aparece o primeiro sintoma de decomposição social; aí onde o germe da discórdia faz sua aparição para mostrar, pouco tempo depois, sua virulência. À vista de tudo isto, o que se ganha transtornando a vida de um povo ou do mundo inteiro? Se é preciso, como a História documenta, pagar tão caro por semelhante extravio, como é possível não se ter aprendido ainda uma lição tantas vezes repetida, a mostrar que o saldo dos benefícios jamais compensou o sangue derramado, a destruição de tantos lares, o sacrifício e a dor de tantos seres humanos?

Quão grande será o dia em que a humanidade possa assegurar para si a inviolabilidade de seu gênero, de seus elevados princípios e de tudo o que constitui a razão de ser de sua existência! A esse dia devemos chegar; e para essa meta devem tender todas as aspirações humanas, todos os esforços devem ser feitos. Se, mesmo assim, não for alcançada a supressão total das guerras com suas conseqüentes calamidades, pelo menos se poderá conseguir que elas ocorram após longos e fecundos períodos de paz.

ÉTICA NA LINGUAGEM



Um dos elementos que o homem utiliza com mais frequência, tanto para se fazer entender como para estabelecer um relacionamento harmônico com seus semelhantes, é a palavra. Como foi expressado noutras oportunidades, ela é a condutora do pensamento individual e a que contribui em muito para a formação do próprio conceito.

A importância de que ela se reveste, ou melhor, que ela assume na vida, evidencia-se de múltiplas formas, e é sabido que, quanto mais respeitável é a posição de quem fala, tanto maior a confiança que sua palavra inspira. Essa palavra, se não sofrer nenhuma modificação, será mantida como elemento de juízo para prestigiar o conceito de quem a emite.

Quando a palavra é pronunciada para manifestar uma convicção, definir uma atividade ou uma situação, ou expressar um sentimento, e leva em si o sadio propósito de oferecer aos semelhantes a oportunidade de conhecer o pensamento que a anima, tende sempre a superar o conceito de quem a emite. Muito diferente é o que acontece com aquela que é pronunciada com o propósito de enganar, ou que surge sem reflexão, num impulso fugaz, porquanto costuma afetar ou ferir aqueles que a ouvem, mesmo quando nada tenham a ver com ela. Isso porque o simples fato de escutá-la causa uma má impressão, contribuindo, por outro lado, para que se elabore um juízo desfavorável a respeito de quem a expressou.

As palavras devem conter o que o próprio homem contém. Se ele for nobre, sua palavra será nobre e, nunca jamais, deverá baixar até a deslealdade ou a falsidade; se for honrado, todas elas terão que ser honradas; se for culto, por sua vez elas serão cultas. Identifica-se a palavra, assim, à qualidade moral de quem a pronuncia.

As pessoas inspiradas no bem utilizam, indubitavelmente, palavras de bondade, construtivas, estimulantes. As pessoas que estejam inspiradas

no mal o fazem respondendo a essa inspiração. As que atuam com irreflexão, com debilidade, etc., que comumente se deixam arrastar por pensamentos dessa natureza, emitem, em consequência, palavras que contêm elementos contrários às normas de bem.

Quando se desconhece o valor das palavras, elas são usadas sem controle algum. Neste caso estão, geralmente, aqueles que não revelam nenhuma responsabilidade, ou que carecem de educação e cultura. E, aqui, a sentença “Cuida de tuas palavras para que elas não firam a ti mesmo” assume um nobre significado, porquanto, na maioria dos casos, as palavras ditas sem reflexão são causa de grandes contrariedades e infortúnios. Uma palavra ofensiva, por exemplo, expressada sob a sugestão de um momento de violência, na maioria das vezes acaba por causar maior dano àquele que a disse do que àquele que a escutou.

Quem pensa bem se esforça para falar melhor. Muito benéfico é, então, aprender a sincronizar os movimentos da mente com a expressão oral, de modo que a palavra seja a fiel condutora do pensamento. Disso resultará que a palavra se revestirá de interesse, contrariamente ao que acontece quando se fala sem pensar no que se diz, pois neste caso a palavra costuma parecer vazia ou sem sentido.

Se quiséssemos apresentar uma imagem que refletisse com mais vivo colorido o mecanismo da palavra, teríamos de representá-la como um pequeno vagão que, à medida que passa pelo conduto vocal, é preenchido com o pensamento que formará seu conteúdo. Quando não se preparou previamente o trabalho mental que haverá de cumprir essa função, o vagão, ou seja a palavra, sai vazio. Ao contrário, quando essa função foi cumprida, o pensamento é conduzido na palavra que se emite, podendo ao mesmo tempo ser estendidos os trilhos, a fim de que o vagão, com o conteúdo que lhe corresponde, cumpra sem inconvenientes seu destino. Isso acontece com os que ensinam, com os que falam e estabelecem a afinidade de pensamentos com aqueles que os escutam e, acima de todos eles, com os que, por sua elevada posição de estadistas, cientistas, etc., dirigem suas palavras à humanidade, que está, como eles sabem, à espera delas.

Ocorre, contudo, o caso de muitos que pretendem haver estendido esses trilhos de entendimento até seus semelhantes, mas, no momento

de proferirem suas palavras, elas se chocam entre si, produzindo a confusão e o desconcerto.

Os que conhecem o valor da palavra e cuidam dela levam muito em conta as que eles pronunciam, mantendo-as em constante recordação, porquanto sabem que também devem defendê-las da deturpação ou desnaturalização.

Na identificação das próprias palavras, é muito importante não esquecer a circunstância em que foram ditas, quem as escutou e o pensamento que lhes deu vida. Quem é capaz de reconhecê-las não só demonstra ser seu verdadeiro dono, mas também inspira aos demais uma absoluta confiança. Ninguém confia naquele que as nega, seja por esquecimento, por malícia, seja porque, sabendo que foram equivocadas, não lhe convém sustentá-las.

A ética na linguagem se define pelo caráter simples e ao mesmo tempo elevado dos termos que são empregados como expressão, bem como pela modalidade de quem os usa, que deve estar em consonância com a elevação dessa ética. Disso se conclui quão facilmente se pode chegar a conhecer o grau de cultura das pessoas. É óbvio dizer que, quanto maior riqueza houver na linguagem, ou mais acurado for o exame dos pensamentos que sejam expostos, tanto maior será a eficiência no trabalho construtivo da palavra e mais amplo o conceito que será dispensado a quem a expresse.

A palavra serve ao ser para atacar ou defender-se. Quando ela está a serviço do bem, em todos os casos cumpre sua verdadeira missão; quando é usada para o mal, a natureza dessa função fica desvirtuada.

Grande foi o empenho do homem para conseguir que seus semelhantes tivessem fé em sua palavra, mas tal empenho houve de converter-se numa luta constante, devido ao fato de que sempre atuaram as contradições, em prejuízo do ansiado objetivo. Sempre foi maior o número das palavras que não traduziam a fiel expressão de seu pensamento; portanto, a confiança que com elas puderam inspirar foi relativa e, por vezes, numa escala muito baixa.

É depois de muito caminhar que o homem, com o espírito já serenado pelas mil contingências pelas quais houve de passar, se dispõe

seriamente a cuidar de suas palavras como cuida de sua própria vida. Mas isso não é o suficiente; elas requerem, para ter valor e força, o apoio de obras, fatos e exemplos que demonstrem sua natureza. Só então começa a aumentar o crédito de suas palavras entre os seus semelhantes.

Em síntese, a palavra é um dos elementos com que o homem costuma lavrar sua felicidade ou sua desventura, segundo sejam as manifestações de seu próprio espírito.

O CONTEÚDO ESPIRITUAL DA EXISTÊNCIA



Ao traçar as linhas mais salientes da vida do ser humano, devemos necessariamente nos transportar aos primeiros dias de sua existência e, a partir daí, segui-lo ao longo de suas idades. Só assim poderemos explicar para nós mesmos o porquê de muitos fatos ou episódios que ocorrem ao homem, desde que começa a conduzir-se no mundo por própria conta.

É inquestionável que todo o período compreendido dentro do que se chama infância se desenvolve de modo muito diferente do registrado no transcurso das outras idades. Durante esse período, o mecanismo mental da criança permanece pouco menos do que estático, com exceção da imaginação, que desempenha nele um papel principalíssimo. A imaginação é sua lâmpada de Aladim; no mundo mental em que vive, onde a razão não funciona, suas concepções são, por lógica, irreais, sendo os pensamentos, com os quais a criança convive, atraídos até ela por suas próprias tendências naturais. Ao mais leve impulso de sua vontade e por força de sua imaginação, tudo aparece ali como por arte de magia. Eis por que a criança supre com tanta facilidade a falta de coisas reais, recorrendo a imagens que toma por tais, em virtude justamente de seu estado de inconsciência. A imaginação constitui para ela, portanto, o cenário real da vida; desenha com caracteres muito vivos, em sua tela mental, cenas, episódios, passagens, contos, etc., que ela toma como verdade. Muitos desses episódios, passagens, etc., costumam gravar-se tão profundamente, por força da impressão recebida, que mesmo ao longo dos anos se mantêm como algo vivo dentro dela. É que, nesse mundo irreal, os pensamentos que atuam são reais. O que ocorre, porém, é que tais pensamentos agem, na maioria dos casos, sem discriminação alguma no que tange aos atos da pessoa, o que explica por que o comportamento das crianças não é sempre igual; suas manifestações inteligentes e seus sentimentos tendem tão prontamente para o bem como para o mal. Os

primeiros movimentos da razão são os que, no devido tempo, começam a modelar a conduta seguida durante a infância.

Mas existe ainda algo mais. Pode-se afirmar que duas razões lutam para se apoderar da criança, para subjugar-lá e fazer dela um súdito de seus respectivos impérios: o reino do bem e o reino do mal. Na verdade, ela pode atuar nos dois, porque sua razão não intervém. Como dissemos, são os pensamentos que atuam nela, os quais, movidos por sua imaginação, vão de um ponto a outro, sem controle; sob a sugestão do que ouve ou vê, estes agem num ou noutro sentido. Isso assinala a dupla configuração de sua psicologia e a incapacidade de seu entendimento para compreender a diferença substancial que existe entre as coisas reais e a irrealis, entre o bem e o mal.

À medida que ela avança em idade, acentua-se a luta das duas tendências que a dominam, e assim a visão quimérica do paraíso, forjada por sua imaginação, projeta sobre sua mente imagens de cores vivas e alegres, que a encham de felicidade. Enquanto isso, o sombrio reino do mal trata de projetar-lhe, pelo concurso de pensamentos dessa origem, imagens sedutoras que a impressionam, pela atração que delas se desprende, cuja finalidade tende a incliná-la para os afagos de seu diabólico império.

É conhecido esse paraíso mental que a infância, incitada pelas lendas que os adultos lhe relatam, povoa de fadas, de anõezinhos ou gigantes, numa multiplicidade de formas e coloridos extraordinariamente sugestivos. A criança, de per si rebelde, costuma cansar-se de tais imagens, e é esse o momento em que os pensamentos que respondem ao reino do mal comparecem solícitos à sua mente, a fim de fazê-la incorrer em falta. Para representar o mal quando atua sobre a mente infantil, não poderíamos criar melhor figura que a conhecida com o nome de diabo. É este que, com todas as aparências de um poder natural, se apresenta à sua imaginação em mil formas diferentes, para oferecer-lhe tudo que possa almejar, seja o poder dos gigantes, seja o possível domínio de terras inexploradas, das quais a criança se sente rei, etc. Com a projeção destas imagens, produzidas para alimentar a nascente ambição de domínio, começa muitas vezes a se gestar o ditador, que desde esse instante trata de agir sobre o mundo

que o rodeia: irmãozinhos, amigos, e até sobre os próprios pais. Se tal diabo fosse visível, certamente o veríamos esfregar as mãos e rir histéricamente ante seu primeiro triunfo, enquanto enfoca outras imagens com sua lanterna mágica, pois sabe que, durante esse período da infância, a pessoa tem defesas muito escassas, em razão de sua orfanidade de conhecimentos.

Entretanto, tal como o dia, que avança sobre a noite como se quisesse iluminá-la, a razão da criança, que aumenta dia a dia ao crescer ela em anos, trata de iluminar sua inteligência, a fim de que não sucumba nos domínios da insensatez. Quando chega a idade em que aparece a razão lutando por seu pleno apogeu, e com ela a reflexão, o mecanismo mental se vai gradualmente estabelecendo para ser usado durante a vida. Como, porém, nessa segunda idade é necessário penetrar no mundo da realidade, ou seja, no mundo onde é forjado o destino dos que até esse momento haviam sido crianças, a pessoa se vê obrigada a enclausurar seu primeiro mundo e penetrar naquele em que seus semelhantes vivem e desenvolvem suas atividades. É lógico que, no começo, as coisas sejam quase que incompreensíveis para quem está se iniciando nele, custando-lhe muito, em consequência, conhecer cada uma delas, para saber usá-las com inteligência.

É esta a passagem mais dolorosa e sensível que as pessoas atravessam, porque todos – diríamos que sem exceção – se acreditaram pequenos sábios naquele minúsculo mundo da infância; pequenos sábios que confiavam em sua plena suficiência e que nunca pensaram, ao transpor as fronteiras da meninice e se incorporar ao mundo dos homens, que deveriam começar por confessar sua ignorância. É indubitável que um dos episódios mais duros da vida da pessoa é constituído pelo fato de ela se ver nessa situação, quando tudo, mercê de sua generosidade imaginativa, fazia supor o contrário. Eis, portanto, o pequeno sábio despertado e convertido bruscamente num pequeno ignorante, e eis também a primeira humilhação que a pessoa recebe ao tomar contato com a realidade. Tão belo era aquele mundo no qual tudo obedecia ao menor gesto de sua vontade, não contrariada nunca por nada nem por ninguém, e no qual sempre teve a razão, pois não a conhecia.

Quantas vezes cada um terá podido experimentar dentro de si mesmo a realidade da influência daquele pequeno mundo, lutando para sobreviver

na própria vida; e quantas vezes, com todo o tino, terá o homem precisado compadecer-se de seu pequeno sábio! Possivelmente, também, quantas tentativas terá feito para recorrer a essa sabedoria da infância que antes havia preenchido toda a existência! Mas, que conselho podia dar, ou que ensinamento, se para essa sabedoria não existe explicação possível, tão diferente em natureza ela é, quando comparada às coisas e aos fatos que a vida e o mundo dos homens enquadram na moldura de uma realidade inexorável? A sabedoria universal é, não obstante, tão grande, tão magnânima, que, enquanto se produz a transição de um mundo a outro, ou seja, do mundo da infância, irreal por imaginativo, ao mundo dos homens, real por estar regido pela razão e no qual devem ser enfrentadas situações difíceis, quase sempre a solução feliz e salvadora se apresenta em última instância, quando parecia que a esperança tinha fugido da pessoa.

Nada estranho seria, pois, que o adolescente ou o homem se transporssem em sonhos, por alguns instantes, até aquele primeiro mundo, a fim de impregnar sua alma com os eflúvios da grandeza universal. Muitas vezes, ao amanhecer, a pessoa desperta com um ânimo, uma energia e um entusiasmo que não têm outra explicação a não ser a de haver seu espírito experimentado, durante as horas do sono, sensações que depois são traduzidas nesses estados que representam uma maior confiança no futuro. Talvez seja isto o que, em alguns, dá alento à crença de que, assim como no mundo da infância foram pequenos sábios, no mundo dos homens também podem sê-lo; mas sábios de verdade. É inegável, porém, que, à medida que se entra no mundo da vida integral e tem início o contato direto com a realidade da convivência social e moral, todas as imagens do mundo dos primeiros dias se vão apagando e desaparecendo. A transição de um mundo a outro teria de ser experimentada cumprindo certamente a lei que rege os processos naturais da evolução, mas, como nessa idade não é possível compreender o rigor dessa lei, geralmente sobrevém o desalento, provocado pelo vazio deixado na mente pela mudança de posição nas zonas do entendimento.

Sendo assim, os que tratam de preencher esse vazio, para eles insuperável, com precipitadas substituições imaginárias, caírem no terreno das veleidades e formações amorfas de ideias irreais. Ao contrário, há aqueles que conseguem manter dentro de si o fulgor das reminiscências da

infância, que, sem prejudicar o processo natural do entendimento, podem servir, indubitavelmente, para que a inteligência, sem se desviar um milímetro de sua formação discernidora, encaminhe as tendências e inclinações principais do indivíduo para a realização daqueles objetivos que, durante a primeira idade, constituíram o ideal de seus dourados sonhos. Existem também aqueles, e em número considerável, que ajustam sua existência às exigências da vida material e a alguma ou outra da vida espiritual, comuns à rotina da maioria; e existem, ainda, aqueles que, pretendendo obstinadamente conviver de forma continuada com o mundo quimérico da infância, transformam-se nessas pessoas que são chamadas de ilusas, cuja imaginação, frondosa em projetos, faz com que permaneçam fora da realidade, enganando a si mesmas e, ao mesmo tempo, os demais. Muito diferente é o caso, já mencionado, daqueles que, cultivando sua inteligência com o estudo, a experiência e a observação, com razoamentos de elevada categoria, buscam reconstruir aquele paraíso da infância, situando no plano da realidade o que nele houver de adaptável e realizável.

Como um imperativo da consciência, deve-se advertir que é preciso levar muito em conta a diferença substancial, já descrita, entre os dois mundos enunciados. No primeiro, que acabamos de chamar de paraíso da infância, a razão da criança, repetimos, não atua, enquanto no segundo, no mundo do adulto, ela deve imperar para a discriminação de tudo o que se refira à verdade e ao erro.

Não existe utopia alguma na afirmação de que cada ser humano pode criar dentro de si seu próprio paraíso ou seu inferno, conforme sejam suas tendências, os pensamentos que convivam com ele e as diretrizes de sua inteligência. A luta pelo predomínio destas tendências é o que caracteriza o inconfundível aspecto psicológico e mental da vida do ser humano.



Já se disse que o dia impõe limites ao mundo e que a noite apaga os horizontes para confundir-se com o infinito. Se tomarmos esta afirmação como princípio universal, veremos que o homem vive numa constante escuridão mental enquanto não consiga iluminar os dias de sua existência com a luz do conhecimento. Sendo assim, concluímos com lógica irrefutável que, quando alcança a essência dos conhecimentos, ou seja, a sabedoria, ele

rompe os limites do mundo para internar-se nas regiões incomensuráveis da Criação. Esta suprema realização humana demonstra que, para uns, para os que vivem submersos na sombra da ignorância, infelizmente a maioria, essa noite que apaga os horizontes e os confunde no infinito continua sendo a noite dos tempos passados e futuros, enquanto para outros, essa noite se transforma em dia resplandecente, cuja luz não tem limites, mesmo quando nenhuma mudança visível tenha ocorrido ao redor, à qual se pudesse atribuir o porquê de tão extraordinária diferença de condições.

O conhecimento logosófico, procurando tornar mais clara a compreensão destes aspectos, apresenta a concepção de três campos bem definidos na vida do ser humano: o irreal, ou pequeno mundo da infância; o real, que corresponde ao mundo comum em que a maioria dos homens desenvolve sua vida; e o super-real, ou seja, o real superado.

Sobre o primeiro, já delineamos em grandes traços a particularíssima influência que exerce durante os dias da infância. O segundo, o mais conhecido, é aquele em que tudo se confunde e em que, inclusive, por serem ignorados, passam despercebidos os três campos que acabamos de assinalar, nos quais a vida humana desenvolve suas atividades. O terceiro, do qual ainda não falamos, é o que a Logosofia descobre como o campo mais importante das atividades superiores da inteligência.

Dentro do segundo campo, ou mundo real, já dissemos que atua a imensa maioria das pessoas, e tudo o que nele é realizado tem todas as alternativas habituais e monótonas de um mundo limitado; portanto, a vida cumpre ali, lentamente e sem maiores variações, sua função evolutiva, tornando-se por vezes indiferente, insípida e aborrecida. E quando, por circunstâncias geralmente alheias à própria vontade, ele se reveste de algum atrativo particular, este atrativo é efêmero, já que nada parece durar nesse campo, apesar de sua extensão, por sua situação intermediária, que particulariza o transitório. Não obstante, é ali onde se podem colher os ensinamentos mais valiosos e, se a pessoa conseguir, realizar a preparação que culmina no transporte espiritual para o mundo super-real. Muitas grandes figuras da História evidenciam a trajetória que destacamos, e todas elas, sem exceção, ao se elevarem no mundo super-real, reproduziram muitas das imagens que sustentaram no mundo da infância. Isso está refletido nos primeiros conquistadores do mundo, nos cientistas que chegaram

à culminação de importantes descobrimentos, como também nas célebres figuras militares, políticas e muitas outras que se destacaram no campo das artes, das letras e demais atividades da inteligência. É nas figuras de maior relevo histórico que mais se evidencia a existência do pequeno sábio dos dias da infância, em virtude de se haver consumado nelas a aspiração que, durante a primeira idade, aparecia somente como um sintoma anunciador do homem do amanhã.

Entretanto, para que isto se realizasse, foi necessário a contribuição de muitos fatores influentes em alto grau durante o período de transformação psicológica, moral e espiritual que se operou. Tiveram de contribuir para esse fim, por exemplo, a ânsia constante de superação, a consagração ao estudo e o anelo profundo de servir a uma causa ou a um ideal; causa ou ideal que personificou sempre, como máxima expressão simbólica, a pátria ou a humanidade. Não pôde deixar de contribuir, para a formação do arquétipo humano superior, o permanente esforço na capacitação por todos os meios possíveis, nem tampouco esteve ausente, do espírito que manifestava tais preocupações, o sacrifício e a abnegação, condições estas que completam o seu quadro psicológico.

Abordemos, agora, o estudo daquele tipo de pessoas que, sem preparação alguma e deixando de lado, talvez, o concurso dos fatores mencionados no caso anterior, pretendem conservar no mundo real a ficção da meninice. Encontramos assim as que, sem nenhuma preocupação em melhorar as boas condições próprias e corrigir as tipicamente inferiores, se desenvolvem à margem da realidade. Viver excluídos de toda reflexão, sem cuidar no devido tempo do cultivo das faculdades, é não viver em nenhum dos três mundos ou planos descritos. Com exceção de alguns poucos que conseguem libertar-se da ficção que os domina, a maioria cria para si um mundo quimérico, do qual, porém, mais de uma vez teve de sair, forçada pelas exigências derivadas das situações da vida, que impõem à pessoa a necessidade de se amoldar decididamente à realidade. Como é lógico, em tais circunstâncias sempre sobrevém o desmoronamento das posições ficticiamente criadas. O extravio da habilidade inventiva, o embuste e a divagação presidem, podemos dizer, a quase todos os pensamentos e atos das pessoas que vivem imbuídas, como é fácil perceber, da ideia de estar acima de seus semelhantes.

Estendendo-nos um pouco na descrição destas pessoas identificadas com o falso e com a fantasia, ressaltamos que não são poucos os que acabam passando ao plano da loucura. Esta circunstância, nós a consideramos produzida por uma hipertrofia da imaginação. Quando isto ocorre, é bem sabido que a razão fica sensivelmente afetada, tanto que se produz o desequilíbrio das faculdades mentais e, em consequência, o delírio e a perda de todo juízo.

É inegável que nossa concepção, que marca claramente o desenvolvimento da vida humana dentro da classificação que especifica os três mundos, define uma orientação luminosa para todos os que, preferindo atuar com prudência e sensatez, afastam de si toda possibilidade de cair no lodoso campo da irrealidade e da ficção. É, portanto, lógico que, para não se deixar surpreender por pensamentos que conduzem ao extravio, a pessoa deva precaver-se contra eles por meio de uma constante e rigorosa vigilância das inclinações e pensamentos que concorram para a edificação de seu futuro individual, enquanto se dispõe a realizar seus melhores propósitos de superação e de bem. Para tal fim, deverá criar condições que tornem possível a efetividade de tais propósitos e, estando já no caminho do aperfeiçoamento, deverá ser cada dia mais consciente de tudo que lhe diga respeito, até mesmo do menor de seus movimentos mentais, para poder, assim, observar se tudo nele obedece aos fins que o inspiraram em sua conquista.

Quando o ser humano se encontra em fase de franca evolução, por consequência é mais consciente, e isso traz como resultado imediato a serenidade de seu espírito. A serenidade domina a impaciência; dominada esta, aumenta a vontade e também as energias, ficando a pessoa dotada de todas as forças de que necessita para atender com acerto às exigências de uma vida ampla, digna e voltada para um destino melhor.

Conclui-se que cada um pode criar para si, para desfrute durante sua vida, um verdadeiro paraíso de felicidade, como também um inferno; e já se sabe quem preside o primeiro e quem o segundo. O essencial, portanto, é que o homem afugente o mal em qualquer uma das formas em que ele se manifeste em sua própria vida, a fim de que seja Deus, como manifestação do supremo bem, quem presida os atos de sua vontade e reine nele.

SÍNTESE DE UM ESTUDO SOBRE OS ARCANOS DO CONHECIMENTO



A Logosofia, cujos ensinamentos são filhos de um mesmo Verbo, é a nova semente que haverá de gestar um novo ser em muitos corações e em muitas mentes. Isso quer dizer que, ao incorporar-se à vida de quem a recebe, começa e realiza sua obra fecundante até culminar numa nova raiz de herança intelectual. Uma nova planta humana estende, então, sua ramagem, para amparar a todos que necessitem abrigar-se sob sua proteção.

Entretanto, essa semente que dará origem a uma nova vida deve ser nutrida com o alimento que flui dela mesma, e não poderá manifestar-se como ser vivo se elementos estranhos à sua puríssima essência pretenderem servi-la.

Para os fins de sua manifestação, a natureza viva, feita lei nas entranhas humanas, não permite que agentes alheios a ela interve-nham em sua fecundação. A Logosofia, que é força viva, obedecendo à mesma natureza que encerra os preceitos dessa lei, tampouco admite que agentes estranhos perturbem a germinação natural de sua semente. Daí que tanto se recomende não desvirtuar, no estudo e na investigação, o conteúdo essencial do ensinamento, interpretando-o mal. É lógico pensar que, se ele atua tão profundamente em benefício da superação individual, é porque obedece a algo superior que está além das possibilidades de compreensão do momento em que se vive. Se, porém, essa realidade benéfica, se são percebidas e comprovadas suas vantagens, e se é possível vislumbrar futuras manifestações de adiantamento, poder-se-á discernir sobre a conveniência de não se afastar dele. Isso, naturalmente, dará mais firmeza e segurança aos passos dados no rumo de uma compreensão maior do ensinamento.

É na mente que ocorrem as primeiras transições e onde é sentida a realidade das mudanças inevitáveis que precedem a toda exteriorização superior. Se ela não se achar preparada para compreender, ainda que em pequena escala, o alcance transcendente do conhecimento ao qual se vincula, não poderá perceber tais realidades, nem permitirá que o espírito experimente as gratas sensações das verdades alcançadas.

É uma verdade indiscutível que o estudo prepara o campo mental para que os pensamentos sejam fertilizados, e que, quando esse estudo consegue penetrar nos arcanos do conhecimento, logo se compreende que a vida humana não se reduz à limitação vulgar em que a maioria se debate. Existe, acima da ignorância, uma vida mais ampla e maior, que abrange tudo quanto é possível a uma mente que pensa e que, iluminada pelo conhecimento, se interna em outros mundos, aos quais a mente comum permanece completamente alheia. Quais são esses mundos? São os que permeiam aquele que todos nós conhecemos como o único existente, e estão povoados por uma infinidade de presenças que passam despercebidas aos olhos de todos, mas não aos olhos do entendimento capazes de ver e apreciar tudo o que existe e pertence à Criação. Naturalmente, para entrar neles é necessário, como dizíamos, preparar a mente e selecionar os pensamentos que haverão de conviver com esses seres invisíveis que, aos milhares, povoam o plano mental. Então, os pensamentos poderão alternar nesses mundos, e, logicamente, quanto mais elevada seja a condição humana, tanto mais elevadas também serão as incursões nessas regiões onde a alma encontra suas mais doces expansões.

Quando se quer idealizar a vida, não fluem na mente pensamentos de força e de energia, em forma de inspiração, como se fossem revoadas de pássaros? Quando, em momentos de preocupação, em íntima invocação vamos em busca de uma ideia que nos auxilie, não voa o pensamento em busca de uma solução? E não espera a mente o regresso do pensamento, o qual, como pomba mensageira, haverá de voltar trazendo a resposta? Se for verdade que o pensamento que a pessoa eleva está isento de mesquinhas intenções, as aladas figuras do mundo mental lhe proporcionarão gratíssimos momentos de felicidade. Tudo consiste em colocar-se em condições de respeito e de pureza ante essas

presenças, das quais nada se oculta. O homem egoísta, intratável por temperamento, que realiza suas buscas com propósitos mesquinhos, contrários à própria natureza, nada alcança; ao contrário disso, experimenta duras decepções, amargos desenganos. É porque ele mesmo se enganou, já que, pensando enganar, viu desmascarado seu ardil.

Cada movimento do pensamento deve ser sempre um fiel reflexo da reflexão. Que não sejam os pensamentos estranhos os que dominem a razão, anulando a privilegiada função de pensar. Que seja o homem, com o domínio pleno de suas faculdades, quem discirna com consciência sobre seu presente e seu futuro, para que nada fique à mercê do acaso. Que seja ele quem edifique dentro de si uma nova vida, a qual obedeça a deveres mais elevados que os impostos à vida comum, pois somente se já tiver ou se vier a ter consciência desses deveres é que poderá estar em condições de merecer as prerrogativas que a vida superior oferece. Se a vida comum não satisfaz, nada mais lógico que se dirigir para onde a existência se mostre mais grata e mais doce, mas sem jamais esquecer que a crisálida, quando se converte em borboleta, cessa para sempre de arrastar-se.

O conhecimento logosófico ensina, por outro lado, que o homem pode desenvolver sua capacidade de dar e nunca se colocar na triste situação de pedir. Quão mais digno é ser comedido nos atos para não se exceder na medida! E, se a isto somarmos o quão útil é avaliar num preço justo os próprios valores, teremos dado um grande passo rumo à proximidade do equilíbrio que deve existir, a fim de que os atos não causem jamais desgosto à consciência.

O CONHECIMENTO LOGOSÓFICO, ELEMENTO DE APERFEIÇOAMENTO DAS CONDIÇÕES HUMANAS



Para que o conhecimento logosófico atue como elemento aperfeiçoador das condições humanas, deverá ele, em primeiro lugar, encontrar a mente da pessoa preparada para o estudo do ensinamento que ele ministra, bem como encontrar o ânimo bem disposto, tanto para o trabalho de observação e exame quanto para o discernimento. Em segundo lugar, quem se inicie na ilustração logosófica precisará aprender a confrontar os resultados do estudo, a fim de facilitar o trabalho do entendimento sobre a aplicação dos conhecimentos que vá adquirindo.

Se levarmos em conta que o grande valor do conhecimento logosófico consiste em suscitar ideias e estimular as forças criadoras do espírito, logo compreenderemos a importância que seu cultivo permanente e ativo representa para a vida. Pode-se muito bem dizer que o conhecimento logosófico é o agente propulsor da dinâmica mental; ele se converte no eixo central do pensamento monitor, ao reativar as energias internas e facilitar para elas o meio de manifestação e expressão.

Acaso não nascem na mente ideias que jamais veem a luz, por lhes faltar a força estimulante que lhes daria o impulso vital? Não foi em vão que muitas delas esperaram a oportunidade de se manifestar e se materializar em fatos e, isoladas na subconsciência como projetos ou concepções truncados, foram depois definitivamente abandonadas?

Suponhamos o caso, por exemplo, de alguém que desejasse melhorar suas condições ou fazer algo para sair do ostracismo mental e dedicar-se a tarefas mais vantajosas para sua vida. Se não encontrar o meio e a oportunidade de satisfazer a esse desejo, sofrerá em silêncio as angústias de sua impotência ou de sua incapacidade para fazer o que deseja. E isto acontecerá com quem se achar em qualquer posição, física ou espiritual,

seja esta boa, regular ou má, no caso de lhe faltar vontade ou de ele pensar que o esforço a ser realizado é superior às forças que tem, ficando paralisadas, ali, no fundo de seu ser, as melhores inspirações.

A mente humana tem grandes zonas áridas e, portanto, improdutivas, que o homem culto converte em campos férteis, onde frutificam as ideias que haverão de lhe servir para a realização de fecundas obras de bem e para ampliar a vida, conduzindo-a pela elevada senda do aperfeiçoamento.

O conhecimento logosófico é o grande incentivo que promove na alma sadias reações, que reanimam o ser humano e fazem florescer nele as esperanças de antigas aspirações. Tão logo a leitura do ensinamento desperta suas energias adormecidas, renasce o entusiasmo e sua respiração se torna mais profunda, porque começa nesse instante a aspirar a fragrância de uma vida que acreditou proibida para ele.

Por acaso não se respira melhor, com irreprimível entusiasmo e alegria, quando se recebe uma notícia que enche de ventura, ou quando se recupera a saúde, ou se finaliza uma obra à qual foi preciso dedicar todos os empenhos? E, assim, enquanto o sofrimento oprime e apaga entusiasmos, o simples anúncio de uma perspectiva favorável ou a obtenção de um bem anelado enche a vida de felicidade, inflamando-a com novos brios e energias.

A mente do homem requer, para ser fértil e produzir ideias, ambientes que favoreçam seu desenvolvimento e propiciem sua evolução. Ao contrário, ela se esteriliza e esmorece quando carece de estímulos e oportunidades nas quais possa se exercitar em continuadas provas de capacitação. Nada nos oferece mais satisfações do que experimentar a formosa realidade de nos sentirmos capazes de fazer algo e, sobretudo, donos desse ou daquele conhecimento, o que nos haverá de servir para realizar com êxito o trabalho a que nos tenhamos proposto.

Acontece comumente que o homem não faz tudo o que deveria fazer, ou se vê impossibilitado de preencher os claros que suas obrigações rotineiras deixam no seu dia, porque não aprendeu a criar para si os meios, as circunstâncias e as oportunidades que lhe possibilitariam realizar muitas coisas que redundariam em seu benefício, pela superação que isso significaria para suas próprias aptidões e qualidades.

O conhecimento logosófico, ao mesmo tempo que capacita, aguça a engenhosidade e permite o desenvolvimento rápido das faculdades da inteligência. Para tal fim, oferece ao ser humano todas as oportunidades e desperta seu interesse por numerosas coisas que ele ignora, enquanto o guia pelo caminho mais curto, sem a menor violência ou fadiga para seu espírito, em direção aos umbrais de um futuro melhor, no qual penetra cheio de prazer ao se sentir cada dia mais capaz de forjar o próprio destino.

Não pode haver, portanto, nada mais prejudicial para alguém do que viver à margem de uma realidade tão formosa, qual seja a de poder transformar sua vida, estéril e fria, em fecunda e calorosa, pelo aumento contínuo de perspectivas e possibilidades. No lugar do abandono cético, deve entrar a preocupação pelo melhoramento das condições pessoais, até conseguir que volte a renascer a confiança em si mesmo e o entusiasmo; até conseguir que a força dinâmica do espírito faça brotar a esperança de um amanhã pleno de gratas emoções para a vida.

Porém, ao encarar uma mudança tão transcendente, será necessário não esquecer que, na pessoa sem maior educação e ilustração, sobressaem as paixões que influenciam sua vida. Os deleites do espírito terão sido suplantados nela pelas diversões e prazeres da vida ordinária, e só começará a perceber as satisfações que o conhecimento lhe permite experimentar – ao colocá-lo em situação vantajosa em relação aos semelhantes com os quais convive – quando sentir e vislumbrar as possibilidades que se abrem para sua vida. É quando, então, abraçará com fervor e decisão inquebrantável o ideal de aperfeiçoamento, que haverá de transformá-lo num homem consciente de seus deveres e prerrogativas para com a sociedade, da qual fará parte não mais como um peso morto, mas sim como um valor necessário para a cultura e o progresso dela.

Os conhecimentos logosóficos, cujo conteúdo é, por sua natureza, fecundante e construtivo, são ensinamentos permanentes que organizam o espírito e iluminam a inteligência. Alguns deles são captados pela razão, enquanto outros o são pela sensibilidade, segundo seja o estado de ânimo, a predisposição ou o interesse que a pessoa experimente no momento de recebê-los. Nem sempre se deverá pensar que o ensinamento encontrará em todo momento uma ampla acolhida. Enquanto umas vezes penetra sem dificuldade e abre passagem no entendimento, noutras tropeça em sérios obstáculos, porque

encontra a pessoa fechada a toda explicação esclarecedora. É que tais ensinamentos promovem uma série de movimentos internos, ora despertando interesse, ora despertando reações, ora avivando recordações ao enlaçar-se a fatos que têm uma estreita relação com passagens vividas ou com indagações que permaneceram sem resposta no curso da vida.

O meio mais eficaz para obter do conhecimento logosófico grandes resultados é sua aplicação à própria vida, com fins de aperfeiçoamento e capacitação integral. Mas tal conhecimento aponta como algo indispensável estender os benefícios obtidos aos semelhantes, muitos dos quais, submersos na ignorância, necessitam do auxílio dos que se emanciparam desses estados sombrios e incertos da incipiente compreensão humana. Auxiliá-los seria mostrar-lhes as vantagens da instrução e do conhecimento, tal como lhes seria mostrada a perspectiva de uma mudança que, em sua situação, haveria de ser algo seguro, caso pusessem em sua realização a maior boa vontade e um decidido esforço.

Que será preciso fazer para alcançar esse objetivo? Instituir escolas de aperfeiçoamento cultural e moral, nas quais toda vida mergulhada na desorientação encontre sempre o incentivo que reclama.

É uma verdade amarga, e confirmada na história de todas as vidas humanas, que o homem aprende tarde a viver e só adquire o domínio da existência quando ela já deixou três quartas partes no passado. O maior obstáculo para compreender esta verdade, quando se está em tempo de aproveitar tão grande ensinamento, tem sido, é e talvez siga sendo a aversão ao estudo e o acentuado rechaço à experiência e ao conselho alheios.

Já se disse, e com muita razão, que a vida é um constante lutar e aprender, *e também que a dor costuma ensinar*, fazendo-se referência, nesta última frase, à experiência pela qual pareceria ser imprescindível passar para se poder admitir algo não aceito antes com uma simples explicação.

É o conhecimento o que previne o homem contra as garras da adversidade, que sempre encontra campo propício para produzir seus estragos na inexperiência e na ignorância humanas. Saber compreender a tempo estas verdades evitará que as gerações do amanhã tenham de passar pelos mesmos sofrimentos pelos quais os pais dessas gerações passaram, até terem aprendido as grandes lições que ensinam a viver.

INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO NA VIDA DO SER HUMANO



Se considerarmos a vida individualmente, concebendo-a do ângulo das sensações, veremos que um ser que não teve contato com as possibilidades superiores do espírito não sabe que existem prazeres que superam os comuns, nem sequer o concebe, enquanto sua vida na maioria das vezes vai se tornando sombria, sua idade avança, resvalando sobre o tempo sem mais sensações que as de uma estéril vertigem.

Muito diferente é o que acontece com quem toma contato com pensamentos que levam para outros destinos. De imediato, começa a experimentar as diversas sensações que concorrem para criar a felicidade, a sentir como se uma nova vida se infiltrasse em seu ser ao perceber a influência de pensamentos de uma qualidade até então desconhecida. O simples fato de observar como se promove na mente dessa pessoa uma atividade que difere da costumeira indica, já, uma mudança ponderável em seu modo de existir, pois se antes era indiferente, por ignorar toda razão que estivesse além de sua possibilidade mental, agora experimenta a existência dentro de uma nova forma de existir, porque os pensamentos aludidos têm a virtude de despertar em sua consciência a vida adormecida de muitos outros que ali ficaram como mumificados. E quanto mais potente for o pensamento que brote na consciência, tanto maior a força com que ele despertará para a vida os que permanecem ali imóveis, inanimados, mas não mortos nem em estado de decomposição.

Vem ao caso destacar, com menção especial, a ação do conhecimento logosófico, que, ao penetrar nos mais profundos âmbitos do ser humano, tende a despertar e a vitalizar todos aqueles pensamentos que possam existir na consciência individual, a fim de que, utilizando as

próprias reservas, caso existam, possa progredir num processo consciente e constante rumo às mais elevadas metas da perfeição humana.

Convirá explicar aqui o trabalho de alguns pensamentos, para demonstrar a efetividade de sua vida e sua influência no ânimo de cada um. Suponhamos que várias pessoas estejam conversando sobre assuntos sem transcendência, dos quais nenhum motivo surge para que os participantes experimentem sensações capazes de promover neles uma reação. Em tal circunstância, a chegada de um pensamento em forma de notícia traz como mensagem, por exemplo, a possibilidade de se alcançar em pouco tempo um objetivo cuja simples imagem, tomada como perspectiva, projeta um futuro imediato de felicidade ou oferece rápidos meios para consegui-la. Isto, não mais, é suficiente para promover nos presentes as sensações e reações próprias do caso. Diria-se que a vida, até então encerrada em estéril mutismo, se abre prontamente sob a influência do citado pensamento, em busca da expansão prometida, e que as coisas mudam de forma e de significado por ação desse mesmo pensamento.

Isto explica por que qualquer triunfo obtido na vida provoca alegria. Por pequeno que seja, o triunfo é sempre resultado de uma série de pensamentos que foram aplicados numa determinada direção e tiveram uma feliz culminação. A própria vida, nesses instantes, parece não caber dentro de seu invólucro físico, tanto que busca transmitir a outros os êxitos alcançados e fazê-los participantes de sua felicidade. É como se, pela primeira vez, a pessoa experimentasse a sensação de existir, e essa existência passasse a ter, para ela, a importância que antes não lhe tinha sido dada. Diferentemente disso, um pensamento sombrio hospedado na mente, ou que tenha penetrado nela atraído por um instante de aflição, deprime e retira toda sensação de existir. Nunca alguém está tão próximo da morte nem tão familiarizado com ela como nos momentos de grandes sofrimentos. O ser humano, ao não experimentar a verdadeira, a doce sensação de existir, sente condensada toda a amargura da aflição, que não é outra coisa que a própria vida que se contrai, subtraindo-se às sensações gratas da existência.

Deixamos fundamentada, pois, a razão de muito do que acontece com a vida humana durante sua passagem pelo mundo. O homem luta

buscando alegrias para viver e experimentar a sensação de existir, e essa luta, às vezes tão dura, tão amarga, tão violenta, é justamente para sobreviver aos pensamentos de aflição que ameaçam devastá-la e exterminá-la, e, em cuja defesa, busca, como uma inclinação natural, o conteúdo dessa mesma vida em tudo aquilo que sirva para perpetuá-la. Mas, quando o empenho é individual e se nutre unicamente da própria experiência, em vez de nutrir-se também da alheia, é fácil sucumbir na luta. Devem importar ao homem não só as alegrias que ele possa alcançar, mas também as que os demais desfrutam; sobretudo deve ir em busca de apoio, de força, pela união recíproca, e em busca de luz mental pelo intercâmbio das compreensões e a iluminação das inteligências em conjunto. Assim, por exemplo, se um objeto qualquer tivesse sido escondido e várias pessoas se propusessem a encontrá-lo, é muito seguro que individualmente demorariam muito nessa tarefa, e talvez nem conseguissem dar com ele. Mas, se todas, em conjunto, com as mentes atentas, resolvessem buscar esse objeto, não há dúvida de que cada inteligência promoveria uma série de sugestões e, unidas, não demorariam a descobri-lo.

ALGO SOBRE AS LEIS QUE REGEM OS PROCESSOS DA CRIAÇÃO



Depois de observar o trabalho incessante que, durante dezesseis anos, o conhecimento logossófico vem cumprindo silenciosamente, pode-se agora apreciar com toda a clareza quanto se fez e quanto ainda fica por fazer em benefício dos que o cultivam.

As leis que regem os processos da vida universal, sábias e perfeitas como tudo o que a Criação nos apresenta, determinam, para cada obra que deva cumprir uma função universal, períodos de iniciação, evolução e aperfeiçoamento. Nesses períodos, são estabelecidas etapas que, no desenvolvimento dos acontecimentos humanos, se caracterizam por trechos intensivos, de grandes esforços ou vigorosos entusiasmos, que promovem positivos avanços em direção à meta culminante que lá, ao longe, a mente intui e o coração pressente como realização do ideal que o homem forjara para si, em momentos de empreender a caminhada e dispor seu espírito para a façanha heroica e bela que se prometeu a cumprir.

Outras etapas se particularizam por sua passividade, pois nelas só se tende a conservar a distância alcançada desde o ponto de partida, com sua sucessão de benefícios obtidos. É nestas etapas que muitos desertam, desviando-se para outras direções. Não se dão conta de que esses rumos tomados ao acaso, ainda que possam atrair, carecem de incentivos e, sobretudo, do grande estímulo do ideal concebido e depois abandonado, cujo princípio de realização ficou evidenciado nas forças que alentaram o espírito no empenho, na luta e nos triunfos.

Malograr um processo que constrói o bem é voltar ao ponto de partida, ou perambular por seus arredores para não confessar o fracasso. O pessimismo e a decepção contagiam prontamente o ânimo,

levando a pessoa ao decaimento, estado tão absurdo como o de credulidade, que priva o homem do prazer do discernimento, para entregá-lo de forma despuorada aos braços do fanatismo. Aquele que chega a isso ignora – ou teme saber, talvez – que o pessimismo ou a decepção são impróprios do ser racional. Demonstra que é incapaz de enfrentar as situações tais como se apresentam, e que não tem uma remota noção do que é a vida nas múltiplas variações de sua complicada configuração física, psicológica e espiritual.

Quem disser que é pessimista, seja qual for a situação a que queira se referir, declara, implicitamente, que dele nada se deve esperar em prol de alguma solução. É comum perguntar: “Para que vou fazer isto, se não vou conseguir nada?” Eis uma postura própria de quem jamais fará algo que lhe demande algum esforço, porque de antemão duvida de si mesmo; é postura também própria de quem, se alguma vez empreender um trabalho, vai cumpri-lo tão cheio de covardia e de insegurança que, para justificar seu fracasso, nada mais conseguirá fazer do que atribuir à fatalidade aquilo que previa como sentença de seu próprio pessimismo.

Voltando à essência de nosso tema, diremos que também existem etapas em que de novo floresce o entusiasmo. O espírito se enche de renovadas energias, tal como faz a Natureza quando a primavera renova a seiva das árvores e veste de flores as plantas que permaneceram sem viço durante o inverno, aparentemente inertes, esperando o sopro fertilizante da estação. É nestas circunstâncias que os pioneiros, que avançam em primeira linha à frente da humanidade, redobram seus empenhos e exaltam seu entusiasmo, seguindo esse mesmo exemplo os que, depois deles, preparam seu ânimo para cumprir uma nova jornada que os aproxime um trecho mais da meta escolhida.

O conhecimento logosófico tem, entre outras virtudes, a de se constituir num poderoso estímulo para quem o aplica em seu aperfeiçoamento. É sabido que não existem entraves mais obstinados nem obstáculos mais rebeldes para a vida do homem do que suas próprias deficiências, seus defeitos; em síntese, sua ignorância. Tal

conhecimento também possui a virtude de reativar a faculdade da recordação, de forma que, contrariamente ao que costuma ocorrer, não é fácil esquecer uma experiência, uma passagem difícil, mesmo quando não se mostrem iguais. Aqueles que têm cultivado o conhecimento durante anos sabem, por própria experiência e convicção, o que ele representa para a evolução.

Nestas horas de grande expectativa, a humanidade necessita, mais do que de qualquer outra coisa, de uma verdadeira orientação. Depois de muitos dos que habitam este planeta haverem vagado por todos os solos do mundo, ensanguentados uns, enlameados outros, instáveis os grandes princípios que deram esplendor às civilizações do passado e chegaram até a civilização do presente, a humanidade necessita confiar novamente em algo superior e real que reanime a existência e apague, para sempre, a tristeza que ensombrece seus olhos, a fim de que todas as criaturas que povoam este mundo, cujos caminhos sejam tão acidentados quanto tempestuosos são os seus horizontes, voltem a ver a vida e o futuro sem temores, com o júbilo que a esperança em dias melhores desperta.

O conhecimento logosófico é, precisamente, esse algo superior e real de que falamos, capaz de restituir ao homem a fé perdida e ajudá-lo a encontrar a si mesmo, abrindo passagem no labirinto de suas ideias para, decididamente, internar-se no campo das próprias convicções e preferências. Cultivando esse campo, os verdadeiros frutos voltarão a ser colhidos, e a humanidade deixará de padecer as calamidades que vem sofrendo desde tempos imemoriais, consequência lógica de seus desvios e de seu afastamento do bom caminho.

SOBRE O SISTEMA MENTAL E SEU FUNCIONAMENTO



Cada vez que falamos do sistema mental, vimos ser preciso dar uma nova explicação sobre sua existência e funcionamento, pois a simples menção a tal sistema e às duas mentes nele compreendidas vem chamando intensamente a atenção no ambiente intelectual, sobretudo entre os homens acostumados aos ordenamentos comuns da inteligência, já que, para eles, tudo se reduz ao cálculo especulativo ou à realidade concreta. E isso é muito lógico, já que não podem suspeitar, salvo honrosas exceções, que esse sistema existe. Daí, também, que lhes seja difícil compreender por si sós a amplitude do ensinamento logosófico e seu conteúdo transcendente. Para poder julgar amplamente, sem travas mentais, nada melhor do que se liberar dos preconceitos no momento em que se escuta.

A Logosofia deu, às duas mentes que formam o mencionado sistema, os nomes de mente superior e mente inferior. Vamos nos ocupar, em primeiro lugar, da mente comum ou inferior, que é a que todos conhecem e a que atua para resolver as necessidades correntes. Esta mente comum se encontra dentro da mente superior considerada em potência, mas numa proporção tão reduzida, que poderíamos calcular seu tamanho em cem vezes menor do que o da mente superior, podendo chegar ainda a mil vezes menor, segundo seja a amplidão que a mente superior chegue a ter. Deve-se entender que, ao falarmos da mente superior, não a determinamos em seu aspecto definitivo, mas sim a configuramos dentro do quadro das perspectivas mentais humanas.

Na mente inferior, assim como na superior, existem faculdades que convergem na inteligência. Razão, memória, imaginação, intuição, entendimento, são faculdades que atuam nela de conformidade com um estado que chamaríamos de incipiente, porque cada uma se limita

a desenvolver determinadas funções que não vão além das necessidades físicas e mentais do indivíduo. Poderíamos dizer que satisfazem a tudo que delas se pode exigir para o desenvolvimento comum da vida humana. Entretanto, quando se aspira a penetrar nas regiões inalcançáveis para o entendimento habituado às concepções comuns, é necessário um desenvolvimento prévio dessas faculdades, exercitando-as num gênero de atividades que transcendam a atividade comum.

Para tanto, é necessário que se faça uma readaptação da função de cada uma dessas faculdades e, também, que se acostume a conceber o novo mundo, no qual se quer penetrar, como algo tão real ou até mais que o mundo conhecido. Mas, para poder internar-se nesse novo mundo, que é o mental, no qual a pessoa chega a ter as mesmas sensações de realidade que tem no mundo físico, será indispensável que, desde o princípio, o espírito esteja assistido pela maior confiança: confiança e não fé; fé consciente e não cega. Confiança neste sentido significa segurança e, também, firmeza na vontade a ser exercida para impulsionar, justamente, as ações da inteligência para além das fronteiras que detêm a passagem do pensamento e o impedem de sair fora do chamado material.

Pois bem, antes de entrar nesse mundo, o observador consciente deve se familiarizar com os pensamentos que atuam nele. São pensamentos que, depois, haverão de ser dirigidos pela própria inteligência e nos quais poderá depositar confiança. Que eles sejam veículos que transportem mentalmente uma parte ou a totalidade das sensações que a pessoa experimente, enquanto estão atuando nesse plano mental. Isso quer dizer que esses pensamentos devem estar conectados à própria vida, para que possam experimentar tudo quanto eles toquem nesse mundo para o qual foram enviados. Assim, ver-se-á que tais pensamentos trazem, de cada uma das incursões que realizam, diferentes sensações da realidade, para serem analisadas pela razão.

Temos de deixar expressado aqui que, para os atos transcendentais, ou seja, para tudo o que transcende a atividade comum da inteligência, não devemos utilizar a razão da mente inferior, nem seu entendimento, nem nenhuma das faculdades que a integram, porque as imagens poderão ser

confundidas, e nós nos perderemos num labirinto do qual dificilmente poderemos sair. A razão, por exemplo, atuando na mente inferior, que cumpre sua função até onde as necessidades físicas e mentais lhe exigem, não pode ter um desenvolvimento mais amplo do que aquele demarcado pelas próprias exigências. O mesmo vale para a inteligência e as demais faculdades. Podem estas desenvolver-se, mas sempre haverão de ficar limitadas ao material, e só em casos excepcionais conseguirão penetrar mais profundamente no mundo superior, de onde às vezes extraem elementos de grande valor para o mundo comum: descobrimentos, inspirações, etc. Por tal motivo, é necessário e imprescindível utilizar, para o mundo superior, a inteligência superior, a razão superior, o entendimento superior, tudo o que está, sem dúvida, latente na mente superior.

Os pensamentos que atuam na mente inferior tampouco podem, salvo raras exceções, servir para atuar na mente superior, pois são de natureza muito diferente. Por outro lado, durante o tempo de vida física, foi-se acumulando nessa mente uma inumerável quantidade de pensamentos, os quais, por falta de espaço, costumam mover-se ali com certa dificuldade. Todo o contrário do que acontece na mente superior, onde os pensamentos que ali se alojam, já selecionados e dispostos para uma elevada função, contam com um amplo espaço para agir e cumprir com os propósitos estabelecidos.

Por sua vez, as faculdades necessitam mover suas engrenagens com inteira liberdade, o que não é possível dentro das funções que a mente inferior cumpre, sempre restrita, como dissemos, às necessidades comuns de ordem física e mental. Mas isso é possível dentro do que é cumprido pela mente superior, que, ao ser posta em atividade, abrange funções de maior alcance, compreendendo estas, como se pode supor, tudo quanto diz respeito à evolução do ser humano.

A Logosofia oferece um amplo caminho para que todos possam aproveitar o esforço individual e coletivo que tende a transpor as fronteiras que circunscrevem as possibilidades do homem. Para isso, pôs ao alcance de todos uma série de conhecimentos que, conseguida a familiarização com eles, vêm a ser como que palavras claras, que abrem para o entendimento as portas do mundo superior.

A inteligência busca e sempre buscou transcender essa limitação imposta pelas necessidades de ordem corrente, necessidades que ela deve atender utilizando suas próprias luzes, o que não impede que, enquanto isso, a vida passe e essas luzes se apaguem sem iluminar os outros horizontes, aqueles que a própria intuição tantas vezes fez o ser humano vislumbrar.

Pela primeira vez na história da humanidade, é possível para o homem adquirir o conhecimento que o ilustra acerca da existência de um sistema mental, conhecimento este que a Logosofia lhe oferece e que é como uma chave mágica para abrir essas portas que, durante séculos, permaneceram seladas para sua razão. Tudo consiste em adaptar as condições atuais do espírito a esta nova concepção do homem e do Universo, concepção que leva os pensamentos selecionados a entrar num mundo superior e numa mente superior, latente esta última em todos os seres humanos e factível de ser posta em atividade.

A mente superior regula as necessidades de ordem física sem anulá-las; daí que seja função da razão superior situar a razão comum no posto que lhe corresponde e conceder-lhe as atribuições que os pensamentos lhe tiraram. Há homens que são desconhecidos em sua própria casa; outros, ao contrário, têm autoridade nela, são conhecidos e respeitados. Assim é a razão: bem posicionada, é conhecida e sabe fazer-se respeitar. Seguindo com a mesma imagem, o homem que em sua casa ocupa o lugar que lhe pertence, fora dela, nos diversos ambientes que frequente, depois de ser conhecido é também respeitado. Se ampliar ainda mais seu raio de ação, poderá chegar a sê-lo também dentro de um povo, de um país e até do mundo inteiro. O exposto ilustra acerca de como a razão superior, ao situar a razão comum em seu devido lugar, amplia as possibilidades da pessoa, permitindo-lhe assumir uma atividade maior sobre os seus pensamentos e, até, sobre os dos demais. Mas esta razão deve ser ilustrada com conhecimentos.

A razão superior tende, ao mesmo tempo, a se identificar com a razão essencial, buscando contato com ela ao conectar-se com o mundo mental de que falávamos, sendo parte ponderável de sua

função é captar todos os elementos que aquela lhe oferece, para atuar, por sua vez, com a maior precisão. Do mesmo modo, a razão inferior trata de tomar elementos da razão superior, com a qual chega a estreitar o contato à medida que cumpre seu desenvolvimento, e assim ocorre com todas as demais faculdades: cada uma delas toma os elementos superiores, e chega um momento em que a transfusão desses elementos é completa. É o instante em que a razão inferior desaparece, pois houve uma transfusão de funções, e é então que o homem alcança os graus mais elevados de aperfeiçoamento. Isto não quer dizer que a pessoa, enquanto isso, deva atender, dentro do plano comum, tão somente as necessidades desse plano, senão que tal atenção poderá ser dispensada com amplitude, com volume, se assim podemos dizer. Aquilo que antes requeria dela um grande esforço e agitações de sua mente ficará reduzido a simples movimentos mentais, o que rapidamente condicionará sua vida a um meio fácil, no qual ela poderá desenvolver-se sem obstáculos para sua evolução. Muito diferente de quando não existem processos de capacitação, e a mente inferior continua sujeita à sua estreiteza.

De modo, pois, que existem duas mentes. Duas mentes que não são dois órgãos e que, com suas respectivas faculdades, podem chegar a entrelaçar-se, uma para o físico e outra para o transcendente, para o universal: a mente comum, limitada a tudo o que diz respeito à vida humana; a superior, com a prerrogativa de expandir-se para a vida universal. Faculdades limitadas jamais poderão compreender, e muito menos dominar, conhecimentos que dizem respeito a grandes verdades e que só podem manifestar-se quando existe a capacidade de compreender, e quando a mente está aberta aos eflúvios da capacitação universal. Por isso mesmo, a mente inferior deve adquirir o desenvolvimento ascendente que a identifique com a mente superior.

A BUSCA ETERNA



O que buscamos? Esta é uma pergunta que ninguém formula para si, talvez por intuir que não pode ser respondida satisfatoriamente. Busca-se algo, sem dúvida, obedecendo a um anelo; entretanto, eis o dilema: esse algo é ideal ou real?

Geralmente, ele é constituído por uma aspiração ou um desejo indefinido, que sempre se teme pôr às claras. É o que costuma ocorrer a quem procura uma mesa de jogo: não define seu pensamento dizendo que seria muito feliz se ganhasse uma quantidade determinada de dinheiro, porque sabe que, tão logo alcançasse essa cifra, procuraria chegar a outra maior, o que poria em perigo o que tivesse ganhado. A mesma coisa acontece com aquele que busca solucionar suas dificuldades econômicas: sem incorrer numa falsidade, não poderia precisar em que consiste sua aspiração. No caso de se encontrar em situação precária, por efeito de estritas necessidades domésticas, pensará em ganhar mais, em ter uma casa ampla, ou mais comodidades na casa que ocupa; seu empenho e preocupação se limitarão a conseguir isso, mas, tão logo o tenha alcançado, vai ocorrer que a satisfação e tranquilidade do bem conquistado durarão muito pouco, pois a nova posição lhe imporá outras obrigações. A isso se somará, sem dúvida, o desejo de exhibir aos olhos de conhecidos e amigos a mudança experimentada em sua situação, e ainda terá de adicionar algo que faça com que essa situação se mostre melhor do que em realidade é. Logicamente, logo haverá de voltar a afligir-se, ansiando outra vez por superar seu estado econômico, o que se irá tornando algo insustentável para ele.

Não se trata, aqui, de a pessoa se conformar, passivamente, com aquilo que desejou, buscou e obteve em determinado momento. Isso implicaria ir contra a própria lei natural, que não fixou limites para as possibilidades humanas. Trata-se, sim, de a pessoa se pôr em sintonia com essa lei, para não perder o equilíbrio nas alturas e levar um escorregão que a faça rolar para o abismo. E esse equilíbrio se perde quando,

paralelamente às posições escaladas, o indivíduo não se preocupa em adquirir a ilustração necessária para saber comportar-se em cada ambiente em que lhe caiba atuar, sempre de acordo com as possibilidades econômicas ou sociais conquistadas.

Observando isto com amplidão de mente, não com critério estreito, pode-se ver que os únicos culpados de tais situações são os próprios interessados. Estes são os que buscam uma e outra coisa sem ter a mais remota noção do que na verdade querem ou, então, sem ser capazes de se adaptar à realidade, pretendendo que ela se adapte a suas exigências.

É comum atribuir à má sorte ou à fatalidade o fato de as coisas, depois de um período de relativa calma, voltarem a andar mal. É que se pensa sempre em “ter mais”, pensamento este que encerra pura cobiça, e jamais, salvo em raras exceções, em “ser mais”, que implica, acima de tudo, um trabalho de superação das próprias condições quanto à capacitação e à ilustração. O ignorante que aspira a ser rico, mas que despreza toda oportunidade de se instruir, caso chegue a sê-lo só o será fugazmente, porque o dinheiro escapará pelas frestas de seu estado rudimentar ou incultura, ou estará, como vemos acontecer, condenado a não poder desfrutá-lo, porque viverá com o que poderia viver qualquer um, reduzido a um mínimo de gastos e sujeito, por outro lado, à tortura produzida pelo temor de ser roubado.

De que serve a estas pessoas ter muito dinheiro, se não se preocupam em usá-lo para sua ilustração, evolução e felicidade pessoal? Elas alegam, geralmente, carecer de inteligência para o estudo, razão pela qual não lhes interessa cultivar suas qualidades. Entretanto, a Providência, que tudo prevê e que é o pensamento de Deus atuando em toda a vida universal, oferece a esses seres de escassa cultura os meios de se ilustrar e alcançar conhecimentos, sem ter que recorrer ao esforço, por vezes duro, que o estudo exige. Igualmente são as viagens que podem realizar pelo país em que vivem, pelo continente ou pelo mundo inteiro, se as possibilidades econômicas lhes permitirem. Pensemos no que é melhor para a vida: enchê-la com a riqueza dos conhecimentos e emoções que lhe podemos proporcionar, ou privá-la dessa possibilidade, guardando em

cofre-forte o dinheiro, para continuarmos vivendo às escuras, envoltos na espessa venda da ignorância, como ocorre às cédulas entre as espessas paredes de aço que as guardam.

Continuando o pensamento que inspira estas linhas, diremos que, a não ser uns poucos, ninguém é consciente do que busca ou quer, pois o que hoje busca ou quer raramente é igual ao que buscará ou quererá amanhã. O homem vive à mercê das circunstâncias, das situações, já que, satisfeita a primeira busca, o espírito, inquieto por excelência, exige novas coisas. Quão distante da realidade e da verdade está quem diz: “Ah! Se eu tivesse aquilo seria a pessoa mais feliz deste mundo!” A posse de uma coisa, quando não se tem o conhecimento daquilo que tal posse deve representar para o gradual desenvolvimento das faculdades cuja soma contém o poder da própria criação, logo deixa de ser grata e, às vezes, até se torna insuportável. Falamos do poder da criação individual, aludindo, naturalmente, às possibilidades que cada ser humano tem de superar suas condições e aperfeiçoar-se. Isso implica criar em si mesmo a semelhança com a imagem que se quer alcançar, em direção sempre ascendente rumo à perfeição.

O que os filósofos da Antiguidade buscaram, assim como os da era moderna e contemporânea? Aqueles o sabiam? Sabem estes? Não há dúvida alguma que intuíram, mas daí a sabê-lo com consciência existe uma grande distância.

Não se deve esquecer que, quando o homem se aprofunda na busca de algo, sempre descobre coisas de valor igual ou maior que o valor daquilo que buscava. Apesar disso, muitos sentiram suas esperanças frustradas ao não dar com o propósito perseguido. Esse é o caso das almas pretensiosas, às quais nada mais estimula, porque carecem de incentivo próprio, daquele incentivo que guarda uma tão estreita relação com a inclinação para o elevado e belo, e que se converte em vocação quando a vontade se afirma na inalterável resolução de superação e aperfeiçoamento.

Quando alguém expressa: “Eu gostaria de ter isto ou aquilo”, só está formulando uma vaga e pálida ideia do que em realidade quer. É preciso alcançar a consciência do que deve significar para a vida cada finalidade que anima um propósito; é preciso saber buscar aquilo que seja para o

próprio bem e, com uma visão ainda mais ampla, saber estender esse bem aos semelhantes. Estaremos, assim, garantidos contra qualquer pensamento mesquinho e, já de posse do anelado ou buscado, sabermos desfrutá-lo sem nunca experimentar o cansaço que leva à indiferença e que, além de nos tornar injustos, nos coloca na posição de não merecedores de uma nova oportunidade.

BASES PARA O ENTENDIMENTO HUMANO

Variações do conhecimento

Trechos da conferência pronunciada por Raumsol
em Buenos Aires, em 17 de maio de 1947.



Quando se observa o crescente número de pessoas que chegam a esta Instituição em busca do conhecimento logosófico, é lógico pensar que isso se deve a que se sentem atraídas por sua força construtiva e pelo valioso conteúdo de seu ensinamento. Se assim não fosse, se alguém tivesse pensado encontrar outra coisa, nesse mesmo instante se teria equivocado.

Não se busca o conhecimento com os olhos, nem se encontra porque sim; ao acaso. É necessário preparar antes o espírito para recebê-lo, e isto é feito cultivando a inteligência, pondo o campo mental em condições para as observações que haverão de fertilizá-lo.

Nesse empenho natural de todos os seres humanos para descobrir as chaves que abrem as portas da sabedoria, é imprescindível que cada um entre com sua matéria-prima, o primeiro elemento para elaborar a nova individualidade. De modo algum é possível aceitar que num recipiente velho se possa colocar um conteúdo generoso⁽¹⁾. É necessário, pois, preparar o recipiente para receber esse conteúdo, e isto é, naturalmente, um dos primeiros imperativos exigidos pela lei que rege todos os conhecimentos.

Desde há muitos anos, a Logosofia vem se dirigindo aos que a praticam para depositar em suas mãos porções de elementos valiosos e de

⁽¹⁾ “E ninguém deita vinho novo em odres velhos; do contrário, o vinho novo romperá os odres, e se perderá o vinho e também os odres; mas deita-se vinho novo em odres novos.”, segundo o apóstolo Marcos, no capítulo II, versículo 22.

máxima utilidade, aplicáveis de imediato ao cultivo do próprio campo mental, ou seja, ao aperfeiçoamento das condições e da vida integral da pessoa. Tem demonstrado, por meio de seu ensinamento, quão possível é a capacitação do indivíduo em sua máxima realização, quando o fim que ele persegue é inspirado no bem.

Pelas portas da Instituição Logosófica, fundada há dezesseis anos, têm desfilado muitos seres. Uns ficaram, outros se foram. É o mesmo processo da vida: uns nascem, vivem, permanecem no mundo; outros vivem nele um tempo muito curto e se vão. Os que matam dentro de si um ideal, uma aspiração ou um anelo formam o cortejo desse fúnebre processo que leva sempre ao mesmo lugar, intranscendente e estéril.

Nossa Instituição está regida por normas comuns a toda instituição, mas gravita por cima disso algo mais: uma lei superior, encarnada no afeto, que permite a cada um encontrar, nos demais, afinidade e simpatia. Permite aos corações vibrar em uníssono, num sentir inspirado na superação pelo conhecimento e pela emancipação total das travas mentais, produto dos pensamentos nocivos que obstruem o livre desenvolvimento da inteligência. Eis o valor da lei do afeto.

Nada é possível construir no bem se não pusermos no empreendimento algo da nossa própria vida. Esse algo deve estar representado pelo que mais calor dá a essa vida, que é o afeto a tudo quanto existe na Criação e, em especial, aos semelhantes que afinam com os nossos pensamentos e sentimentos.



Nestes momentos de grandes transições mundiais, em que os homens não se definem e todos querem fazer prevalecer sua razão, aferrando-se a ela como se fosse a de maior importância, o conhecimento logosófico avança lento, mas seguro, e pergunta aos que pretendem ter a razão, aos que a expõem com toda a soberba, como se ela fosse a última palavra: “O que é a razão?” É diante dessa indagação que aparece, projetando-se sobre o cenário do mundo, a triste realidade dos que nada sabem acerca dela em sua elevada aceção.

A razão produz razões de que a inteligência, a imaginação ou as ilusões depois fazem uso. O usual é ver razões serem confundidas com razão, que é o mesmo que confundir efeito com causa. Observa-se, com frequência, como os homens se empenham em sustentar as razões surgidas com base num fato ou episódio determinado, considerando-as leis inalteráveis, sem pensar que a razão cria razões para cada circunstância, e que cada uma dessas razões não serve para todas as circunstâncias, pois os fatores que concorrem para a formação de fatos ou casos sempre variam, devendo ser feita, portanto, uma adaptação que permita recorrer sempre à razão superior que as leis universais assinalam para o homem.

Quem poderia dizer, então, que esta ou aquela pessoa tem razão, se em toda razão exposta se percebe claramente o motivo que a inspira? Acaso foram expostas, na mesa mundial das opiniões, razões que contemplem uma razão superior a todas, qual seria a da conservação da raça humana? Não; até este momento, não. Enquanto os demais interesses não ficarem relegados a este e todas as razões se concentrarem na razão exposta, ou seja, na conservação da espécie humana, toda outra razão será inútil para alcançar uma compreensão cabal dos deveres humanos e estabelecer uma paz duradoura no mundo.

Quão doloroso é ver esquecidos os princípios sagrados da geração humana, que fizeram os homens superiores aos demais seres que povoam a Terra! Quando esses princípios são descuidados, quando se pretende fazer o homem retornar à categoria de nômade, um grande passo é dado para trás e, com isso, um grande golpe na consciência individual.

As leis não são infringidas impunemente, e muito menos as estabelecidas por Quem criou o Universo, e, se o ser humano foi dotado de uma inteligência e de um coração para que experimentasse as sensações e as reações de seu temperamento e de seu espírito, é porque Quem o criou instituiu, implicitamente, a unidade humana, o homem. Isso, com o objetivo de que ele estabelecesse dentro de si o princípio da Criação, sentindo por si mesmo – por estar habilitado para tanto, e por ser inócuo o auxílio de outras consciências – a realidade de sua existência mediante a comprovação de sua capacidade

de pensar, discernir e sentir, bem como de instituir, com a participação de sua inteligência e de seu coração, o juízo favorável ao equilíbrio normal de sua própria vida.

Pretender alterar esse equilíbrio humano equivale a destruir a individualidade. Destruída esta, desaparecem as reações que promovem no espírito a sensação de existir, de ser, de criar, de viver e de guiar-se livremente pelo mundo, com o auxílio de todos os elementos que foram postos ao alcance do homem, a fim de que desfrute de tudo o que foi criado no Universo.

O DE QUE A HUMANIDADE NECESSITA

Compreensão e colaboração



Quando observamos e analisamos a situação mundial, quando discernimos sobre os esforços que são feitos e sobre as dificuldades – em aparência invencíveis – que se apresentam para realizarmos a alta finalidade de assegurar a paz, podemos muito bem constatar que é a compreensão e a colaboração o que, em realidade, falta para aproximar os homens de cada extremo físico ou mental, pois, sem isto, qualquer empenho, por grande que seja, se ressentido e chega muitas vezes a se tornar estéril.

Ao estudar este aspecto tão fundamental para as relações humanas, sejam da espécie que forem, e tanto mais para as relações entre os que decidem sobre o futuro dos povos, é imprescindível ampliar, em todo o seu alcance, o conteúdo destas duas palavras: compreensão e colaboração. E, para que isto seja possível, sem misturar sua influência nas diversas formas que seu conteúdo abarca quando se trata de sua aplicação, seria bom evitar qualquer possibilidade de uma errônea interpretação, considerando e especificando, em cada caso, a verdadeira finalidade e o verdadeiro enfoque.

Quando um homem, por exemplo, expõe seus projetos a outro ou a outros, na sadia intenção de interessá-los e associá-los na ideia que o anima, o que em primeiro lugar espera, sem dúvida alguma, é que os que o escutam o compreendam, ou seja, que surja a compreensão de sua ideia na mente daqueles a quem, depois, ele solicitará colaboração. Este assunto é tão claro na primeira fase de seu desenvolvimento, que não exige mais explicação.

Dito isso, suponhamos que as pessoas às quais foi submetido o projeto se interessem vivamente por ele e, compreendendo-o, ofereçam seu apoio e colaboração. Aqui começa a segunda fase do desenvolvimento.

O autor do projeto, ou seja, seu inspirador, conseguiu dos demais a compreensão a respeito e obteve seu apoio e colaboração, mas sucede com muita frequência, porém, que, diante das múltiplas perspectivas que se abrem a tal projeto, concebido que foi em sua origem com as limitações lógicas de todo projeto, a ideia central se ramifica, fazendo com que sirva a outras finalidades. Essas finalidades, ele não as leva ao conhecimento dos que nesse momento colaboram na realização do projeto original. Como é natural, isto levará, logo em seguida, a um desentendimento entre as partes. A compreensão irá se enfraquecendo e turvando ante as exigências da explicação que não é dada, e a colaboração diminuindo, até cessar totalmente.

Quando isto acontece, culpa-se de “desinteligências”, de “falta de colaboração”, aos que a ofereceram a princípio, etc. Nunca, ou muito raramente, é exposta a verdadeira causa, que fica oculta ao surgir a crise que afasta uns dos outros. Não obstante, como se pode apreciar no exemplo citado, tudo provém da pessoa que elaborou o projeto, a qual não informou a seus colaboradores sobre as modificações ou desvios que havia introduzido nele, com a amplitude e solicitude com que o fizera ao apresentá-lo inicialmente àqueles. Quais motivos induziram o inspirador da ideia original a não dar a conhecer aos colaboradores as alterações que promovera e, como consequência, as vantagens de tais modificações? Foi por desconfiança? Ou por considerar isso desnecessário, ou, simplesmente, por alguma outra causa ligada somente a conveniências pessoais? Em qualquer um dos três casos, teria procedido mal. No primeiro, por despertar nos colaboradores a prevenção; no segundo, por envolver tal fato uma pretensão: a de crer serem ingênuos os demais, ou considerá-los numa inferioridade tal de condições que os obrigasse a acatar qualquer arbitrariedade que lhe pudesse ocorrer; e, no terceiro, existiria um motivo egoísta, que faria duvidar de sua lealdade.

Fica por definir ainda em que consiste a colaboração, o que deve significar e como há de ser compreendida por quantos a solicitem. Colaboração é a parte de esforço, boa vontade e até sacrifício que o homem oferece em favor de uma amizade, de um empreendimento ou de um ideal.

Acontece com frequência, repetimos, que a colaboração que se pede encerra um interesse pessoal. Isto se vê principalmente na política, e também nas atividades em que, como acontece no comércio e na indústria, sempre se requer, para iniciar um empreendimento, o concurso de uma ou de várias pessoas. Salvo raras exceções, o que não se leva em conta é que essa colaboração não deve envolver a ideia de se esperar tudo da parte que foi chamada a dar sua contribuição. Em vez disso, quem a solicitou deve ser o primeiro em corresponder à ajuda, e ser suficientemente capaz, ao mesmo tempo, de manter sua lealdade à ideia, bem como o apreço aos que lhe ofereceram sua colaboração.

Deixemos agora o indivíduo sozinho, com seus projetos ou empreendimentos, e transportemos esta imagem aos povos. Os povos têm seus governos, que surgem de suas necessidades ou de seus rotineiros movimentos políticos. Todo governo, para governar com eficiência e acerto, deve buscar a colaboração de seu povo. O povo está representado pela classe dirigente – gente de pensamento, experiência e ilustração – e pela classe operária, que realiza e cumpre suas obrigações dirigida e orientada pela inteligência dos primeiros, os quais dedicaram sua vida ao estudo ou a cultivaram de diferentes maneiras e em diferentes campos de atividade.

A colaboração das pessoas de saber ou de experiência é tão necessária a um governo quanto a das massas operárias, as quais devem corresponder às melhorias conquistadas, trabalhando com entusiasmo e realizando um trabalho mais eficaz, de modo que a produção não seja afetada e, por fim, não seja afetada tampouco a economia do país.

É evidente que um governo colabora com as massas trabalhadoras ao se preocupar com o seu bem-estar, ou outorgando-lhes benefícios que supram suas necessidades. Pois bem, não tem esse governo, então, o direito de reclamar a correspondência a essa colaboração? Mas poderíamos chamar de colaboração as greves que afetam a economia de uma nação, ferindo diretamente o coração de todo o povo, ao perturbar e ainda paralisar quase todas as suas atividades? Honestamente, acreditamos que não; e, se existisse alguma explicação que demonstrasse o contrário, nada mais justo e mais lógico do que experimentarmos a ânsia de conhecê-la.

Idêntica reflexão surge quando se trata da colaboração da classe dirigente com o governo. E aqui fazemos abstração de qualquer discórdância política que possa existir entre uma e outra parte, para nos referirmos tão somente à colaboração patriótica e desinteressada. Quando esta é solicitada e aqueles a quem se solicita a oferecem sem reservas, não têm eles o direito – não damos a esta palavra o rigor de uma lei, e sim mais propriamente o de uma boa disposição – de esperar a mesma correspondência por parte do governo, sobretudo no plano das considerações humanas que regem a vida dos povos que alcançaram um elevado grau de superação?

A consciência resiste sempre a colaborar no que pode afetar sua própria vida, em quaisquer dos campos em que ela se desenvolva. Isto costuma ser interpretado como má vontade; entretanto, se a inteligência ativa se internasse na alma dos homens, veria que isso não acontece, e que nem sequer existe neles o espírito de oposição que às vezes lhes é atribuído. Nenhum homem capaz se opõe às propostas do bem, mas, como participante do concurso das ideias, deseja, por correspondência, conhecer o desenvolvimento daquilo a que está disposto a prestar sua cooperação. E nada existe que leve mais à confusão e à desorientação do que as ideias ou palavras inconsequentes, quer dizer, aquelas que, afirmando uma inquebrantável vontade, são depois contrariadas pelos fatos. Não obstante, tudo pode merecer consenso e ser atenuado em benefício do advento de um futuro feliz, que concilie as diferenças e torne possível, de uma vez por todas, o ressurgimento do conceito de respeito que se deve ao indivíduo, assegurando a cada um o que lhe é devido. É a única forma, a mais eficaz, de promover o verdadeiro bem de um povo e obter a decidida colaboração dos homens que constituem a sua força de trabalho.

Esta é a luta empreendida no seio das Nações Unidas. O de que a humanidade necessita é compreensão e colaboração. Mas eis que, enquanto uma parte as oferece com pleno conhecimento do momento grave que se vive, a outra a repele, dificultando o processo de reconstrução dos povos que mais sofreram a destruição da guerra e, até mesmo, o auxílio no que é mais urgente, que é a alimentação e abrigo para as populações desvalidas e carentes de amparo.

Parece mentira que se deva assistir a semelhante tragédia nesta altura de um século que, segundo se acreditava, haveria de superar todos os anteriores, trazendo consigo o que houvesse faltado às civilizações do passado.

O certo é que, se a compreensão do momento crucial que vivemos não estender uma ponte para transpor o abismo que separa o Oriente do Ocidente, e se o absolutismo não abandonar sua inquietante atitude diante da posição serena, justa e valente da concepção ocidental, o mundo voltará a arder em chamas, e será fácil predizer, se isto acontecer, o que haverá de sobrevir sobre a superfície da Terra.

Representantes Regionais

Belo Horizonte

Rua Piauí, 742 - Funcionários
30150-322 - Belo Horizonte - MG
Fone (31) 3218 1717

Brasília

SHCG/NORTE - Quadra 704 - Área de Escolas
70730 730 - Brasília - DF
Fone (61) 3326 4205

Chapecó

Rua Clevelândia, 1389 D - Saic
89802-411 - Chapecó - SC
Fone (49) 3322 5514

Curitiba

Rua Ângelo Domingos Durigan, 460 Santa Felicidade
82025-100 - Curitiba - PR
Fone (41) 3332 2814

Florianópolis

Rua Deputado Antonio Edu Vieira, 150 - Pantanal
88040-000 - Florianópolis - SC
Fone (48) 3333 6897

Goiânia

Av. São João, 311 - Q13 Lote 23 E - Alto da Glória
74815-280 - Goiânia - GO
Fone (62) 3281 9413

Rio de Janeiro

Rua General Polidoro, 36 - Botafogo

22280-001 - Rio de Janeiro - RJ

Fone (21) 2543 1138

São Paulo

Rua Gal. Chagas Santos, 590 - Saúde

04146-051 - São Paulo - SP

Fone (11) 5584 6648

Uberlândia

Rua Alexandre de Oliveira Marquez, 113 - Vigilato Pereira

38408-458 - Uberlândia - MG

Fone (34) 3237 1130

Composto em Merriweather

Impresso em Pólen Soft 80g/m² (miolo), certificado FSC®
e Supremo alta alvura 250g (capa), certificado FSC®

COLETÂNEA DA
REVISTA
Logosofia



*Nas entranhas
da América
gesta-se o futuro
da humanidade.*

